



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Jo Pedro Barros Klinkerfus

“MELHOR QUE FILME DE AÇÃO”:

Uma etnografia do canal de *YouTube* da Polícia Militar de Santa Catarina

Florianópolis

2025

Jo Pedro Barros Klinkerfus

“MELHOR QUE FILME DE AÇÃO”:

Uma etnografia do canal de *YouTube* da Polícia Militar de Santa Catarina

Dissertação de mestrado em Antropologia Social do
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.
Orientadora: Profª. Dra. Flavia Medeiros.

Florianópolis
2025

Klinkerfus, Jo Pedro Barros

"Melhor que filme de ação" : Uma etnografia do canal de YouTube da Polícia Militar de Santa Catarina / Jo Pedro Barros Klinkerfus ; orientadora, Flavia Medeiros Santos, 2025.

297 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Polícia Militar de Santa Catarina. 3. YouTube. 4. Sujeição criminal. 5. Copaganda. I. Medeiros Santos, Flavia . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Jo Pedro Barros Klinkerfus

“MELHOR QUE FILME DE AÇÃO”:

Uma etnografia do canal de *YouTube* da Polícia Militar de Santa Catarina

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 17 de fevereiro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Flavia Medeiros Santos
PPGAS/UFSC

Prof.^a Dr.^a Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino
PPGAS/UFSC

Prof. Dr. Lenin dos Santos Pires
PPGA/UFF

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.



Documento assinado digitalmente
Rafael Victorino Devos
Data: 23/04/2025 17:17:36-0300
CPF: ***.965.620-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
Flavia Medeiros Santos
Data: 25/04/2025 17:49:12-0300
CPF: ***.857.767-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Flavia Medeiros Santos
Orientadora

Florianópolis
2025

AGRADECIMENTOS

A escrita dos agradecimentos é um processo complexo e que me incomoda um bom tanto desde a época da graduação. Foram tantas pessoas, momentos e coincidências que resultaram na minha trajetória e nos seus resultados – um deles sendo este trabalho que a leitora acessa agora. Quem eu agradeço? O que eu devo agradecer? Seria patético agradecer o devaneio alcoolizado em um bar sujo ou uma frase particularmente instigante que ouvi em um canal de fofocas do *YouTube*? Quais são as variáveis do mundo que eu devo apenas aceitar que aconteceram e quais foram centrais para a presente dissertação e formação profissional como mestra em Antropologia? Quando eu escrevia o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação me lembro de pesquisar na *internet* como eu deveria fazer os agradecimentos. Que besteira minha.

Ao longo de todas as partes desta dissertação exerci o papel de mediadora em meio a um cabo de guerra no qual as forças polares eram os parâmetros científicos e os dados construídos a partir da realidade de um lado e minha própria autenticidade como pesquisadora e escritora do outro. Esse cabo de guerra é cansativo, mas faz parte do trabalho. É essencial para pensarmos na Antropologia como uma ciência, certo? Certo! Mas nessa seção brevíssima chamada “Agradecimentos” não haverá parâmetro. Existem convenções de como agradecer, mas não me interessa em segui-las de forma exaustiva. Agradecerei aqui da forma que eu julgar apropriada e aquelas que meu coração indicar.

Para tanto, agradeço antes de tudo eu mesma. Sou grata pela resiliência, pelo trabalho, pela dedicação, pelo brilho no olho, pelas horas de leitura, reflexão, escrita, choro, prática, escrita, leitura, choro, crise, autodestruição, leitura, escrita, pesquisa, trabalho, cansaço, leitura, escrita... Não sei onde parei. Os dois anos de mestrado incluíram alguns dos melhores e piores momentos da minha vida e ainda assim sou grata a mim mesma por alcançar a linha de chegada viva, orgulhosa e realizada. Sou grata às minhas escolhas de disciplinas, grata ao aprendizado de como pedir ajuda, grata às fibras orgânicas do meu corpo que quase deixaram de existir como matéria viva e que perseveraram. Mas também sei que o fim desta etapa é resultado de toda minha rede de apoio, dos profissionais com quem me alinhei, da minha comunidade acadêmica, daqueles que amei e daqueles que respeitei.

Agradeço eternamente a minha orientadora Flavia Medeiros, com quem tenho trabalho por mais de quatro anos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelos anos de confiança, pelos ensinamentos, pela paciência, pela dedicação ao seu trabalho que serve como exemplo para todas a sua volta e pelo profissionalismo que possibilita que muitas de nós possamos sonhar com um futuro no qual podemos ser pesquisadoras profissionais. Agradeço Flavia também por ancorar tantas de minhas comunidades acadêmicas e, em especial, destaco e agradeço a todas as minhas amigas e colegas do Laboratório Universitário de Políticas, Direitos, Conflitos e Antropologia (LUPA), com as quais aprendo muito e ganho cada dia mais fé na ciência brasileira.

Ao longo de minhas interações no mundo acadêmico tenho muitas colegas e professoras a quem agradecer. Agradeço a cada professora que fez parte de minha trajetória no mestrado, seja como docente em sala de aula ou debatedora em mesas-redondas e grupos de trabalho. Agradeço às colegas em sala de aula e seus questionamentos feitos a minha pesquisa e, em geral, ao mundo à nossa volta. Agradeço meus estudantes dos dois estágios que realizei nesses últimos dois anos, os quais me colocaram em uma sinuca de bico complicada chamada “ensinar”. Agradeço a banca de professoras que aceitaram participar da avaliação deste trabalho, investindo seu tempo, confiança e atenção em mim e neste trabalho: professoras Letícia Cesarino e Rafael Devos que participaram da qualificação do projeto e continuaram presentes como avaliadores internos na defesa e professores Lenin Pires e Eduardo de Oliveira Rodrigues que aceitaram participar como avaliadores externos. Acima de tudo, agradeço minha amiga e colega do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Giovanna Barros, que segurou minha mão nos momentos mais difíceis dessa caminhada, seja durante seminários para os quais virei noites estudando ou em viagens a trabalho nas quais a ansiedade me consumia.

Agradeço aquelas mais próximas, minha rede de apoio, por todo o suporte não apenas como pesquisadora, mas também (e acima de tudo) como ser humano. Agradeço à minha mãe, Liége, por ser o maior exemplo de força e resiliência em minha vida e me apoiar em todas as minhas decisões e dificuldades, mesmo que ela mesma pense não ter sido o suficiente, para mim é algo indubitável que seu amor, cuidado e dedicação me tornaram quem sou hoje em minhas melhores qualidades. Agradeço à minha companheira, Ada, que esteve ao meu lado nos últimos cinco anos e escolheu acreditar em mim e celebrar o mundo ao meu lado mesmo nos momentos mais desoladores e nos quais eu mesma não conseguia encontrar energias para celebrar. Agradeço à minha avó Maria, que nos deixou em 2023, mas que

sempre foi o motor dos meus sonhos e quem estará comigo para sempre. Ainda no tópico de agradecimentos àquelas que mantiveram minha cabeça no lugar, explico minha gratidão também a minha psicóloga.

Agradeço a todas as minhas amigas que tornaram esses anos mais leves, mais animados, mais interessantes, mais complexos, mais visíveis. Agradeço Diana, Victória, Kouke e Natália pelas horas em que entraram em contato com meu coração exposto e ainda assim decidiram continuar ao meu lado. Amo vocês. Agradeço Mel, Luz, Luara, Yasmim, Bruno, Francisco, Fabiano e Nauama. É muito estranho escrever sobre as pessoas que você ama e perceber como o mestrado te tirou tempo de qualidade com elas. Além dos agradecimentos, também peço desculpas. Agradeço Victor pelo cuidado, carinho e me ensinar a ser uma pessoa melhor. Agradeço Be por todo o amor e suporte incondicional. Agradeço Ana Sheila, Mariana, Madu, Jair, Giovana e, principalmente, Ana Carolina, por serem o pilar de quem eu sou desde a adolescência e estarem comigo desde então. Amo demais todos vocês.

Por fim, agradeço aquela que, por quaisquer que sejam os motivos, veio parar em meio a esse documento em formato de PDF que é o resultado da melhor parte dos últimos dois anos da vida de uma moça bem cansada, bem agitada e ansiosa para saber o que você achou da leitura.

RESUMO

Esta dissertação é uma etnografia do canal de *YouTube* da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), o PMSC Oficial, com foco na *websérie Papa Mike SC* (2019) que é filmada com câmeras corporais. Essas câmeras atreladas aos corpos de policiais produzem um agente ciborgue: o *policial-câmera*. No primeiro capítulo, a partir das contribuições da Antropologia política e dos estudos da segurança pública, os vídeos da série são tomados como documentos estatais de caráter comunicacional em formato audiovisual veiculados e arquivados em meio digital. Para analisar esses documentos, a pesquisa foi desenvolvida a partir de um arranjo teórico-metodológico em quatro etapas: a) documentação estatística por evidência concreta dos dados de todos os vídeos do canal; b) experiência sensível de assistir os vídeos; c) descrição etnográfico do material audiovisual do *Papa Mike SC* e; d) análise do conteúdo extra-vídeo. No segundo capítulo é feita uma descrição do conteúdo da série, isto é, suas imagens, narrativas e representações sociais do estado de Santa Catarina e da própria PMSC. Os territórios do estado são compreendidos e apresentados pelos policiais a partir de uma lógica de segregação espacial que define quais são as regiões de classe alta e média onde residem os *cidadãos de bem*; as regiões de comércio e turismo que devem ser constantemente protegidas e; os bairros mais pobres, locais do crime onde estão os *bandidos* e nos quais a polícia deve agir de forma violenta. Quanto a apresentação da corporação, a série mostra diferentes Batalhões de Polícia Militar (BPMs) e grupamentos em meio a vídeos de caráter institucional e de ação, sendo este último o favorito dos espectadores. No terceiro capítulo são analisados os vídeos de ação e é tecida uma genealogia das narrativas policiais modernas desde seu surgimentos em romances do século XIX, passando pelo seu desenvolvimento em forma de *copaganda* (propaganda política pró-polícia) na década de 1950 e em sua manifestação mais recente em conteúdos de ação feitos por policiais nas redes sociais. A partir dessa tradição narrativa são identificados os pilares do sucesso da *websérie*, a qual utiliza a estrutura narrativa dos romances policiais, a construção de um *senso de perigo* por meio do processo de montagem dos vídeos e as sensibilidades modernas que colocam a figura do *bandido* como inimigo público e tratam indivíduos, populações e territórios como menos humanos. No quarto capítulo analisa-se a eficácia dessas narrativas que angariam espectadores por meio do *dispositivo de realidade*, o qual combina a impressão de realidade do audiovisual e o discurso de autoridade policial para produzir uma versão da história assimilável por grande parte da população como “realidade”. O *dispositivo de realidade* é utilizado na reiteração dos argumentos políticos da *copaganda*, da sujeição criminal e da *excepcionalismo catarinense*, além de dialogar com os contextos sociais e políticos do estado de Santa Catarina e do Brasil no ano de 2019, as sensibilidades dos espectadores que se alinham com os valores expressos pelo seriado e os ecossistemas de conteúdo formados pelo algoritmo da plataforma. Nas considerações finais do trabalho conclui-se que a *websérie*, por meio do acionamento do *dispositivo de realidade*, age na reiteração de valores *copagandísticos*, da ideia de que existe uma superioridade catarinense e da sujeição criminal como uma política de imagem alinhada a matabilidade como uma forma de governo.

Palavras-chave: Polícia Militar de Santa Catarina; *YouTube*; Sujeição criminal; Câmeras corporais; *Copaganda*.

ABSTRACT

This dissertation is an ethnography of the Santa Catarina Military Police (PMSC) YouTube channel, PMSC Oficial, focusing on the web series *Papa Mike SC* (2019) which is filmed with body cameras. These cameras attached to police officers' bodies produce a cyborg agent: the *camera-police officer*. In the first chapter, based on contributions from political anthropology and public security studies, the videos in the series are considered as state documents of a communicational nature in audiovisual format transmitted and archived in digital media. To analyze these documents, the research was developed based on a theoretical-methodological arrangement in four stages: a) statistical documentation by concrete evidence of data from all videos on the channel; b) sensitive experience of watching the videos; c) ethnographic description of audiovisual material from *Papa Mike SC* and; d) analysis of extra-video content. In the second second chapter the content of the series is described, that is, its images, narratives and social representations of the state of Santa Catarina and the PMSC itself. The state's territories are understood and presented by police officers based on a logic of spatial segregation that defines which are the upper and middle class regions where *law-abiding citizens* reside; the commerce and tourism regions that must be constantly protected and; the poorest neighborhoods, crime regions where criminals are and where the police must act violently. As for the presentation of the corporation, the series shows different Military Police Battalions (BPMs) and groups amid institutional and action videos, the latter being the viewers' favorite. In the third chapter, action videos are analyzed and a genealogy of modern police narratives is woven from their emergence in 19th century novels, through their development in the form of *copaganda* (pro-police political propaganda) in the 1950s and in their latest manifestation in action content made by police officers on social media. From this narrative tradition, the pillars of the success of the web series are identified, which uses the narrative structure of detective novels, the construction of a *sense of danger* through the video editing process and modern sensibilities that place the figure of the *criminal* as a public enemy and treat individuals, populations and territories as less human. In the fourth chapter is analyzed the effectiveness of these narratives that attract viewers through the *reality dispositif*, which combines the impression of reality from the audiovisual and the authority discourse of police to produce a version of the story assimilable by a large part of the population as "reality". The *reality dispositif* is used to reiterate the political arguments of *copaganda*, criminal subjection and the exceptionality of Santa Catarina, in addition to dialoguing with the social and political contexts of the state of Santa Catarina and Brazil in the year 2019, the sensibilities of spectators who align with the values expressed by the series and the *content ecosystems* formed by the platform's algorithm. In the final considerations of the work, it is concluded that the web series, through the activation of the *reality dispositif*, acts in the reiteration of *copagandistic* values, the idea that there is a superiority in Santa Catarina and criminal subjection as an image policy aligned with killability as a form of government.

Key-words: Santa Catarina Military Police; YouTube; Criminal subjection; Body cameras; *Copaganda*.

RESUMEN

Esta disertación es una etnografía del canal de *YouTube* de la Policía Militar de Santa Catarina (PMSC), PMSC Oficial, centrándose en la *webserie Papa Mike SC* (2019), filmada con cámaras corporales. Estas cámaras adheridas a los cuerpos de los agentes de policía producen un agente cyborg: el *policial-cámara*. En el primer capítulo, a partir de aportes de la antropología política y los estudios de seguridad pública, los videos de la serie se toman como documentos estatales de carácter comunicacional en formato audiovisual transmitidos y archivados en medios digitales. Para analizar estos documentos, la investigación se desarrolló a partir de un arreglo teórico-metodológico en cuatro etapas: a) documentación estadística mediante evidencia concreta de datos de todos los videos del canal; b) experiencia sensible de ver los videos; c) descripción etnográfica del material audiovisual de *Papa Mike SC* y; d) análisis de contenido extra-vídeo. El segundo capítulo describe el contenido de la serie, es decir, sus imágenes, narrativas y representaciones sociales del estado de Santa Catarina y de la propia PMSC. Los territorios del estado son entendidos y presentados por los agentes policiales a partir de una lógica de segregación espacial que define cuáles son las regiones de clase alta y media donde residen *ciudadanos de bien*; las regiones comerciales y turísticas que deben ser protegidas constantemente y; los barrios más pobres, escenarios del crimen donde están los *delincuentes* y donde la policía debe actuar con violencia. En cuanto a la presentación de la corporación, la serie muestra diferentes Batallones de la Policía Militar (BPM) y agrupaciones en medio de videos institucionales y de acción, siendo este último el favorito de los espectadores. En el tercer capítulo, se analizan los videos de acción y se teje una genealogía de las narrativas policiales modernas desde su aparición en las novelas del siglo XIX, pasando por su desarrollo en forma de *copaganda* (propaganda política pro-policía) en los años cincuenta y en su manifestación más reciente en contenido de acción realizado por agentes de policía en las redes sociales. A partir de esta tradición narrativa se identifican los pilares del éxito de la *webserie*, que utiliza la estructura narrativa de las novelas policiales, la construcción de una *sensación de peligro* a través del proceso de edición de video y sensibilidades modernas que sitúan la figura del criminal como enemigo público y tratan a individuos, poblaciones y territorios como menos humanos. El cuarto capítulo analiza la efectividad de estas narrativas que atraen a los espectadores a través del *dispositivo de realidad*, que combina la impresión de realidad del audiovisual y el discurso de la autoridad policial para producir una versión del relato asimilable por gran parte de la población como “realidad”. El *dispositivo de realidad* sirve para reiterar los argumentos políticos de la *copaganda*, la sujeción criminal y la *excepcionalidad de Santa Catarina*, además de dialogar con los contextos sociales y políticos del estado de Santa Catarina y de Brasil en el año 2019, las sensibilidades de los espectadores que alinearse con los valores expresados por la serie y los *ecosistemas de contenido* formados por el algoritmo de la plataforma. En las consideraciones finales del trabajo, se concluye que la *webserie*, a través de la activación del *dispositivo de realidad*, actúa en la reiteración de valores *copagandísticos*, la idea de que hay una superioridad de Santa Catarina y la sujeción criminal como política de imagen alineada con la matabilidad como forma de gobierno.

Palabras-clave: Policía Militar de Santa Catarina; *YouTube*; Sujeción criminal; Cámaras corporales; *Copaganda*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logo da websérie Papa Mike SC (2019) na vinheta da primeira temporada.....	28
Figura 2 - Linha do tempo das transformações organizacionais e desenvolvimentos da produção de memória institucional e comunicação da PMSC (1835 - 2024).....	63
Figura 3 - Últimas linhas da planilha digital do canal de YouTube PMSC Oficial (2012-2023).....	77
Figura 4 - Planilha digital da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019) no canal PMSC Oficial.....	79
Figura 5 - Interface de uma página de exibição de vídeo do YouTube tocando o episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019).....	86
Figura 6 - Thumbnail do episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019).....	88
Figura 7 - Mapa do estado de Santa Catarina e suas cidades que são filmadas e representadas na primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019).....	109
Figura 8 - Grafite ilustrando homem negro na via de acesso ao Morro do Mocotó, município de Florianópolis, como mostrado no episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019).....	112
Figura 9 - Região da Comunidade do Brejaru no bairro Frei Damião, município de Palhoça, como mostrado no episódio 01x13 “POLICIAMENTO EM PALHOÇA PPT DO 16º BATALHÃO PMSC #13” da websérie Papa Mike SC (2019).....	116
Figura 10 - Thumbnail do episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 14º BATALHÃO 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019).....	118
Figura 11 - Incursão de um Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM) de um Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) em um “local de tráfico”, como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019).....	133
Figura 12 - Thumbnail do episódio 01x12 “POLICIAMENTO EM CRICIÚMA 9º BATALHÃO PMSC #12” da websérie Papa Mike SC (2019).....	134
Figura 13 - Tela de transcrição da ligação feita à Central Regional de Emergência de Tubarão no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 14º BATALHÃO 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019).....	136
Figura 14 - Thumbnail do episódio 01x17 “REVEJA AS MELHORES OCORRÊNCIAS DO PAPA MIKE SC FIM DA 1ª TEMPORADA #17” da websérie Papa Mike SC (2019).....	161
Figura 15 - Policial-câmera atua como audiente surrogate e mostra para a um papel plastificado que teria sido usado pelo tráfico, como mostrado no episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019).....	169

Figura 16 - Ferramenta do YouTube que permite ver os momentos mais assistidos de um vídeo, como mostrado no episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22° BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019).....	228
Figura 17 - Efeito visual e sonoro de carimbo vermelha estampa na tela o texto “INDIVÍDUO COM MANDADO DE PRISÃO ATIVO”, como mostrado no episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22° BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019).....	229
Figura 18 - Duplicidade da estética de videogame em uma cena em que o policial-câmera filma uma televisão com o jogo GTA V (2013) rodando, como mostrado no episódio 01x05 “PAPA MIKE SANTA CATARINA GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA 10° BATALHÃO #05” da websérie Papa Mike SC (2019).....	248
Figura 19 - Logo da websérie Papa Mike SC (2019) na vinheta da segunda temporada.....	258

LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1 - <i>O padrão estético das thumbnails da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	102
Prancha 2 - <i>Segregação espacial no município de Criciúma, como mostrado no episódio 01x12 Episódio 01x12 - “POLICIAMENTO EM CRICIÚMA 9º BATALHÃO PMSC #12” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	107
Prancha 3 - <i>Os múltiplos ângulos e perspectivas de uma abordagem a motociclista suspeito no município de Jaraguá do Sul, como mostrado no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 14º BATALHÃO 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	120
Prancha 4 - <i>Perspetiva da câmera no peito de um agente do Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	128
Prancha 5 - <i>As múltiplas perspectivas de policiais-câmera de guarnições da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	130
Prancha 6 - <i>O fluxo do trabalho de um Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM) de um Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	132
Prancha 7 - <i>As especificidades estéticas das ações filmadas por agentes da Polícia Militar Ambiental, ou Comando de Policiamento Militar Ambiental (CPMA), da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x11 “PAPA MIKE SANTA CATARINA POLÍCIA MILITAR AMBIENTAL #11” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	139
Prancha 8 - <i>As especificidades estéticas e tecnológicas do Canil (K9) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 14º BATALHÃO 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	141
Prancha 9 - <i>Treinamento da Cavalaria da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado por meio inserts e B-roll no episódio 01x15 “CAVALARIA PMSC DIA DE JOGO PAPA MIKE SC #15” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	146
Prancha 10 - <i>A estrutura procedimental da ação policial, como mostrado no episódio 01x16 “POLICIAMENTO EM JOINVILLE 8º BATALHÃO PMSC #16” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	158
Prancha 11 - <i>A implementação e o funcionamento das câmeras policiais individuais no estado de Santa Catarina, como mostrado no vídeo “Câmeras Policiais Individuais” (PMSC Oficial, 2019).....</i>	205
Prancha 12 - <i>A espetacularização da realidade por meio da produção de thumbnail a partir de um quadro do episódio 01x04 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 7º BATALHÃO 22º BATALHÃO GTAM/BPCHOQUE #04” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	211

Prancha 13 - <i>A perspectiva de uma câmera posicionada no peito de um de um policial, atrelada a sua farda, de forma a reproduzir a estética de um videogame First Person Shooter (FPS), como mostrado no episódio 01x03 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 24º BATALHÃO 22º BATALHÃO #03” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	215
Prancha 14 - <i>Agência policial demonstrada na filmagem de paisagens escuras iluminadas pela lanterna de um policial-câmera, como mostrado no episódio 01x05 “PAPA MIKE SANTA CATARINA GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA 10º BATALHÃO #05” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	217
Prancha 15 - <i>Agência da câmera demonstrada na captura da imagem de um objeto que passa despercebido pelo policial-câmera, como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	218
Prancha 16 - <i>Policiais-câmera centralizam drogas no quadro da filmagem como forma de registrar evidências da prática ilegal para o público, como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	220
Prancha 17 - <i>Corte na filmagem muda a imagem para a perspectiva de uma câmera para a outra segundos depois de forma que parece que os suspeitos desapareceram inexplicavelmente, como mostrado no episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019).....</i>	227

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Tipologias organizativas dos comentários nos vídeos da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)</i>	90
Quadro 2 - <i>Quadro sinóptico dos episódios originais da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)</i>	100
Quadro 3 - <i>Segmentos de vídeo presentes no episódio 01x17 “REVEJA AS MELHORES OCORRÊNCIAS DO PAPA MIKE SC FIM DA 1ª TEMPORADA #17” da websérie Papa Mike SC (2019)</i>	162

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Bope - Batalhão de Operações Policiais Especiais

BPChoque - Batalhão de Patrulhamento de Choque

BPM - Batalhão de Polícia Militar

CCS/PMSC - Centro de Comunicação Social da Polícia Militar de Santa Catarina

CEO - *Chief Executive Officer* [Diretor Executivo]

CFSd - Curso de Formação de Soldados

Cobra - Comando de Operações de Busca Resgate e Assalto

COE - Companhia de Operações Especiais

COPOM - Centros de Operações da Polícia Militar

CPF - Cadastro de Pessoas Físicas

CPMA - Comando de Policiamento Militar Ambiental

EB - Exército Brasileiro

EHESS - *École des Hautes Études en Sciences Sociales* [Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais]

EUA - Estados Unidos da América

FPS - *First Person Shooter* [Atirador em Primeira Pessoa]

GESA - Guarnição Especial de Santo Amaro da Imperatriz

GIF - *Graphic Interchange Format* [Formato de Intercâmbio Gráfico]

GTA V - *Grand Theft Auto V*

GTAM - Grupo Tático de Ações Motociclísticas

HD - *High Definition* [Alta Definição]

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGPM - Inspetoria Geral das Polícias Militares

IMDH/UFSC - Instituto Memória e Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

INCT-InEAC - Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos

K9 - Canil

KKK - *Ku Klux Klan*

LUPA - Laboratório Universitário de Política, Direitos, Conflitos e Antropologia

MCU - *Marvel Cinematic Universe* [Universo Cinematográfico da Marvel]

NFL - *National Football League* [Liga Nacional de Futebol Americano]

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PL - Partido Liberal

PM - Polícia militar/policial militar (informal)

PMESP - Polícia Militar do Estado de São Paulo

PMSC - Polícia Militar de Santa Catarina

POV - *Point of view* [Ponto de vista]

PPT - Pelotão de Patrulhamento Tático

PPGAS/UFSC - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

PPGH/UDESC - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina

PPGSP/UFSC - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina

PRF - Polícia Rodoviária Federal

PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

PSL - Partido Social Liberal

PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RAJ - Retomada *Aty* Jovem

ROCAM - Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas

SD - Soldado

STF - Supremo Tribunal Federal

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCL - Trabalho de Conclusão de Licenciatura

TICEN - Terminal de Integração Central

TVCOM - TV Comunidade

UBA - *Universidad de Buenos Aires* [Universidade de Buenos Aires]

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó

USP - Universidade de São Paulo

UVV - Universidade Vila Velha

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
Pesquisar vídeos de polícia na <i>internet</i>	32
1. ETNOGRAFIAR O CANAL DE YOUTUBE DA PMSC: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	46
1.1. Usar a força e contar a história: contribuições da antropologia política acerca do trabalho policial de documentação.....	49
1.2. Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC): documentos e memória.....	61
1.2.1. O Centro de Comunicação Social (CCS/PMSC) e o canal de <i>YouTube</i> PMSC Oficial.....	70
1.3. Metodologias e técnicas: etnografar o canal de <i>YouTube</i> da PMSC.....	73
1.3.1. Documentação estatística por evidência concreta: um primeiro contato.....	76
1.3.2. A experiência intersubjetiva: assistir os vídeos pela primeira vez.....	79
1.3.3. Descrição etnográfica dos vídeos: Antropologia e audiovisual.....	83
1.3.4. Análise dos elementos extra vídeo: identificando públicos e <i>ecossistemas de conteúdo</i>	87
2. PAPA MIKE SC: POLICIAR E FILMAR SANTA CATARINA.....	93
2.1. Representações das cidades de Santa Catarina.....	103
2.1.1. A Grande Florianópolis: a “ilha” e o “continente”.....	109
2.1.2. Jaraguá do Sul: “a cidade mais segura do Brasil”.....	118
2.1.3. Cidades “grandes”: espaço para a ação policial.....	120
2.1.4. Pequenas cidades de Santa Catarina: segurança e turismo.....	123
2.2. Representações da PMSC: a pluralidade do trabalho policial.....	126

2.2.1. Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT).....	127
2.2.2. Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM).....	129
2.2.3. Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) e Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM).....	130
2.2.4. Centros de Operação da Polícia Militar (COPOM).....	133
2.2.5. Centrais de Emergência.....	134
2.2.6. Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD)..	137
2.2.7. Polícia Militar Ambiental, ou Comando de Policiamento Militar Ambiental (CPMA).....	138
2.2.8. Canil (K9).....	140
2.2.9. Cavalaria da PMSC.....	143
2.3. Ações policiais: entre o “padrão” e a performance.....	148
3. “AS MELHORES OCORRÊNCIAS”: UMA GENEALOGIA DAS NARRATIVAS POLICIAIS MODERNAS E A SUJEIÇÃO CRIMINAL COMO POLÍTICA DE IMAGEM.....	152
3.1. Uma genealogia da narrativa policial moderna.....	164
3.1.1. O romance policial e suas adaptações: estrutura narrativa e transposição para o audiovisual.....	167
3.1.2. <i>Copaganda</i> : televisão e polícia.....	177
3.1.3. <i>Reality shows</i> e redes sociais: imagens do “real”.....	181
3.2. Sujeição criminal como política de imagem: “herois”, “bandidos” e a “população de bem”.....	184
4. O <i>DISPOSITIVO DE REALIDADE</i> E OS SEUS USOS PELO PMSC OFICIAL: CÂMERAS CORPORAIS, <i>AUTORREPRESENTAÇÃO</i> POLICIAL, <i>EXCEPCIONALISMO CATARINENSE</i>, PÚBLICOS E <i>ECOSSISTEMAS DE</i> <i>CONTEÚDO</i>.....	200

4.1. A câmera corporal como dispositivo cinematográfico e tecnologia de segurança pública.....	211
4.2. Construindo a “realidade” ao narrar: <i>autorrepresentação policial, senso de perigo e excepcionalismo catarinense</i>.....	221
4.2.1. A polícia ideal: tecnologia, intelecto e moralidade.....	225
4.2.2. <i>excepcionalismo catarinense</i> : aspectos raciais, culturais e políticos.....	236
4.3. Localizando as narrativas dentro da plataforma: os componentes extra-vídeo.....	243
4.3.1. Os espectadores-modelo e os <i>ecossistemas de conteúdo</i>	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	252
REFERÊNCIAS.....	259
Bibliografia.....	259
Sites, jornais e outras fontes escritas.....	275
Filmes, seriados, vídeos e jogos eletrônicos.....	281
ANEXOS.....	284
Anexo 1.....	284
Anexo 2.....	285
Anexo 3.....	286
Anexo 4.....	294

“Nós somos socializados para tomar o lado do poder e daqueles que o detém, para proteger o poder e para simpatizar com o poder porque acreditamos que um dia nós poderemos ser aqueles que detém o poder.”¹

- *Kimberly Nicole Foster*

-

¹ No original: “We are socialized to side with power, to protect power, and to sympathize with power because we feel like one day we might be power.” (Billionaires..., 2023)

INTRODUÇÃO

Abri uma aba de navegação em meu computador, digitei “Yo...” e o algoritmo já sabia que *site* eu queria acessar, então terminou de preencher “YouTube”² para mim. Pesquisei na ferramenta de busca o título “Papa Mike SC” e abri o primeiro vídeo que apareceu, o qual parecia bastante popular, quase chegava a 10 milhões de visualizações. Ele começou imediatamente com a perspectiva tremida de uma câmera em movimento dentro de uma viatura policial. Acompanhamos – como espectadoras – uma câmera corporal de alguém que dirige o veículo e podemos, em alguns momentos, ver e ouvir um segundo policial no banco do passageiro. No canto inferior esquerdo da tela surge uma caixa de texto com fundo preto e letras brancas que diz: “22º BPM - FLORIANÓPOLIS”, indicando o vigésimo segundo Batalhão de Polícia Militar (BPM), do município de Florianópolis, Santa Catarina. O *policial motorista* parece concentrado no trânsito e ouvimos o som do motor do carro acelerar enquanto o *policial passageiro* descreve para o rádio da viatura o caminho que percorrem. Ao que parece, se trata de uma busca por suspeitos. Eles listam os nomes das ruas e dos estabelecimentos por onde passam, sendo seu maior ponto de referência o nome de uma grande franquia de supermercados da cidade.

A câmera parece estar posicionada no ombro esquerdo do *policial motorista*, o que nos possibilita ver boa parte do lado esquerdo de seu rosto. Vemos também o volante que mostra a marca do veículo, a estrada à frente e também um pouco da estrada atrás pelo retrovisor esquerdo que aparece em quadro. Temos a confirmação de que a ação se trata de uma perseguição quando o *policial motorista* – o “*policial-câmera*” – aponta com o dedo indicador para um carro e exclama “lá!”, ao que o *policial passageiro* diz ao rádio ter avistado um veículo parecido com o que eles procuram. Mais uma vez o microfone da câmera captura o som do motor da viatura acelerando, um som bastante animador que se junta a uma música não-diegética com tambores e bateria para criar uma atmosfera tensa. Eles usam da sirene para poder passar mais rápido pelos outros automóveis na pista. Eles avistam o carro

² Ao longo deste trabalho o recurso de *italico* será utilizado nas seguintes instâncias: para palavras em outros idiomas, tais como expressões técnicas do campo do audiovisual e da comunicação (*inserts, star system, slogan*) e demais palavras (*copaganda, videogames*); para nomes de empresas, especialmente redes sociais (*YouTube, Instagram, WhatsApp*); títulos de filmes, seriados e *videogames*, independente de idioma (*Tropa de Elite, Papa Mike SC, Doom*); categorias utilizadas nos vídeos com significado próprio dentro do universo policial (*meliante, masculino, padrão*); conceitos propostos neste trabalho (*dispositivo de realidade, excepcionalismo catarinense, policial-câmera*) e, somente nesta introdução, como forma de apresentar ao público conceitos técnicos do campo audiovisual (*montagem, som não-diegético, paisagem sonora*).

procurado e o *policial passageiro* afirma para o rádio “tá na frente da auto mecânica _____, na frente do supermercado _____!”³. O carro que eles procuravam estava estacionado no local.

Os policiais passam direto pelo local e vão até a próxima esquina para que o *policial motorista* possa manobrar, dar meia volta e parar no local indicado. Quando eles chegam na esquina e o carro começa a dar meia volta, o *policial passageiro* sai do carro já armado para fazer a abordagem, enquanto o *policial motorista* espera os veículos passarem para que ele possa voltar a pista – a espera é angustiante, a música de fundo não para e a cada carro que passa tem a sensação de que os suspeitos podem fugir. A rua parece movimentada e o fluxo começa a diminuir à medida em que as pessoas veem a polícia, como se estivessem com receio ou curiosos, o que irrita um pouco o *policial motorista* que precisa que os carros andem mais rápido para que ele possa voltar à pista: “vai! Vai! Vai! Vai, senhor!”, ele diz sinalizando com a mão para fora do carro. Depois que quatro carros passam, ele consegue fazer a curva e voltar à pista. O motor acelera. Passamos por dois policiais que correm em direção aos suspeitos. A viatura é mais rápida e nós (o *policial-câmera* e nosso olhar de espectador que acompanha seu corpo) chegamos primeiro no suspeito. O motorista coloca a arma pra fora e diz “mão na cabeça, mão na cabeça. Mão na cabeça, gurizão, vai!”, enquanto toda a visão da janela do motorista é borrada para não mostrar o rosto do *masculino*.

O *policial-câmera* sai do carro e, sem parar de mirar a arma para o suspeito, diz mais irritado “mão na cabeça, p...!” (o palavrão, que parece ser “porra”, é censurado, tendo o áudio simplesmente cortado e substituído por silêncio). O primeiro suspeito é um homem branco, magro, sem camisa, com uma tatuagem escrito “fê” na barriga e usando uma bermuda de tacetel com a estampa de Jesus Cristo usando óculos escuros. A dinâmica de movimento da câmera corporal muda, pois agora acompanhamos o *policial-câmera* andando, levando o suspeito até o muro mais próximo, em uma calçada. O borrão passa a concentrar-se apenas no rosto do homem e se mexe com ele, o que permite ver um pouco mais de suas feições conforme ele se mexe e o borrão não acompanha perfeitamente.

O policial ordena que o *masculino* se vire para o muro, o qual possui um grafite em tons azuis com o desenho de um lagarto usando uma lata de tinta em *spray*, e fala para o

³ Ao longo do texto irei omitir os nomes de pessoas e estabelecimentos comerciais que aparecem nos vídeos e demais documentos analisados como forma de anonimizar as pessoas do universo estudado (Fonseca, 2008) e concentrar a descrição e a análise na Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) como uma instituição e em seus atores de forma a não discerni-los. Serão nomeadas apenas cidades, bairros e instituições públicas. No caso de nomes próprios de indivíduos ou estabelecimentos usados em citações, utilizarei de “_____”.

suspeito: “coloca a mão aí. Pra sua segurança coloca a mão aí e não tira”, agora em um tom mais calmo. Uma placa ao fundo indica que o ocorrido aconteceu no bairro de Capoeiras, região continental da cidade de Florianópolis. O policial começa a interrogar o *suspeito*, perguntando de onde ele estava vindo, ao que o homem responde que vinha da Palhoça (cidade satélite de Florianópolis, localizada também na região continental e que faz parte da “Grande Florianópolis”⁴) e estava indo buscar sua mulher. O *policial-câmera* pergunta se ele tinha passado pelo Morro da Caixa (favela também chamada de Monte Serrat, localizada no Centro de Florianópolis, região insular) e o suspeito nega.

O *policial-câmera* parece ignorar ou apenas não acreditar no homem e pede para um de seus colegas confirmar no rádio que são sim os suspeitos que teriam passado pelo Morro da Caixa. Ele se vira e conseguimos ver agora o segundo suspeito, o qual parece ter sido abordado por outros policiais anteriormente e já estava virado contra a parede. O segundo suspeito veste uma camiseta regata vermelha, bermuda até o joelho, chinelos e também aparenta ser um homem branco. Ao se virar, o *policial-câmera* também possibilita que vejamos uma placa digital ao fundo (placas bastante comuns em grandes avenidas da cidade de Florianópolis, as quais carregam consigo uma propaganda impressa e uma tela embaixo que fica alternando entre mostrar as horas e a temperatura atual), a qual mostra que a contenção dos suspeitos aconteceu às “15:45” e a forte luz sol que serve de iluminação para o produto audiovisual que vemos acompanhava uma temperatura de “31 °C”.

Há um corte, o primeiro corte do vídeo que vinha se desenrolando na íntegra, como um plano-sequência⁵ complexo que passa por diferentes locais e múltiplas interações. Entretanto, o corte não muda muito a cena. Continuamos no mesmo lugar interagindo com as mesmas pessoas. O tempo cortado não poderia passar de segundos, pois a placa digital ao fundo ainda marcava “15:45”. A abordagem acontece enquanto a viatura ainda está parada no

⁴ Existem diferentes formas de dividir e nomear as regiões do estado de Santa Catarina. Utilizo do sistema de divisão que reconhece a Grande Florianópolis, ou Região Metropolitana de Florianópolis, por ser a forma mais comum de entender a região da capital para aqueles que aqui moram. Essa região engloba os municípios de Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José, São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos. Cabe destacar que os municípios de São José, Biguaçu e Palhoça são cidades satélite da capital, Florianópolis, ficam geograficamente “colados” na região continental.

⁵ De acordo com matéria de Amanda Pinho (2020, online) para o *site* Academia Internacional de Cinema, “o plano-sequência é uma técnica audiovisual em que uma cena é apresentada sem cortes, geralmente para acompanhar o personagem a partir de uma única perspectiva e ao longo de toda uma ação.”, de forma que sua marca signatária é a ausência de cortes e a fluidez da ação. A autora destaca que “a prática já foi utilizada para evitar ou reduzir o trabalho (e os custos) com a edição e com a montagem dos filmes. Hoje em dia, é mais comum para trazer ao espectador uma sensação de imersão.” (Pinho, 2020, online), sensação essa que aparece de forma recorrente no presente trabalho.

meio da rua. O local possui duas barracas com vendedores na calçada e um ponto de ônibus a poucos metros. As pessoas parecem estar atentas a ação policial que acontece em seu entorno.

Quando o *policial-câmera* se vira para tirar a viatura do meio da rua, passa a aparecer em quadro uma fila de carros que esperavam para poder passar na via. O movimento de se virar e ir até o veículo é apresentado na íntegra. Até mesmo o corte anterior foi feito sutilmente, de forma a não cortar a fluidez da cena. Durante as perguntas feitas ao suspeito, a música não-diegética abandona as batidas e concentra-se em um som mais atmosférico que permite que as vozes sejam ouvidas de forma mais limpa e parece nos colocar numa sensação de maior tranquilidade, pois os sujeitos já foram detidos, então não há mais necessidade de batidas frenéticas cheias de antecipação para o perigo, afinal o perigo foi contido, certo?

Todavia as batidas voltam e, acompanhadas do som do motor da viatura ligando e acelerando, trazem consigo uma aflição/antecipação novamente. As batidas frenéticas se misturam com tambores mais graves e um som diegético de alerta começa a tocar enquanto o *policial motorista* manobra o carro – parece ser algum alarme que toca quando o carro está dando ré. O *policial-câmera* estaciona, sai da viatura com as chaves do veículo em uma mão e se aproxima de um carro preto também estacionado – o “carro suspeito”. A tensão da música aumenta, os tambores graves se intensificam. Ele abre a porta do passageiro, observa e mexe em um celular em cima do banco e depois encontra uma sacola plástica escura no chão do veículo. Ele abre a sacola e apenas uma breve olhadela já o faz recuar, colocando a mão no rádio e dizendo de forma exacerbada: “nível 3, Steve, nível 3, nível 3, nível 3! Chão! Chão!”, falando primeiro com seus colegas e depois correndo em direção aos suspeitos, aumentando cada vez mais seu tom de voz, expressando cada vez mais angústia. Na parte inferior da tela lemos, em letras brancas, o texto : “NÍVEL 3 - ABORDAGEM DE ALTO RISCO”.

Na movimentação do *policial-câmera* que se afasta do carro suspeito, passa por seus colegas e se dirige até os *masculinos* detidos, vemos a imagem chacoalhar com o corpo do policial. Ao chegar nos suspeitos que estão de pé contra o muro, a voz do policial que acompanhamos já está super alterada, a tensão é alta e, por ele estar se movimentando rápido, o movimento da câmera acompanha o aumento do frenesi. Ele agora grita: “CHÃO! CHÃO!” e começa a forçar um dos homens contra o chão: “AJOELHA! DEITA, DEITA, DEITA!”. O espectador não sabe o que está acontecendo e, aparentemente, os colegas policiais também não. O *policial-câmera* – *policial protagonista* do caso – explica: “duas armas no carro”. Toda a tensão que diminuiu ao deter os suspeitos e volta de forma quase inexplicável quando o

policial vai estacionar a viatura é finalmente explicada pela revelação de que esse tempo todo se tratava de uma “abordagem de alto risco”.

Agora que os suspeitos se encontram deitados no chão com a cabeça para baixo e seus rostos não são mais captados no enquadramento, o filtro de borrão não é mais usado e podemos ver que o segundo suspeito tem o cabelo loiro descolorido. Em sua exaltação, o *policial-câmera* transparece mais o que eu reconheço como um sotaque “manezinho”, sotaque típico de pessoas criadas em Florianópolis e região, que fica bem nítido quando ele exclama “excelente!” ao voltar para o carro suspeito e pegar a sacola com as armas. Mais policiais aparecem, vemos em meio ao movimento uma segunda viatura, uma moto da PM (polícia militar) e uma policial mulher loira que não estava lá anteriormente. Vemos também, em um plano mais distante, que a ação aconteceu perto de um ponto de ônibus e da mesma direção se aproxima uma mulher branca de cabelo loiro. Não ouvimos o que a *feminina* diz, mas o *policial protagonista* responde: “seu marido? Tá preso, senhora, pode ligar lá no fórum...” – a continuação da frase é difícil de entender.

Nesse momento liguei as legendas do *YouTube* e percebi que não eram legendas feitas pelo canal, mas sim geradas automaticamente pela plataforma em espanhol, ou seja, eram inúteis para tentar entender o que as pessoas falavam. A interação com a suposta mulher de um dos suspeitos também me fez reparar bastante na mulher PM (policial militar). Enquanto todos os PMs homens se misturam na percepção do público, afinal, eram todos brancos, com altura parecida, muitos com bonés e exata mesma farda sem nenhum destaque, a PM mulher tinha seu cabelo preso em um enorme rabo de cavalo loiro saindo por trás de seu boné, unhas pintadas de vermelho e brincos pequenos.

O *policial-câmera* mostra as armas apreendidas para seus colegas e as coloca no chão perto dos suspeitos detidos. Agachado com as armas ao seu lado, ele dá uns tapinhas no joelho de seu colega (vemos pela sombra da perna do colega projetada no chão) e comemora: “excelente!” O tom de aflição e seriedade prévio que acompanhava a descoberta das armas é substituído com um ar de celebração e alegria. Ao observar de perto os revólveres, o policial começa a constatar: “um 38...” e prossegue identificando as armas. Ele se levanta com o material apreendido de volta na sacola escura e indica para seus colegas que a tal esposa tinha chegado depois e pede para que eles chequem o carro em busca por drogas. Há nessa cena uma distinção entre quem é policial, quem é criminoso e quem é “população”, incluindo até mesmo a companheira de um dos suspeitos – a quem eles construíam como “criminoso”.

A cena que começara apenas com os dois policiais no carro já contava com pelo menos dez PMs em quadro. O *policial-câmera* guarda as armas em sua viatura e na parte inferior da tela surge uma nova caixa de texto preta com letras brancas dizendo: “OS INDIVÍDUOS FORAM CONDUZIDOS PARA A DELEGACIA, PELO CRIME DE PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO, RECEPÇÃO E PORTE DE DROGA”. A história termina com o protagonista olhando para o trânsito que agora volta a funcionar normalmente.

A tela é tomada por uma vinheta televisiva. A intervenção é simples de menos de três segundos. A imagem é de um fundo de uma cidade à noite com prédios com luzes acesas, as cores utilizadas são tons de cinza e marrom, efeitos de chuva, raios e um efeito desfocado. Em meio a esse cenário aparece a uma logo com título “*Papa Mike SC*” em uma fonte branca ao som de sirenes policiais (**Figura 1**). Os acontecimentos descritos acima dizem respeito ao primeiro segmento do primeiro episódio da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC*, produzida pelo Centro de Comunicação Social da Polícia Militar de Santa Catarina (CCS/PMSC) a partir de filmagens feitas por policiais militares do estado durante operações no ano de 2019 e publicadas no canal de *YouTube* oficial da corporação, o PMSC Oficial⁶. O segmento tem five minutos e introduz as espectadoras ao universo da versão catarinense do *Papa Mike*.

Figura 1 - Logo da websérie Papa Mike SC (2019) na vinheta da primeira temporada



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x01 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PMSCOficial>.

No alfabeto fonético militar, utilizado para comunicação de agentes militares por meio do rádio, as letras do alfabeto são substituídas por palavras para reduzir o risco de confusão em meio a momentos de adrenalina, ação e trabalho ostensivo. O alfabeto também é uma das formas como a PMSC, por meio de um léxico próprio, se diferencia do restante da população – dos não-fardados (Duarte, 2012). Dentro desse sistema de códigos, “*papa*” significa “P” e “*mike*” significa “M”, de forma que o *Papa Mike* é uma referência a própria instituição da polícia militar (PM) (**Anexo 1**)⁷.

A série teve o seu primeiro episódio publicado em 08 de março de 2019 e seu último episódio, na segunda temporada, veiculado no mesmo ano, em 19 de dezembro. Os vídeos variam em duração, tendo desde casos com nove minutos até compilados de melhores momentos com uma hora de duração. A série é uma antologia, isto é, os episódios não seguem uma linearidade temporal e nem contam uma história única contínua. Cada episódio conta suas próprias histórias que podem ser compreendidas na íntegra sem a necessidade de assistir vídeos anteriores: são histórias autocontidas [*self-contained*]. Os episódios da primeira temporada também utilizam uma estrutura segmental. Cada vídeo conta diversas histórias, as quais contam com seus próprios começos, meios e fins e são separadas umas das outras por meio do uso de uma vinheta. Cada uma dessas diferentes histórias dentro do vídeo é um *segmento*⁸.

A maioria das imagens presentes em todo o programa são capturadas por câmeras atreladas aos corpos dos PMs. É por conta desse mecanismo singular de captura de imagem que acompanha o movimento e as perspectivas do corpo de um policial militar que se faz necessário o uso da categoria “*policial-câmera*”. O item composto *policial-câmera* diz respeito ao policial que carrega o equipamento e, por meio disto, como um ator-autor (Hirano, 2020), compartilha com os espectadores as perspectivas de seu corpo no mundo, de forma a

⁷ O “alfabeto fonético da OTAN”, desenvolvido pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN, ou *NATO* em inglês), foi atualizado em 1957 a partir de outros alfabetos militares previamente utilizados. No Brasil, esse alfabeto parece ser mais conhecido apenas como “alfabeto militar” ou “alfabeto fonético militar” (Cássia, 2023).

⁸ Ao longo do trabalho de campo com os vídeos da série tive dúvidas acerca de qual categoria usar para descrever os “pedaços” dos vídeos de maneira mais precisa. A própria série usa a expressão “ocorrência”, mas, como veremos, nem todos os segmentos mostram uma ocorrência e muitos mostram mais de uma ocorrência. Optei por “segmento” por se tratar de um termo já utilizado no campo do audiovisual para dividir porções temáticas de um produto. Não utilizei do termo “cena” por entender que um mesmo segmento pode contar com múltiplas cenas ou ter apenas uma cena, de forma que eu não poderia aplicar o termo para todos os segmentos. Também não utilizei da categoria “caso” pelo fato de ela ser muito cara para o campo da Antropologia do Direito, bastante conceituada na obra da antropóloga argentina Lucía Eilbaum (2012; Eilbaum; Medeiros, 2017). Desta forma, os pedaços dos vídeos serão chamados de segmentos e, dentro desses segmentos, poderemos lidar com cenas, ocorrências e casos.

captar sua voz, seu movimento, sua respiração e partes de seu corpo, como suas mãos que carregam armas, rádios, algemas e suspeitos. O *policial-câmera* é, ao mesmo tempo, policial e cinematografista, um corpo orgânico e tecnológico: um corpo de agente ciborgue (Haraway, 2009; Tadeu, 2009), ou pós-orgânico (Sibilia, 2014).

Por meio deste dispositivo de captura de som e imagem e criação de vídeo, os *policiais-câmera* se movem por diferentes locais no estado de Santa Catarina e produzem perspectivas únicas de sons e imagens, as quais podem ser – e, no caso do *Papa Mike SC*, são – transformadas em vídeo por meio do processo de *montagem*, o qual também é realizado por policiais militares. A montagem é o processo de seleção, corte e colagem de diferentes imagens e sons para a criação de um produto audiovisual. Das muitas horas de conteúdo gravado são selecionados trechos, os quais são recortados e colados. A transição entre dois diferentes trechos de vídeo não-contínuos é um *corte*. No *Papa Mike SC*, a maioria desses cortes aparecem como cortes diretos, nos quais uma imagem é apenas substituída por outra, mas também são usados cortes em *fade*, nos quais uma imagem lentamente começa a esmaecer e dar lugar a uma outra imagem ou a uma tela preta, a qual dá lugar à nova imagem.

Tudo que aparece na tela do vídeo está aparecendo em *quadro* e diferentes formas de filmar o mundo, as pessoas e as coisas nele podem gerar diferentes formas de se *enquadrar*. Por conta dos posicionamentos das câmeras corporais, muitas vezes o *policial-câmera* interage com pessoas ou se refere a aspectos da paisagem à volta que não aparecem na tela, isto é, não aparecem em quadro. A distância e foco das paisagens, objetos e personagens no quadro é chamada de *plano*. As câmeras que acompanhamos na série tendem a ser posicionadas no peito, ombro ou cabeça dos policiais, de forma que suas mãos no volante, no rádio ou segurando armas tendem a ocupar o *primeiro plano* dos quadros, isto é, são as coisas mais próximas da tela e que ganham centralidade nas cenas (Bernardet, 1986).

Já quanto a sonoridade dos episódios, há *sons diegéticos* e *não-diegéticos*. Os sons diegéticos, dentro de produtos audiovisuais de ficção, são aqueles que existem dentro da narrativa para os personagens e que nós, como espectadoras, também ouvimos. São diálogos, músicas tocando em uma festa, barulho de carros no trânsito ou o bater ansioso de um lápis na carteira escolar durante uma aula. Já os sons não-diegéticos são aqueles que não existem no universo vivido das personagens, mas são adicionados à narrativa como forma de informar os sentimentos do público durante uma cena. Podem ser músicas tristes durante uma cena emocionante ou efeitos sonoros cômicos. Sons não-diegéticos são sempre adicionados no

processo de montagem, já os sons diegéticos podem ser captados junto à imagem ou adicionados posteriormente.

Dentro da *websérie Papa Mike SC*, todos os sons diegéticos são captados pelos microfones das câmeras. Por meio desses receptores e gravadores de som, nós podemos ouvir os diálogos, a respiração, a fricção da câmera contra a farda quando eles correm, os motores das viaturas acelerando, o vento forte contra um policial que anda de motocicleta, a chuva, os latidos de cachorros em um “bairro de vulnerabilidade social” e os disparos de arma de fogo feitos contra e pela polícia. A utilização das câmeras corporais como mecanismo único de captura de som produzem, muitas vezes, cenas inaudíveis nas quais a voz de um policial a distância não é captada ou a voz do próprio *policial-câmera* é obrigada a disputar a *paisagem sonora* do vídeo – isto é, o panorama de todos os sons capturados e reproduzidos no produto audiovisual – com o motor da viatura e os fortes ventos⁹. Esse estilo de som mais “cru” destaca ainda mais o uso de efeitos sonoros não-diegéticos, os quais são adicionados no processo de montagem e destoam dos áudios capturados durante as ações. Esses sons não-diegéticos são músicas para gerar tensão em cenas de ação e efeitos sonoros que destacam momentos críticos das cenas¹⁰.

O caso real (a ação realizada pela polícia de prisão de suspeitos e apreensão de armas), o referencial inegável da realidade que é captado pela câmera (Bernardet, 1986; Deren, 2012; Barthes, 2018), traz consigo elementos de tensão e ação (movimentação agitada do *policial-câmera*, sons que se intensificam, pessoas que se agitam e se irritam), os quais são transformados em narrativas de ação mais eficientes com a escolha das cenas, adição de música não-diegética, sutis cortes e textos na tela. O trabalho de montagem do produto audiovisual (conhecido também por “edição”) produz argumentos e cria sensações próprias (Gonçalves, 2012). Ainda assim, não pode ser ignorado o fato de que o material tem poucos cortes e as ações representadas já carregam em si próprias os elementos centrais da narrativa.

⁹ Especialistas no campo de estudos etnográficos que discutem o som, como o antropólogo estadunidense Tim Ingold (2015) e a antropóloga brasileira Viviane Vedana (2018), tem argumentado contra o uso, em etnografias, do conceito um tanto simplista de “paisagem sonora” e defendem que precisamos entender o som de uma forma mais complexa. Vedana (2018) propõe uma perspectiva ecológica que toma os sons como entes em um conjunto de relações e de interações. Todavia, os autores se atentam ao processo de etnografias de “corpo presente” e pensam o som em uma relação de experienciar contra gravar/capturar. O material analisado na presente pesquisa etnográfico consiste de vídeos já gravados com um conjunto de sons capturados, selecionados e integrados à narrativa pelo processo de montagem. Argumento, então, que o que eu tenho acesso seja sim apenas uma “paisagem sonora” do ambiente filmado, a qual compõe a sonoridade do produto audiovisual.

¹⁰ Agradeço aos cineastas e pesquisadores do campo de estudos audiovisuais brasileiros Natália Mühlemberg e Sérgio Anansi (Cid), com os quais tive a honra de trabalhar como pesquisadora e atriz, pela revisão do uso de termos técnicos do meio audiovisual ao longo deste trabalho.

As edições feitas, desta forma, intensificam o que seria o “real” e orientam as sensações do público a partir de tal intensificação e da construção moral do universo representado, a qual é feita pelos textos. Com vídeos filmados e montados por agentes da PMSC, o que encontramos é uma corporação que “fala” nesses vídeos tanto por meio de suas ações em campo, como por meio do trabalho de criação e veiculação dos vídeos.

Pesquisar vídeos de polícia na *internet*

O presente trabalho é uma etnografia do canal de *YouTube* oficial da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), o “PMSC Oficial”, a qual foi realizada por meio de um arranjo teórico-metodológico que tem como lastro as contribuições de pesquisas a possibilidade de um fazer etnográfico documental, digital e audiovisual. Tomo como campo de pesquisa as interfaces dos vídeos do canal PMSC Oficial e, a partir dos elementos intra e extra-vídeo, apresento o pergunta central da pesquisa: como o universo policial em Santa Catarina é representado nesses documentos digitais, especialmente dentro da *websérie Papa Mike SC*¹¹?

O trabalho de investigar de forma minuciosa e íntima vídeos na *internet* gerou muitos questionamentos. Em um determinado espaço acadêmico, um superior na hierarquia institucional riu de minha pesquisa e afirmou que o trabalho não poderia gerar inferências sobre a realidade, por se tratar de uma pesquisa de “vídeos na *internet*”. Esse retorno me

¹¹ Utilizo o espaço desta nota de rodapé para agradecer a todos os comentários de professores, coordenadores de grupos de trabalho e colegas que ajudaram na construção da presente dissertação. Diferentes partes do trabalho foram apresentadas em diferentes eventos entre os anos de 2023 e 2024. Listo aqui os eventos, atividades e professoras responsáveis como forma de agradecimento e de transparência quanto a cadeia de suporte necessária para a produção do trabalho. Em agosto de 2023, sob o título de “A *copaganda* em Santa Catarina: uma análise etnográfica dos meios de comunicação da PMSC”, uma parte mais teórica sobre mídias policiais do trabalho foi apresentada no Grupo de Trabalho 58: “Estudos de comunicação em perspectiva etnográfica” da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul, coordenado por Mercedes Calzado (UBA) e Isabel Travancas (UFRJ). Em julho de 2024, sob o título de “O “branco” como identidade e política de imagem em Santa Catarina: branquitude, racismo por denegação e segurança pública”, as discussões sobre questões raciais do trabalho foram apresentadas no painel 160: “Violência nos Espaços Públicos” do *The ALARI 3rd Continental Conference on Afro-Latin American Studies*, ao lado dos trabalhos de Douglas Firmino dos Santos (PUC-RJ) e Jenifer Daniele de Lima Santos (USP). Também em julho de 2024, sob o título de “Etnografar o canal de *YouTube* da PMSC: questões teórico-metodológicas de uma etnografia com métodos mistos”, as discussões metodológicas do trabalho foram apresentadas no GT 015: “Antropologia digital: experiências, transformações, desafios e dilemas” da 34ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia, coordenado por Carolina Parreiras (USP) e Patricia Pavesi (UFES). Em novembro de 2024, sob o título de “*Papa Mike SC*: a sujeição criminal e a excepcionalidade catarinense como políticas de imagem no canal de *YouTube* da PMSC”, um resumo do argumento tese do trabalho foi apresentado no GT 06: “Antropologia, conflitos e cultura digital em tempos de crise” do XI Seminário Internacional do INCT-InEAC, coordenado por Edilson Márcio Almeida da Silva (UFF) e Laura Graziela Gomes (UFF). Para além dos eventos nacionais e internacionais supracitados, o trabalho também o discutido, a nível local, dentro da UFSC na XXI Semana Acadêmica de Ciências Sociais da UFSC (maio de 2024), no I Seminário Interno da LUPA (junho de 2024) e no V e VI Seminário de Ações Afirmativas do PPGAS/UFSC (agosto de 2023 e novembro de 2024).

atingiu como um comentário de um *troll*, isto é, de um internauta que ataca pessoas em ambientes digitais. Assim como esses comentários de “*trollagem*” em redes sociais afetam pessoas em subjetividades, me ficava explícito que há uma continuidade entre o que acontece na esfera digital e aquilo que muitos descrevem como o “mundo real”.

Muitas antropólogas que se debruçam sobre o tema do digital parecem ter entrado em consenso de que os estudos sociais em ambientes digitais são estudos que precisam considerar os *continuums on e offline*, assim como os contextos sociais amplos que englobam interações específicas na *internet* (Hine, 2000; Máximo *et al*, 2012; Leitão; Gomes, 2017; Cesarino, 2021; Cesarino; Walz; Balistieri, 2023; Klinkerfus, 2024; Rifiotis; Máximo; Segata, 2024; Scheren *et al*, 2024). É explícito e redundante dizer que uma pesquisa em meio digital pode gerar inferências sobre a realidade. O outro ponto que precisaria estudar, então, para defender minha pesquisa eram os vídeos: podem vídeos gerar inferências sobre isso que chamamos de “realidade”? Um produto audiovisual, seja ele um grande filme hollywoodiano feito por centenas de pessoas ou um *TikTok*¹² feito por uma adolescente sozinha em seu quarto, carrega consigo perspectivas e decisões tomadas para que aquele resultado fosse obtido. O audiovisual é uma linguagem possibilitada por meio de tecnologias – assim como a escrita, para a qual recorremos a tintas, canetas, folhas de papel, paredes e até mesmo máquinas para executarmos –, equipamentos e recursos humanos à disposição que influenciam diretamente no resultado. Estudar o audiovisual a partir de seus modos de produção e não apenas de seus resultados coloridos é um esforço em se trabalhar com uma perspectiva “contra a interpretação” (Sontag, 1987) e alinhada com a materialidade do fazer audiovisual (Gardies, 2007). Desta forma, estudar a produção do audiovisual (a linguagem, a escrita) e o resultado (o texto) é uma forma de estudar uma particular maneira de ação humana coletiva. Estudar o áudio e o visual (filmes, vídeos, fotografias, áudios, músicas) pode ser e tem sido uma empreitada antropológica (Bateson; Mead, 1942; Novaes, 2008; MacDougall, 2009; Gonçalves, 2012; Vedana, 2018; Hirano, 2020; Devos; Vedana, 2021; Calzado; Irisarri, 2022; Klinkerfus, 2024).

O esforço em defender a pesquisa etnográfica com documentos audiovisuais arquivados em ambientes digitais explicita uma dinâmica particularmente conservadora

¹² O *TikTok* é uma rede social focada na produção e compartilhamento de vídeos curtos filmados em formato vertical, lançado em 2016 sob o nome de “*Douyin*”, posteriormente renomeado de “*Musical.ly*” e oficializado como “*TikTok*” em 2017. A rede social se tornou o aplicativo de celular mais baixado nos Estados Unidos no ano de 2018 e aumentou em popularidade nos seguintes, chegando a um bilhão de usuários em 2021. De acordo com a plataforma: “O *TikTok* é o principal destino para vídeo móvel no formato curto. Nossa missão é inspirar a criatividade e trazer alegria.” (Sobre..., s. d., online, grifos meus)

dentro da Antropologia: as disputas teórico-metodológicas que delineiam quais os limites da etnografia frente ao cenário de desenvolvimento tecnológico e transformações sociais. Os debates e conflitos que cercam a questão “o que é e o que não pode ser etnografia?” podem ser chamados de política etnográfica (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024). Os antropólogos brasileiros Theophilos Rifiotis, Maria Elisa Máximo e Jean Segata (2024), ao discutirem a história de transformações do campo de estudos do digital dentro da Antropologia destacam que os limites da etnografia são decididos em ambientes políticos e científicos, de forma que os conflitos e mudanças de paradigma alteraram tais limites ao longo da história da disciplina.

No desenvolvimento deste trabalho busquei “levar a sério” os documentos estatais de caráter comunicacional em formato audiovisual veiculados e arquivos em ambiente digital, neste caso a rede social *YouTube*. Mas o que seria isso? Parto da proposta do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2011) de “levar a sério” o universo pesquisado, a partir da qual o autor propõe que o trabalho etnográfico deve ser capaz de compreender e descrever o universo tal como é compreendido pelos grupos com os quais estudamos. Levar os vídeos do canal PMSC Oficial a sério é partir da noção de que eles expressam uma compreensão de mundo ímpar que parte da PMSC como uma corporação homogeneizada e da contribuição singular de seus agentes por meio de suas práticas e discursos em frente às câmeras e no processo de montagem e distribuição do produto audiovisual. Ao “levar a sério” os meus “vídeos na *internet*”, chego a conclusão de que a etnografia digital, audiovisual ou documental pode ser chamada de – e ser – “apenas” uma etnografia.

Explorando as discussões sobre o fazer antropológico em redes sociais, abordarei as discussões sobre etnografia e alteridade em mídias sociais, com uma maior ênfase no *YouTube*. Em seguida descreverei em detalhes os procedimentos metodológicos que se sucederam na elaboração da pesquisa. Compreendendo a etnografia como o meio teórico-metodológico de produção de conhecimento da Antropologia (Peirano, 2014), uma tapeçaria complexa de teorias, metodologias, técnicas e truques empregados em pesquisas sobre o íntimo e o particular de um determinado universo. Historicamente, na formação da disciplina, essas etnografias concentravam-se em íntimos e particulares de “Outros” distantes geograficamente e distintos etnicamente (Abu-Lughod, 2018).

Por volta do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 as discussões sobre as possibilidades de pesquisas qualitativas nas Ciências Sociais sobre o mundo virtual começavam a ganhar cada vez mais ênfase conforme esses meios passavam a fazer parte da

vida cotidiana das pessoas em diferentes contextos do mundo (Máximo *et al*, 2012). Antropólogas, então, passaram a buscar formas de relacionar a etnografia ao que era então compreendido como o “ciberspaço” (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024). A ideia era realizar campo dentro do universo digital, de forma que o “encontro etnográfico” pudesse englobar não apenas a inserção no campo e a construção de identidade junto aos sujeitos, mas também um diálogo com a interface tecnológica. Essa proposta abriu portas para diálogos indispensáveis entre o campo da Antropologia e o da Comunicação (Máximo *et al*, 2012).

Mas como transpor um universo de trabalho de corpo presente com outras pessoas para o trabalho frente a uma tela de computador? Voltemos para a institucionalização da disciplina antropológica para traçarmos esse caminho, o qual envolve a crise de representação nas Ciências Humanas (Gregorio Gil, 2006), as contribuições dos estudos documentais (Cunha, 2004; Vianna, 2014; Ferreira; Nadai, 2015; Lowenkron; Ferreira, 2020) e, finalmente, as possibilidades e os dilemas da produção etnográfica a partir de mídias sociais. A Antropologia surge como um campo de conhecimento na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA), o qual dedicava-se a estudar o universo do “Outro”, o que a diferenciava de outras áreas das Ciências Sociais focadas no estudo do próprio universo local, como a Sociologia dos franceses Auguste Comte e Émile Durkheim preocupada com a própria sociedade francesa. A disciplina também se edificou na oposição aos relatos de viajantes e aventureiros, assim como às teses de evolucionistas culturais. Em um empenho de consolidação da disciplina antropológica como ciência moderna, vários dos primeiros intelectuais da área se dedicaram a traçar regras e caminhos de como produzir o conhecimento antropológico – um exemplo deles é o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1984), preocupado em definir padrões de pesquisa que os diferenciariam de aventureiros, jornalistas, sociólogos e historiadores da época.

Nesse primeiro momento, a Antropologia foi marcada pela necessidade de uma alteridade distante, pois pesquisadores do “Norte global”¹³ dirigiam-se para outros continentes

¹³ Ao longo do texto utilizo os conceitos de “Norte” e “Sul Global” ao invés de outras categorias como “primeiro/terceiro mundo” ou países “(sub)desenvolvidos”. Compreendo “Norte Global” como aqueles países que se definiam internacionalmente como “primeiro mundo” ou como “países desenvolvidos”, são, principalmente, a Europa Ocidental e a América Anglo-Saxônica. Alguns pesquisadores utilizam da categoria para se referir também a Israel, Japão, Austrália e Nova Zelândia (Leal, 2023), todavia eu utilizo do termo direcionado a Europa Ocidental e a América Anglo-Saxônica alinhada à perspectiva da socióloga australiana Raewyn Connell (2012) que aponta os países do Norte Global como aqueles “produtores de teoria”, aqueles que, no desenvolvimento das Ciências Sociais, mandavam seus pesquisadores para o Sul Global para “coletar dados” e trazê-los de volta para a metrópole no Norte Global. A partir da perspectiva de Connell (2012), utilizo destes termos para pensar uma divisão internacional do trabalho científico, dividido em países do Sul Global vistos

em busca de estudar com um “Outro” a partir de “etnografias do particular” apoiadas na “hegemonia da tradição do outro-distinto” (Morsy, 1988 *apud* Abu-Lughod, 2018), as quais tomam o “Eu” e o “Outro” como dados, fixos e opostos a partir de uma lógica colonial que localiza o “Outro” geográfica e racialmente (Mafeje, 1991; Clifford, 2002; Abu-Lughod, 2018). Todavia, com o desenvolvimento da disciplina e com a complexificação dos debates que ela abarcava, as possibilidades de alteridade se expandiram, afinal, tornara-se evidente que a produção de conhecimento antropológico poderia ser realizada em uma variedade de locais e com uma variedade de interlocuções; isto é, obviamente, contanto que o rigor teórico-metodológico fosse mantido – cujas definições eram social, política e epistemologicamente definidas (Cupani, 2018). Possibilitou-se, então, uma Antropologia feita na sociedade da própria pessoa produzindo o conhecimento antropológico: uma “autoantropologia” (Strathern, 2014), ou uma antropologia “em casa” (Lima, 1997; Peirano, 2006).

Uma das influências dessas transformações no campo foi a chamada crise da representação pelas Ciências Humanas, a qual viu os “Outros” étnicos e de fora do “Norte global”, assim como acadêmicas e ativistas feministas (Gregorio Gil, 2006), questionarem a produção de conhecimento feita até a segunda metade do século XX. Não mais apenas autores europeus produziam representações científicas sobre o continente africano, por exemplo, agora cientistas desses diversos países pesquisavam suas realidades e as realidades próximas e chegavam a conclusões muito diferentes (Mafeje, 1991; 2020). Os corpos, as vozes e as pesquisas de mulheres, populações não-brancas e populações do “Sul global” contribuíram para uma cadeia de mudanças nas Ciências Humanas que afetou de forma considerável a Antropologia que seria produzida dali em diante.

Uma das propostas que buscou chacoalhar os moldes tradicionais da pesquisa etnográfica foi a da etnografia de documentos. Formulações teórico-metodológicas foram desenvolvidas e postas a questionar coisas como: o quão etnográfico é o trabalho com documentos? Como poderia a Antropologia dar conta de pesquisas desse tipo e manter-se como uma disciplina coerente? A resposta foi ao mesmo tempo simples e complexa: tomando esses papéis como interlocutores, contextualizando-os, levando a sério o que eles diziam, compreendendo qual a “verdade própria do documento” e relacionando-os com as interações humanas que possibilitaram sua existência (Cunha, 2004; Vianna, 2014).

apenas como “campo para pesquisa” e países do Norte Global, aqueles no topo do capitalismo internacional e onde os dados levados para serem analisados e transformados em teoria.

A antropóloga brasileira Adriana Vianna (2014) caracteriza o universo dos documentos como possuidor de um silêncio característico e de sistemas de descrições muito diferentes das descrições etnográficas, as quais a antropóloga precisa estar atenta e buscar compreender todo o contexto de criação daquele documento. Outra característica do trabalho com documentos é o fato de que eles trazem representações fragmentadas de vidas – “ilusões biográficas”. Para trabalharmos com documentos, há de tomá-los como peças etnográficas, isto é, construtores da realidade que ao mesmo tempo também são produzidos em situações culturais específicas (Vianna, 2014). Portanto, exige-se um nível de rigor tal qual qualquer outra etnografia, de forma que compreender os contextos e cadeias de produção do documento deve-se dar com tamanho nível de descrição etnográfica que se compara a proposta do antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2008) de um trabalho de descrição densa. Tomar os documentos como artefatos etnográficos também nos guia para o tipo de subjetividade e relação com o campo, aspectos que definiram o trabalho como uma etnografia “de” e “com” documentos.

Tomando como interlocutores documentos estatais, isto é, aqueles produzidos por agentes do Estado, preocupo-me com o que Vianna (2014) chama de “polifonia de autoridades narrativas”, que seria a pluralidade da construção narrativa desses documentos que carregam em si tanto as singularidades de cada caso registrado como também uma lógica comum padronizada, característica do trabalho burocrático. Essa polivalência de singularidades e padrões no ato de documentar produz sujeitos, afetos, conflitos e modos de sociabilidade, forma que o que se encontra nesses papéis oficiais é capaz de mudar a vida das pessoas, seja por meio de classificações, avaliações ou decisões (Ferreira; Nadai, 2015).

Por fim, cabe destacar a pluralidade do que se pode analisar nesses documentos: grafias, estéticas, conteúdo, circulação e efeitos; assim como a polissemia do ato de documentar: forjar, atestar, oficializar ou portar uma documentação (Ferreira; Nadai, 2015). Essas são características de uma série de documentos estatais, como autos processuais, boletins de ocorrência, certidões de nascimento, casamento ou óbito, inquéritos policiais, laudos cadavéricos, projetos de lei, dentre tantos outros. Mas e os documentos que não possuem poder legal, mas sim narrativa? Isto é, será que podemos lidar da mesma maneira com formas de documentar que produzem narrativas do Estado, documentos comunicacionais e de memória, como as notícias veiculadas na plataforma PMSC Notícias (Klinkerfus, 2024), o portal oficial de notícias da corporação? Mais especificamente, localizando o campo desta

pesquisa, o que devemos buscar na análise dos documentos audiovisuais em ambiente digital, o “vídeos na *internet*”?

Propondo uma ponte das etnografias de e com documentos para os estudos de Antropologia digital, questiono se podemos analisar de forma semelhante as diversas narrativas construídas por agentes do Estado nas redes sociais oficiais de suas instituições. Compreendo que a resposta esteja em um diálogo com a produção do filósofo francês Michel Foucault (2008) e com as contribuições teórico-metodológicas de etnografias digitais. Em sua ideia de “regimes de verificação”, o autor descreve os documentos como uma tecnologia que fabrica e rotula a realidade, produzindo formas de “governo” (Foucault, 2008).

Por outro lado, compreendo todo o material produzido pelo canal de *YouTube* PMSC Oficial como documentos (vídeos e textos). Em consonância com as antropólogas brasileiras Maria Elisa Máximo *et al* (2012), tomo o universo digital, especialmente as mídias sociais, simultaneamente como lugar (como na ideia de “ciberespaço”) e como artefato cultural, de forma a frisar a flexibilidade interpretativa desse universo como campo, objeto ou tema de pesquisa. Superando a noção de *internet* como apenas um “espaço”, compreendo ser possível tomar a rede social a ser estudada como um artefato etnográfico que nos possibilita realizar uma etnografia virtual de documentos e sobre formas de governo e produção de verdades.

Interessada desde o começo de minha formação como cientista social e antropóloga nos temas das narrativas produzidas sobre “segurança pública” (Lima, 2013; Miranda, 2014; Medeiros, 2023), “violência” (Clastres, 2004; Cardoso de Oliveira, 2008; Eilbaum; Medeiros, 2015; Misse, 2016), “violência urbana” (Silva, 2010; Gonzaga; Costa Júnior, 2020; Alves, 2011; 2019; 2020), “criminalidade” (Misse, 2010), “morte” (Medeiros, 2014; 2016; Medeiros; Hattori, 2020; Hattori; Vendrami Carneiro, 2020) e “trabalho policial” (Rifiotis, 1999; Medeiros, 2018; Biondi, 2020; Efreim Filho, 2021), aproximo-me do campo nesta pesquisa a partir da pergunta disparadora: o que acontece quando essas narrativas são elaboradas pelos próprios policiais? Histórias de policiais desvendando crimes e penalizando culpados são parte do imaginário popular e são reproduzidas na literatura, no cinema hollywoodiano (ou “cinema industrial”), na programação de emissoras de televisão e nas páginas de jornais há muito tempo. Mais recentemente histórias do universo policial também têm sido parte do cotidiano de muitas pessoas por intermédio das mídias sociais.

Trabalho, então, com os temas das narrativas policiais, da segurança pública e das mídias sociais como continuação do trabalho desenvolvido no decorrer de minha graduação,

na qual explorei discussões acerca das políticas públicas de segurança, da violência, da gestão de mortes e da imagem no estado de Santa Catarina (Klinkerfus, 2021; Passos *et al*, 2023). Em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizei o trabalho de campo em meio às notícias escritas por policiais militares sobre o próprio trabalho da PMSC e trago dessa pesquisa prévia o interesse em compreender como os policiais – representando a polícia como instituição – descreviam os acusados que prendiam, chamavam atenção para as “vítimas” dos crimes, narravam casos de morte e se (auto)representavam (Klinkerfus, 2024).

Na presente dissertação continuo com os esforços em compreender o funcionamento das instituições de segurança pública catarinenses, a imagem que constroem de si e as narrativas que produzem *online* a partir do trabalho etnográfico no canal PMSC Oficial, realizando minha pesquisa dentro do Laboratório Universitário de Política, Direitos, Conflitos e Antropologia (LUPA) e do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). Para tanto, parto das ideias de imagem, narrativa e representação coletiva. Estou de acordo com a ideia que a compreensão que as pessoas têm do mundo e de si se dá em grande parte pela visão e a partir de imagens (não apenas de ideias e abstrações) (MacDougall, 2009). Por narrativa entendo histórias carregadas de valores/moralidades específicas, as quais são capazes de representar e/ou enquadrar personagens, interações, situações e contextos de formas específicas que atribuem um certo sentido a uma parcela da realidade (White, 1980; Maluf, 1999; MacIntyre, 2001; Knabben, 2018). Já da representação coletiva (ou social) (Durkheim, 1989; Pinheiro Filho, 2004; Bourdieu, 2012) compreendo ser essencial destacar seu caráter duplo, de ser tanto a produção de ideias sobre algo, como a forma como essas ideias são apreendidas pelo coletivo.

O trabalho é dividido em quatro capítulos, nos quais apresento os enquadramentos analíticos de pesquisa, a metodologia, o universo da *websérie Papa Mike SC* e analiso o conteúdo desses vídeos e o contexto social e político *on e offline*. A pesquisa busca responder a questão de como a PMSC, por meio de seu canal do *YouTube* e, mais especificamente da série, representa e, em certa medida, produz o universo policial no estado de Santa Catarina – representando e produzindo, assim, também o próprio estado¹⁴. Entendo aqui como universo policial cinco elementos:

¹⁴ Utilizo desta nota de rodapé para explicitar a leitora a distinção que emprego aqui entre Estado (com “E” maiúsculo) e estado com (com “e” minúsculo). O Estado é esse “ente abstrato”, proposto pela filosofia política, o qual exerce poder sobre um território e é diferentemente descrito por diversas linhas teóricas, como as dos contratualistas, até à sociologia clássica, com as diferentes concepções de dos sociólogos alemães Karl Marx (2012) e Max Weber (2013). Já o estado é o ente administrativo que representa uma parcela do território de um país - neste caso o estado é Santa Catarina, um ente federativo do Estado brasileiro.

- a) **A polícia:** representada como uma instituição, pensada a nível de abstração política como o Estado; também sua representação como corporação, um coletivo de indivíduos unidos por objetivos, normas e valores comuns, que se organizam como agentes (em nome do) de Estado; também em sua organização burocrática e hierárquica e as instituições específicas de segurança pública, como a Polícia Militar, a Polícia Civil, a Polícia Científica, etc.
- b) **Os policiais:** representados como indivíduos, as pessoas que trabalham como policiais e usam as fardas – os “fardados” (Duarte, 2012), aqueles que se organizam como coletivo, uma corporificação do Estado em forma de seus agentes. Cabem aqui as discussões acerca da representação a nível midiático e a nível de criação de autoimagem dessas pessoas;
- c) **O trabalho policial:** representado como uma multiplicidade e pluralidade de práticas que podem ser consideradas como “trabalho policial”, isto é, atividades e objetivos do trabalho de policiais (documentação, treinamento, abordagens, operações, projetos sociais, repressão, punição, etc.). Neste ponto é constante o contraste desses muitos trabalhos possíveis com os trabalhos que são mais narrados em histórias contadas sobre (e pela) polícia;
- d) **Os “não-fardados” ou os “Outros”:** representado como as demais pessoas com quem a polícia/os policiais interagem (“criminosos”, “vítimas”, testemunhas, familiares, outros agentes públicos, etc.) que, por meio de enquadramentos, descritores e apresentações, se tornam personagens dentro de uma narrativa policial e cumprem papéis específicos que contrastam aqueles dos policiais. Abordar a alteridade nessas narrativas implica pensar na imagem policial como relativa/interacional e moral (o policial é bom por combater o crime/criminosos, por ajudar pessoas, por exemplo); e
- e) **As abstrações:** as ideias do que é “segurança pública”, “violência urbana”, “sentimento de (in)segurança”, “vulnerabilidade da população” e demais formas de fazer sentido de um contexto de valores mais amplo em que a polícia, os policiais, seu trabalho e os outros com quem interagem fazem parte e agem diretamente sobre, expressando suas moralidades e por meio delas produzindo e circulando suas representações e verdades.

No primeiro capítulo “Etnografar o canal de *YouTube* da PMSC: questões teórico-metodológicas” discuto o duplo trabalho policial de agir sobre a realidade e de documentar a mesma, ou “usar a força e contar a história”, assim como a construção teórico-metodológica de uma forma de analisar esses documentos como artefatos etnográficos. Dialogo com o campo da antropologia política (Miranda, 2005; 2014; Kuschnir, 2007), de forma a embasar minhas pretensões de reafirmar como o Estado – assim como a sua imagem (Asad, 2004; Das; Poole, 2004) – é socialmente construído. Aponto seus diálogos com a teoria política do filósofo francês Michel Foucault (2008) e as discussões do campo da antropologia da ética que me levam a questionar: podem os Estados ser morais (Fassin, 2012; 2014; Laidlaw, 2017) ou seria toda a sua organização burocrática e “racional” algo amoral? Em seguida, cabe destacar de onde surge o duplo poder da polícia que a possibilita não apenas aplicar o uso da força, mas também produzir documentações sobre esses ocorridos; isto é, o poder de transformar sua versão da história em “verdade de Estado” (Medeiros, 2016; 2018).

Em seguida introduzo a história da PMSC a partir de suas práticas de documentação e construção de memória institucional (Worcman, 2004), as quais levaram a criação do CCS/PMSC que deu continuidade ao trabalho de documentação da história da instituição e tem desenvolvido um trabalho de construção de uma memória oficial da corporação atrelada a comunicação e divulgação das ações feitas pela mesma. Dentro dos diferentes projetos de comunicação e documentação desenvolvidos pelo CCS/PMSC, destaco a criação do canal de *YouTube PMSC Oficial*, no qual desenvolvi a presente pesquisa.

Por fim, apresento a metodologia desenvolvida para pesquisar etnograficamente os documentos estatais oficiais de caráter comunicativo em formato audiovisual veiculados e arquivados na rede social *YouTube*. A metodologia é dividida em quatro etapas: a) a documentação estatística por evidência concreta (Malinowski, 1984; Silva, 2010; Klinkerfus, 2024) e construção de uma aldeia-arquivo (Carrara, 1998) como um campo; b) a etnografia de tela (Rial, 2004) como experiência sensível com o material audiovisual; c) a descrição densa (Geertz, 2008) que relaciona as ações e linguagem falada (práticas e discursos) e a linguagem audiovisual/cinematográfica (Bernardet, 1986); e d) a análise antropológica do digital (Cesarino, 2021) feita a partir dos elementos extra-vídeo (comentários, ferramentas da plataforma, sugestões de vídeo, anúncios).

Tomo os vídeos produzidos e veiculados no canal como documentos a partir das contribuições de pesquisas etnográficas documentais que nos provocam a tomar tais “objetos”

como artefatos etnográficos. Compreendo-os como alteridades audiovisuais situadas em um campo específico, com uma trajetória a ser abordada e como materiais que dizem muito sobre o universo do qual fazem parte. A análise desses vídeos e as interpretações mais amplas sobre polícia, Estado e política de imagem se dará em diálogo com as contribuições dos estudos da imagem, especialmente da antropologia visual e do campo dos estudos audiovisuais e do cinema (Bateson; Mead, 1942; Bernardet, 1986; Pinney, 1996; 2017; Belting, 2006; Novaes, 2008; MacDougall, 2009; Deren, 2012; Devos; Vedana, 2021).

No segundo capítulo “*Papa Mike SC: policial e filmar Santa Catarina*” descrevo e categorizo a estrutura da *websérie Papa Mike SC*, apresentando a organização dos episódios antológicos, os tipos de vídeo e filmagem, a forma como eles apresentam as diferentes cidades do estado de Santa Catarina e as diferentes divisões da PMSC. Neste capítulo a ênfase é em conhecer o conteúdo geral da série, especificamente dos 17 episódios que compõem a primeira temporada. As descrições presentes nesse capítulo são o alicerce para a análise presente nos dois capítulos subsequentes, os compartilham diálogos entre Antropologia, Comunicação e a percepção da “violência urbana” e da “segurança” (Rifiotis, 1999; Silva, 2010; Capriglione, 2015; Calzado, 2015; Eilbaum; Medeiros, 2015; 2017; Calzado; Irisarri, 2022; Klinkerfus, 2024) trazidos à tona pela popularidade do PMSC Oficial, a qual compreendo ser um mecanismo de comunicação do Estado capaz de construir e reproduzir “verdades do Estado” (Medeiros, 2016; 2018) e agir na construção de sua imagem; isto é, compreendo ser uma tecnologia governamental aplicada a partir de uma política de imagem (Belting, 2006; Rose, 2017).

A plataforma possui mais de 200 mil inscritos e mais de 23 milhões de visualizações distribuídas entre seus mais de 500 vídeos. O mais acessado deles é o primeiro episódio da primeira temporada, cujo primeiro segmento descrevi no começo desta introdução. O vídeo tem duração de 42 minutos, ultrapassa 10 milhões de visualizações e mais de 4 mil comentários. Para explicitar a escala de grandeza do canal, de acordo com o Censo 2022 (IBGE, 2012) o estado de Santa Catarina tem aproximadamente 7,6 milhões de pessoas, quantidade menor do que a de visualizações no vídeo mais visto do canal. Essa quantidade comparada de pessoas no estado e visualizações do primeiro episódio da *websérie Papa Mike SC* escancara a notoriedade do canal, pois podemos imaginar que cada residente do estado assistiu esse vídeo, ou que diversas pessoas no estado viram mais de uma vez, ou até que o vídeo chega para muitas pessoas de fora de Santa Catarina.

Em um desses comentários com mais de 400 curtidas, postado no episódio 01x01 da série, aquele com o maior número de visualizações, lemos: “melhor que filme de ação... deu até vontade de virar policial”¹⁵, do qual deriva o título desta dissertação. Essa resposta ao vídeo me levou a questionar como a *websérie* apresenta e representa o universo policial e como o público responde a essas representações. No terceiro capítulo “‘As melhores ocorrências’: uma genealogia das narrativas policiais modernas e a sujeição criminal como política de imagem” abordo a estrutura narrativa e argumento político reiterado pelo *Papa Mike SC* que se baseia na imagem do policial como herói e dos “bandidos” como inimigos públicos, dialogando com as produções sobre narrativas policiais modernas (Reimão, 1983; 2005; 2014; Rosenberg, 2016; Moore, 2022; Klinkerfus, 2024) e com as contribuições do sociólogo brasileiro Michel Misse (2010a; 2010b; 2016) sobre os processos de sujeição criminal. Para tanto, destaco os vídeos e segmentos mais populares da série a partir do episódio 01x17 que é um compilado de “melhores momentos”, os quais seguem a estrutura narrativa policial moderna de influências hollywoodiana e procedimental, a qual conta com o começo (problema, ocorrência), desenvolvimento (ação policial) e final (resolução do problema), o qual é positivo e gera catarse por meio da punição dos “criminosos” ou do prejuízo “crime”, seja ela por meio de prisões, apreensões ou até mortes.

No quarto capítulo “*O dispositivo de realidade* e seus usos pelo PMSC Oficial: câmeras corporais, *autorrepresentação policial*, *excepcionalismo catarinense*, públicos e *ecossistemas de conteúdo*” abordo o que chamo de “*dispositivo de realidade*”, a partir da concepção do filósofo francês Michel Foucault (2008) de dispositivo como uma multiplicidade de mecanismos, conhecimentos, discursos e práticas de instituições políticas relacionadas às dinâmicas de poder em uma determinada sociedade (Agamben, 2005; Haraway, 2009). Entendo por *dispositivo de realidade* a construção de uma ideia de realidade factual indiscutível que se apresenta como superior a quaisquer “versões” da realidade, o qual opera por meio do discurso de autoridade policial amparado por tecnologias de produção audiovisual e de comunicação que, através de recursos imagéticos e do discurso de autoridade da PMSC, apresenta o conteúdo do canal PMSC Oficial e da *websérie Papa Mike SC* como a “realidade” definitiva.

¹⁵ Ao longo deste trabalho serão transcritos os comentários do canal conforme foram escritos pelos comentaristas, sem a realização de alterações na gramática e pontuação. As únicas alterações a serem feitas na reprodução dos comentários são eventuais cortes naqueles que falam sobre vários assuntos, como forma de isolar um tema específico a ser discutido, os quais serão indicados com “[...]” e; e substituição de *emojis*, ou *emoticons*, por descrições breves de suas imagens feitas da seguinte maneira: “[emoji de...]”. Nos casos em que a forma da escrita dificulte o entendimento da mensagem fora do contexto do canal, serão adicionadas notas de rodapé discorrendo sobre o sentido que pude apreender das mensagens ao lê-las em seu contexto de publicação.

Disseco esse dispositivo em duas faces: os aparatos tecnológicos que possibilitam a produção de imagens vendáveis como “real” e o discurso ideológico que se edifica por meio desse *status* de realidade. Parto das discussões do campo do cinema para pensar como o advento da captura de imagens em movimento possibilitou que as mídias e a comunicação pudessem se apresentar com um grau de veracidade muito maior, pelo fato das imagens de um filme se aproximarem das imagens registradas pelo olho humano (Bernardet, 1986; Barthes, 2018; Gonçalves, 2012). Contextualizo, então, a forma como as câmeras se encontram com a polícia por meio da implementação das câmeras policiais individuais por parte da PMSC no ano de 2019, as quais são defendidas em uma apologia à produção de evidências “visuais” e de maior “transparência” do trabalho policial (Fiedler, 2019; Muniz; Bachett, 2023).

O encontro entre o potencial de convencimento do audiovisual e o discurso de autoridade policial que produz evidências por meio de suas tecnologias no estado de Santa Catarina é, justamente, o *Papa Mike SC*, que produz entretenimento a partir de dispositivos de captura de produção de evidências. Esses vídeos, além de reproduzirem a sujeição criminal como política de imagem, também tecem o argumento de uma excepcionalismo catarinense que diz respeito a superioridade “cultural” da população, a superioridade do próprio estado – o “estado ideal” ou “Europa no Brasil” (Leite, 1991; Alencar, 2019) – e a superioridade geral da PMSC, descrita como a “melhor polícia do país”, a qual, junto aos demais órgãos de segurança pública, seria responsável pelo *slogan* “o estado mais segura do Brasil”. Concluo o capítulo abordando como os comentários, os tipos ideais de comentadores e os ecossistemas de conteúdo – os vídeos recomendados pela plataforma quando o usuário consome o canal da PMSC Oficial – integram a construção de contexto que faz parte do *dispositivo de realidade* e reiteram os argumentos da *copaganda*, da sujeição criminal e da *excepcionalismo catarinense*.

Nas considerações finais parto do fim da *websérie Papa Mike SC* em 2019 e da decisão da PMSC de encerrar o projeto de câmeras policiais individuais e recolher os equipamentos dos BPMs a partir de setembro de 2024, sob a justificativa de que a corporação estaria em busca de “[...] novas soluções tecnológicas mais adequadas aos interesses institucionais e à preservação da Ordem Pública.” (Passamai, 2024, online). Questiono: o que resta do trabalho? A partir desse questionamento reitero as discussões e construo o argumento tese da presente etnografia. Argumento que a PMSC, por meio do *Papa Mike SC*, aciona o *dispositivo de realidade* como forma de reiterar os principais argumentos da *copaganda*, da sujeição criminal e da *excepcionalismo catarinense* como políticas de imagem e (auto)representações da própria polícia militar e do estado de Santa Catarina. Esses por sua

vez, estabelecem a esses documentos audiovisuais condições de veracidade às práticas e discursos policiais pois os registros tornam verídicos seus regimes representacionais tanto quanto são reconhecidos como valores legítimos e desejados socialmente.

1. ETNOGRAFAR O CANAL DE *YOUTUBE* DA PMSC: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Desde a obra seminal de Marcel Mauss “*Les techniques du corps*”, de 1934 (Mauss, 2003), que explora as maneiras pelas quais as técnicas corporais são socialmente construídas e culturalmente transmitidas, tem-se observado uma crescente atenção ao papel do corpo e da tecnologia na formação da experiência humana. Esse enfoque abriu caminho para investigações subsequentes sobre como as tecnologias, tanto físicas quanto digitais, interagem com e moldam o corpo humano e suas capacidades. O trabalho de Marcel Mauss serviu, assim, como um ponto de partida para compreender a relação simbiótica entre os seres humanos e as tecnologias que eles utilizam, influenciando estudos posteriores na antropologia, sociologia e outras disciplinas relacionadas ao corpo, tecnologia e cultura. Em outros termos, desde Marcel Mauss passamos a “ver-como” a hibridização já estava tematizada e problematizada no campo antropológico. (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024, p. 16)

A plataforma *YouTube* foi criada e registrada no começo de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim com o intuito de ser uma rede social que facilitasse a hospedagem e visualização de vídeos (Villar, 2023). Os criadores da plataforma teriam tido a ideia de sua criação ainda em 2004 depois do *show* do intervalo do *Super Bowl*¹⁶ – considerado o maior evento do futebol americano – daquele ano, no qual a cantora estadunidense Janet Jackson se tornou motivo de manchete e repúdio nacional nos EUA por ter um de seus seios exposto. O ocorrido chocou o país, tornou-se pauta de ataque de grupos conservadores e, em geral, despertou uma enorme curiosidade na população, o que fez com que muitas pessoas corressem para a *internet* para rever o momento. Entretanto, essas buscas pelas imagens foram sem sucesso, pois até então não existia uma plataforma de fácil acesso a produtos audiovisuais (Bonfim, 2022). Em 2006 o *site* já se consolidava como um grande sucesso e foi comprado pela *Google*, empresa gigante do mercado tecnológico (Gogoni, 2018).

Atualmente, de acordo com o relatório Digital 2021 (*apud* Trindade, 2022), o *YouTube* é a segunda maior rede social do mundo, ultrapassando 2.2 bilhões de usuários ativos, ficando atrás apenas do *Facebook* que atinge mais de 2.7 bilhões. Já no Brasil, a plataforma é a

¹⁶ *Super Bowl* é o nome do evento realizado durante o jogo final da *National Football League* [Liga Nacional de Futebol Americano] (*NFL*), a maior liga de futebol americano dos Estados Unidos. O evento teve início no ano de 1966 e, desde 1967, conta com atrações artísticas durante o intervalo do jogo. Ao longo das décadas que seguiram os espetáculos se tornaram ainda maiores e o *Super Bowl Halftime Show* [Show do Intervalo do Super Bowl] se tornou uma atração televisionada e um marco na carreira de artistas que eram a atração principal a cada ano (Redação do ge, 2024; Adedoyin, 2024).

terceira maior, batendo 105 milhões de usuários ativos e ficando atrás do *Facebook* e do *WhatsApp*, com 130 milhões e 120 milhões de usuários ativos, respectivamente (Trindade, 2022). Cabe indicar que se observa

[...] também a forte presença do YouTube com 105 milhões de usuários no Brasil (equivalente a 4,6% dos usuários dessa plataforma no mundo) e o Instagram com 95 milhões, sendo que o Brasil representa o terceiro maior mercado do mundo para ambas plataformas. Uma das prováveis explicações para o sucesso obtido por YouTube e Instagram no Brasil pode ser de ordem econômica, pois uma busca na internet permite identificar literalmente milhares de artigos e tutoriais explicando como obter renda ativa e passiva por intermédio das duas plataformas. Sendo assim, em tempos de crise econômica e escassez de empregos formais, é bastante normal que as pessoas busquem fontes alternativas de geração de renda com o uso de novas tecnologias digitais. Inclusive, esse fenômeno se encaixa no que recentemente os economistas passaram a chamar de uberização do mercado de trabalho. (Trindade, 2022, p. 97)

Seja, então, por possibilidades tecnológicas e comunicacionais, busca por imagens ou necessidades econômicas, as pessoas têm buscado “estar” no *YouTube*. Desde as tecnologias manuais até a era digital atual, a humanidade tem se feito por meio de uma hibridização com as tecnologias que a cercam. Os dados apresentados pelo sociólogo brasileiro Luiz Valério Trindade (2022) explicitam como o *YouTube* é uma tecnologia presente na realidade brasileira e mundial e como a plataforma tem sido usada e transformada pelos seus usuários que a buscam por motivos de trabalho, ajuda, notícias, entretenimento, dentre outros. Abordar o *YouTube* a partir da Antropologia e em perspectiva etnográfica exige atenção para com as especificidades da plataforma – incluindo os objetivos de sua criação, suas transformações ao longo do tempo, seu algoritmo e as ferramentas disponíveis para uso do público –, os específicos conteúdos/vídeos estudados e as formas como as pessoas consomem esse conteúdo e interagem dentro do *site*, (re)criando novas formas de socialização dentro da continuidade *on* e *offline*.

Mas o que é essa plataforma? Compreendo o *YouTube* como uma “comunidade de conteúdo” [“*content community*”] (Kaplan; Haenlein, 2010), uma rede social onde existem interações entre usuários, mas cujo centro de tais interações são conteúdos específicos, em sua maioria vídeos, mas também postagens (ou *posts*) com enquetes, testes, *GIFs* [*Graphic Interchange Format*, ou Formato de Intercâmbio Gráfico]¹⁷, textos e imagens¹⁸. Trindade

¹⁷ *GIFs* são trechos de vídeo que se repetem continuamente sem áudio. Eles são usados como uma forma de imagem em movimento. Essas imagens em *looping* são usadas com frequência em seções de comentários, aplicativos de mensagem e como postagens.

¹⁸ Mesmo que o *YouTube* tenha sido concebido – e até hoje funcione – como uma plataforma que prioriza a hospedagem de vídeos, em 2019 a rede social lançou a aba de Comunidade [*Community tab*], na qual os

(2022) argumenta que a criação e sucesso da rede social *Facebook* em 2004 a tornou um “padrão de mercado” reproduzido por outras redes sociais. Tal padrão é composto por quatro modos de comunicação:

1) *broadcasting*, ou seja, a capacidade de postar mensagens e conteúdo; 2) redistribuição, que representa a atitude de compartilhar e disseminar conteúdos em uma rede de contatos; 3) interação, que significa comentar sobre uma determinada postagem e expressar opiniões; e 4) reconhecer, o que, no contexto do Facebook, é mais conhecido como “curtir” e indicado por um ícone azul com o polegar para cima. (Trindade, 2022, p. 83-84, grifos do autor)

Tais elementos também se encontram dentro da plataforma abordada aqui. No *YouTube*, o *broadcasting* funciona a partir da publicação dos vídeos; a redistribuição é mais limitada e uma ferramenta menos usada, ainda que possível dentro da aba de Comunidade; a interação acontece por meio de comentários e; o reconhecimento pode acontecer de muitas maneiras, não apenas no “curtir” [*like*], mas também no “descurtir” [*deslike*], no “favoritar” e no “agradecimento”, o qual é feito por meio de uma doação monetário ao perfil “agradecido”¹⁹. Seja por meio do que publicamos, pesquisamos, engajamos, assistimos, curtidos, descurtimos, comentamos, apoiamos financeiramente ou compartilhamos, o fato é que a ação humana é central na compreensão do funcionamento da plataforma, na mesma medida em que a compreensão dessa funcionamento é importante para entendermos a socialização das pessoas no *YouTube*.

É preciso discutir, então, entre o humano e a tecnologia digital, como a Antropologia pode atuar. Ao propor um estudo social do/dentro do *YouTube*, parto da “perspectiva

canais poderiam postar diferentes tipos de conteúdo para engajar seus públicos. De acordo com texto publicado como forma de manual para usuários da plataforma, “a aba Comunidade no YouTube, ou Community Tab, é uma área de comunicação, promoção e engajamento ativada nos canais com mais de 1000 inscritos. Seu principal objetivo é funcionar como uma pequena rede social dentro do YouTube, facilitando o envolvimento entre os produtores de conteúdo e suas audiências.” (Abreu, 2019, online). A decisão de criar o essa nova forma de usar o YouTube teria se dado em razão da necessidade de competir com outras redes sociais que facilitavam esse processo de criação e de comunicação com uma audiência fiel. De acordo com o site oficial de apoio ao usuário do *YouTube*, com a aba de Comunidade “you can create posts to connect and interact with your viewers through polls, quizzes, GIFs, text, images, and video. Your audience can find your posts in the Community tab on your channel page. Posts may also show up on their homepage or in their Subscriptions feed, and if they’re subscribed to your channel they may get a notification when you post.” (Learn..., s. d., online), ou, em tradução livre: “você pode criar postagens para se conectar e interagir com seus espectadores por meio de esquetes, testes, GIFs, textos, imagens e vídeos. Sua audiência pode achar suas postagens na aba de Comunidade na página do seu canal. Postagens também podem aparecer na página inicial deles ou na sua tela de inscrições e, se eles forem inscritos no seu canal, eles podem receber notificações quando você postar.”

¹⁹ O “agradecer” ou “aplaudir”, ferramenta do *YouTube* intitulada “*Super Thanks*”, é uma forma do espectador efetuar um pagamento a um criador da plataforma como forma de expressar apoio. De acordo com portal oficial YouTube Ajuda, “O Super Thanks (anteriormente conhecido como Aplausos dos visitantes) permite aos criadores obter receita e interagir com os visitantes que quiserem mostrar uma maior gratidão pelo respetivo conteúdo.” (Ative..., s. d., online)

antropológica”, sob a qual “[...] todas as interações são mediadas pelos aspectos culturais, históricos e políticos de cada contexto em que ocorrem.” (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024, p. 21), ou “olhar antropológico”; isto é, “[...] a capacidade de análise crítica do universo social estudado, bem como o cruzamento das informações observadas com o contexto da realidade social mais ampla do país” (Scheren *et al*, 2024, p. 10). Desta forma, não apenas a rede social é compreendida como o contexto das interações que informa a maneira como a tríade publicação-algoritmo-público opera, mas também os aspectos culturais, históricos e políticos que cercam as pessoas que postam, as realidades filmadas e as pessoas que interagem nos vídeos (Cesarino, 2021a).

Ao longo deste trabalho objetivo explicitar as complexas relações entre seres humanos, tecnologias digitais e contextos culturais na construção de imagens, narrativas e representações coletivas e no desenvolvimento de percepções sobre a “realidade”. Neste capítulo apresentarei o aporte teórico-metodológico da pesquisa e construção do campo a partir do canal de *YouTube* da PMSC. Abordarei primeiro as contribuições do campo da antropologia política para enquadrar teoricamente o trabalho de documentação da realidade feito pelas forças policiais desde sua concepção. Em seguida, de forma breve, apresento a história da PMSC, a criação do Centro de Comunicação Social da corporação e do canal PMSC Oficial. Por fim, tendo apresentado a instituição e a compreensão do conteúdo que ela produz como “documentos”, apresento a metodologia da pesquisa, a qual foi construída a partir de diálogos e experimentações etnográficas com os campos dos estudos audiovisuais, etnografias documentais e antropologia digital.

1.1. Usar a força e contar a história: contribuições da antropologia política acerca do trabalho policial de documentação

Nesta seção, a partir das contribuições do campo da antropologia política, discutiremos a construção da “versão da história” dos policiais²⁰. Tomo como ponto de partida casos que repercutem como “violência policial”, questionando: se familiares de pessoas mortas alegam “injustiça” e grandes mídias noticiam que um “indivíduo acabou morto”, como as instituições policiais têm contado essas histórias? Para tanto, desloco meus esforços para as

²⁰ Grande parte das discussões presentes nesta subseção do trabalho foram desenvolvidas no âmbito da disciplina “ANT510166 - Tópicos Especiais em Antropologia IV: Antropologia (da) Política: direitos, conflitos e moralidades”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) no semestre 2023.1 e ministrada pela professora Flavia Medeiros (PPGAS/UFSC).

linhas de pesquisa sobre o Estado, a segurança pública, a “violência urbana”, a criminalidade e a ação policial (Fachinetto *et al*, 2020). Neste trabalho busco situar as discussões sobre a PMSC em um cruzamento das sub-áreas de estudos sobre instituições e as imagens que elas produzem a partir das discussões acerca do Estado (Miranda, 2014)²¹.

Partir de uma discussão sobre o Estado pode levar a leitora a questionar: o que é ele, ou melhor, o que é isto? O sociólogo alemão Max Weber (1994; 2013; 2016) defende a ideia de que o Estado consistiria em relações de dominação do homem pelo homem baseadas no emprego da força, ou “violência legítima”. Tal dominação estaria ligada a uma série de tipos ideais de poderes – o carismático, o tradicional e o legal –, os quais se combinam na ação humana e são empregados por instituições e representantes políticos na defesa do Estado como sistema político legítimo. Atrelado ao uso da força e ao exercício da dominação, o sociólogo também indica, como característica do Estado moderno, o seu desenvolvimento “racional” e “administrativo” alinhado à expansão do secularismo. Desta forma, o Estado moderno funcionaria como uma forma de gestão burocrática racional. De acordo o autor,

[...] o Estado moderno é um grupamento de dominação que apresenta caráter institucional e que procurou – com êxito – monopolizar, nos limites de um território, a violência física legítima como instrumento de domínio e que, tendo esse objetivo, reuniu nas mãos dos dirigentes os meios materiais de gestão. (Weber, 2013, p. 66)

As ideias de Weber são pertinentes para o presente trabalho, mas não por expressarem com precisão o que eu – ou a bibliografia com a qual dialogo e me alinho – entendo por Estado, mas sim por serem um marco na literatura de Ciências Sociais e por terem sido assimiladas por instituições e agentes do Estado que representam a função e “dever” deste como gestão: dominação e burocracia (Leirner, 2006). Desta forma, apresento questionamentos sobre como

o Estado Moderno se constituiu, portanto, sob os pressupostos de uma administração “racional” e de uma justiça “independente”, que deveriam ser igualmente obrigatórias para todos, não permitindo privilégios ou exceções, e que deveriam ser também objetivas, não podendo ser nem manipuladas, nem endereçadas a determinados indivíduos. (Miranda, 2005, p. 133)

O Estado-nação moderno, como conceituado pela discussão acionada, consolida-se não apenas no campo da organização política da sociedade, mas também nos campos

²¹ A antropóloga brasileira Ana Paula Mendes de Miranda (2014) propõe uma divisão de três grandes sub-áreas dentro dos estudos sobre segurança pública e violência: a) a criminalidade e as formas de sociabilidade “violenta” (foco nas pessoas); b) a justiça criminal, a segurança pública e o sistema prisional (foco nas instituições); e c) as representações sobre a violência urbana (foco nas imagens).

econômico, simbólico, moral e ideológico, de forma que seu ideal de democracia só pode existir em conjunto com o sistema capitalista e sua forma de representação social (Durkheim, 1989) se enquadra como a única realidade possível (Asad, 2004). Weber (2016) atrela o funcionamento racional do Estado moderno aos padrões de racionalização das sociedades ocidentais a partir do secularismo e do modo racional de funcionamento do mercado no capitalismo. Capitalismo e Estado, de certa forma, tornar-se-iam um em sua forma de operar.

Nos campos simbólico, moral e ideológico, o Estado opera em uma constante promoção de sua permanência como uma forma de organização política possível, ancorando-se em uma imagem de ordem e segurança racional. Mas não apenas juízos de valor são salteados nas representações do Estado, a própria ideia do que seria esse ente faz parte de seu funcionamento, ideia essa de uma abstração da soma de todos aqueles que operam o Estado que ainda é maior do que todos esses esforços (Das; Poole, 2004). De acordo com o antropólogo saudita Talal Asad (2004, p. 282, tradução minha), “a ideia de abstração é necessária à noção de equivalência e ambas são integrais para o Estado moderno liberal.”²²

Entrelaçadas às discussões acerca do Estado estão aquelas sobre suas formas de governo. O filósofo francês Michel Foucault (2008, p. 144) introduz o conceito de “governamentalidade”, definido como o processo/resultado por meio do qual o Estado na Idade Média se transforma em um Estado administrativo, isto é, “governamentalizado”: uma pluralidade de instituições e procedimentos governamentais que possibilitam o exercício de um tipo específico de poder centrado na administração dos recursos e na disciplina por parte do Estado. A partir dessa ideia de governamentalização do Estado, Foucault (2008) também propõe a ideia de biopolítica como as práticas governamentais de controle da população como um conjunto, de forma a otimizar a vida e tomar para as instituições estatais um cuidado antes reservado apenas à família. O biopoder – operado através do exercício da biopolítica – substituiria o exercício de um poder sob os corpos individuais pelo controle da população de forma geral (Foucault, 2008), passando do poder soberano para o governo dos corpos. Todavia cabe buscarmos as especificidades que evidenciam como esses modelos amplos de explicação não cabem em todos os contextos sociais.

Em concordância com o pensamento foucaultiano, mas em conflito com a generalidade de sua teoria que não era suficiente para explicar diversos contextos do mundo colonizado, o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) propõe a ideia de necropolítica para

²² No original: “the idea of abstraction is necessary to the notion of equivalence, and both are integral to the modern liberal state” (ASAD, 2004, p. 282).

pensar os casos nos quais as políticas de governo não são orientadas para a otimização da vida para maior longevidade, mas sim para a morte (física, intelectual, espiritual e simbólica) de determinadas populações. O autor cita casos como o do *apartheid* sul-africano, da violência do Estado de Israel contra a Palestina e dos próprios governos coloniais no continente africano. Constatase, então, que no panorama de Estados nacionais modernos governamentalizados, o poder do Estado e do governo podem ser exercidos de diversas maneiras em diferentes contextos, o que negrita a potencialidade da Antropologia nessa temática de estudos, pois é essa a disciplina que se volta para produção de conhecimento a partir da análise das particularidades contextualmente descritas; isto é, a Antropologia se faz por meio de abordagens não normativas, mas sim etnográficas.

Destaco também a ideia de “etopolítica” do sociólogo britânico Nikolas Rose (2001; 2017), o qual enfatiza como a biopolítica pensada para populações de forma mais ampla tem implicações diretas nos indivíduos de forma subjetiva. A etopolítica seria uma categoria que nos auxilia na compreensão das transformações da biopolítica quando sua suposta “racionalidade objetiva” é juxtaposta com valores éticos e morais de agentes do Estado que criam suas próprias noções de “bom governo” a partir de uma mistura do que é técnico e do que é moral. Nas palavras do autor,

Por etopolíticas quero caracterizar as maneiras pelas quais o *ethos* da existência humana – os sentimentos, a natureza moral ou as crenças orientadoras de pessoas, grupos ou instituições – veio a fornecer o “meio” dentro do qual o autogoverno do indivíduo autônomo pode estar conectado com os imperativos do bom governo. Na etopolítica, a própria vida, tal como é vivida nas suas manifestações cotidianas, é objeto de adjudicação. Se a disciplina individualiza e normaliza e o biopoder coletiviza e socializa, a etopolítica preocupa-se com as autotécnicas pelas quais os seres humanos devem julgar-se e agir sobre si mesmos para se tornarem melhores do que são. (Rose, 2001, p. 18, grifos meus, tradução minha)²³

A proposta do sociólogo britânico é útil para duas discussões que considero relevantes para o presente trabalho. A primeira delas diz respeito ao conceito de “neoliberalismo”, pensado como forma de governar em Foucault, isto é, como o modo pelo qual o Estado passa a ser gestado a partir de uma lógica de mercado, de forma que o neoliberalismo vai além de uma ideologia política ou econômica e é entendido como uma racionalidade política

²³ No original: “By ethopolitics I mean to characterize ways in which the ethos of human existence –the sentiments, moral nature or guiding beliefs of persons, groups, or institutions – have come to provide the ‘medium’ within which the self-government of the autonomous individual can be connected up with the imperatives of good government. In ethopolitics, life itself, as it is lived in its everyday manifestations, is the object of adjudication. If discipline individualizes and normalizes, and biopower collectivizes and socializes, ethopolitics concerns itself with the self-techniques by which human beings should judge themselves and act upon themselves to make themselves better than they are.” (Rose, 2001, p. 18).

(Andrade, 2019). De acordo com o sociólogo brasileiro Daniel Pereira Andrade (2019, p. 219),

não se trata exatamente da mercadorização de tudo, pois o mercado mantém sua limitação e singularidade, mas da difusão do modelo de mercado para além do próprio mercado, reformando o Estado, as políticas públicas, as instituições, a gestão e as subjetividades.

Estou de acordo com trabalhos que têm evidenciado as formas como a governamentalidade neoliberal se faz presente no funcionamento do Estado em diversos contextos do mundo, como no trabalho da antropóloga brasileira Flavia Medeiros (2023) que fala sobre a promoção do aumento de formas de matabilidade que dilatam o que compreendemos como necropoder no âmbito da governamentalidade neoliberal. Todavia a nomenclatura “neoliberal” não apenas corre o risco de ser esvaziada como termo acusatório, como aponta Andrade (2019), mas também, quando tomada como racionalidade política, pode ser limitada para compreendermos todas as especificidades de uma ação política dentro do Estado que, sim, toma influência dos e se alinha com os interesses e modo operacional do mercado, mas que também é carregado de valores morais locais importantes para melhor descrevermos as formas de governo em determinado contexto (Rose, 2001; 2017).

Biopolítica, necropolítica, neoliberalismo e moralidades locais – como o conservadorismo dominante na esfera política de Santa Catarina – precisam ser observados de forma conjunta na implementação de políticas no estado e, a partir de como elas afetam as diferentes populações, indivíduos e subjetividades. Para tanto, aciono o conceito de etopolítica. A outra discussão que negrito a partir dos argumentos de Rose (2001; 2017) está atrelada ao estudo do Estado moderno e de suas formas de governo a partir de pesquisas sobre agentes do Estado que protagonizam disputas e tomam decisões políticas representadas, muitas vezes, como decisões do Estado. Tal postura o aproxima das discussões de uma antropologia política interessada em desmistificar a ideia do Estado abstrato e impessoal e enquadrar os debates a partir de discussões sobre os indivíduos e coletivos que (re)fazem o Estado no cotidiano (Das; Poole, 2004; Eilbaum, 2012). Aproximemo-nos dessas discussões.

Confrontando as ideias weberianas de Estado, a antropóloga brasileira Ana Paula Mendes de Miranda (2005) argumenta que, para a Antropologia, ideais-típicos e visões unidimensionais sobre a política e o Estado não são suficientes e cabe investigar os pormenores que revelam aspectos desse ente abstrato – o “Leviatã” – que o desmascaram como algo muito mais humano e construído na coletividade cotidiana de agentes estatais.

Voltando para os debates sobre Estado dentro da Antropologia, dialogo com o antropólogo francês Pierre Clastres (2017), o qual questiona a ideia etnocêntrica de que o destino de toda sociedade seria o Estado e a naturalização desse discurso.

A antropóloga brasileira Mariza Peirano (1997) explica que o campo compreendido como antropologia política teria se estabelecido com as crescentes preocupações dos representantes do campo com o quão científica a disciplina seria e como poderia ser feita uma Antropologia do “mundo moderno”. Segundo ela,

Passado o período etnográfico clássico, a disciplina adotou a preocupação dominante do meio-século, isto é, tornar científica, ou mais rigorosa, a pesquisa e os resultados dela obtidos. Nesse processo (junto à rejeição simbólica a Naven, de Gregory Bateson), os antropólogos abriram mão da relação entre os vários domínios que encontravam no campo para definir, com rigor, vários ‘sistemas’ distintos. Este foi o período em que se impôs a distinção entre sistemas de parentesco, sistemas políticos, sistemas econômicos, sistemas religiosos. A lição que tanto Malinowski quanto Mauss haviam deixado, de que os ‘sistemas’ estavam sempre interligados, preferiu-se separá-los e procurar sua especificidade. (Peirano, 1997, p. 20)

Esses questionamentos abriram portas para pensarmos em um Estado da prática e do discurso, feito cotidianamente por pessoas que mantêm o seu funcionamento e pelas representações construídas dele pela sociedade. Na materialidade, a suposta onisciência do Estado é uma rebuscada teia de líderes políticos, organizações e trabalhadores que regem a máquina estatal por meio de burocracias, autoridades, uso da força e conflitos de interesse. Segundo a antropóloga brasileira Karina Kuschnir (2007, p. 165), o estudo da política e do Estado não pode separar-se da compreensão de outras esferas do mundo, pelo fato de que “[...] a política opera com valores da sociedade mais abrangente, tradicionalmente associados a outras esferas da vida social, como família e religião, mas considerados ilegítimos quando operados na esfera política.” Compreender essa relação é tomar como central a questão da ética e das moralidades dentro do campo da política e das instituições do Estado.

Chegamos, então, na discussão da própria polícia – compreendida aqui tanto como um termo guarda-chuva que engloba as diversas forças policiais, sejam elas civis, militares, federais, rodoviárias, penais, etc.; quanto como uma representação social dessa instituição, similarmente descorporificada como a ideia do Estado. Localizando uma lupa antropológica em cima de quem são as pessoas que, no cotidiano, fazem a polícia, encontramos os policiais, os quais, através do uso da força, da produção de realidades e da construção de verdades, conseguem personificar o próprio poder de coerção estatal (Efrem Filho, 2021).

A partir da teoria weberiana de que no mundo “moderno” o Estado, por meio da polícia, teria o poder de “uso legítimo da força” (Weber, 1994), é possível questionarmos as noções de “legitimidade” e em que casos o uso da força por parte da polícia pode ser considerado como ilegítimo, isto é, como “violento” de uma forma negativa (Eilbaum; Medeiros, 2015). Todavia compreendo também que o uso da força, em muitos contextos, está alinhado a políticas de extermínio – necropolíticas (Mbembe, 2018). Esse poder alinha-se com outra característica central do trabalho policial: o documentar, através do qual são produzidas verdades de Estado, versões muitas vezes definitivas dos acontecimentos, isto é; definitivas no processo policial de construção de verdades que se tornam realidade desde a perspectiva policial. Desta forma, na manutenção de sua ordem, o Estado exerce a dupla função de administrar pela burocracia e reprimir pela punição (Medeiros, 2018), enquanto os policiais acabam sendo burocratas armados (Graeber, 2015).

Medeiros (2018), negritando os aspectos de construção cotidiana do Estado, explica que as organizações policiais são regidas por uma certa “ética policial”²⁴ e que as moralidades coletivas dos policiais influenciam a criação da “verdade policial” sobre os casos com os quais eles lidam; isto é, os valores compartilhados desses agentes da segurança pública informam a maneira como eles exercem seu “poder de polícia”. Esse poder, escreve a autora,

[...] é advindo da polícia como um ente com poderes administrativos providos pelo Estado, cuja finalidade seria decidir sobre as regras do ponto de vista prático e limitar o exercício de direitos individuais em benefício da segurança e do interesse público. Tal poder estaria formalmente relacionado com a conciliação e a negociação de conflitos, sendo os agentes públicos aqueles que na vida cotidiana deveriam colocar em prática técnicas e ferramentas para administrar a burocracia e manter a promoção de uma determinada ordem social. (Medeiros, 2018, p. 39)

A partir dessa arbitrariedade da ação policial (e de certa forma também estatal), guiada pelos valores morais dominantes dentro das corporações policiais, compreendo que o estudo antropológico do exercício de formas de governamentalidade, especificamente do poder de polícia de agentes da segurança pública, deve se concentrar em um estudo tanto das normas como são impostas na lei, como na maneira como elas são efetuadas no cotidiano de diversas populações. Esse olhar duplo deve nos mover em direção às margens do Estado (Das; Poole, 2004; Asad, 2004), as quais vão além da literalidade geográfica de “margem” e podem ser

²⁴ Cabe indicar que Medeiros (2018) utiliza a ideia de “ética policial” referenciando a conceituação que o antropólogo brasileiro Roberto Kant de Lima tem feito em muitos de seus textos ao longo de sua carreira. A discussão traçada pelo autor relaciona o abismo entre a “ética policial” e as suas “práticas”, abismo esse que espelha a tradição jurídica inquisitorial brasileira, a qual funciona a partir da “desigualdade de tratamento jurídico como ordem fundante da ‘igualdade jurídica’ à brasileira.” (Lima, 2013, p. 554)

encontradas na maleabilidade da lei e na arbitrariedade da autoridade que as caracterizam.

Desta forma, pensar o Estado passa a ser necessariamente estudar suas margens, pelo fato do mesmo ser enredado por estas de tal forma que são inseparáveis na materialidade da ação estatal (Das; Poole, 2004). Porém, cabe enfatizar que essa perspectiva não se desvinctula de forma radical dos pressupostos weberianos sobre a racionalidade burocrática do Estado, pois, de acordo com as antropólogas indiana e britânica Veena Das e Deborah Poole (2004), o Estado se edificaria a partir desses ideais da racionalização e secularização, da mesma forma que utilizaria dos discursos de “uso da força legítima”. Elas elaboram:

Weber também enfatizou que o uso da força por qualquer outro tipo de organização seria considerado legítimo apenas se fosse permitido pelo Estado ou prescrito por ele. [...] Ao definir o Estado como aquele que substitui a vingança privada pelo estado de direito, Weber estava, é claro, construindo sobre as tradições anteriores de Kant e Hegel, para quem o Estado na modernidade foi definido por fronteiras bem demarcadas entre o reino externo do direito e o reino interno da ética, e também entre o reino da razão universalista próprio do Estado e as relações primordiais próprias da família. [...] As violências de guerra contraídas entre o controle policial da violência difusa da sociedade pela força foram constituídas como legítimas porque eram do Estado. Outras formas de violência que pareciam imitar a violência do Estado ou desafiar seu controle foram consideradas ilegítimas. (Das; Poole, 2004, p. 7, tradução minha)²⁵

Esses dois poderes se entrelaçam no fazer policial, já que o próprio canal PMSC Oficial é uma forma de documentação audiovisual do trabalho da polícia militar. Através dele é emitida uma representação, uma versão de determinados acontecimentos, incluindo casos em que a polícia usa da força e casos de enfrentamento da “violência”. Parto da ideia de violência como uma representação social (Misse, 2016), de forma que uma ação só é compreendida como violenta quando acompanhada de uma agressão moral (Cardoso de

²⁵ No original: “Weber also emphasized that use of force in any other type of organization would be considered legitimate only if it was permitted by the state or prescribed by it. [...] In defining the state as that which replaces private vengeance with the rule of law, Weber was, of course, building on earlier traditions of Kant and Hegel, for whom the state in modernity was defined by clear-cut boundaries between the external realm of law and the internal realm of ethics, and also between the realm of universalistic reason proper to the state and primordial relations proper to the family. [...] The violence of warfare contracted between police control of the diffused violence of society by force were constituted as legitimate because they were of the state. Other forms of violence that seemed either to mimic state violence or to challenge its control were deemed illegitimate.” (Das; Poole, 2004, p. 7).

Oliveira, 2008). É central atentar para quais “violências” aparecem nesses vídeos, assim como quais acontecimentos são compreendidos como violentos pelos espectadores que comentam²⁶.

Uma linha tênue que precisa ser traçada neste trabalho é aquela entre o que compreendo por “violência policial”, uma vez que utilizo a ideia de violência como representação social e depende da interpretação daquele que perpetra, daquele que sofre e dos terceiros que podem experienciar tal violência. Quando a ideia de “violência” aparece atrelada à polícia ela normalmente toma dois sentidos diferentes: a) o de violência legítima, ou “força” como descrita por Weber (2013), isto é, o uso necessário, “correto” e aceitável do poder da instituição policial contra indivíduos ou grupos e; b) o de “violência policial”, acionado em casos em que há algum nível de percepção pública de que tal força foi empregada de forma errada ou demasiada, afetando sujeitos “inocentes” ou trazendo resultados “desnecessários” (como mortes) (Rifiotis, 1999). A ideia-chave aqui é percepção. De acordo com as antropólogas Lucía Eilbaum e Flavia Medeiros (2015), no Brasil, a história dessa categoria “violência policial” está vinculada à noção de “direitos humanos”, de uma forma que ambas ganham significado uma vez atreladas às pessoas a quem elas se referem. Desta forma, é preciso levantar a questão: “Violência policial contra quem?” (Eilbaum; Medeiros, 2015, p. 419). As autores desenvolvem seu argumento a partir de um estudo com dois diferentes casos de mortes provocadas por policiais no Rio de Janeiro e concluem que

[...] a violência é uma categoria contextual e local e assim também o é a “violência policial” no Rio de Janeiro, esta parece depender muito mais do local, do território e do alvo dessa violência do que da profundidade da agressão ou da forma como a mesma viola a lei. Sugerimos que seja conforme as sensibilidades morais conformadoras desses fatores que se fará que uma ocorrência repercuta, ou não, e se transforme, ou não, em um caso de “violência policial”. (Eilbaum; Medeiros, 2015, p. 419)

Três questões, portanto, precisam ser feitas para pensarmos na violência policial: quem morreu, onde morreu e qual a repercussão do caso; afinal, a morte não é um

²⁶ Cabe destacar que o presente trabalho edifica-se na análise das narrativas e de seus cenários (ou situações narrativas), o possibilita que seja acessada apenas a representação de eventos que podem ou não ser interpretados como violentos. Todavia há um elemento que vai além da caracterização de algo como violento: a dor. Compreendo aqui, a partir da obra do antropólogo saudita Talal Asad (2021), a dor como uma relação social, a qual pode ser muito mais do que a algo experienciado/recebido/sofrido de forma passiva, isto é, pode ser ativa, agentiva e conecta-se com a subjetiva daquela pessoa que vivencia a dor. A dor não é nem a realidade bruta do ato que a causa e nem uma interpretação ideológica (como seria a violência), mas sim uma relação ativa e prática que habita o tempo de forma corporificada (Asad, 2021). Desta forma, afirmo que ao longo da pesquisa com os vídeos do canal PMSC Oficial poderei cruzar com registros de momentos de dor, mas não com a dor em si, de forma que só poderei analisar algo como violento se assim interpretado e só poderei falar de momentos de dor uma vez que identificar formas de comunicação da mesma. Destacar a concepção de dor e de violência que utilizo é central para que, caso encare cenas em que policiais façam uso da força e/ou da brutalidade, o leitor saiba que as abordo a partir do uso deliberado destes conceitos.

acontecimento universal ou democrático (Medeiros, 2016; Eilbaum; Medeiros, 2017). Essas ideias vão ser aplicadas a casos específicos no desenvolvimento da pesquisa, desviando o foco da morte e pensando na agressividade, já que a primeira temporada da *websérie Papa Mike SC* não conta com mortes. Delineando onde a agressão foi cometida, qual o envolvimento da polícia, quem a sofreu e como ela repercutiu, podemos discernir se o ato se transforma em uma violência. Uma categoria central é a de “repercussão” (Eilbaum; Medeiros, 2015; 2016; 2017), a qual diz respeito a repercussão política, social e ou midiática de casos específicos e pode transformar determinados episódios em casos de “violência policial”.

A importância da diferenciação de casos de repercussão e casos “comuns” está no fato de que “[...] se no Brasil é possível afirmar a existência [...] de direitos dos mais ou menos humanos, também seria possível afirmar que há violência policial que interessa e violência policial que não interessa.” (Eilbaum; Medeiros, 2015, p. 420)²⁷ A repercussão torna o caso um assunto público e o comportamento policial vira alvo de escrutínio, mas também gera uma específica construção social e moral das vítimas que questiona repetidamente o que teria levado os policiais a agredir ou até matar. No caso da violência fatal, a agressão moral não é restrita à subjetividade da pessoa que recebeu a agressão física e é feita também uma construção social e moral de seus familiares, de sua comunidade e da área ou onde estava (Eilbaum; Medeiros, 2015; 2016; 2017).

O grande diferencial do canal PMSC Oficial e do *Papa Mike SC* é que os casos são ordinários, são pessoas sem nome, dias comuns e um trabalho que é vendido como “cotidiano”. O mesmo escrutínio social, midiático e jurídico presente em um caso de repercussão não está presente aqui, pois o único retorno existente no ambiente de veiculação dos vídeos são os comentários de um público que majoritariamente defende e apoia todas as ações policiais. O simples ato de clicar no botão de polegar para baixo (*dislike*) – uma crítica mínima – é recebido pelos comentadores, como no exemplo do episódio 01x01, da seguinte maneira: “Mais de 2 mil dislikes, como tem ze droguinha nesse Brasil” e “Quase 3 mil dislikes e de assustar a quantidade de gente que tem a mentalidade distorcida Deus e mais o

²⁷ Neste trecho as antropólogas Lucía Eilbaum e Flavia Medeiros (2015) acionam o conceito de “direitos mais e menos humanos”, proposto pelas antropólogas Cláudia Fonseca e Andrea Cardarelo (1999), o qual faz referência a criação de normas e leis que, em teoria deveria garantir direitos para uma parcela da população, mas que, quando colocados em prática, resultam na retirada de direitos de outra parte da população. Fonseca e Cardarelo (1999, p. 95) explicam que “a eficácia e até a justiça de determinados dispositivos jurídicos não podem ser planejados fora do contexto concreto. [...] a promoção de direitos humanos exige mais, muito mais, do que uma legislação “ideal.”

apocalipse já não é um medo e sim uma esperança pra humanidade [emoji de rosto com lágrima escorrendo dos olhos, 2x]²⁸.”

Ao longo deste trabalho usarei a ideia de “violência policial” a partir de possíveis interpretações de agressões por parte da polícia como tais. Em meio a essa discussão, todavia, outra categoria aparece: a de “brutalidade policial”. Em minhas leituras para a elaboração do presente trabalho percebi que tal categoria aparece muito mais em trabalhos estadunidenses – os quais empregam a categoria em língua inglesa “*police brutality*” – e carrega um sentido muito próximo daquele que caracterizo acima como “violência policial”: uma agressão cometida por policiais e considerada errada em sua repercussão (Moore, 2022). Todavia uma diferença das duas categorias são as implicações do uso da ideia de “brutalidade”.

O antropólogo brasileiro Roberto Efrem Filho (2021) define brutalidade como o exercício da violência (especialmente física) em excesso, de forma que alude ao rebaixamento do outro, ódio e desprezo. A categoria de “brutalidade policial”, como empregada nos EUA e próxima de nossa ideia de “violência policial”, será acionada neste trabalho entre aspas e sempre em referência aos textos e demais fontes que forem utilizadas. Já a ideia de brutalidade, caso seja necessário ser utilizada na descrição ou análise dos vídeo nesta pesquisa, será acionada de acordo com a definição de Efrem Filho (2021), com ênfase no excesso do uso da força e na hierarquização que coloca as vítimas em uma posição de humanamente inferiores. O aspecto da “humilhação” (Díaz-Benítez, 2021) é a chave principal para pensar um comportamento policial violento e brutal no universo do *Papa Mike SC*.

Estado e polícia, reprimir e documentar, agressões violentas e agressões legítimas. Como forma de concluir esse ponto, gostaria de explicitar como esse duplo poder policial de usar a força e documentar ganha implicações diferentes a partir dos diferentes tipos de documentos produzidos. De um lado, temos os documentos com poder legal, como mandados de prisão e atestados de óbito, os quais oficializam perante o poder da lei determinadas situações (como a necessidade de prisão de um indivíduo ou sua morte). Esses documentos caracterizam-se por razão de sua verdade própria representar uma verdade do Estado, pois evocam a “dimensão dos fatos” e acompanham a autoridade e legitimidade das instituições e indivíduos que os assinam.

²⁸ Neste comentário, utilizo a vírgula seguida de “2x” como forma de indicar que o emoji específico foi usado duas vezes. Esta forma de transcrição foi usada no registro dos diários de campo e será utilizada ao longo deste texto para indicar a quantidade de vezes que um mesmo emoji é usado repetidamente em um mesmo comentário.

Do outro lado estão os documentos comunicacionais e de construção de memória: as versões que não constroem a “verdade oficial”, mas a representação – ainda que eles ajam na construção da percepção da “verdade”, o fazem com outra linguagem, não a do Estado, mas a da mídia, e, portanto, carregam uma autoridade diferente. Exemplos são notas emitidas à imprensa ou as narrativas veiculadas em portais de comunicação das polícias – como portais de notícia e redes sociais. Essa forma de documentação implica na possibilidade de construção de imagem dos policiais como indivíduos, das instituições policiais e do próprio Estado. Essa construção de imagem se vincula ao caráter discursivo do Estado que depende também de sua representação como ente abstrato e única forma de realidade possível. Esses meios de comunicação alinhados a uma racionalidade política muito próxima à racionalidade do mercado (Rose, 2017), leva a busca de formas mais eficazes e eficientes de comunicação da verdade do Estado (Souza Junior, 2023).

Neste trabalho dou ênfase a este segundo tipo de documento, o comunicacional, compreendendo a relação que o poder pode ter com símbolos e significados e pensando no conteúdo ali reproduzido e o impacto que ele pode ter sobre a realidade a partir das formas como essas imagens autorrepresentam os policiais (Wolf, 2003). Tomo tais narrativas, imagens e representações dentro do contexto de sua produção, isto é, como produtos de políticas e tecnologias de governo, a partir das mesclas discursivas entre racionalidade política e “dispositivos morais”. A antropóloga brasileira Patrice Schuch (2014) explica que há a valorização do “bem” em políticas estatais a partir de “dispositivos morais”, isto é, práticas de governo vão além da suposta racionalidade legal. Faz-se necessário pensar a narração de emoções e moralidades como forma de fabricar coerência nas histórias, independentemente dos policiais retratados em tais imagens, narrativas e representações sentirem essas emoções, isto é, pensar no caráter performático das emoções e das moralidades (Mauss, 1981; Abu-Lughod; Lutz, 1990; VÍctora; Coelho, 2019; Efrem Filho, 2021; Díaz-Benítez, 2021).

Por fim, é necessário situar essa produção de documentos comunicacionais dentro da tradição documental da PMSC. Na subseção seguinte abordarei a história da corporação na forma como ela é contada por documentos oficiais comunicacionais nas plataformas oficiais da PMSC, como forma de apresentar àquela que lê a instituição estudada e a forma como moralidades se fazem presentes na descrição da realidade feita pelos agentes do Estado.

1.2. Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC): documentos e memória

[...] Não refletir os conceitos de “cultura” e “tradicionalidade” como conceitos auto-explicativos, mas sim, como recurso etnográfico de compreender o que em si estes conceitos mobilizam entre os coletivos indígenas, no meu caso, entre os jovens organizados na RAJ [Retomada *Aty Jovem*]. Por extensão, os regimes de temporalidade e modos de existência podem coexistir, no sentido de manter a coletividade do grupo. Ou seja, mais uma vez reitero, “cultura” e “tradição” são, antes de qualquer coisa, meios de produção, ou em terminologias guaraníticas, formas de levantar coletivos. (Octaviano, 2024, p. 66)

Partindo da ênfase no trabalho de documentação e geração de um discurso oficial como forma de acessar as margens do Estado, a pesquisa surge a partir do interesse em estudar o processo de documentação da realidade feito pela PMSC²⁹. Falar da história desta instituição é falar sobre as formas de documentar e (re)produzir um “discurso oficial” de cultura, tradição e memória. O antropólogo brasileiro Arthur Paiva Octaviano (2024), em seu trabalho em meio a mobilizações políticas de juventudes *Guarani* e *Kaiowá* no Mato Grosso do Sul, destaca como “cultura” e “tradição” são categorias mobilizadas na construção de coletividades. Um elo político e afetivo é criado a partir do compartilhamento de uma cultura e uma tradição carregada com valores que diferenciam o coletivo de outros grupos sociais, elo esse reiterado a partir da prática de manter viva uma memória.

No caso de uma instituição do Estado, a construção discursiva e prática de “cultura” e “tradição” é feita por meio da criação de uma memória institucional burocrática (Worcmán, 2004), a qual é compartilhada entre os agentes em seu processo de formação e socialização. Para os policiais militares esse processo de socialização começa com o desejo de ingresso (Rodrigues, 2022) e continua uma vez que eles entram na corporação com o curso de treinamento e a prática que eles têm nas ruas depois de formados (Duarte, 2012). Dentre os documentos – e as narrativas presentes neles – que regem a criação de uma memória institucional, há de se indicar que alguns são mais acessíveis que outros. O ápice da disponibilidade pública, o que dá traços de uma publicidade, são os documentos e narrativas veiculadas nos meios de comunicação do Estado, como diários oficiais, coletivas de imprensa

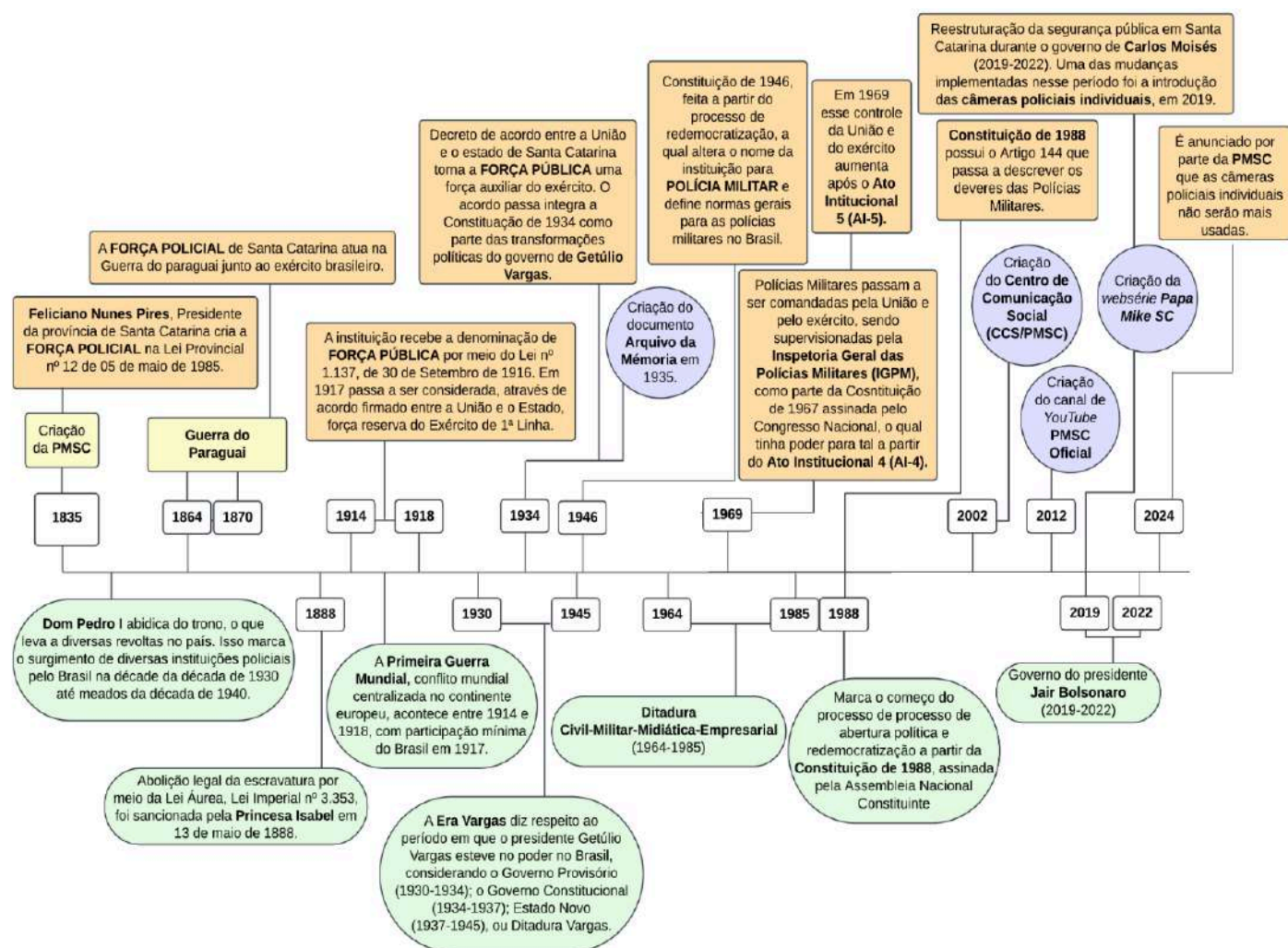
²⁹ Para a escrita desta subseção foram incluídos comentários feitos no âmbito da mesa-redonda “Autonomia militar no Brasil contemporâneo: militarismos e militarização”, a qual aconteceu no evento “60 anos de 1964: Nem esquecimento, Nem anistia”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC) e pelo Instituto Memória e Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (IMDH/UFSC) e que aconteceu nos dias 15 e 16 de abril de 2024. A mesa-redonda contou com mediação da professora Anaís Medeiros Passos (PPGSP/UFSC) e, estando em sua composição, pude debater os tópicos presentes nesta seção com as pesquisadoras Adriana Angerami (PPGAS/UFSC) e Bárbara Duwe Lima (PPGSP/UFSC), com quem dividi o espaço. A atividade está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qEc0XVgcW1U&t=346s>. Acesso em: 19 nov. 2024.

e *sites* oficiais. Nesta subseção abordarei brevemente a história publicizada da PMSC em seus *sites* oficiais, buscando destacar quais os valores, tradições e cultura germinados por meio dessas narrativas históricas. Em determinados pontos destacarei omissões feitas de contextos políticos e trechos da história que existem em documentos oficiais da corporação, mas que foram apagados da versão da história tornada acessível.

Na América Latina, guerras por território e por independência colocaram as forças militares num lugar privilegiado na construção dos Estados-nação, de forma que sua (auto)imagem institucional se consolidou nos últimos séculos tanto como uma “salvadora” quanto como portadora de um papel político central para a o desenvolvimento de seus países (Smith, 2005). É dentro desse panorama que é criada a PMSC, em 1835, então chamada de “Força Policial” (**Figura 2**)³⁰, a qual tem como um de seus marcos principais – como descrito no documento oficial – a sua participação na Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1970.

³⁰ Na “Linha do tempo das transformações organizacionais e desenvolvimentos da produção de memória institucional e comunicação da PMSC (1835 - 2024)” (Figura 2), distingi as caixas de texto da seguinte maneira: a) as caixas de texto amarelas sobre a criação da PMSC e sobre a Guerra do Paraguai indicam marcos centrais para a consolidação da PMSC de acordo com os documentos oficiais da corporação; b) as caixas de texto laranjas localizadas na parte superior da linha do tempo indicam mudanças na estrutura de funcionamento da PMSC; c) as caixas de texto azuis redondas na parte de cima da linha do tempo indicam transformações na produção de memória e comunicação da PMSC e; d) as caixas de texto verdes localizadas na parte de baixo da linha do tempo indicam eventos históricos estaduais, nacionais e internacionais que se relacionam as mudanças na PMSC.

Figura 2 - Linha do tempo das transformações organizacionais e desenvolvimentos da produção de memória institucional e comunicação da PMSC (1835 - 2024)



Fonte: linha do tempo produzida pela autora a partir de revisão bibliográfica (História, s. d.; Duarte, 2012; Duarte, 2014; Costa Neto, 2022; 2023a; 2023b; Atlas..., 2023; Klinkerfus, 2024) e por meio dos sites Canva³¹ e LucidChart³².

Tomo como ponto de partida a seção “História” (s. d., online) presente no site oficial da PMSC, como forma de adentrar o campo da produção comunicacional de memória e autorrepresentação da corporação, isto é, como forma de “levar a sério” essa forma de

³¹ Disponível em: <https://www.canva.com/>.

³² Disponível em: https://www.lucidchart.com/pages/landing?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=chart_tier3_mixed_search_brand_phrase_&km_CPC_CampaignId=1484560204&km_CPC_AdGroupId=60168112031&km_CPC_Keyword=%2Blucidchart%20%2Bapp&km_CPC_MatchType=b&km_CPC_ExtensionID=&km_CPC_Network=g&km_CPC_AdPosition=&km_CPC_Creative=442433233082&km_CPC_TargetID=kwd-79252617009&km_CPC_Country=9102217&km_CPC_Device=c&km_CPC_placement=&km_CPC_target=&gad_source=1&gclid=CjwKCAiAjeW6BhBAEiwAdKltMqwESHSmcdPSOM9A5O-rZ-ST0zQ4vOLYwArhJF74pwoIFvdbLvNLDRoC76UQAvD_BwE.

documentação estatal. Esse breve texto, assim como uma série de outros documentos físicos e digitais constroem a “memória institucional”, a qual

[...] não deve ser pensada apenas como resgate do passado, mas como marco referencial do qual as pessoas redescobrem valores e experiências, reforçam vínculos presentes, criam empatia com a trajetória da organização e podem refletir sobre as expectativas dos planos futuros. (Worcmán, 2004, p. 23)

Desta forma, ao explorar a história da instituição a partir de sua produção documental de memória, observamos as formas como os valores e vínculos com a PMSC são passados para seus agentes através da reiteração dessas narrativas. Analisemos esse breve texto, o qual começa com os seguintes parágrafos:

As Polícias Militares do Brasil são organizações estatais de direito público. Têm objetivos definidos em lei, que orientam, e que se constituem na sua razão de ser. Esses objetivos são as suas finalidades e competências, expressas na legislação específica e na legislação peculiar.

A Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), órgão da administração direta do Governo do Estado de Santa Catarina, é uma instituição prestadora de serviços públicos na área de segurança pública, tendo como jurisdição a totalidade do território catarinense. (História, s. d., online)

O pontapé inicial do texto é um esforço em situar a história da PMSC dentro de um panorama das polícias militares no Brasil, enfatizando uma continuidade e união dos esforços dessas instituições que têm os mesmos objetivos e razão de existirem definidos por lei. Em seguida, ele localiza a instituição dentro do governo e do território catarinense, mais uma vez situando a organização dentro de uma teia de instituições com interesses em comum, neste caso as instituições de segurança pública. Torna-se evidente, desde o começo, que o trabalho de se escrever sobre a PMSC é também uma forma de se falar do próprio estado de Santa Catarina. O texto continua:

Criada por Feliciano Nunes Pires, então Presidente da Província de Santa Catarina, através da Lei Provincial Nº 12, de 05 de Maio de 1835, a “FORÇA POLICIAL”, denominação que lhe foi conferida na época, substituiu os ineficazes Corpos de Guardas Municipais Voluntários, então existentes, com a missão de manter a ordem e a tranquilidade públicas e atender às requisições de autoridades judiciárias e policiais. Sua área de atuação ficava restrita à vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e distritos vizinhos.

O Regulamento da Força Policial, aprovado em 1836, só veio ratificar a missão acima citada, outorgando-lhe a missão ampla e complexa de atender desde incêndios até a prisão de infratores das posturas municipais. Essa foi, durante muitos anos, a principal missão da Força Policial. (História, s. d., online)

A criação da organização que viria a ser a PMSC se dá em maio de 1835, começo do século XIX, como tantas das organizações policiais do Estado moderno. Desde sua fundação, a ideia de manutenção da ordem já estava explícita, valor central que se mantém até hoje nas narrativas institucionais. A ideia de “ordem” atrela-se a proteção (“atender incêndios”) e punição (“prisão de infratores”). Contudo, uma prática e obrigação dos policiais naquela época é omitida deste documento público de fácil acesso. Outra parte da “missão” da Força Policial seria “[...] dispersar os ajuntamentos de escravos e de quaisquer pessoas que com eles estivessem de mistura, empregando a força se necessária e prendendo os resistentes [...]” (PMSC, 1935, p. 10 *apud* Duarte, 2012, p. 35).

Ao reproduzir um conjunto de valores e deveres desconexos de seu tempo e contextos sócio-políticos na criação de sua memória institucional, a PMSC deliberadamente esconde seu passado racista e as formas como agiu na opressão e subjugação de pessoas negras escravizadas no estado de Santa Catarina. A antropóloga brasileira Ilka Boaventura Leite (1991) explica que a história da escravidão no estado tem sido sistematicamente ignorada sob a justificativa de as pessoas escravizadas em Santa Catarina seriam um número pequeno e teriam passado por uma escravização “mais branda”. De qualquer forma, o fato é que houve escravidão e não há versão desta prática que possa ser categorizada como “branda”.

A historiadora estadunidense Saidiya Hartman (2020) explica que as repercussões ignoradas do processo de escravização, ao longo do tempo, geram uma permanência e sobreposição temporal entre o passado e o presente. Isso se materializa na presença de um passado fantasmagórico que coabita o presente e se escancara nas práticas racistas contemporâneas. Nos capítulos seguintes discutiremos em maior detalhe as específicas formas como o racismo antinegro se manifesta no estado de Santa Catarina amparado por uma política de imagem supremacista branca e perpetuado nas práticas de policiais militares. Por hora cabe afirmar – amparada por uma literatura que tem descrito e analisado essas questões – que há racismo em terras catarinenses e que uma de suas principais faces é a violência de Estado, explícita em casos de perseguição e brutalidade policial contra populações negras (Alencar, 2019; Maia, 2019; Medeiros; Dos Anjos, 2020; Klinkerfus, 2021; Medeiros, 2023). A continuação do texto explicita como as guerras por territórios fazem parte da história da PMSC:

Porém, durante o período Imperial, o Brasil se viu envolvido em inúmeras contendas internas e externas, tais como a Guerra dos Farrapos e a Guerra do

Paraguai, para citar apenas as que atingiram mais diretamente o Estado de Santa Catarina.

Durante esses eventos, a Força Policial atuou em conjunto com o Exército Brasileiro (EB), quer seja repelindo as agressões externas, quer seja para defender a unidade pátria, tendo contribuído em muito para a definição e defesa dos limites territoriais tanto do Brasil quanto do Estado. Assim sendo, além da preocupação com a segurança pública, a Força Policial passava a atuar também no campo da Defesa Interna e Segurança Nacional. (História, s. d., online)

A então “Força Policial” passou a agir conjuntamente com forças militares nacionais, explicitando um possível começo da trajetória da instituição de diálogos e inspirações em outras instituições de segurança pública no Brasil³³.

Em 1916, recebe a denominação de FORÇA PÚBLICA (Lei Nº 1.137, de 30 de Setembro) e em 1917 passa a ser considerada, através de acordo firmado entre a União e o Estado, força reserva do Exército de 1ª Linha.

Em 10 de Janeiro de 1934 novo acordo entre a União e o Estado eleva a Força Pública à categoria de força auxiliar do Exército Brasileiro. Nesse mesmo ano, a Constituição Federal também passa a considerar as Forças Públicas como sendo Auxiliares do Exército, conferindo-lhes assim, “status” constitucional. (História, s. d., online)

Agora com o nome de “Forças Públicas”, a corporação ganha o *status* de instituição constitucional, inserida em uma rede nacional mais ampla. A transformação das “Forças Policiais” em “força reserva do Exército” em 1917 coincide com o período da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), assim como a elevação da corporação à categoria de “força auxiliar do Exército Brasileiro” coincide com os anos iniciais do governo do então presidente Getúlio Vargas (1930-1945); ambos contextos políticos ignorados na narrativa histórica da corporação que parece reproduzir a ideia de um PMSC que se manteve a mesma em seu núcleo desde sempre, não afetada eticamente pelos eventos políticos a sua volta.

O uso da palavra “*status*” no trecho acima é um indício que nos ajuda a identificar o caráter performático do Estado (Geertz, 1991; Asad, 2004), pois mostra que as transformações na PMSC não eram apenas a nível legal e de funções práticas, mas também mudanças imagéticas (mesmo que mais perceptíveis em retrospecto).

Em 1946, a Constituição Federal altera a denominação para POLÍCIA MILITAR, descrevendo como missão a segurança interna e a manutenção da ordem. Prevê ainda que a União legislará sobre a organização, instrução, justiça e garantias das PM.

³³ Destaco aqui o uso um tanto peculiar de “Estado de Santa Catarina”, com um “E” maiúsculo, o que poderia ser apenas um “erro” ou escolha estética da digitação, mas que também explicita uma construção de fronteiras (geográficas, políticas, culturais, morais e até policiais) entre Santa Catarina e o resto do país.

Em 1967, a Constituição Federal prevê que a União passará a controlar também o efetivo das PM, criando a Inspeção Geral das Polícias Militares (IGPM). Orienta ainda que as PM devem voltar-se às atividades policiais. (História, s. d., online)

Ao longo da descrição que o texto nos traz é possível perceber que há uma contínua desconexão entre esses marcos na trajetória da PMSC e questões políticas mais amplas como a própria Ditadura Civil-Militar-Midiática-Empresarial (1964-1985). A leitura do texto sem uma atenção aos contextos sócio-culturais ao redor dos acontecimentos narrados pode levar a leitora a não conectar a tomada das atividades policiais pelos militares como um resultado da ditadura. Tem-se documentado uma enorme militarização da polícia que se consolida com a Ditadura Civil-Militar-Midiática-Empresarial (Miranda, 2014), a qual ecoa conflitos políticos de seu tempo, pois os meados do século XX são marcados por uma onda de regimes ditatoriais de caráter militar na América Latina, por influência dos EUA e da Guerra Fria.

O cientista político estadunidense Peter H. Smith (2005) argumenta que uma característica central desses regimes foi a criação de “guerras contra a subversão” que orientavam suas políticas. Os governos militares latino-americanos tinham um caráter conservador e anticomunista e usaram do “ódio a subversão” como combustível ideológico para que pudessem insitucionalizar práticas de brutalidade, terror, tortura e intimidação (Smith, 2005). Podemos nos perguntar: o quanto desses valores se mantém na PMSC de hoje em dia? Ou ainda, quais outros contextos políticos são omitidos na construção de uma versão oficial simplificada da história da corporação?

Em 1988, a Constituição Federal prevê como missão da PM, em seu artigo 144: “a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todo, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, ...”.

Cita ainda a Constituição de 1988 como competência da PM, em seu artigo 144, § 5º: “Às Polícias Militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos Corpos de Bombeiros Militares, além das atribuições definidas em lei, incumbem a execução de atividades de defesa civil”. (História, s. d., online)

Tais transformações pelas quais a PMSC passa a partir da Constituição de 1988 fazem parte do processo de redemocratização. Mais uma vez as transformações políticas nacionais e locais que resultam nas mudanças organizacionais e de atuação da corporação são omitidas. O resultado é uma memória da corporação que apresenta valores consistentes (“proteger” e “manter a ordem”) e competências que se alteram de forma mínima, mas que não se atrela a sua atuação política relacionada a diferentes governos cujas decisões as influenciaram.

Além da Constituição Federal, outros instrumentos legais de âmbito Federal e Estadual, fazem referência à missão e competência legal da PM, entre os quais podemos citar o Decreto Lei Federal Nº 667, de 02 de Junho de 1969, que reorganiza as PM e os Corpos de Bombeiros dos Estados, Territórios e do Distrito Federal, e a Constituição do Estado de Santa Catarina de 1989, que estabelece em seu artigo 107 que:

À Polícia Militar, órgão permanente, força auxiliar, reserva do Exército, organizada com base na hierarquia e disciplina, subordinada ao Governador do Estado, cabe, nos limites de sua competência, além de outras atribuições estabelecidas em lei:

I – exercer a polícia ostensiva relacionada com:

- a preservação da ordem e da segurança pública;
- o radiopatrulhamento terrestre, aéreo, lacustre e fluvial;
- o patrulhamento rodoviário;
- a guarda e fiscalização do trânsito urbano;
- a guarda e fiscalização das florestas e mananciais;
- a polícia judiciária militar;
- a proteção do meio ambiente. (História, s. d., online)

Cada um dos pontos supracitados aparecem como frentes de atuação que compõem a pluralidade do trabalho policial. Essa divisão legal das funções da PMSC aparece como um “dever ser” do trabalho policial. A maioria dos itens, com menor ou maior destaque, aparece dentro da série *Papa Mike SC*, sendo inclusive uma das principais bandeiras da primeira temporada do programa: apresentar a diversidade do trabalho feito pelos policiais. Exploraremos este tema no segundo capítulo. A conclusão do texto é a seguinte:

Compete ainda à PMSC atuar nos seguintes campos:

- Atuação no Campo da Segurança Pública (como Polícia Ostensiva Preventiva e como Polícia Ostensiva Repressiva);
- Atuação no Campo da Segurança Integrada;
- Atuação no Campo da Defesa Territorial;
- Atuação no Campo da Defesa Civil. (História, s. d., online, grifos do autor)

Por meio do texto “História” (s. d., online) temos um primeiro gosto dos documentos estatais de caráter comunicacional produzidos pela PMSC. Tenho argumentado que estes documentos expressam um discurso oficial que gera autorrepresentações propagandísticas sobre a corporação (Klinkerfus, 2024), de forma que a memória preservada pela instituição destaca pontos positivos, transformações estruturais politicamente “neutras” e apresenta a

instituição como um pilar social cujos valores e deveres se mantiveram por quase 200 anos. A respeito dessa descrição “histórica”, empresto as palavras do historiador estadunidense Hayden White (1980, p. 17-18, grifos do autor, tradução minha) que diz:

Se toda história plenamente construída, seja como for que definamos essa entidade familiar, mas conceitualmente evasiva, é uma espécie de alegoria, aponta para uma moral, ou confere aos eventos, sejam eles reais ou imaginários, um significado que eles não possuem como mera sequência, então parece possível concluir que toda narrativa histórica tem como finalidade latente ou manifesta o desejo de *moralizar* os acontecimentos de que trata. [...] isso sugere que a narratividade, certamente na narrativa factual e provavelmente também na narrativa ficcional, está intimamente relacionada, se não uma função, do impulso para moralizar a realidade, isto é, para identificá-la com o sistema social que é a fonte de qualquer moralidade que possamos imaginar³⁴.

Desta forma é possível argumentarmos que a versão oferecida no site da PMSC sobre a história da instituição é carregada de parcialidades que a levam a não apenas resumir e selecionar um número curto de marcos, mas também a destacar acontecimentos específicos para construir uma narrativa que esteja alinhada aos valores morais da instituição na atualidade. O antropólogo e policial militar brasileiro Luiz Ricardo Duarte (2012) descreve a PMSC como uma instituição homogeneizadora de seus agentes que, junto deste valor de uniformidade, também apresenta-se como um polo de superioridade moral, tem como base moral os ideais de “proteção” e “manutenção da ordem”. Esses valores são repassados atrelados às narrativas históricas da instituição, as quais tornam-se uma política institucional a partir de 1935 com a criação do “Força Publica do Estado de Santa Catharina: álbum do centenário 1835-1935”, arquivo de memória celebrativo do aniversário de 100 anos da corporação (Duarte, 2012). De acordo com as descrições e discussões de Duarte (2012), o documento parece trazer uma versão mais detalhada dos pilares narrativos já apresentados no texto “História” (s. d., online), relatando a trajetória da corporação até o ano de 1935. Para o intuito desta pesquisa não foi possível acessar esse documento.

Outro marco da criação de memória institucional da PMSC foi a criação do CCS/PMSC, em 2002, o qual passou a integrar a longa tradição da corporação de documentos comunicacionais e de memória. É como um projeto interno ao CCS/PMSC que o canal de

³⁴ No original: “If every fully realized story, however we define that familiar but conceptually elusive entity, is a kind of allegory, points to a moral, or endows events, whether real or imaginary, with a significance that they do not possess as a mere sequence, then it seems possible to conclude that every historical narrative has as its latent or manifest purpose the desire to *moralize* the events of which it treat. [...] this suggests that narrativity, certainly in factual storytelling and probably in fictional storytelling as well, is intimately related to, if not a function of, the impulse to moralize reality, that is, to identify it with the social system that is the source of any morality that we can imagine.” (White, 1980, p. 17-18, grifos do autor)

YouTube PMSC Oficial e as duas temporadas da *websérie Papa Mike SC* são produzidos. Abordarei na subseção seguinte a criação desses projetos, tendo como panorama para a discussão o tema da produção de memória institucional (Worcman, 2004), o trabalho policial de documentar (Medeiros, 2018) e as influências do neoliberalismo como forma de governo (Andrade, 2019; Medeiros, 2023) e das etopolíticas (Rose, 2001; 2017) no processo institucional de produzir memória, comunicação e propaganda.

1.2.1. Centro de Comunicação Social (CCS/PMSC) e o canal de *YouTube* PMSC Oficial

A sofisticação do trabalho de documentar a realidade policial se materializa na criação do CCS/PMSC, pois a partir daquele momento o trabalho de produzir uma memória institucional não estaria mais relegado a projetos isolados e agora seria parte de uma subdivisão da corporação³⁵. Esta subdivisão da PMSC é responsável pela produção de imagem da instituição, considerada “o principal canal de comunicação entre a instituição da Polícia Militar e a sociedade catarinense”, nas palavras de um comandante do centro em entrevista (Costa Neto, 2022, online). De acordo com o portal oficial da PMSC, o Centro de Comunicação Social da instituição

[...] foi criado em 6 de novembro de 2002 pelo então comandante-geral, coronel Sérgio Wallner. O CCS é um órgão de assessoria direta ao comando-geral. Atualmente o CCS cuida do cerimonial de toda a corporação, do atendimento e relacionamento com a imprensa, com autoridades civis e militares e para toda a sociedade catarinense. O CCS é responsável ainda pela Banda da Polícia Militar e do Museu Major Lara Ribas. (Costa Neto, 2022, online)

De acordo com o chefe de Estado-Maior-Geral durante a palestra de abertura da 2ª edição do curso de Comunicação Social da PMSC em 2023, “hoje as pessoas reconhecem a importância da Polícia Militar por meio da Comunicação Social, pois com ela conseguimos passar *ideias e sentimentos* à população, interagindo com informações de credibilidade para comunidade” (Costa Neto, 2023a, online, grifos meus). A fala do oficial explicita um objetivo político específico: fazer com que a população reconheça a importância da PMSC. As formas de obtenção de tal objetivo também são explícitas: compartilhamento de ideias e sentimentos

³⁵ Grande parte das discussões presentes nesta subseção do trabalho foram desenvolvidas no âmbito da disciplina “ANT510172 - Tópicos Especiais em Antropologia VII: Antropologia da moralidade e da ética”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) no semestre 2023.2 e ministrada pelos professores Bruno Reinhardt (PPGAS/UFSC) e Diogo Silva Corrêa (UUVV, EHESS).

por meio da disseminação de informações descritas como sendo “de credibilidade”.

Os objetivos políticos por trás de uma produção midiática – uma produção gerenciada por grandes empresas ou instituições políticas, isto é, mídias – são políticas de imagem (Belting, 2006). Essas políticas integram ideais e objetivos e precisam de um produto midiático vendável que as dissemine. Recuperando a discussão foucaultiana sobre neoliberalismo como forma de governo, trabalhamos com a concepção de governos e agentes estatais que passam a gerir o Estado aos moldes do gerenciamento de uma empresa privada e atendendo aos interesses de mercado. O objetivo político do CCS/PMSC – trazer mais reconhecimento para a corporação – é uma política de imagem que se espelha no modo de operar de grandes empresas: é uma face do neoliberalismo no estado de Santa Catarina. Em entrevista para uma matéria do PMSC Notícias, uma das policiais que foi aluna da 2ª edição do curso de Comunicação Social da PMSC, durante a cerimônia de formatura, diz:

durante os dias em que estivemos nas condições de alunos tivemos o olhar voltado para a Comunicação Social e entender que é muito essa função é muito além de tirar uma fotografia e escrever um texto, e sim, ter um bom relacionamento com os veículos de comunicação, cerimonial, relações públicas e divulgação institucional. [...] (Costa Neto, 2023b, online)

Conhecimento técnico, treinamento para desempenho de funções e equipamentos específicos fazem parte dessa formação de policiais para a comunicação social. Por essa razão, proponho aqui tomarmos tal subdivisão da PMSC como uma parte da instituição que trabalha com um tipo específico de tecnologia governamental baseada na (re)produção de narrativas, imagens e representações. Outro policial entrevistado na mesma cerimônia afirma que “[...] A capacitação dos policiais é de extrema importância para fazermos um trabalho mais técnico e adquirir novos meios de alavancar a imagem da nossa instituição para a sociedade catarinense.” (Costa Neto, 2023b, online). Frente a tal explicitação dos objetivos do CCS/PMSC, reitera-se a política de imagem da PMSC como uma tecnologia de governo.

Dentre as muitas frentes de atuação do CCS/PMSC, escolho, para este trabalho, investigar o canal de *YouTube* PMSC Oficial. Por meio desse canal, a corporação adentra um nicho específico de distribuição e arquivamento dos produtos audiovisuais feitos como divulgação e propaganda do trabalho policial. Compreendo que os canais da plataforma exercem papéis e funcionam de formas distintas ao mesmo tempo. Esse caráter ambivalente dos canais faz com que eles sejam perfis (pessoais, coletivos, de empresas ou institucionais), mas também portais individuais de comunicação e ao mesmo tempo arquivos de todas as produções feitas previamente. Ter um canal de *YouTube* é ter um perfil que te permite ser

sujeito na plataforma, pois possibilita curtir e comentar vídeos utilizando seu nome e foto de escolha. Ele também pode ser utilizado como um meio de veicular seus vídeos e demais comunicações. E, por fim, quando esses vídeos são veiculados eles ficam salvos (ou arquivadas) na plataforma, podendo ser organizadas em subgrupos de vídeos: as *playlists* [listas de reprodução]³⁶. Compreendo que o caráter representacional do Estado, evidente no PMSC Oficial, faz com este canal seja utilizado como um “veículo” e “arquivo” institucional.

O canal é um misto de situação narrativa e narrador, pois as narrativas ali são produzidas em uma dupla situação narrativa (Maluf, 1999): o contexto da gravação do vídeo e o contexto onde as pessoas assistem (o *layout* do *YouTube*). Desta forma, podemos pensar que o canal/narrador é um intérprete: ele interpreta uma série de indivíduos, acontecimentos e interações a partir de um ponto de vista. Ao mesmo tempo, a ideia de intérprete não é suficiente, pois aqueles que editam e postam os vídeos também são policiais, assim como aqueles na frente das câmeras, compartilhando valores e a ética policial e conformando a corporação (Duarte, 2012) e cujas discordâncias para com esta não podem estar presentes em seu trabalho (Knabben, 2018). Essa sinfonia de vozes que, de certa forma, dizem as mesmas coisas me levam a questionar os termos utilizados pela PMSC como uma instituição narradora: quais são as estratégias de autorrepresentação dentro desses espaços?

Tomando o canal como um “veículo”, é imprescindível discutir a qualidade dos conteúdos veiculados. Tomo o termo “qualidade” não como uma forma de julgamento artístico ou de requinte técnico, mas como uma forma de distinguir a produção de conteúdo de qualidade mais jornalística/informativa em oposição a produção de narrativas de entretenimento e espetáculo (“românticas”) – linguagens audiovisuais (Bernardet, 1986). Essa concepção direciona a análise para pensar mais diretamente os vídeos e a situação narrativa, o contexto de enunciação das narrativas, imagens e representações. Recorro às contribuições do campo da antropologia visual e das pesquisas etnográficas de documentos para discutir os canais de *YouTube* como “arquivos”. Parto das contribuições do antropólogo cingalês Christopher Pinney (1996) que escreve que

[...] a função do arquivo (por exemplo, um arquivo como o chamado “*The Royal Anthropological Institute Photographic Collection*”) é ocupar-se com a disciplina de suas imagens, dentro de uma visão política do mundo e de

³⁶ *Playlists*, ou listas de reprodução, são listas específicas de vídeos ou de músicas. Na plataforma *YouTube* elas podem ser criadas de algumas formas diferentes. Uma delas é um compilado de vídeos produzido pelo algoritmo a partir dos conteúdos que você consome, outra são *playlists* feitas manualmente pelos próprios administradores dos canais, que podem criar *playlists* de vídeos exclusivos do canal, como as presente no canal PMSC Oficial, ou com vídeos de diferentes canais, como *playlists* de músicas de diversos artistas.

seus povos baseada na linguagem. O arquivo funciona como uma vasta grade linguística, envolvendo o que seriam imagens voláteis dentro do que ele espera ser uma certeza que está se estruturando. Aprisionadas dentro da grade do arquivo, as imagens (graças a à teleologia do arquivo) tornam-se coisas em si mesmas auto-evidentes. A linguagem do arquivo, tendo preenchido o espaço em branco da fotografia, apaga a natureza indecisa da imagem. (p. 48, grifos meus)

Pinney (1996) se referia a arquivos de fotografias, as quais operam com sentidos desvinculados de palavras, todavia sua descrição desses arquivos é também certa para pensarmos os canais de *YouTube*. Os vídeos como produções audiovisuais carregam textos, narrativas, representações e moralidades próprias. A forma como esse vídeo é apreendido muda com o contexto que o cerca: a *thumbnail* (ou miniatura)³⁷, o título, a descrição e as informações de quantidade de curtidas e comentários. As mensagens e a forma com as apreendemos transformam-se também quando organizadas por ordem cronológica³⁸ dentro do canal ou de forma mais específica em *playlists*, de forma que preenchem os “espaços em branco” dos vídeos, ou pelo menos acrescentam mais camadas de cor. Na subseção seguinte apresentarei a construção da tapeçaria teórico-metodológica que resultou nos meios de produção da etnografia dos documentos estatais oficiais de caráter comunicacional e formato audiovisual publicados dentro desse canal de *YouTube*.

1.3. Metodologias e técnicas de pesquisa: etnografar o canal de *YouTube* da PMSC

Nesta seção apresentarei as metodologias e técnicas que compuseram a presente etnografia que a leitora acessa por meio deste texto³⁹. Para pensar em caminhos etnográficos

³⁷ *Thumbnails* são imagens que servem de “capas” para os vídeos, muitas vezes traduzidas como “miniaturas”. Elas são feitas e colocadas nos vídeos deliberadamente pelos donos dos canais. Quando um canal não faz ou escolhe uma imagem específica, a *thumbnail* é um quadro qualquer do vídeo. *Thumbnails* são usadas para chamar a atenção das pessoas que navegam pela plataforma de vídeos, sendo o primeiro contato dos internautas com um vídeo específico. Elas têm sido relacionadas a discussões sobre “*clickbait*” (isca de clique, em tradução livre), que seriam enunciados (*thumbnails*, títulos, manchetes, etc.) exagerados e/ou sensacionalistas que chama atenção, mas que não são fieis ao conteúdo do vídeo/texto que eles precedem. Compreendo que *thumbnails* e seu possível uso como *clickbait* estejam relacionadas às discussões sobre economia da atenção (Cesarino, 2021b; Pyl, 2024) e são importantes ferramentas nas disputas por atenção e opinião pública no meio digital.

³⁸ Cabe enfatizar que a organização cronológica do arquivo confere uma característica de organização dos eventos conforme são humanamente experienciados. Dependendo da frequência de publicação desses documentos/registros (nesse caso os vídeos), tal ordem de disposição pode contribuir na imagem de um arquivo sem lacunas, constante, que tudo registra enquanto pode e que é sem fim; ou seja, um arquivo “paratático e interminável” (White, 1980). Cabe destacar também que tal arquivo é capaz de gerar sentido para eventos documentos que o compõem, pois o simples fato de estarem registrados em tal local concedem-lhe qualidades específicas.

³⁹ Grande parte das discussões presentes nesta subseção do trabalho foram desenvolvidas no âmbito da disciplina “ANT410138 - Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação

que dessem conta de trabalhar com os documentos estatais oficiais de caráter comunicacional em formato audiovisual arquivados em ambiente digital, foi preciso buscar compreender em que medida as diversas narrativas documentais, que partem de agentes do Estado, agem no reforço ou desconstrução do controle estatal. Foi preciso se atentar e procurar analisar, da mesma forma que seria feito no estudo de outras formas de documento, suas grafias, estéticas, conteúdo, circulação e efeitos (Ferreira; Nadai, 2015). Entendo as etnografias virtual, audiovisual ou documental simplesmente como “etnografia”, o que significa tomá-las como um meio de produção de conhecimento a partir de trabalho empírico e teoria juntos. O que pode ser lido como novo são as formas como documentos, textos, fotografias, sons, vídeos, filmes e o universo virtual apresentam seus desafios específicos que complexificam os assuntos que estudamos na mesma medida em que esses artefatos complexificam a realidade em que nós e as pessoas com quem pesquisamos vivemos.

Para a realização de uma etnografia digital, as antropólogas brasileiras Débora K. Leitão e Laura G. Gomes (2016) apresentam três caminhos possíveis: o das perambulações, o dos acompanhamentos e o das imersões. As autoras comparam a pesquisa digital por perambulações aos estudos de antropologia urbana situados em espaços movimentados, nos quais a antropóloga etnógrafa em diálogo com o lugar, já que as pessoas com quem interage estão em constante movimento e raramente voltam a dialogar com a pesquisadora. A palavra-chave é efemeridade (Leitão; Gomes, 2016). Já o estudo por acompanhamento costuma focar em perfis específicos, no acompanhamento de como, quando e o que eles postam, assim como nas respostas que recebem em seções de comentários. As autoras enfatizam a utilidade desses mecanismos de pesquisa virtual no estudo em plataformas como o *Facebook*, na qual podemos destacar interações sociais localizadas e explorar o *continuum* entre as esferas *on* e *offline* (Leitão; Gomes, 2016). Já a imersão seria usada nos estudos de redes sociais em que as pessoas criam personas e interagem muitas vezes como se estivessem num vácuo social, pelo fato de que “[...] os ambientes imersivos impõem uma descontinuidade, puxando o usuário para dentro.” (Leitão; Gomes, 2016, p. 17)

Para começar a pesquisa, eu teria primeiro que acessar a rede social. Para tanto foi criada uma nova conta na plataforma da *Google*, um “*gmail*” novo que me dava acesso a uma versão “limpa” do *YouTube*, a qual não estava “contaminada” com uma década de informações sobre meus gostos pessoais, como era minha conta pessoal. Meu objetivo era ter

em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) no semestre 2023.1 e ministrada pela professora Alinne Bonetti (PPGAS/UFSC).

a experiência de alguém que entra na plataforma, assiste os vídeos do *Papa Mike SC* e, a partir deles, recebe um *feed* e sugestões personalizadas. Essas sugestões personalizadas de conteúdos similares e que se conectam com a série – ou com aquele tipo específico de conteúdo – é o que discutiremos mais a frente como “*ecossistemas de conteúdo*”. Para acessar o canal foi utilizada também uma aba anônima⁴⁰ do navegador *Google Chrome*.

Inspirada no trabalho das antropólogas brasileiras Maria Luiza Scheren *et al* (2024), a partir de sua aplicação de métodos mistos em pesquisas de antropologia digital, e com o objetivo de pensar outros caminhos de pesquisa que utilizem tanto de métodos qualitativos, como quantitativos; foi construída uma metodologia de pesquisa dividida em quatro etapas, nas quais trago técnicas quantitativas e qualitativas em meu trabalho etnográfico com o canal de *YouTube* PMSC Oficial. Na primeira etapa apliquei o método de documentação estatística por evidência concreta (Malinowski, 1984), o qual propõe a organização dos dados etnográficos por meio de modelos estatísticos, como um caminho um caminho especialmente frutífero para trabalhos etnográficos documentais e digitais. Como apologia ao uso da organização estatística dos dados, elaboro argumentos para evidenciar como o método pode ser útil em dois momentos da pesquisa: na construção da “aldeia-arquivo” (Carrara, 1998) em etnografias de documento e na elaboração de um arquivo de pesquisa com distintas formas de representação da realidade estudada.

Na segunda etapa foi realizado um trabalho de “etnografia de tela” (Rial, 2004), uma forma de experienciar os vídeos de forma sensível, atenta as minhas reações, respostas emocionais e opiniões iniciais. Era um momento de estranhamento, a partir do qual poderia ser feita a familiarização. Na terceira etapa foi feito o trabalho de descrição e análise dos vídeos, de forma a explicitar como as contribuições da etnografia de documentos, antropologia digital, antropologia das narrativas e estudos do audiovisual possibilitam a realização de um trabalho etnográfico que toma vídeos como interlocução. A partir das práticas e discursos dos policiais na tela e da linguagem audiovisual foi feita uma descrição densa do conteúdo dos vídeos da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC*. Por fim, na quarta etapa, foi realizada a análise dos elementos extra-vídeo: comentários, vídeos e canais recomendados, anúncios, *thumbnails* e elementos escritos dos vídeos.

⁴⁰ O modo de navegação anônima do Google Chrome, as “abas anônimas” ou “janelas privadas”, possibilita que a usuária navegue pela internet sem que o histórico, *cookies* e dados de formulários sejam salvos no dispositivo. De acordo com a plataforma de Ajuda do Google Chrome “Ao usar o modo de navegação anônima, seus dados de atividades não são salvos no seu dispositivo nem em Contas do Google a que você não está conectado. Você pode usar o modo de navegação anônima para comprar um presente de aniversário para um membro da família com quem você compartilha o dispositivo, por exemplo.” (Como..., s. d., online)

1.3.1. Documentação estatística por evidência concreta: um primeiro contato

“Manter um arquivo é empenhar-se na experiência controlada”, escreveu o sociólogo estadunidense Charles Wright-Mills (1982, p. 213) em defesa da construção de um arquivo pessoal de pesquisador e estudante. O primeiro passo na elaboração do arranjo teórico-metodológico se deu ao redor da questão: como registrar os dados do campo? Como organizar o meu arquivo de pesquisadora? Como produzir um material de análise etnográfica que não fosse apenas o diário de campo (Weber, 2009)? Com o enquadramento teórico que possibilitou tomar os vídeos como documentos estatais e com o problema construído, esses questionamentos ganharam novas proporções ao me deparar com um canal que contava com mais de 500 vídeos e dezenas de horas de conteúdo – um trambolho arquivístico. Como eu poderia acessar todo esse material em um nível superficial a ponto de saber com quais vídeos eu deveria trabalhar em minha pesquisa? Pela grande quantidade de vídeos presentes no canal, me virei para o método de documentação estatística por evidência concreta, proposto pelo antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1984) na introdução de seu livro “Argonautas do Pacífico Ocidental”, no qual o autor defende que há de ser feito um estudo prévio do campo e também abre a possibilidade de realizar o registro de acontecimentos específicos conforme eles se repetem, para que seja possível, ao final do campo, construir tabelas e gráficos que representam visualmente a frequência desses episódios da vida cotidiana. O autor escreve:

Resumindo aqui a primeira e principal questão metodológica, posso dizer que cada fenômeno deve ser estudado a partir do maior número possível de suas manifestações concretas: cada um deve ser estudado através de um levantamento exaustivo de exemplos detalhados. Quando possível, os resultados obtidos através dessa análise devem ser dispostos na forma de um quadro sinótico, o qual então será utilizado como instrumento de estudos e apresentado como documento etnológico. Por meio de documentos como esse e através do estudo de fatos concretos, é possível apresentar um esboço claro e minucioso da estrutura da cultura nativa, em seu sentido mais lato, e da sua constituição social. Esse método pode chamar-se método de documentação estatística por evidência concreta. (Malinowski, 1984, p. 27)

Empreguei do método de Malinowski (1984) em diálogo com a ideia de construção estatística dos dados em pesquisas de Ciências Sociais (Barbetta, 2019), construindo planilhas eletrônicas com as variáveis que foram julgadas como relevantes para compreensão do campo como um todo ou do objeto de forma mais localizada. Para tratar inicialmente dos mais de 500 vídeos, construí uma planilha com as variáveis: data de publicação do vídeo, título do vídeo, descrição do vídeo (texto que se localiza embaixo da tela de reprodução), *link* para

thumbnail (a foto usada de capa do vídeo, quando existente), *tags* (palavras-chave, quando existentes), duração do vídeo, quantidade de comentários, quantidade de curtidas, quantidade de visualizações, data de acesso e *link* para o vídeo (**Figura 3**).

Figura 3 - Últimas linhas da planilha digital do canal PMSC Oficial (2012-2023)

1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
	Publicação (a-m-d)	Título	Descrição	Link para Thumbnail	Tags	Duração (mins)	Views	Likes	Comentários	Data de acesso
496	2023-05-17	Homenagem aos Policiais Militares tombados	Jamais sejam p...	https://ytimg.com/vi/8a8F...	None	00:47	662	66	4	12/03/2024
497	2023-05-19	Concurso da PMSC - Inscrições abertas	O concurso par...	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Concurso', 'Polici...	00:28	36106	2000	105	12/03/2024
498	2023-05-19	Comandante-geral fala sobre a abertura do co	As inscrições p...	https://ytimg.com/vi/mC...	None	00:37	1989	134	13	12/03/2024
499	2023-05-23	TEA - Transforno do Espectro Autista e a Polici	Orientações sob...	https://ytimg.com/vi/0m9g...	None	06:16	3331	211	12	12/03/2024
500	2023-05-24	Escola mais Segura - Policial da Reserva, ven	A partir de agor...	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Polícia Militar', 'Polici...	00:15	18223	833	25	12/03/2024
501	2023-05-26	PMSC celebrou seus 108 anos com muita ale	No mês que cor...	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Polícia Militar', 'Polici...	01:04	624	62	5	12/03/2024
502	2023-06-06	A Saga do Silve na PMSC - Inscrição no conc	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Concurso', 'Polici...	00:33	935	86	0	12/03/2024
503	2023-06-08	A Saga do Silve na PMSC - Alguns requisitos	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Concurso', 'Polici...	00:56	1709	144	0	12/03/2024
504	2023-06-22	A Saga do Silve na PMSC - Treinando para a	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Corrida', 'Conc...	00:20	1839	101	1	12/03/2024
505	2023-07-04	Livro Abertura do Curso CSPM e CAO		https://ytimg.com/vi/0m9g...	None	28:20	814	53	2	12/03/2024
506	2023-07-07	A Saga do Silve na PMSC - Estudos	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Polícia Militar', 'Polici...	00:26	2839	218	4	12/03/2024
507	2023-07-19	A Saga do Silve na PMSC - Treinando para o	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['PMSC', 'Polícia', 'Polici...	00:19	2498	143	2	12/03/2024
508	2023-08-02	A Saga do Silve na PMSC - Datas das Provas	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['Concurso', 'ConcursoP...	00:33	1756	116	5	12/03/2024
509	2023-08-03	Fiat 147 - PMSC (motora Sd ref Pedro)	Viatura da PMS	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['Fiat147', 'Viatura', 'Polici...	00:21	1270	105	3	12/03/2024
510	2023-08-07	Lei Maria da Penha - 17 anos. Rede Catarina	A Lei Maria da P	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['LeiMariaDaPenha', 'Re...	00:40	434	46	0	12/03/2024
511	2023-08-09	O Plano Catarinense - em 360º	A banda da Polici	https://ytimg.com/vi/0m9g...	None	30:34	639	69	4	12/03/2024
512	2023-08-11	A Saga do Silve na PMSC - Dicas do que leva	Esse é o Silve,	https://ytimg.com/vi/0m9g...	['Concurso', 'ConcursoP...	00:47	2524	189	1	12/03/2024
513	2023-08-13	Homenagem ao Dia dos Pais - PMSC	Uma homenagem	https://ytimg.com/vi/0m9g...	None	03:47	967	108	8	12/03/2024

Fonte: captura de tela da planilha feita pela autora de planilha desenvolvida pela mesma a partir do canal de *YouTube* PMSC Oficial⁴¹.

Esse método, no primeiro momento da pesquisa, se mostrou muito frutífero para o trabalho com documentos, arquivos, redes sociais e *sites* em geral – além de ser uma ferramenta valiosa na construção do arquivo da pesquisadora. Essa primeira planilha monstruosa demandou muito trabalho de abrir e conferir essas informações de cada vídeo. Todavia, o tempo gasto em construí-la foi muito menor do que o tempo de assistir pela primeira vez todos os vídeos na íntegra. A partir desse trabalho, pôde-se construir uma primeira linha do tempo do canal, conseguindo visualizar as mudanças nos tipos de vídeo que eles postaram, a qualidade de imagem, a quantidade e edição nas *thumbnails* e os diferentes formatos de publicação (vídeos comuns, *lives* e *shorts*). Conheceremos um pouco mais sobre essas particulares do canal no segundo capítulo. Essa planilha também se tornou o banco de dados central para o acesso ao material da pesquisa.

Mais do que agilizar a vida da pesquisadora, entendo que o maior benefício em ter construído a documentação estatística de todo o canal é o fato da planilha ser uma representação visual do universo arquivístico que me forneceu uma visão panorâmica do arquivo e facilitou o processo de recorte e construção de minha aldeia-arquivo (Carrara, 1998). O antropólogo brasileiro Sérgio Carrara (1998), parafraseando Geertz, desenvolve o

⁴¹ Agradeço cientista da computação brasileira Adaine Trombeta pelo auxílio na elaboração da planilha a partir do suporte dado no processo de organização estatística dos dados.

conceito de “aldeias-arquivo” muito influenciado pela noção de que nós, como antropólogas, não estudamos as aldeias, mas sim estudamos nas aldeias. Estudamos temas variados em meio aos documentos e assim chegamos a conhecer os próprios arquivos e sua natureza. Um tema que surge a partir disso é a política do arquivo, as instituições e as relações de poder ao redor da elaboração e publicação de documentos. O que fica oculto? O que fica em silêncio? Quais as múltiplas vozes presentes na narrativa documental?

Comparando-o a aldeias, Carrara (1998) propõe que, no arquivo mais amplo que acessamos, precisamos escolher, a partir de um conhecimento geral do todo, qual o recorte desse artefato usaremos para discutir nosso objeto de pesquisa. Esse processo de recorte do arquivo a partir de um estudo inicial é o que o autor entende pela construção de uma “aldeia-arquivo”. Argumento que a aplicação do método de documentação estatística por evidência concreta em pesquisas documentais possibilita alcançar essa compreensão mais ampla do arquivo e abre caminhos para a seleção daqueles documentos que farão parte de nossa análise etnográfica. No caso do PMSC Oficial, o trabalho de documentação estatística das múltiplas variáveis dos vídeos evidenciou um esforço constante do canal de agir na perpetuação da “história” e da “realidade” da PMSC, assim como apontou para um maior sucesso das produções que traziam trechos do trabalho de patrulhamento e abordagem policial. Tal interesse do público por imagens de abordagens policiais atinge seu ápice na *websérie Papa Mike SC*, seriado antológico composto de vários segmentos com diferentes abordagens policiais e policiamento ostensivo, a partir da qual construí minha aldeia-arquivo.

Para além da empreitada teórica-metodológica, a aplicação do método e da construção de um arquivo digital que organiza os dados dos arquivos da pesquisa – nossas “alteridades de papel”, ou alteridades digitais – também facilita a construção de planilhas menores que concentram diferentes temas na pesquisa ou compõem aldeias-arquivo novas para pesquisas futuras. Para esta pesquisa de mestrado desenvolvi três planilhas secundárias: a) uma com os vídeos da *websérie Papa Mike SC*, a qual observei ser 2ª de maior popularidade na plataforma (**Figura 4**); b) uma com os vídeos que falam da história da PMSC, com o objetivo de construir uma linha do tempo mais ampla da corporação e; c) uma com outros vídeos que podem ser interessantes para a discussão – por exemplo, o tema de câmeras corporais aparece como central nos vídeos do *Papa Mike SC*, então localizei outros vídeos que também falam sobre a implementação dessa tecnologia de segurança e acrescentei a essa planilha.

Figura 4 - Planilha digital da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019) no canal PMSC Oficial

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
	Publicação (a-n)	Episódio	Temp	Título	Descrição	Link para Thumbnail	Tags	Duração (min:s)	Views	Likes	Comentários	Data de acesso	Link do Vídeo
1	2019-03-08	01x01	1*	PAPA MIKE SANTA CATARI	Policimento	https://tinyurl.com/...	'polícia', 'militar'	45:30	8438575	132000	4468	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
2	2019-03-15	01x02		PAPA MIKE SANTA CATARI		https://tinyurl.com/...	None	26:41	1363726	26159	1024	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
3	2019-03-21	01x03		PAPA MIKE SANTA CATARI		https://tinyurl.com/...	None	21:05	260521	10453	296	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
4	2019-03-28	01x04		PAPA MIKE SANTA CATARI		https://tinyurl.com/...	None	19:27	501774	24000	669	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
5	2019-04-04	01x05		PAPA MIKE SANTA CATARI	PAPA MIKE S	https://tinyurl.com/...	None	19:34	309870	14000	517	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
6	2019-04-11	01x06		PAPA MIKE SANTA CATARI		https://tinyurl.com/...	None	20:05	286725	11084	249	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
7	2019-04-18	01x07		PAPA MIKE SANTA CATARI	Oitavo episó	https://tinyurl.com/...	'police', 'polícia'	25:25	336925	12864	601	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
8	2019-04-26	01x08		PAPA MIKE SANTA CATARI	Oitavo episó	https://tinyurl.com/...	None	18:03	134752	8545	350	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
9	2019-05-02	01x09		PAPA MIKE SANTA CATARI		https://tinyurl.com/...	None	18:48	115405	5900	240	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
10	2019-05-09	01x10		PAPA MIKE SANTA CATARI	Décimo episó	https://tinyurl.com/...	'police', 'patrol'	18:35	143048	7100	191	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
11	2019-05-16	01x11		PAPA MIKE SANTA CATARI	Décimo prim	https://tinyurl.com/...	'papa mike', 'pr	18:46	145272	7703	244	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
12	2019-05-23	01x12		POLICIAMENTO EM CRICI	O 12º episód	https://tinyurl.com/...	None	21:26	380504	10343	251	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
13	2019-05-31	01x13		POLICIAMENTO EM PALHO	O 13º episód	https://tinyurl.com/...	None	19:07	200619	9400	249	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
14	2019-06-06	01x14		POLICIAMENTO EM LAGES	O 14º episód	https://tinyurl.com/...	None	19:14	66203	4000	134	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
15	2019-06-13	01x15		CAVALARIA PMSC DIA DE	O 15º episód	https://tinyurl.com/...	'Cavalaria', 'Avi	10:06	46091	3544	106	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
16	2019-06-20	01x16		POLICIAMENTO EM JOINV		https://tinyurl.com/...	None	10:21	381928	16657	613	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...
17	2019-06-28	01x17		REVEJA AS MELHORES O		https://tinyurl.com/...	None	58:58	1926469	24830	558	29/02/2024	https://www.youtube.com/watch?v=...

Fonte: captura de tela feita pela autora de planilha desenvolvida pela mesma a partir da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Compreendendo a etnografia não como um metodologia, mas sim como uma refinada tapeçaria de métodos, técnicas e teorias que produzem um tipo de conhecimento ancorado nas experiências do micro – do particular (Cesarino, 2014) –, reitero que a mesma não pode ser limitada ao uso de uma metodologia única – como a observação participante –, de forma que a aplicação do método de documentação estatística por evidência concreta (Malinowski, 1984) em pesquisas documentais e digitais não deve ser tomada como a “resposta” para pesquisas nesses campos. Espero ter explicitado nesta primeira seção que o método produz um arquivo organizado a partir de uma lógica que otimiza o trabalho analítico da pesquisadora e facilita o acesso ao material, o estudo e a construção de nossas aldeias-arquivo (Carrara, 1998). Como uma última apologia ao uso do método, recorro, mais uma vez, as palavras de Wright-Mills (1982, p. 215) quando escreve: “o primeiro passo na tradução da experiência, seja a dos escritos de outros homens, ou de nossa própria vida, na esfera intelectual, é dar-lhe forma.”

1.3.2. A experiência intersubjetiva: assistir os vídeos pela primeira vez

O cinema entra na sua vida com um dos elementos que compõem a sua relação com o mundo, o cinema não determina completamente essa relação. Além disso, contrariamente a muitas teses, diante do cinema, o espectador não é necessariamente passivo. Há formas de relação que não usam necessariamente a linguagem relacional e crítica dos cientistas. No ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivências, inquietações, aspirações, etc. Quem costuma discutir filmes em cineclubes já terá percebido até que ponto um filme pode transformar-se no ato de recepção pelos espectadores. (Bernardet, 1987, p. 80)

Ao transicionar da esfera metódica e, muitas vezes, fria dos arquivos e planilhas digitais para o campo dos materiais audiovisuais, o que se sobressaiu em minha percepção foram os sentimentos e atravessamentos intersubjetivos pelos quais passei. Com o *Papa Mike SC* selecionado como aldeia-arquivo, baixei [*downloaded*] todos os vídeos na melhor qualidade de imagem disponível para meu computador pessoal e os subi [*uploaded*] em uma nuvem. O mesmo foi feito com as imagens de *thumbnail*. Ao documentar estatisticamente os vídeos do canal eu já começara a alimentar um diário de campo com as minhas impressões e informações sobre o universo pesquisado, porém foi a partir do momento em que eu assistia os vídeos que o diário começou a receber descrições mais amplas e impressões mais pessoais.

O processo de assistir os vídeos misturava uma ânsia para entender o que acontecia ali e, ao mesmo tempo, sentir as emoções que me atravessavam ao passar pela experiência de estar lá como uma espectadora do *Papa Mike SC*. O que eu senti? O que comentaria? O que ficou na cabeça? Todas essas perguntas iam sendo respondidas no diário. O processo de assistir os vídeos partiu, antes de tudo, como um esforço em me posicionar no campo como uma *etnógrafa espectadora*, em um estudo sobre o universo do audiovisual, do *YouTube*, do canal e da PMSC. Para tanto, enquadrei o PMSC Oficial como uma mídia e busquei a relação entre mídia e imagem. Tomando as imagens a sério como textos e as examinando com o mesmo rigor que fazemos com textos escritos (MacDougall, 2009), considerando não apenas a imagem em si, mas toda a trajetória de sua produção e circulação. O historiador da arte alemão Hans Belting (2006) defende o estudo das imagens por meio de uma iconologia atenta ao passado e ao presente de tais imagens e que não se limita ao estudo da arte. Para o autor, uma distinção entre estudo da imagem e estudo da arte é necessária para que a iconologia possa agir na compreensão da produção de uma mídia de massa. Ainda segundo o autor,

nesta abordagem, representações internas e externas, ou imagens mentais e físicas, devem ser consideradas como dois lados de uma mesma moeda. A ambivalência das imagens endógenas e imagens exógenas, que interagem em vários níveis diferentes, é inerente à prática da imagem da humanidade. (Belting, 2006, p. 35)

Para Belting (2006), uma mídia não se define como uma materialização da imagem, mas sim como um meio de veiculação de imagens que as enquadram de uma maneira específica e age como uma segunda voz concomitante àquela da imagem. As mídias

[...] utilizam técnicas simbólicas através das quais transmitem imagens e as imprimem na memória coletiva. A política das imagens reside na sua medialidade, pois a medialidade é, geralmente, controlada por instituições e serve a interesses do poder político (mesmo quando ela, assim como a

experimentamos hoje, esconda-se atrás de uma transmissão aparentemente anônima). A política das imagens necessita de uma mídia para transformar uma imagem e uma figura (*picture*). (Belting, 2006, p. 37, grifos do autor)

Portanto, a caracterização do PMSC Oficial como uma mídia oficial do Estado em Santa Catarina explicita que sua produção e veiculação de vídeos e outras imagens está atrelada a interesses políticos específicos; isto é, a uma política de imagem. Desta forma, encontro-me frente a uma pesquisa com uma alteridade e plataforma imensamente popular, afinal, quem nunca viu um vídeo no *YouTube*? Eu mesma tenho uma relação muito próxima com a plataforma. De acordo com as estatísticas de uso de meu aparelho celular, é o segundo aplicativo que eu mais acesso, atrás apenas do *Instagram*⁴², e é o aplicativo em que eu mais gasto dados móveis de *internet*. Grande parte de meu trabalho em campo, portanto, envolveu um processo de exotizar muitas coisas na plataforma que pra mim são familiares.

Uma variável do campo que precisava ser levada em consideração era a forma como seu algoritmo cria interfaces personalizadas para cada usuário a partir dos canais e conteúdos que são acessados, ou consumidos. O mesmo influencia os comerciais que aparecem antes, durante e depois de cada vídeo monetizado, isto é, vídeo apto a gerar pagamentos ao criador dependendo da quantidade de visualizações. Como parte de meu interesse era no *ecossistema de conteúdos* que se apresentava na medida em que alguém consumia os vídeos do PMSC Oficial, sabia que eu não poderia acessar o canal pelo meu *gmail* pessoal, pois isso faria com que os comerciais e demais conteúdos que aparecessem para mim fossem moldados a partir de meus gostos pessoais e não pelo meu interesse em produções policiais. A saída foi criar um *gmail* novo e acessar os vídeos com uma “aba anônima”, o que fez com que o acesso da *websérie Papa Mike SC* e de todo o ambiente a minha volta fosse composto por materiais que se assemelhavam com ela e com os interesses do públicos que costumam acessar esses vídeos.

Eu então “copiava” e “colava” os links importados da planilha eletrônica e assistia o vídeo duas vezes. A primeira vez eu abria o vídeo em tela cheia, configurava a imagem para *full HD (High Definition, ou alta definição)*⁴³, colocava meus fones de ouvido com isolamento

⁴² *Instagram* é uma rede social criada no ano de 2010 cujo objetivo inicial era ser uma plataforma de compartilhamento de fotos com pessoas próximas: “Quando foi lançado em 2010, o Instagram era um fluxo único de fotos em ordem cronológica. Porém, conforme mais pessoas começaram a usar o app, uma quantidade maior de conteúdo passou a ser compartilhada.” (Mosseri, 2021, online), explica a matéria oficial da empresa. Em 2012 a plataforma foi comprada pelo *Chief Executive Officer* [Diretor Executivo] (CEO) do *Facebook*, que na época era a rede social mais usada no mundo (G1, 2012). O conglomerado tecnológico responsável pelo *Instagram* e pelo *Facebook* também comprou o aplicativo de mensagens *WhatsApp* em 2014 (Reuters, 2014) e, em 2021, a *big tech* que antes carregava o nome de *Facebook* é renomeada *Meta* (G1, 2021).

⁴³ Alta definição diz respeito a resolução da imagem, isto é, “[...] a capacidade de mostrar nitidamente detalhes finos” (Kubrusly, 1991, p. 26): quanto maior a resolução, mais detalhes é possível identificar.

acústico – os quais constavam no orçamento de equipamento técnico para desenvolvimento da pesquisa – e “dava *play*”, ou ligava o vídeo. Essa primeira vez em contato com o produto audiovisual, a qual gerava um significado ímpar e relacional entre o que eu assistia e minhas vivências é o que chamo nesta subseção da experiência intersubjetiva. Eu assistia sem pausas, com um caderninho do lado, anotando muito brevemente coisas que me chamavam atenção. Assim que eu terminava, abria o diário de campo em meu computador e escrevia tudo que havia sentido, o que eu tinha pensado, os momentos que me chamaram atenção, algumas primeiras hipóteses e tudo que viesse da experiência subjetiva de assistir um episódio de série.

É a partir do momento em que o “estar em campo” da pesquisa se torna o processo de “assistir vídeos” que recorro as contribuições dos estudos de Antropologia e mídias (Rial, 2004; Calzado, 2015; Calzado; Irisarri, 2022; Rocha *et al*, 2023; Oliveira, 2024). A antropóloga brasileira Carmen Rial (2004) explica que as Ciências Sociais buscou estudar as mídias por muito tempo sob uma perspectiva “diabolizante”, a qual posicionava a televisão como um mal empregado pelas classes dominantes unicamente para subjugar mulheres, pessoas pobres, homossexuais e demais camadas vulnerabilizadas da população. Essa visão teria origens marxistas que caracterizam as mídias como o “ócio do povo” e a atrelam as discussões sobre ideologia. Buscando evitar essa armadilha epistemológica de vilanizar o meu campo, seria preciso passar por um processo clássico na Antropologia: exercitar o relativismo cultural (Boas, 2004) e me familiarizar com aquela mídia ao passo que estranhava minhas próprias crenças sobre televisão, *YouTube* e polícia.

O processo de assistir os vídeos pela primeira vez exigia uma postura ética de abertura às estratégias narrativas do *Papa Mike SC*. Em determinados momentos a música não-diegética, o movimento frenético da câmera e o tom de voz exacerbado dos policiais poderia provocar uma aflição e ansiedade na espectadora. Eu deveria estar aberta a essa aflição, me entregando ao material, ao invés de colocar meus óculos de analista e criticar o material de forma cética. Posicionar-me como alguém disposta a ser afetada pela obra e assumir que em momentos de tensão eu me entregava às crenças e ideais da PMSC – celebrando uma apreensão de drogas laboriosa ou uma prisão após uma longa perseguição –, ainda que previamente essas ideias fossem contraditórias aos meus valores e crenças, foi importante para que eu não caísse no “efeito terceira pessoa”, muito comum nos estudos de mídia. Quanto a esse efeito,

Pesquisas sobre a TV mostram que os interlocutores costumam dizer que a TV tem efeitos perversos. Quando perguntados se eles mesmos sofrem com

esta influência negativa, tendem a responder negativamente, mantendo porém que com os outros (terceira pessoa) isso ocorre. (Rial, 2004, p. 2, nota de rodapé 3)

Partindo desta experiência sensível, seguia para a segunda visualização do vídeo, na qual eu já conhecia o enredo, os locais das ações e poderia iniciar para uma discussão sobre o contexto ao redor da narrativa. Tomei como base para a elaboração desse arranjo teórico-metodológico os trabalhos de etnografia de tela (Rial, 2004; Rocha *et al*, 2023; Oliveira, 2024). Ao descrever esse método, Rial (2004, p. 15) escreve:

A análise do discurso é utilizada nas etnografias de tela, mas estas, partindo do método etnográfico, buscam ir além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem. Neste sentido, os antropólogos estariam mais propensos a captar os contextos dos textos da mídia. A etnografia, mais do que qualquer outro método, apresenta a capacidade de revelar os "espaços sociais" da televisão, a etnografia (de tela ou de audiência) sendo assumida aqui como uma prática de trabalho de campo, fundada em uma prática de coleta e análise de dados extensa e longa, que permite aos pesquisadores atingirem um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade.

[...] As etnografias de tela vão além do texto buscando inseri-lo num contexto mais amplo, importante de ser destacado especialmente em coberturas onde intervenções externas são determinantes do formato do que é transmitido, como é o caso da cobertura onde há censura e que são cada vez mais frequentes.

1.3.3. Descrição etnográfica dos vídeos: Antropologia e audiovisual

A terceira e a quarta etapa da pesquisa concentram-se ao redor da descrição etnográfica do conteúdo e de seu contexto de exibição. A segunda vez que eu assistia os vídeos era um processo muito mais laborioso e a parte do trabalho que mais tomou tempo. Explicando da forma mais crua possível, eu assistia o vídeo de cinco em cinco segundos, pausando e anotando tudo que acontecia: sons, imagens, movimento da câmera, o que aparecia, quantos policiais estavam na cena, se tinham efeitos sonoros ou visuais, se dava para entender o que as pessoas falavam, se eu achava os quadros bonitos ou os planos elaborados, escrevia quais mídias eu me lembrava ao ver o vídeo atrás de possíveis referências, etc.

A grande inspiração para a realização do campo desta maneira, de forma a trabalhar tanto com o conteúdo audiovisual, como com os detalhes da montagem, são as etnografias “clássicas” de antropólogos como Malinowski (1984) preocupado com os imponderáveis da vida cotidiana que só poderiam ser apreendidos a partir da observação participante. Parti

também da ideia da “descrição densa” como proposta por Geertz (2008), a qual diz respeito a um trabalho de escrita descritivo-interpretativa minuciosa, capaz de diferenciar comportamentos, gestos e falas que parecem idênticos aos olhos e ouvidos casuais, mas que uma antropóloga inserida no campo consegue diferenciar após experienciar essas interações repetidas vezes. Ao propor uma descrição densa do audiovisual da PMSC, buscava ser capaz diferenciar um patrulhamento de uma ronda, de uma abordagem, de todas as outras diferentes ações policiais nas ruas; assim com as diferentes formas de narrar e filmar essas ações.

Em meio a esse trabalho de descrição densa eu chegava a levar dias de trabalho, dependendo do vídeo e de minha rotina, e aos poucos se tornava explícito que o esforço descritivo não poderia se orientar apenas pela Antropologia clássica que desenvolveu seus métodos e técnicas a partir de um trabalho de campo de corpo presente em frente a pessoas de carne e osso. Era necessário um trabalho de análise de imagem⁴⁴. A antropóloga brasileira Sylvia Caiuby Novaes (2008, p. 456) escreve que “[...] imagens não reproduzem o real, elas o representam ou o reapresentam.” Portanto, o trabalho a partir do material audiovisual precisou trazer o mesmo rigor do trabalho com documentos e exigiu atenção para as diversas formas como o conteúdo e as mensagens são passadas nesses meios: falas, iluminação, movimento de câmera, sons do ambiente, edição, etc. Foi preciso analisar as narrativas presentes, através da compreensão de quais categorias locais são utilizadas pelos militares e quais as correlações construídas nesses vídeos (Becker, 2008). A cineasta ucraniana Maya Deren (2012, p. 137), ao falar sobre fotografia e cinema e a relação desses meios com a realidade, escreve que

[...] a realidade é antes filtrada pela seletividade de interesses individuais e modificada pela percepção prejudicial para tornar-se experiência; ela é, assim, combinada a experiências similares, contrastantes e modificadoras, tanto esquecidas como lembradas, para se assimilar a uma imagem conceitual; esta, por sua vez, é sujeita às manipulações da ferramenta artística; e o que finalmente emerge é uma imagem plástica que é, por direito próprio, uma realidade.

Todavia, a afirmação de que a produção audiovisual cria uma realidade própria não parece suficiente quando queremos trabalhar com inferências sobre um tema para além do universo cinematográfico ou *online*. Foi necessário se adaptar às linguagens audiovisuais para que, a partir delas, fosse feito um trabalho além da interpretação do conteúdo, capaz de acessar os meios de produção do vídeo e, por meio dele, conhecer mais do trabalho feito pelos

⁴⁴ Grande parte das discussões presentes nesta subseção do trabalho foram desenvolvidas no âmbito da disciplina “ANT3132004 - Antropologia Visual”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) no semestre 2023.2 e ministrada pelo professor Rafael Victorino Devos (PPGAS/UFSC).

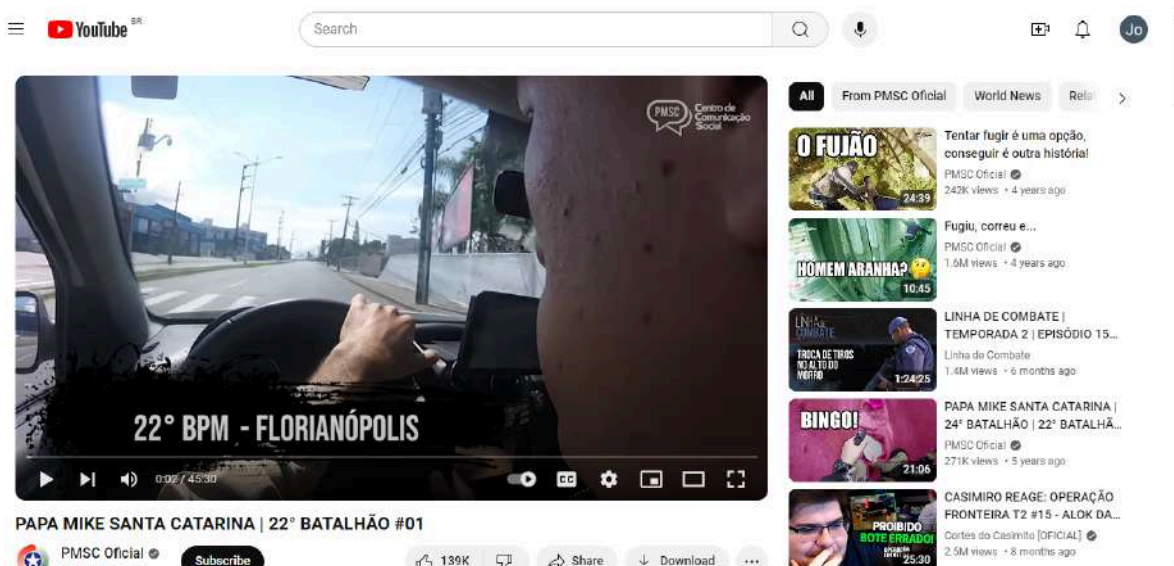
agentes do Estado. Deren (2012) argumenta que a fotografia possui uma realidade própria, ao passo que também é composta por um nível de equivalência à realidade registrada. Nesse panorama me atentei às três faces: a “realidade” vivida do policial em campo, o processo de criação do produto audiovisual e o resultado do vídeo. Desta forma, para pensar a produção de imagens, representações e narrativas nos vídeos veiculados no PMSC Oficial, foi preciso indagar acerca de quais elementos compõem o real experienciado pelos policiais em cena e quais são fruto de ações deliberadas de montagem, edição, enquadramento, som, etc; isto é, precisamos questionar quais são os elementos que criam esse “acidente controlado” da fotografia. Quais acontecimentos da realidade são capturados em câmera e transformados no processo narrativo e cinematográfico em representações (pretensamente amorais ou explicitamente moralizantes) do universo policial?

No diário de campo cada episódio era registrado começando por um cabeçalho que informava a data e o local de onde eu escrevia, seguido de um segundo cabeçalho contendo as informações do episódio a ser analisado: título, duração, data de publicação, quantidade de segmentos, quantidade de visualizações no momento da documentação estatística e quantidade de visualizações no momento da descrição densa. Em seguida era feita uma breve análise imagética da *thumbnail*, eram registrados as impressões sobre os vídeos sugeridos na lateral direita da interface da página do *YouTube* e descritas as minhas primeiras impressões do vídeo após assistir pela primeira vez. Segue abaixo um exemplo dos dois cabeçalhos extraídos do registro do primeiro episódio da série, seguido de uma figura na qual podemos ver o *layout* da página e explicita o que quero dizer com “vídeos na lateral direita” (**Figura 5**).

04/06/2024 - Terça-feira, Florianópolis, casa.

- *01x01 - PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22º BATALHÃO #01*
 - 45min30s, publicado em 08 de março de 2019, 7 segmentos.
 - Views no registro (29/02/2024) 8.438.575 X (04/06/2024) 9.493.953. (trecho do diário de campo, grifos no original)

Figura 5 - Interface de uma página de exibição de vídeo do YouTube tocando o episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22° BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x01 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Após os comentários gerais sobre o episódio eu começava a assistir pela segunda vez. Como a primeira temporada segue uma estrutura segmental na maioria de seus episódios, isto é, um único vídeo contava diversas histórias divididas por vinhetas; um terceiro cabeçalho era feito para introduzir cada segmento, no qual eu indicava o número do episódio, o número do segmento, as minutagens de quando o segmento começa e termina no vídeo, o local em que se passa (cidade e, quando possível identificar, bairro), a sonoridade diegética e não-diegética e uma breve descrição da ação policial. Segue abaixo um exemplo do cabeçalho do segmento 1 do episódio 01x01 (primeira temporada, primeiro episódio).

- *01x01 - Segmento 1 (00:00-05:16)*
 - Local: Capoeiras, Florianópolis.
 - Sonoridade: Aceleração de carro, rádio do carro, barulhos do trânsito, alerta do carro (diegético) e música tensa de tambor que vai aumentando (não-diegético).
 - Ação: Busca por um veículo e por 2 suspeitos, prisão e apreensão. (trecho do diário de campo, grifos no original)

Ao longo da descrição dos vídeos foram feitas capturas de tela e tecidos comentários em diálogo com a literatura estudada para a pesquisa. Outra variável registrada durante o trabalho foi a quantidade de cortes na edição de cada vídeo. Após terminar as descrições, a

planilha digital do *Papa Mike SC* (**Figura 4**, página 79) era atualizada com as seguintes variáveis: cidades que aparecem nos vídeos, BPMs ou grupamentos que protagonizam as histórias, número de segmentos, número de cortes e se o vídeo possui ou não monetização. Uma terceira etapa de escrita no diário de campo – a quarta etapa da metodologia – era a análise dos elementos-extra vídeo, parcela do diário introduzida pelo seguinte cabeçalho “01x01 - elementos extra-vídeo”, o qual era adequado a cada episódio.

1.3.4. Análise dos elementos extra vídeo: identificando públicos e ecossistemas de conteúdo

O que chamo de elementos extra-texto neste trabalho são todos os itens presentes na interface das páginas de visualização dos vídeos do *Papa Mike SC*: *thumbnails*, descrições, vídeos sugeridos, anúncios e comentários. Os vídeos sugeridos e as *thumbnails* eram descritos no começo de cada cabeçalho no diário de campo, mas os outros elementos eram descritos no final. O registro dos elementos extra-vídeo no diário de campo seguia a seguinte ordem: primeiro eu escrevia sobre todos os anúncios⁴⁵ que apareciam durante o episódio, em seguida transcrevia e comentava a respeito do texto de descrição e, por fim, fazia uma seção discorrendo a respeito dos principais tipos de comentários que apareciam.

As principais contribuições do estudo dos elementos extra-vídeo foram a análise imagética das *thumbnails* dos vídeos e a catalogação de tipologias organizativas (Eco, 2008) que possibilitaram catalogar tipos de comentários, as quais possibilitaram delinear tipos ideias de comentadores (Freund, 2003), os quais se relacionavam com tipos ideias de conteúdo presentes nos ecossistemas de conteúdo. Sobre as *thumbnails*, é possível identificar um padrão de construção de imagem que se adequa ao esquema de economia de atenção presente no *YouTube*, o qual exige que os canais criem formas de chamar o máximo de atenção dos públicos possíveis. As imagens das *thumbnails* são majoritariamente quadros extraídos dos vídeos, com poucos casos em que as imagens são fotografias à parte, as quais são editadas para chamar maior atenção. As ferramentas de captura da atenção empregadas na edição das imagens são uso de cores vibrantes e saturadas, um destaque nos corpos e equipamentos dos policiais e uma frase em caixa alta com letras garrafais. Observamos abaixo a *thumbnail* do episódio 01x02 como exemplo (**Figura 6**).

⁴⁵ O único vídeo da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC* a ter anúncios é o primeiro episódio. Como os outros 16 vídeos não contavam com esse atributo, foi decidido que o tema não seria abordado na presente dissertação.

Figura 6 - Thumbnail do episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: thumbnail do episódio 01x02 da websérie *Papa Mike SC* (2019) extraída pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas⁴⁶.

No capítulo quatro retomarei essas ideias. Por hora, cabe destacar que descrevo como *ecossistemas de conteúdo* as bolhas digitais construídas pelo algoritmo uma vez que um perfil é alimentado com informações de consumo de um tipo específico de conteúdo. Ao fornecer ao algoritmo do *YouTube* as informações de que eu apenas assistia a websérie *Papa Mike SC*, a plataforma passou a me sugerir três tipos gerais de conteúdos: a) conteúdos policiais (oficiais de instituições do Estado, como os do PMSC Oficial, e independentes); b) conteúdo jornalístico (majoritariamente excertos de telejornais) e; c) vídeos orientados para um público masculino jovem (*gameplays* de jogos de ação e vídeos de relacionamento para meninos adolescentes). Sendo assim, a pesquisa parece indicar que o *reality show* da PMSC se insere em uma intersecção desses *ecossistemas de conteúdo* próximos.

Os tipos ideias de públicos foram tecidos em conexão com os *ecossistemas de conteúdo*, isto é, foram pensados como espectadores-modelo que se interessariam por algum dos ecossistemas de conteúdo. Homens de meia idade, policiais, militares ou apenas fãs das polícias e do exército, comentavam sobre as armas, viaturas e demais equipamentos usados,

⁴⁶ Disponível em: <https://ferramentas.seletronic.com.br/miniaturas-youtube/>.

vinham de diversas partes do Brasil e do mundo, davam palpites sobre como a polícia deveria fazer ser trabalho nos vídeos e faziam comparações com outras polícias e com filmes de ação como *Rambo - Programado para matar* (*Rambo: First Blood*, dir. Ted Kotcheff, 1982) e *Tropa de Elite* (dir. José Padilha, 2007). Esse tipo ideal de público provavelmente estaria interessado no ecossistema de conteúdos policiais, assistindo o *Papa Mike SC* da mesma forma que assistiria os vídeos de policiais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Já pessoas mais velhas do estado de Santa Catarina comentavam sobre suas cidades, agradeciam os serviços da PMSC, expressam satisfação por estarem sendo informados sobre a realidade do seu estado e provavelmente consumiam aquele conteúdo como quem assiste um jornal ou uma reportagem de um programa de entretenimento de uma grande emissora de televisão brasileira. Por fim, homens jovens, muitos menores de idade, expressavam o sonho de entrar na PM, usavam *memes*, riam de momentos específicos do vídeo, traçavam comparações com *videogames* e provavelmente estariam próximos do canal PMSC Oficial pelo ecossistema de conteúdo orientado para jovens homens fãs de *videogames* e que consomem canais com conteúdo generificado de forma cisheteronormativa para meninos.

Os estudos de mídia se desenvolveram em três grandes linhas: estudos dos meios de comunicação; análise textual dos conteúdos e; estudos de recepção ou de audiência (Rial, 2004). Enquanto a revisão bibliográfica sobre Antropologia política, políticas de segurança pública em Santa Catarina e sobre a PMSC serviram como uma forma de conhecer os emissores que produzem os vídeos – os agentes do Estado –, a documentação estatística possibilitou um maior entendimento do canal de emissão dessas narrativas e experiência intersubjetiva e descrição etnográfica possibilitaram falar sobre o conteúdo emitido; esta última etapa da metodologia busca orientar a lupa antropológica em direção aos públicos, as audiências. O trabalho com os comentários seguiu a lógica de uma etnografia de audiências (Rial, 2004) em ambientes digitais, os quais partem dos estudos de recepção, nos quais

[...] a mensagem é vista como uma construção de signos que, na interação com os receptores, ganham significados. A ênfase não está mais no emissor (sua intenção não prevalece na definição do que é a mensagem), no meio, ou no texto, mas em suas possíveis *leituras*. (Rial, 2004, p. 17, grifos da autora)

Foram elaboradas 14 tipologias organizativas de comentários, com as quais foram separados centenas de comentários de todos os vídeos da primeira temporada do *Papa Mike SC* (**Quadro 1**). Foi indicado no diário de campo não apenas a qual tipologia um comentário se adequava, mas também se ele havia sido curtido pelo perfil PMSC Oficial, o que indicaria,

se não uma concordância com as ideias dispostas, pelo menos um nível de reconhecimento. Busquei registrar pelo menos um exemplo de cada opinião diferente que surgia dentro de cada categoria. As categorias elaborados para melhor analisar a forma como as pessoas engajam com os vídeos por meio da seção de comentários foram: 1) Comentários do perfil PMSC Oficial; 2) Elogios gerais e agradecimentos; 3) Críticas gerais; 4) Dúvidas, relatos e pedidos; 5) Palpites sobre investigação e punição; 6) Comentários sobre tecnologias e equipamentos policiais (viaturas, fardas, armas, rádios, câmeras, montagem dos vídeos); 7) Menções e comparações com outras instituições policiais; 8) Menções e comparações com outras mídias (filmes, séries, jogos, livros); 9) Intenções de ingresso (sonhos e planos); 10) Respostas emocionais (amor, ansiedade, aflição, raiva, orgulho, felicidade, frustração); 11) Respostas emocionais cômicas (*memes*, piadas, destaques de momentos cômicos nos vídeos); 12) Comentários envolvendo marcadores sociais da diferença (marcadores de raça, gênero, geração, classe)⁴⁷; 13) Comentários envolvendo política institucional e partidária (sobre o judiciário, partidos políticos governos); 14) Comentários em outros idiomas (em inglês, espanhol, italiano, russo, árabe, francês)⁴⁸. Busquei registrar pelo menos um exemplo de cada opinião diferente que surgia dentro de cada categoria.

Quadro 1 - Tipologias organizativas dos comentários nos vídeos da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)		
Nº	Tipologia organizativa	Exemplos
1	Comentários do perfil PMSC Oficial	“Agradecemos o apoio e os comentários de incentivo! Aos preocupados com a caixa d'água, fiquem tranquilos, ela foi verificada e não havia material ilícito dentro. #PMSC #PresentesEProtegendo”
2	Elogios gerais e agradecimentos	“Nunca vi policiais tão profissionais e ao mesmo tempo muito educados com a população. Um modelo como esse deveria ser seguido em todo âmbito nacional parabéns a todos os envolvidos!”

⁴⁷ Por marcadores sociais da diferença, entendo as categorias existentes dentro de um sistema de classificação social que identifica e sistematiza os indivíduos dentro de categorias sociais distintas, como gênero, raça, geração e sexualidade (Zamboni, 2014). A categoria se fez relevante para o processo de sistematização dos comentários pois a enorme maioria dos policiais são homens brancos, de forma que tópicos de idade, raça, gênero e sexualidade são muito raros e só aparecem em discussões sobre mulheres (muitas vezes as sexualizando) e pessoas negras.

⁴⁸ Uma característica da série que pode ajudar a explicar o engajamento de pessoas de outros países comentando em outras línguas é o fato de que alguns dos vídeos do *Papa Mike SC* tem seus títulos traduzidos para o inglês nas interfaces do *YouTube* configuradas para a língua inglesa, tradução feita de forma analógica (e não algorítmica) de forma a chamar a atenção de públicos estrangeiros. Observei isso ao abrir o navegador em aba anônima, o qual estava configurado para a língua inglesa. Enquanto a maioria dos vídeos que apareciam estavam com seus títulos em português, o episódio 02x11 do *Papa Mike SC* aparecia com o título em inglês “*It worked!*” [“funcionou!” ou “deu certo!”].

		“Padrão, ainda bem que os policiais não se feriram quando a viatura rodou, por favor, continue postando este tipo de vídeo. Abraço.”
3	Críticas gerais	“que policia sem preparo e esta, nao acredito o que estou vendo.vcs merecem um treinamento” “Muito bom trabalho dos pms, exceto pelos usuarios... perda de tempo para a policia e de dinheiro para o usuario, que na grande maioria se mostram trabalhadores honestos.”
4	Dúvidas, relatos e pedidos	“O que significa "papa mike"? ” “Nunca fui abordado em santa Catarina , quando morei em Concórdia”
5	Palpites sobre investigação e punição	“Mano, não sei se é pq o policial tá tenso, mas é óbvio que o muleke jogou as coisas do lado da casa da escada, onde ele subiu. A laje da caixa d'água tem apoio do pé e a tampa da caixa d'água está amassada, ele se apoiou ali, e o vaso de planta tava derrubado, sinal que ele esbarrou na hora de voltar, acho que ele jogou no vão do lado da casa, tá meio na cara. Mas é difícil pensar na adrenalina...” “Policiais deveriam ter cancelado cpf .policia catarinense uma das melhores parabéns”
6	Comentários sobre tecnologias e equipamentos policiais	“Aquela luvinha preta que os PMs estão usando (conheço por MultiTato, utilizo no trabalho) é boa pra caramba. Fina o suficiente pra ter sensibilidade, forte o suficiente pra aguentar o tranco tipo raspar as mãos no cimento. No mais, que excelente serviço! :)” “Os PM de fuzil agr eu to gostando de ver [emoji de rosto com óculos de sol]”
7	Menções e comparações com outras instituições policiais	“Vocês são muito educados, aqui no RJ a gente já teria enfiado o carro na moto assim que estivesse perto, só um toque pra eles caírem...” “Os PM param no cruzamento? aqui em SP q se foda mano.”
8	Menções e comparações com outras mídias	“Melhor q filme de acao... Deu ate vontade de virar Policial.” “esse clek de arma só lembro do game Black”
9	Intenções de ingresso	“Parabéns pelo desempenho tenho 11 anos meu sonho é ser policial obrigado por proteger nossa cidade senhores” “Show... Jaja tem concurso.. Pmsc tmj.. Hehehe”
10	Respostas emocionais	“Quando ele falou "Abordagem de alto risco" e saiu correndo gritando chão,eu achei que tivesse uma bomba lá dentro KKKKKK slk subiu mó adrenalina aqui” “Impressionante ver como vibram ao achar as armas está no sangue a vontade de fazer o bem e prender esses elementos. Essa é a verdadeira policia que tem amor ao que faz”

11	Respostas emocionais cômicas	“Povo de Floripa fala muito rápido! kkkkk” “44:12 rachei o bico , PODE PASSAR A PULSEIRA kkkkkkkkkk muito bom”
12	Comentários envolvendo marcadores sociais sociais da diferença	“oi, desculpe a pergunta, mas achei a policial "maia" muito bonita. Caso não seja crime gostaria de leva-la para um jantar ou um café do restaurante a sua escolha, desde já agradeço” “24:13 isso que é empoderamento feminino”
13	Comentários envolvendo política institucional e partidária	“Esses policiais trabalham de forma séria, honrosa, fazem grandes prisões e vibram por conseguirem tal feito. Infelizmente o juiz libera os meliantes em 1 dia.” “Profissão perigosa e os governantes não valorizam os policiais que arriscam suas vidas todos os dias, dando melhores equipamentos como moto veloz e armamento aos nossos heróis. Parabéns policiais”
14	Comentários em outros idiomas	“muy buen vídeo y un gran trabajo de equipo”⁴⁹ “Good work police. From Europe.”⁵⁰ “травка то хорошая”⁵¹ “Tutti i ragazzi fermati, avevano un comun denominatore...orologi e collane in oro o simil ...il conto per loro è presto fatto...o ladro o spacciatore...e grazie x i video”⁵²

A partir da aplicação das quatro etapas deste arranjo teórico-metodológico para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica com documentos estatais de caráter comunicacional em formato audiovisual veiculados e arquivados na plataforma do *YouTube*, foram desenvolvidas descrições etnográficas sobre o panorama de conteúdos do canal PMSC Oficial e das minúcias dos episódios da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC*. No próximo capítulo apresentarei e discutirei os diferentes tipos de conteúdo presentes nos segmentos dos episódios e como a série apresenta a PMSC e o estado de Santa Catarina em seu duplo trabalho de policial e filmar.

⁴⁹ Tradução do comentário em espanhol: “vídeo muito bom e ótimo trabalho em equipe”

⁵⁰ Tradução do comentário em inglês: “Bom trabalho polícia. Da Europa.”

⁵¹ Tradução do comentário em russo: “A erva é boa”

⁵² Tradução do comentário em italiano: “Todos os meninos parados tinham um denominador comum...relógios e colares em ouro ou similares...a conta para eles é feita rapidamente...seja ladrão ou traficante...e obrigado pelos vídeos”

2. *PAPA MIKE SC: POLICIAR E FILMAR SANTA CATARINA*

O Estado – e a polícia – definem-se, assim, como instituições não só separadas, mas externas ao conjunto de cidadãos que precisam não apenas controlar, mas, fundamentalmente, manter em seu devido lugar, reprimir. A suspeição sobre as intenções de descumprir regras nunca inteiramente explícitas – nem mesmo para ela – é que caracterizaria a ação da polícia. Essa suspeição sistemática e institucional deve ser mantida sobre aspectos característicos da vida cotidiana – como são a explicitação dos conflitos de interesse entre os cidadãos - e caracterizará o papel preventivo da polícia. Esta atuará não como mediadora da administração de conflitos, mas como autoridade intermediária em sua interpretação, para promover sua extinção e punição, não sua resolução: ou se aceita a sua conciliação forçada ou se enfrenta as possibilidades de punição mais rigorosa pelas autoridades "superiores". (Lima, 2021, p. 104-105)

De acordo com o antropólogo brasileiro Roberto Kant de Lima (2013; 2021), uma das características distintas do sistemas judiciário brasileiro é o fato de este ser um sistema inquisitorial marcado pela desigualdade no tratamento jurídico, de forma que as pessoas não são vistas como “iguais” perante a lei – essa sendo a “igualdade jurídica à brasileira” (Lima; 2013, p. 554) –, e centrado no processo de culpabilização, o qual faz com que agentes da segurança pública e do judiciário ajam na busca por culpados a serem punidos, ao invés de responsáveis a serem recuperados. É dentro desse paradigma punitivista que une uma suposta igualdade jurídica ao tratamento desigual e inquisitorialidade que as forças policiais brasileiras são formadas. Os policiais, em suas diversas carreiras, entendem que faz parte de seu trabalho agir em diferentes situações com dois pesos e duas medidas, este é o “[...] abismo entre as abstrações da obrigatoriedade e a realidade das práticas” (Lima, 2013; p. 571) pautado na desigualdade e culpabilização que forma os policiais para atuarem distintamente em diferentes territórios e utilizarem de diferentes padrões de tratamentos para com diferentes populações.

Essas bases jurídicas se fazem presentes na formação dos policiais, a qual é um processo de socialização formal pautado nas normas das corporações, sejam elas polícias civis, militares, rodoviários ou de qualquer tipo. Há uma continuidade e proximidade nas formações policiais no Brasil. Neste trabalho focarei nas discussões acerca da atuação específica das polícias militares, os quais possam por distintas formas de sociabilidade entre os cursos de formação e aquilo que se aprende “nas ruas” (Duarte, 2012), uma socialização distinta que, de acordo com Lima (2021), é pautada na lógica do confronto com o criminoso.

Voltando a discussão sobre polícia militar para o contexto do estado de Santa Catarina, ao longo deste trabalho, baseio-me nas produções sobre a PMSC feitas a partir de uma perspectiva antropológica dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) (Gomes, 2010; Duarte, 2012; Knabben, 2018; Medeiros, 2023; Klinkerfus, 2024).

Retornando às discussões sobre a história da PMSC e de seus meios de comunicação e construção da memória institucional (Worrcman, 2004), as quais foram iniciadas no primeiro capítulo, enquadrámos o tema deste segundo capítulo dentro da ideia de (auto)representações da PMSC: a versão da história dos policiais, a qual é contada por meio do canal de *YouTube* PMSC Oficial. Dentro dos vídeos do canal, quando um policial fala com e/ou sobre outro agente da PM, há uma relação de respeito e é possível observar as estruturas hierárquicas da corporação presentes no vocabulário e nas posturas corporais. Os agentes chamam uns aos outros de “senhores” quando dividem a mesma guarnição e, quando dentro dos quartéis e BPMs, expressam obediência aos seus superiores, mantendo postura ereta e falando apenas quando autorizados. De acordo com o antropólogo brasileiro Rafael de Medeiros Knabben (2018, p. 17),

A Polícia Militar de Santa Catarina (PM-SC) se organiza hierarquicamente através de uma estrutura militar proveniente das Forças Armadas brasileiras, em especial do Exército. Essa estrutura é dividida em duas camadas distintas, a princípio, pela forma de ingresso dos policiais à corporação: os oficiais, associados às funções estratégicas e de comando, com maior tempo de formação e preparação; e os praças, subalternos cuja função é associada à realização das ordens provenientes dos seus superiores. Entre os oficiais, a hierarquia da polícia militar catarinense os divide em “oficiais subalternos” (aspirante a oficial, segundo tenente e primeiro tenente), “oficiais intermediários” (capitão) e “oficiais superiores” (major, tenente coronel e, o posto mais alto, coronel). Os praças são dispostos hierarquicamente, por sua vez, em soldado de segunda classe (a categoria mais baixa), soldado de primeira classe, cabo, terceiro sargento, segundo sargento, primeiro sargento e subtenente.

Para além da estrutura hierárquica, durante as ações policiais há uma outra forma de tratamento usada nas ruas. Ao subirem morros, invadirem casas, revistarem pessoas ou participarem de trocas de tiros, os agentes se chamam de “Steve”, ou “Stive”. Dentro do canal de *YouTube* e nos portais oficiais da PMSC, não há uma definição ou explicação sobre o termo, mas de acordo com portais de notícias e perfis pessoais de PMs nas redes sociais, “Steve” parece ser um sinônimo para “colega de farda” – o que reproduz a construção da identidade do “fardado” (Duarte, 2012) – e seria usado para preservar o nome dos agentes em

situações de perigo (Sobre, s. d.; Dias, 2003)⁵³. Todavia essa forma de garantir a “segurança” dos agentes também pode ser uma ferramenta para a impunidade de policiais militares que cometem crimes⁵⁴. De qualquer forma, é uma maneira de diferenciar e construir união entre um grupo que se autorrepresenta como Stives.

O canal PMSC Oficial produz representações sobre essa polícia militar brasileira em geral e, mais especificamente, sobre a própria PMSC a partir de uma perspectiva de Steve, isso é, de policiais falando de policiais, e colegas representando a si e a sua corporação. Através da produção audiovisual e policial, situada em Santa Catarina, são apresentadas e criadas imagens sobre suas cidades, bairros, paisagens, culturas, identidades, populações e indivíduos. Quando as diversas cidades são filmadas, catarinenses – ou residentes do estado e quaisquer pessoas que visitaram as cidades de Santa Catarina – são transportados para um universo familiar capturado por uma câmera que segue uma nova perspectiva: a perspectiva policial. Os espectadores se sentem implicados e as pessoas de fora passam a conhecer e interagir com suas imagens previamente concebidas sobre o estado, reconhecendo e compartilhando as representações que são construídas e difundidas pelo canal.

A PMSC como uma instituição, através de um processo dialógico entre o conteúdo produzido para as redes sociais e o *feedback* [retorno] dos espectadores, produz narrativas e representações específicas sobre o universo policial e sobre Santa Catarina. Conheçamos, então, quais conteúdos existem no canal PMSC Oficial a partir de sua história. O primeiro vídeo publicado no canal data de 24 de maio de 2012 e é intitulado “24.05.2012 - Inauguração do Grupamento de Policia de Choque” (PMSC Oficial, 2012). O vídeo tem pouco mais de dois minutos e se trata de uma clípgem de uma matéria sobre a inauguração do “Grupamento

⁵³ Durante a escrita da dissertação busquei por outras fontes para checar se o uso da expressão “Steve”, como compreendida na *websérie Papa Mike SC*, era algo observável em outros contextos policiais. Nesse empenho me deparei com o portal “Stive” (disponível em: <https://www.stive.com.br/about/>), *site* de entretenimento sobre segurança pública no Brasil que toma a perspectiva dos policiais na construção de representações da segurança pública. O portal de entretenimento divulga oficinas de formação de comunicação para policiais e, segundo eles próprios, se inspira em representações policiais de filmes de ação dos anos 1980, destacando aqueles do ator estadunidense Steven Seagal. A proximidade da plataforma com essas produções reverberou em muitas reflexões sobre as proximidades entre a produção de comunicação das instituições policiais brasileiras e as mídias policiais hegemônicas – como os filmes de ação, os quais referencio no título desta dissertação. Abordarei em mais a fundo esta discussão no terceiro capítulo.

⁵⁴ Tive contato com o termo pela primeira vez durante meu trabalho de campo junto ao projeto Representações da Violência, vinculado ao Instituto Memória e Direitos Humanos (IMDH) da UFSC, no qual fazíamos rodas de conversas em diferentes regiões afetadas pela violência de Estado na Grande Florianópolis (Passos *et al*, 2023). Durante uma das conversas com uma interlocutora, ela explicou para as pesquisadoras que policiais violentos que já tinham matado pessoas inocentes, destruído propriedades e bens dos moradores e humilhado pessoas em serviço. Ela reconhecia o rosto desses policiais, mas não sabia seus nomes, pois eles andavam pelo bairro com a mão no peito tapando seu nome e se referindo uns aos outros apenas como “Steve”. A própria palavra causava raiva na interlocutora.

de Polícia de Choque” da PMSC no município de Florianópolis que foi ao ar em um programa jornalístico da extinta emissora TVCOM⁵⁵. Clipagens são capturas de um de um trecho do produto midiático já existente, feito a partir do monitoramento das veiculações de um determinado tema nas mídias. Entre os dois primeiros anos do canal, 2012 e 2013, a maioria dos vídeos são clipagens de jornais, principalmente jornais matutinos e vespertinos. A qualidade de som é ruim e de imagem é ainda pior. Baixíssima resolução, volumes baixos e a presença constante da marca d’água dos sites que foram usados para realizar a clipagem⁵⁶.

A partir de 2013 começam a aparecer os primeiros vídeos autorais, os quais são os primeiros a terem imagem específicas produzidas como *thumbnails* e, no espaço de descrição e nos créditos presentes em alguns desses produtos audiovisuais, vemos que são trabalhos de um único policial. Em 2014 é lançada a primeira *websérie* original da corporação, intitulada *PMSC em Foco*, a qual possui apenas três episódios que acumulam juntos mais de 100 mil visualizações, mas que foram criticados pelos comentadores e não tiveram continuidade. A série conta com vinheta, trilha sonora de ação, câmeras manuais e algumas câmeras presas aos equipamentos dos policiais e parece ter um enquadramento mais jornalístico do que de *reality show*. O primeiro episódio é intitulado “PMSC em foco - Operação Chico Mendes” (PMSC Oficial, 2014) e o texto de descrição é extenso e segue uma estrutura semelhante àquela usada em programas jornalísticos e até no próprio jornal da PMSC. Na descrição lemos:

A Polícia Militar desencadeou na manhã desta terça-feira, na região continental de Florianópolis, a operação denominada "Operação Chico Mendes". Sem previsão para o término, a operação tem como objetivo a massificação da PM nas regiões de tráfico, através de incursões de guarnições, barreiras 24 horas por dia e cumprimento de mandados de prisão. Toda a ação está focada na redução da criminalidade na região. Estão envolvidos policiais militares do 7º e 22º Batalhão, Bope [Batalhão de Operações Policiais Especiais], Batalhão de Choque, Batalhão Aéreo, Canil, Cavalaria e Agência Central de Inteligência. A base da operação está localizada no viaduto da Avenida Josué Di Bernardi, onde estão concentradas as principais ações do policiais militares. A operação está sob o comando do subcomandante-geral, coronel _____, que está acompanhando as ações e explicou como estão sendo desenvolvidas as atividades policiais na região. De acordo com o comandante da operação, outras ações como está já estão sendo planejadas para outras áreas da Grande

⁵⁵ TVCOM, acrônimo para TV Comunidade, foi uma emissora de televisão aberta fundada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1995, como parte do conglomerado de mídias Grupo RBS. A TVCOM original foi extinta no ano de 2015, porém ao longo de sua trajetória, no ano 2000, foi lançada uma sucursal em Florianópolis, Santa Catarina. A TVCOM de Santa Catarina, a qual aparece por meio de clipagens do canal PMSC Oficial, foi também extinta no ano de 2017. Informações sobre as duas versões da emissora ainda se encontram presentes no portal oficial do Grupo RBS (ver Nossa..., s. d., online).

⁵⁶ No caso do primeiro vídeo do canal, lemos em tela o tempo inteiro o nome do site: “www.pegasusimaging.com”. Ao pesquisar pelo *site* em janeiro de 2025 não foi possível encontrar um portal em funcionamento.

Florianópolis, e também para outras regiões do estado. Essas ações devem acontecer no decorrer do próximo mês.

O primeiro vídeo da série *PMSC em Foco* tem vários comentários críticos à corporação e ao fato de se produzir a *websérie*. Destaco aqui algumas das várias críticas presentes nos seguintes comentários: a) “meu sonho é ver a polícia militar agir assim para prender os traficantes que vivem em Jurerê internacional. Na Chico Mendes é fácil né?”, que aponta para a parcialidade das ações truculentas em bairros empobrecidos, as quais não ocorrem em bairros mais ricos; b) “Eu pago meus impostos pra policial trabalhar de repórter?”, que aponta um desgosto com a aplicação de forças policiais e recursos da corporação na produção de audiovisual e; c) “Tudo mentira”, que demonstra uma descrença do público em relação às imagens “reais” mostradas no vídeo. Ao longo deste e dos próximos capítulos, veremos que a produção do PMSC Oficial desconsidera essas críticas e acaba encontrando um público-alvo alinhado com seus objetivos de produção midiática e cujos comentários são opostos: defendendo ações mais truculentas e letais em morros, pedindo por cada vez mais vídeos e acreditando que tudo que é filmado e publicado pela PMSC é a “realidade do cotidiano da polícia”.

Ao longo do histórico de publicações do canal, uma marca constante são os vídeos de comemoração de aniversário da PMSC, em 05 de maio. Há a construção de um calendário institucional, o qual também conta com vídeos celebrando o Dia Internacional da Mulher (08 de março), o Dia das Mães (segundo domingo de maio), o Dia dos Pais (segundo domingo de agosto), Dia do Soldado (25 de agosto) e o Dia Internacional de Luta Contra a Violência à Mulher (25 de novembro); que se alinha a uma ritualização da instituição e manutenção da memória institucional. Em 2015 é lançado um vídeo em comemoração aos 180 anos da PMSC, intitulado “PMSC - 180 Anos - Institucional” (PMSC, Oficial, 2015), no qual uma *policial narradora* – pois em sua fala ela se posicionada como parte da PMSC – reitera a história, os valores e os objetivos da instituição:

Criada em 05 de maio de 1835 com a missão de manter a ordem e a tranquilidade, a Força Pública, hoje conhecida como Polícia Militar de Santa Catarina, não mudou apenas o seu nome. *Nossa nobre e respeitada corporação passou por diversas mudanças nesses 180 anos de atuação, porém servir e proteger a população continua sendo sua missão primordial.* Somos uma corporação referência no país e trabalhamos incansavelmente para servirmos cada vez melhor o cidadão. A cada ano nos renovamos para melhor atender os anseios dos catarinenses e de todos aqueles que visitam nosso estado. Através do aperfeiçoamento profissional, da ampliação do efetivo e da aquisição de novas tecnologias e materiais, a PMSC está cada dia mais preparada para as diversas ações voltadas à proteção das pessoas.

Somos treinados para salvar o seu maior bem: a vida. Nossos cursos de formação e aperfeiçoamento são orientados pela nova filosofia de segurança pública, com foco na defesa do cidadão e da sociedade. Temos tecnologia: estamos conectados e prontos para dar uma resposta ao seu chamado. Nossas centrais de emergência estão equipadas com câmeras de videomonitoramento e interligadas aos policiais que patrulham as ruas. Através do PMSC *mobile*, que consiste em um *kit* de tecnologia móvel em cada viatura, o processo está mais ágil. Agora as informações antes constatadas em 11 formulários de papel são sistematizadas em um único aplicativo informatizado. [...] (grifos meus)

Como vimos no primeiro capítulo, existe a manutenção de uma continuidade ao longo da história da PMSC, na qual, apesar das mudanças, os valores se mantêm: servir, proteger e manter a ordem. Destaco também as qualidades listadas de aperfeiçoamento profissional e tecnológico. A narração prossegue sobre as diferentes formas de atuação da PMSC:

[...] Atuamos na segurança pública por meio de diversas modalidades de policiamento para garantir a segurança dos catarinense e também dos turistas que visitam o nosso belo estado. Estamos presentes em terra, próximos da população para servir, proteger e auxiliar cada cidadão que necessite da nossa mão amiga. Estamos no ar, auxiliando a força terrestre, tornando a missão mais rápida e eficiente e também apoiando a comunidade em ações de cunho cívico-social. Também estamos por água, fiscalizando e protegendo o meio ambiente em todas as suas modalidades, para garantir o bem estar da população. Contamos ainda com o apoio de fieis companheiros de trabalho: cães que auxiliam em ações de busca a pessoas e entorpecentes, imponentes cavalos empenhados em ações de distúrbios civis, policiamento ostensivo e de eventos. Animais que além de exercerem ótima atuação nas ações policiais são elos entre a população e a PM. [...]

Através de uma música emocionante e instigante, múltiplas imagens da PMSC e descrições de outros programas, grupamentos e atuações da mesma, o vídeo especial de 180 anos da corporação ilustra perfeitamente a autorrepresentação institucional. Destaco aqui a diferença entre o que chamo de vídeos institucionais e os vídeos de ação policial – baseada em minha categorização prévia de notícias institucionais e notícias de ação policial dentro do PMSC Notícias (Klinkerfus, 2024). Os vídeos de aniversário da PMSC tendem a ser institucionais: eles majoritariamente falam (ao invés de mostrar) sobre o trabalho policial, relatam datas comemorativas, documentam formaturas, comunicam novas tecnologias e prestam homenagens a policiais que se promoveram, se aposentaram ou morreram. Já os vídeos de ação tem um viés narrativo centrado em mostrar uma ação, como nos vídeos publicados ainda em 2014 e 2015 que mostravam cenas do patrulhamento feito por agentes da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM). A *websérie PMSC em Foco* buscou misturar ambos os tipos, trazendo uma ação policial, mas usando a linguagem de um vídeo

institucional com narração, contados como uma notícia: no futuro, após o fim do caso. Vídeos de ação tendem a construir uma atmosfera de presente, ao invés de contar algo do passado.

No ano de 2017 as produções do PMSC Oficial passam a utilizar abertamente a logo do CCS/PMSC, a qual tem uma vinheta em que ela parece pegando fogo com uma música tensa e como marca d'água no canto superior direito da tela, com maior frequência. Já dentre os primeiros vídeos de 2018, está o que pode ser o primeiro vídeo do canal a “*hitar*”; isto é, ser um *hit* ou sucesso, atingir grandes números de visualizações, curtidas e comentários. Esse é o vídeo “PMSC - Despedida SD _____” (PMSC Oficial, 2018), o qual é uma homenagem a uma soldado (SD) da corporação morta durante um assalto enquanto passava férias com a família em outro estado brasileiro. O vídeo conta com mais de 300 mil visualizações, oito mil curtidas e 300 comentários. Esse é o primeiro vídeo do canal a ser monetizado e ter anúncios que tocam antes, durante e ao final do vídeo.

O ano de 2019 é o pico de engajamento do canal, o qual produz uma quantidade enorme de conteúdo próprio e, dentre esses conteúdos, está uma nova *websérie*: *Papa Mike SC* (2019), o programa de maior sucesso do canal. A série antológica e segmental utiliza de diversas histórias de ação policial como forma de “documentar” a “realidade” e, por meio de câmeras corporais (câmeras de filmagem profissional atreladas a fardas e equipamentos) ou apenas seguradas manualmente, leva as espectadoras a conhecer diferentes cidades e bairros de Santa Catarina. Ao longo das duas temporadas do programa, as quais foram ambas publicadas no canal no ano de 2019, é possível vislumbrar paisagens, contemplar ruas e avenidas, conhecer morros, favelas, pontos turísticos; tudo isso por meio da singular perspectiva de um policial militar equipado com uma câmera: um *policial-câmera*.

Cada episódio e segmento se inicia com texto que situa a cena, como “22º BPM - FLORIANÓPOLIS”, conta com textos ao longo da cena que explicam o que está acontecendo e um texto conclusivo que dá desfecho ao ocorrido. Por conta do menor fôlego que uma pesquisa de mestrado tem, a qual é realizada em menos de um ano, optei por afunilar minha aldeia-arquivo (Carrara, 1998) e trabalhar apenas com a primeira temporada do *Papa Mike SC*. Faço referência aos episódios da série indicando o número de sua temporada (“01”) seguido do número de seu episódio (“x02”), de forma que elas são listados da seguinte maneira: 01x01, 01x02 [...] 01x16, 01x17, 02x00⁵⁷, 02x01 [...] 02x16” e enumero os seus segmentos. Abaixo segue um quadro sinóptico com as informações de cada episódio da série

⁵⁷ A segunda temporada da série possui um *trailer*, o qual é listado como o episódio 02x00.

pertinentes à discussão (**Quadro 2**). Ao todo são 74 segmentos inéditos⁵⁸ na primeira temporada, os quais estão descritos em um quadro geral ao final deste trabalho (**Anexo 3**).

Quadro 2 - Quadro sinóptico dos episódios originais da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)						
Número do episódio	Título do episódio	Data de publicação	Duração (Min:s)	Cidades que aparecem	Batalhão ou agrupamento	Quantidade de segmentos
1	PAPA MIKE SANTA CATARINA 22° BATALHÃO #01	08/03/2019	45:30	Florianópolis (continente e ilha) e São José	22° BPM	7
2	PAPA MIKE SANTA CATARINA 4° BATALHÃO #02	15/03/2019	26:41	Florianópolis (ilha)	4° BPM	3
3	PAPA MIKE SANTA CATARINA 24° BATALHÃO 22° BATALHÃO #03	21/03/2019	21:05	Biguaçu e Florianópolis (continente)	24° BPM e 22° BPM	5
4	PAPA MIKE SANTA CATARINA 7° BATALHÃO 22° BATALHÃO GTAM/BPCHOQUE #04	28/03/2019	19:27	São José e Florianópolis (continente)	7° BPM, 22° BPM e GTAM/BPCHOQUE	5
5	PAPA MIKE SANTA CATARINA GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA 10° BATALHÃO #05	04/04/2019	19:34	Imbituba e Blumenau	10° BPM e Guarnição Especial de Imbituba	5
6	PAPA MIKE SANTA CATARINA 21° BATALHÃO 4° BATALHÃO #06	11/04/2019	20:05	Florianópolis (ilha)	21° BPM e 4° BPM	4
7	PAPA MIKE SANTA CATARINA 14° BATALHÃO 5° BATALHÃO #07	18/04/2019	25:25	Jaraguá do Sul, Tubarão e Armazém	14° BPM, 5° BPM, Canil, PROERD, Central de Emergência	9
8	PAPA MIKE SANTA CATARINA 16° BATALHÃO 14° BATALHÃO #08	26/04/2019	18:03	Palhoça e Jaraguá do Sul	16° BPM e 14° BPM	5
9	PAPA MIKE SANTA CATARINA 1° BATALHÃO #09	02/05/2019	18:48	Itajaí	1° BPM	4

⁵⁸ Por “segmentos inéditos” quero dizer aqueles que ainda não foram vistos no canal PMSC Oficial ou na série, os quais se diferenciam do episódio 01x17, o qual é um compilado das “melhores ocorrências” da primeira temporada, isto é, daqueles considerados os melhores segmentos dos primeiros 16 episódios. Abordarei essa definição de “melhores ocorrências” apresentada pelo próprio canal no terceiro capítulo.

10	PAPA MIKE SANTA CATARINA 22° BATALHÃO GTAM/CHOQUE #10	09/05/2019	18:35	Florianópolis (continente e ilha)	22° BPM e GTAM/CHOQUE	6
11	PAPA MIKE SANTA CATARINA POLÍCIA MILITAR AMBIENTAL #11	16/05/2019	18:46	Florianópolis (ilha), Tijucas e Major Gercino	Polícia Militar Ambiental	4
12	POLICIAMENTO EM CRICIÚMA 9° BATALHÃO PMSC #12	23/05/2019	21:26	Criciúma	9° BPM	6
13	POLICIAMENTO EM PALHOÇA PPT DO 16° BATALHÃO PMSC #13	31/05/2019	19:07	Palhoça	16° BPM	3
14	POLICIAMENTO EM LAGES 6° BATALHÃO PMSC #14	06/06/2019	19:14	Lages, Correia Pinto, São Joaquim e Urubici	6° BPM	5
15	CAVALARIA PMSC DIA DE JOGO PAPA MIKE SC #15	13/06/2019	10:06	São José e Florianópolis (Ilha)	Cavalaria da PMSC	2
16	POLICIAMENTO EM JOINVILLE 8° BATALHÃO PMSC #16	20/06/2019	10:21	Joinville	8° BPM	1

Uma das características importantes para o sucesso do *Papa Mike SC*, além de sua relevância dentro do algoritmo do *YouTube* após ter vídeos prévios bem sucedidos, são suas *thumbnails*. Há uma padronização narrativa nessas imagens, a qual espelha aquela dos próprios vídeos, como podemos ver na prancha (Bateson; Mead, 1942)⁵⁹ abaixo (**Prancha 1**).

⁵⁹ Ao longo do trabalho utilizarei de pranchas de fotografias, baseada na obra, conceituação e aplicação da prática dos antropólogos estadunidenses Gregory Bateson e Margaret Mead (1942) em seu livro “*Balinese character: a photographic analysis*” [“O caráter balinês: uma análise fotográfica”, em tradução livre]. Bateson e Mead (1942) utilizam das pranchas, isto é, dos conjuntos de fotografias produzidas por eles, para expressarem movimento, rituais, interações, aspectos da organização social, socializações, posturas, dentre outros aspectos da população balinesa da primeira metade do século XX. O uso das pranchas é adotado a partir da compreensão que fotografias isoladas podem não expressar a pluralidade um acontecimento, fenômeno, interação ou relação, além de influenciar na construção de uma representação estática. Diferentemente desses autores que produziam as fotografias, utilizo aqui de pranchas compostas de imagens do campo produzidas pela PMSC, majoritariamente quadros (ou *frames*) dos vídeos. Neste caso, o duplo trabalho de fotografar e montar as pranchas a partir de uma experiência vivida em campo com pessoas de carne e osso é substituído pelo duplo trabalho de selecionar os quadros dentro dos vídeos e montar as pranchas a partir de uma experiência vivida em campo com os documentos em formato audiovisual. O uso das pranchas neste trabalho é central não apenas para a reconstrução estática dos vídeos, mas também para a construção de argumentos a partir da identificação de padrões e seleção de quadros de diferentes vídeos, como no caso da primeira prancha (**Prancha 1**), a qual une *thumbnails* de diferentes vídeos da *websérie Papa Mike SC* para expressar o padrão estético deles.

Prancha 1 - O padrão estético das thumbnails da primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: em ordem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, são as *thumbnails* dos episódios 01x01, 01x05, 01x10, 01x09, 01x03 e 01x11 da *websérie Papa Mike SC* (2019) extraídas pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas.

Os produtos audiovisuais feitos após a conclusão da segunda temporada do *Papa Mike SC* coincidem com o período de transformação social e instauração de uma nova temporalidade gerada pela COVID-19 (Caponi, 2020; Camargo; Motta; Mourão, 2021). Os vídeos de 2020 mostram um aumento do uso de *livestreams*⁶⁰ [transmissões ao vivo] por parte da PMSC e o aviso de “este vídeo fala sobre COVID-19” que o *YouTube* começou a utilizar em meio a pandemia, como uma forma de alerta de conteúdo sensível. Enquanto 2019 teve um *boom* na produção de vídeos originais e 2020 teve um aumento na quantidade de *lives*,

⁶⁰ As *livestreams*, ou apenas *lives*, são transmissões ao vivo feitas em plataformas digitais, as quais podem ser feitas de forma individual ou por múltiplas pessoas ao mesmo tempo. O *YouTube* fornece a ferramenta de transmissões ao vivo e seu uso aumentou significativamente durante o período da pandemia de COVID-19, no qual as pessoas não podiam se encontrar presencialmente. Uma rede social popular por se especializar na veiculação de *livestreams* é a *Twitch*. Muitos dos *Twitch streamers*, usuários que fazem as *lives*, posteriormente fazem cortes de suas transmissões ao vivo e as postam no *YouTube*, construindo diálogos entre plataformas.

2021 mantém o uso das transmissões ao vivo, mas diminui o número de vídeos originais editados e vídeos em geral. Em 2022 há a publicação do primeiro vídeo *shorts*⁶¹ do canal. O canal nunca atingiu o mesmo nível de sucesso de 2019 e do *Papa Mike SC*.

Nas seções que seguem, abordarei as diferentes formas que a *websérie* de maior sucesso do PMSC Oficial (re)produz representações das diferentes cidades e bairros do estado de Santa Catarina, dos Batalhões de Polícia Militar (BPM) e demais grupamentos da PMSC que aparecem e atuam nos vídeos e os diferentes tipos de ações policiais nesses vídeos. O objetivo do capítulo é compartilhar com a leitora, por meio de uma descrição etnográfica crítica e reflexiva, o conteúdo do *Papa Mike SC*.

2.1. Representações das cidades de Santa Catarina

Nas grandes cidades hoje, é fácil identificar territórios diferenciados: ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais à frente o distrito industrial, ou ainda o bairro proletário. Assim, quando alguém, referindo-se ao Rio de Janeiro, fala em Zona Sul ou Baixada Fluminense, sabemos que se trata de dois Rios de Janeiro bastante diferentes; assim como pensando em Brasília lembramos do plano-piloto, das mansões do lago ou das cidades-satélites. Podemos dizer que hoje nossas cidades têm sua zona sul e sua baixada, sua “zona”, sua Wall Street e seu ABC. É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que estudiosos da cidade chamam de segregação espacial. (Rolnik, 2004, p. 40-41)

Abro este subcapítulo com a exemplificação e definição da arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik (2004) de “segregação espacial,” pois partirei dessa definição para descrever as particulares formas como o *Papa Mike SC* apresenta as diferentes cidades do estado de Santa Catarina e, dentro dessas cidades, seus bairros. A partir da série conhecemos representações da capital Florianópolis, de suas cidades satélite que formam a “Grande Florianópolis”, de cidades maiores (médias) que servem como referência nas sub-regiões do estado (como Joinville e Blumenau), cidades pequenas rurais, turísticas, litorâneas e da serra.

No segmento 2 do episódio 01x05, os policiais que acompanhamos da Guarnição Especial de Imbituba se deslocam dentro de uma viatura para fazerem abordagens em um bairro caracterizado como ponto de tráfico. Antes mesmo de pisarmos na comunidade ou

⁶¹ Os *shorts* (ou *YouTube shorts*) são vídeos curtos em formato horizontal, formato esse que foi introduzido dentro do *YouTube* em 2021 (Vitorio, 2021) frente ao grande sucesso da rede social *TikTok* que dominava o mercado. O mesmo movimento aconteceu com a implementação dos *reels* na rede social *Instagram*.

vermos como ela é e quem mora por lá, temos nossa percepção colorida e nossas expectativas construídas por uma representação de um espaço urbano como um espaço “criminal”. A antropóloga brasileira Karina Biondi (2020), em seu estudo sobre as polícias no estado de São Paulo, descreve essa prática de cartografia de territórios violentos como uma tecnologia de gestão do crime, a qual compreendo ser similarmente utilizada pelas forças policiais em Santa Catarina. Já o antropólogo brasileiro Jaime Amparo Alves (2011; 2019; 2020) descreve esse procedimento como uma forma de manutenção da segregação espacial orientada por marcadores de raça e classe, de forma que os territórios compreendidos como “violentos” tendem a ser os territórios com maior concentração de pessoas negras e também sofrem com um maior uso da força e da brutalidade por parte das forças policiais, ações essas que perpetuaram a imagem de territórios violentos.

Exemplo chave para entender a produção de representações da segregação espacial em Santa Catarina por parte da *websérie Papa Mike SC* é o episódio 01x12, no qual conhecemos a polícia e o município de Criciúma por meio de vários segmentos que mostram diferentes áreas da cidade: um bairro “do crime” (“zona do tráfico”); um bairro comercial de classe média no qual o crime é incomum; a região central onde a presença da polícia atua em disputa contra um possível crime e; um bairro de classe alta no qual não há crime. No segmento 2, ao nos deslocarmos para uma região de “vulnerabilidade social”, o *policial-câmera* narra:

Então... em Criciúma nós temos 3 áreas de vulnerabilidade social, aí, no nosso setor de patrulhamento. *Agora nós vamos entrar ali no bairro Renascer, conhecido por Mina 4, uma localidade onde ocorre bastante tráfico de entorpecentes.* Aqui na localidade o tráfico costuma trabalhar com menores de idade e o tráfico é mais feito na rua e em pouca quantidade, então a guarnição, ao abordar os menores, aí, geralmente encontra, aí, pouca quantidade de entorpecentes com os mesmos ou eles até chegam a se evadir no momento da presença da viatura no local, né. Eles também têm um grupo no WhatsApp que, assim que a guarnição já entra no bairro eles já tão informando todos os... as pessoas envolvidas com o tráfico aqui que a guarnição se faz presente na localidade, o que dificulta mais ainda o nosso serviço. (grifos meus)

Assim que ele menciona o nome do bairro, aparece na parte inferior da tela uma caixa de texto preta com letras brancas que diz: “PATRULHAMENTO NO BAIRRO RENASCER”. Conforme o policial narra, entramos no bairro e percebemos uma transição da paisagem urbana de momentos anteriores para algo mais afastado da cidade. A rodovia asfaltada se torna chão de terra e as casas e prédios com pintura e acabamento se tornam casas de tijolo exposto e sem portões. O carro chacoalha no terreno irregular e pelo retrovisor direito da viatura podemos ver que um policial sentado no banco de trás posiciona um objeto

para fora da viatura. Quando assistia, primeiro pensei ser uma arma, mas depois percebi que era uma câmera manual usada para obter imagens da lateral da viatura, as quais destacam o chão de terra. Outra característica dessa localidade descrita como “área de vulnerabilidade social” são os matagais que se misturam com as moradias e os cachorros soltos nas ruas.

O segmento seguinte, segmento 3, começa com uma cena bastante semelhante à anterior: um *policial-câmera* no banco do passageiro da viatura. O veículo se move por uma região residencial com algumas casas grandes, com muito mais portões e pinturas acabadas e também com as ruas asfaltadas. O *policial-câmera* performa para o público, isto é, utiliza de um tom “*wooden*” [“travado”], como quem faz uma apresentação formal:

Agora nós estamos na localidade do bairro Santa Bárbara. A princípio, aí, *uma área onde não era pra tá acontecendo o tráfico* porque é meio que próximo ao centro da cidade, mas recebemos a informação, aí, de moradores que colaboram com a polícia através de serviço de proximidade, rede de vizinhos, e vamos fazer uma verificação ali no local onde a princípio tá ocorrendo o tráfico de drogas. (grifos meus)

Assim que o bairro é mencionado, uma caixa de texto aparece em tela: “BAIRRO SANTA BÁRBARA”. Esta passagem desse segmento é importantíssima para explicitar o argumento que quero traçar na dissertação sobre a sujeição criminal (Misse, 2010b) de territórios – o qual será um guia para nossa discussão neste e nos próximos capítulos. Ao dizer que no bairro residencial de Santa Bárbara não deveria ter tráfico e não fazerem patrulhamento por lá, ao passo que no segmento anterior eles fizeram patrulhamento e descreveram um lugar como ponto de tráfico sem encontrar nada, eles explicitam que existem lugares criminosos por natureza. A segregação espacial faz parte da organização do trabalho policial (Medeiros, 2017; 2018). Acredito que esta é a mesma guarnição e, possivelmente, foi gravado no mesmo dia⁶². Ao longo da cena eles andam de carro pelo bairro, o *policial-câmera* com seu cotovelo direito apoiado na janela aberta e seu revólver em mãos. A paisagem não parece ser de um bairro de classe alta com mansões ou condomínios enormes, mas ainda assim é muito diferente do bairro Renascer, descrito como lugar onde não só os traficantes estão como a população os ajuda. A população do Santa Bárbara, de onde veio a denúncia, é descrita como “moradores que colaboram com a polícia”, uma aproximação da descrição presente em outros episódios como de “população de bem” do “bairro de classe média”. No segmento 4 ainda seguimos um *policial-câmera* no banco do passageiro da viatura. Na tela:

⁶² Acredito que os primeiros segmentos do episódio 01x12 tenham sido gravados no mesmo dia e com a mesma guarnição, pois: o *policial-câmera* narra o que acontece usando muitas vezes o vício de linguagem “aí”, o que se repete em ambos os segmentos; o interior do veículo parece o mesmo e; o dia de sol é parecido também.

“9º BPM - CRICIÚMA”. Começamos já com uma narração do *policial-câmera*, como se eles gravassem *vlogs*⁶³ sobre ser policial. Ele diz:

Guarnição de radiopatrulha, cidade de Criciúma. Estamos, aí, na Avenida Centenário, principal avenida de Criciúma, área central. À direita aqui o terminal rodoviário de Criciúma. Passar agora pelo terminal central, principal parada de ônibus da cidade. Interessante ressaltar que aqui na... em Criciúma a gente tem o... a ronda de terminais, uma viatura só pra... pros terminais. Aqui em Criciúma todo setor tem a polícia comunitária, né, todo setor tem um policial comunitário. É... existe o comandante do setor, né, sempre prum sargento e durante a manhã tem um policial que acompanha e... a tarde ou outro período, outro policial. Eles fazem as visitas, né. Visitam o comércio. A presença policial, a ostensividade, ajuda muito. Ó, inclusive aqui a gente tem uma base, uma base comunitária ali, ó. Logo a frente ali uma base da polícia comunitária. A população sempre tá ali perguntando, tirando dúvidas também.

A cena parece ser construída como um *tour* pela cidade de Criciúma e uma apresentação de diferentes aspectos da PMSC nessa localidade. Quando a Avenida Centenário é mencionada, surge na tela a seguinte caixa de texto: “ÁREA CENTRAL DE CRICIÚMA”. Ao longo da fala eles passam por diversos pontos da cidade e falam sobre os aspectos do local e de como a polícia age neles. Nos momentos em que o *policial narrador* diz “ó” ele aponta com o dedo para lugares específicos na paisagem, os quais não podemos ver bem por causa dos ângulos da câmera que acompanham o torso do agente, e não seus olhos ou mãos. Essa apresentação do centro da cidade Criciúma explicita que há lugares de crime, lugares da “população de bem” e lugares de circulação e comércio que devem ser protegidos.

O segmento 4 continua. Os agentes parecem sair da praça por onde passavam e apontavam para a base da polícia comunitária. A narração estilo “guia de turismo” continua também: “a guarnição tá se aproximando agora da... uma outra praça bem conhecida em Criciúma: Praça do Congresso. Aqui à nossa esquerda aqui fica a delegacia regional da Polícia Civil”. Um corte no vídeo altera a paisagem. Saímos do centro da cidade, estamos agora no que parece ser uma rodovia. O carro anda mais rápido na rodovia e isso produz um som de vento forte que entra pelas janelas abertas do veículo. Os dois lados da pista são apenas mato e árvores. O *policial-câmera* explica para o público o que está acontecendo e, ao longo de sua fala vamos da rodovia até uma região com casas visíveis:

⁶³ Os *vlogs*, *videologs* ou videoblogues são variantes, ou adaptações, dos blogs em formato de audiovisual e operam como um diário em formato de vídeo cujo objetivo tende a ser o compartilhamento público. Esse formato de vídeo difere de cenas de comédia, análises de vídeo-ensaios, curtas-metragens, dentre outros tipos de vídeo presentes no *YouTube* por ser mais íntimo e apresentar mais sobre as perspectivas e histórias pessoais e cotidianas daqueles que gravam – os *vloggers*.

A guarnição vai subir agora o Morro da TV, bastante conhecido aí em Criciúma. Ó, aqui é um ponto da cidade, né, do Morro da TV. Pessoal costuma vim muito pra cá pra tirar foto, né, pela... vou até descer aqui pra mostrar... tem uma visão boa da cidade. Pode ver aqui, né, parece bem a cidade de Criciúma. Aqui na nossa frente é a área central, na esquerda aqui é a área da Próspera e pra direita a área da Santa Luzia, Pinheirinho.

Ao chegarem em um determinado ponto alto do Morro da TV a viatura para e o *policial-câmera* desce para mostrar – filmar – a vista do ponto turístico da cidade. Fica mais explícito do que em qualquer outro segmento ou episódio que esses vídeos não são apenas sobre a polícia militar, são sobre o estado de Santa Catarina. Evidencia-se uma forma de propaganda turística e venda da representação de uma “qualidade de vida”. Mais cortes nos transportam para outra área da cidade. Voltamos para uma região mais movimentada e o *policial-câmera* está de volta dentro da viatura. A apresentação de Criciúma continua: “agora a gente tá entrando aqui no bairro de Pio Corrêa, um bairro nobre aí de Criciúma, população com um poder aquisitivo maior. *Um bairro tranquilo*, aí, com um número baixo de ocorrências. Aqui na frente a... a pracinha do bairro. Praça do bairro Pio Corrêa” (grifos meus). Na tela vemos uma caixa de texto conclusiva: “RONDA SEM ALTERAÇÃO”. A paisagem no bairro Pio Corrêa destoa bastante do bairro Renascer (pobre, do tráfico) e do bairro Santa Bárbara (de classe média, de *população de bem*) e o local é descrito por sua segurança. São mansões, casas de dois andares, jardins, ruas arborizadas e uma praça pública com a estrutura bem conservada. O segmento se encerra explicitando que existem diferentes áreas em uma cidade e que a polícia deve agir de diferentes formas em cada uma delas (**Prancha 2**).

Prancha 2 - Segregação espacial no município de Criciúma, como mostrado no episódio 01x12 “Episódio 01x12 - POLICIAMENTO EM CRICIÚMA | 9º BATALHÃO PMSC #12” da websérie Papa Mike SC (2019)

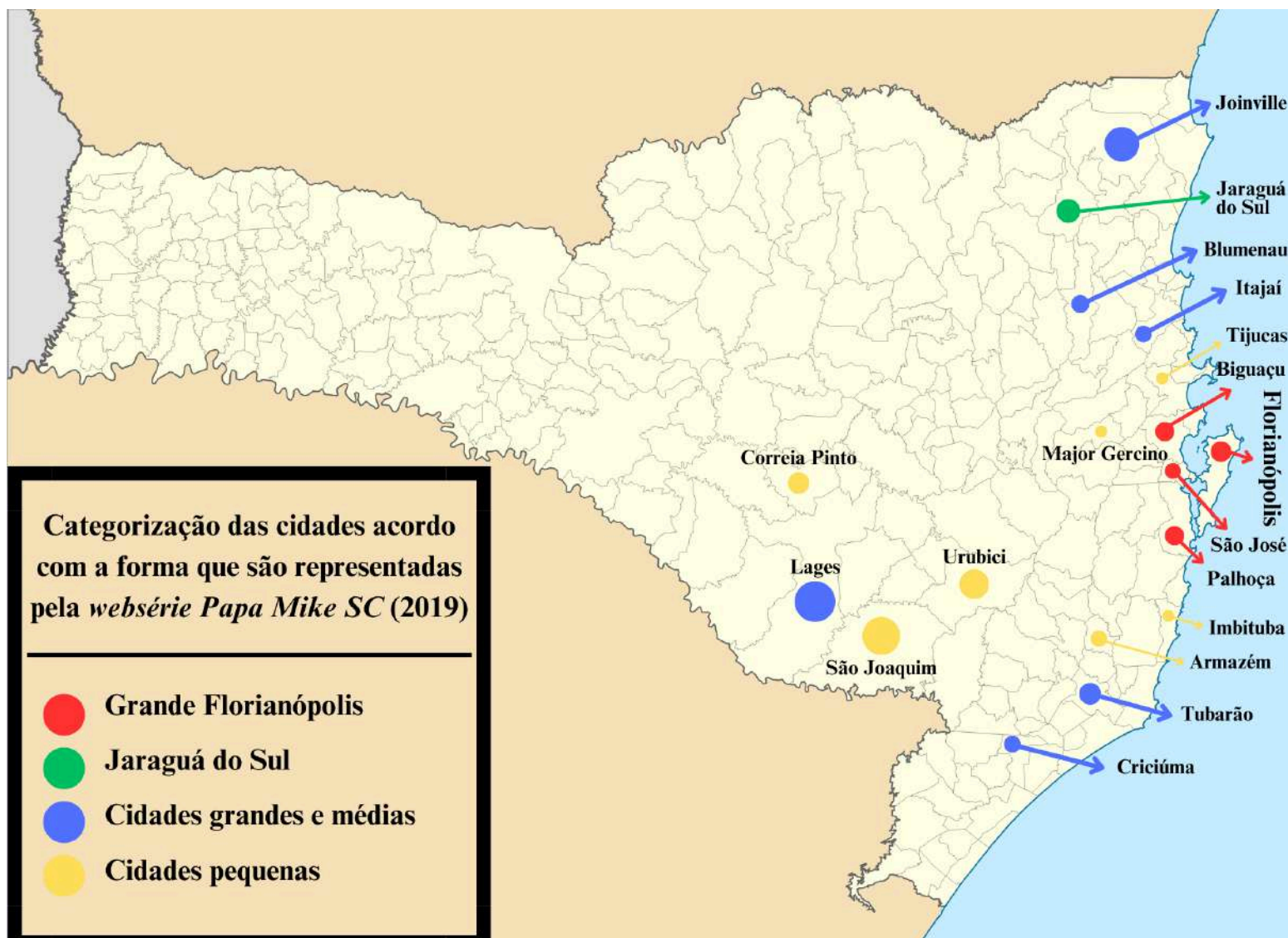




Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x12 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

Além da forma geral de apresentar as cidades, nesta seção cabe distinguir formas específicas que o *Papa Mike SC* têm de apresentar diferentes cidades e regiões. Falarei primeiro sobre as representações da segregação espacial na Grande Florianópolis e em seguida do caso ímpar do município de Jaraguá do Sul, o qual é descrito como “a cidade mais segura do Brasil”. Uma terceira seção será destinada para as cidades de médio porte (consideradas “cidades grandes” em suas sub-regiões) e por fim falarei das cidades pequenas que aparecem na primeira temporada da série (**Figura 7**).

Figura 7 - Mapa do estado de Santa Catarina e suas cidades que são filmadas e representadas na primeira temporada da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: mapa presente na plataforma *Wikimedia Commons*⁶⁴ e editado pela autora para conter as informações construídas a partir da websérie *Papa Mike SC* (2019)⁶⁵ com auxílio do site *Canva*.

2.1.1. A Grande Florianópolis: a “ilha” e o “continente”

A capital Florianópolis e suas cidades satélite se localizam na região litorânea do estado de Santa Catarina. Uma das principais divisões sócio-geográficas da região é a divisão entre a porção insular do município de Florianópolis (a “ilha”) e a região continental do município e demais cidades da Grande Florianópolis (o “continente”). A primeira vez que

⁶⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Santa_Catarina_location_map.svg.

⁶⁵ Agradeço a antropóloga brasileira Giovanna Barros pelo auxílio na elaboração do mapa a partir do suporte dado no processo de edição dos aspectos gráficos.

assisti o episódio 01x02 do *Papa Mike SC*, tive uma sensação muito diferente do primeiro episódio da série que se concentrava inteiramente em ações no “continente”. Alguns aspectos da criação artificial de perigo são substituídos pela ação de uma polícia que não parece tanto em perigo, mas sim em comando, cuidando da “Ilha da Magia”⁶⁶. O vídeo se passa na “ilha”. Abrimos com um dos maiores cartões postais da cidade e do estado: a avenida Beira-Mar Norte (Avenida Jornalista Rubens de Arruda Ramos), localizada na região central da cidade. O *policial-câmera* sentado no banco do passageiro na viatura em movimento se vira para mostrar a vista para o mar proporcionada pela famosa avenida.

Em seguida o segmento prossegue apresentando duas ações de abordagem a pessoas com porte de drogas em duas partes do Centro, o bairro de maior circulação da cidade por conta do Terminal de Integração Central (TICEN) e acesso às três pontes que ligam a ilha ao continente (Ponte Hercílio Luz, Ponte Pedro Ivo Campos e Ponte Colombo Salles). Todavia a maior parte do vídeo se passa em uma ação de patrulha por diversos morros da cidade, patrulha extensa que não resulta em nenhuma prisão ou apreensão, mesmo com muitas abordagens, armas apontadas para o rosto de suspeitos e revistas. A escolha das cenas e ordem delas no vídeo gera a impressão de que eles mostram a “linda vista da Beira-Mar Norte” como ponto turístico conhecido, porém sem crime, passam para a região de maior circulação da cidade e mostram como a polícia protege esse lugar e, por fim, fazem uma *tour* sem muito propósito pelas partes “exóticas”, “perigosas” e às quais a população de classe média e alta (*população de bem*) e os turistas em potencial que assistem os vídeos não teriam acesso em seu cotidiano. Parece um exercício de desbravar o lugar do “Outro” perigoso e mostrar um lado de Florianópolis que ninguém veria se não fosse a corajosa polícia.

O centro da cidade e a região “nobre” da Beira-Mar Norte contrastam com os morros, nos quais as sonoridades e paisagens são muito ímpares – latidos, bebês chorando, pessoas em volta, ruas estreitas, muros de tijolo, chão de terra, pavimento de hexágonos de cimento, antenas parabólicas expostas, subidas íngremes e matagais. Ao adentrarmos os morros da “ilha” por meio da perspectiva de um *policial-câmera*, aproximamo-nos de uma “favela” –

⁶⁶ Um dos apelidos de Florianópolis, a capital de Santa Catarina, é “Ilha da Magia”. Acredita-se que o título seja dado à cidade por duas grandes razões: as muitas histórias, ou lendas, de acontecimentos mágicos na ilha (como bruxas, lobisomens e fantasmas) e as belezas naturais da cidade (praias, morros, dunas, etc.). Pesquisadoras têm apontado para as formas como a imagem de “ilha da magia” tem sido atrelada a construção de uma propaganda da capital catarinense como ponto turístico, assim como um reflexo do próprio estado que é considerado o “ideal”, a partir de marcadores raciais que caracterizam a ilha como um território da branquitude (Alencar, 2019; Medeiros, 2023; Overbeck, 2023). Estou de acordo com essa perspectiva racializada do apelido da cidade e acrescento que o mesmo título de “Ilha da Magia” foi dado ao Haiti no começo do século XX, mas, por ser representado como um território negro, o nome ganhou conotação negativa de “magia negra” (Russel, 2011).

em sua definição estatal de “Aglomerados Subnormais” (Motta, 2019). Caminhamos ou seguimos de motocicleta por ruelas com muita terra e os muros em volta são de tijolo exposto ou de chapisco (ou “sarapico”, muros revestidos com um cimento texturizado e áspero). Há grandes desníveis, de forma que o chão por onde o *policia-câmera* caminha está na altura do telhado de uma casa ao lado. A paisagem sonora é coberta por latidos altos e agudos.

Os episódios mostram morros da região central da “ilha”, como o Morro Santa Vitória, o Morro do Horácio, o Morro do 25, o Morro do Tico, o Morro da Mariquinha e o Morro do Mocotó. De acordo com o Senso 2022 (IBGE, 2022), o município de Florianópolis conta com 23% de sua população de pessoas autodeclaradas pretas ou pardas e, pelo que indicam pesquisas antropológicas, parece haver uma divisão racial do território da cidade e predominância e marginalização de pessoas negras nos morros (Maia, 2019; Medeiros; Dos Anjos, 2020; Dos Anjos, 2021). No segmento 3 do episódio 01x02 lemos uma caixa de texto que nos situa dizendo: “PATRULHA NO MORRO DO MOCOTÓ”. Os policiais da guarnição da ROCAM entram em uma rua com um lado que tem um muro enorme com grafites coloridos e pessoas negras pintadas. O grafite que é melhor enquadrado e ganha mais destaque no vídeo é pintado em tons de roxo, amarelo e verde vibrantes que formam um destaque ao redor da figura de um homem negro com cabelos crespos, óculos de grau e uma lata de tinta em *spray* na mão, como uma representação dos próprios artistas que colorem a paisagem (**Figura 8**). A pintura parece indicar que eles estão entrando em um território “negro” – uma “*blackpolis*” (Alves, 2020) –, seja pelas pessoas representadas ou pelo grafite em si.

Figura 8 - Grafite ilustrando homem negro na via de acesso ao Morro do Mocotó, município de Florianópolis, como mostrado no episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x02 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

A segregação espacial da “ilha” parece ser entre zonas nobres, centro e morros, sendo o resto do território sub representado com pequenas aparições de bairros como Rio Tavares (região do sul da ilha), Canasvieiras (região do norte da ilha) e Carvoeira (região leste da ilha, arredores da UFSC). Quando atravessamos a ponte, entretanto, passamos a ter uma ênfase muito maior nos “bairros perigosos” e morros em geral, como no episódio 01x10, no qual conhecemos o “Morro da Caixa” e o “Morro do Flamengo”. Nessas regiões de morro do “continente” toda a população que cruza com os policiais é enquadrada como suspeita, tendo seus rostos borrados e sendo tratadas com diferentes graus de hostilidade. A maioria das pessoas abordadas, revistadas ou apenas ao fundo eram negras, majoritariamente homens negros, enquanto todos policiais eram homens brancos. Para além da minha percepção da racialidade das pessoas, os próprios territórios de morros patrulhados são construídos como territórios negros (*blackpolis*): a estrutura urbana de favela (Motta, 2019), os grafites e pixos (Bresolin *et al*, 2019) e a presença majoritária de pessoas negras – elementos estes que marcam o território como “perigoso” e legitimariam a presença constante de policiais.

Ao mostrar de forma explícita que aquelas pessoas são suspeitas o suficiente para ser revistadas e terem armas apontadas para seus rostos em frente às suas casas, mas não mostrar

de forma explícita que essas pessoas são inocentes, a *websérie* torna um fato a suspeita, uma probabilidade a culpa e uma possibilidade o perigo. O morar em morros em Florianópolis se torna ser “próximo do crime”, representação que desumaniza essas pessoas, criminaliza suas realidades e apaga suas histórias a partir de uma construção de imagem racista (Maia, 2019; Dos Anjos, 2021). Durante o segmento 3 do episódio 01x01, um policial revista um rapaz em um morro e encontra algo pequeno em seu bolso. O objeto é menor que um celular, parece ser um pequeno pacote de plástico. Nenhum dos policiais fala nada que seja capturado no microfone e não há caixas de texto explicando o que acontece. A única forma de fazer sentido do que está acontecendo é por meio dos “silêncios” da narrativa (Eco, 1986), dos valores morais que preenchem as lacunas daquilo que é deixado em aberto (Rifiotis, 1999). Acredito que o pequeno pacote continha alguma substância ilícita (“droga”), mas isso não é dito e nem mostrado para a câmera. A ação só ganha sentido se tomarmos como certeza que aquilo no bolso é algo errado, mas por que seria algo errado? Bom, pela geografia. Os morros, as casas e ruas irregulares, os muros de chapisco, os portões quebrados, os latidos de cachorro, as paredes de reboco; isto é, a imagem de um bairro empobrecido, uma favela de Florianópolis.

O segmento 6 do episódio 01x01 nos leva em uma perseguição em viatura a um veículo suspeito que começa na região continental, atravessa a ponte e chega até a região do sul da ilha, onde a viatura na qual o *policia-câmera* filma sofre um acidente e a cena acaba. Esse segmento explicita como a distância entre “ilha” e “continente” é muito pequena ao mostrar uma ação que mobiliza agentes de três diferentes BPMs atuando em conjunto. Existe uma continuidade e proximidade dos BPMs, os quais trabalham juntos em diversas ocorrências, principalmente em casos em que há deslocamento ou necessidade de reforço. A região conhecida como continente da Grande Florianópolis engloba a parcela continental da capital e as cidades satélites São José, Palhoça e Biguaçu. Enquanto as imagens da ilha trazem uma dualidade entre o ponto turístico da Beira-Mar Norte e os morros da região central, explicitando os aspectos de segregação espacial (Rolnik, 2004) na cidade, aquelas do continente as comparam com a ilha, de forma a substituir a dicotomia zona nobre/morro pela dicotomia ilha/continente. As imagens do continente são majoritariamente negativas, com representações apenas de “áreas do tráfico” e de “vulnerabilidade”. Há muitos morros, mas também áreas afastadas das cidades e regiões empobrecidas em áreas planas.

Para este capítulo destaco a região da Comunidade do Brejaru no bairro Frei Damião, município de Palhoça, que é descrito como o pior e mais perigoso bairro de Santa Catarina. No segmento 3 do episódio 01x08 dividimos a experiência de estar nas ruas a partir da

perspectiva de um *policial-câmera* no banco do passageiro da viatura. O *policial-câmera* do 16º BPM de Palhoça assume também o papel de narrador e começa a falar, primeiro, sobre o bairro Caminho Novo – aparece o texto “PATRULHA NO BAIRRO CAMINHO NOVO”:

Aqui agora a gente tá indo para o bairro Caminho Novo que é um outro bairro da região da Palhoça aí que é conhecido pelo intenso tráfico de drogas e por consequência tem muito usuário de drogas que para manter o vício comete pequenos delitos de furto. Um exemplo ali, tudo morador de rua que tão ali só esperando a oportunidade para subtrair alguém. Ali na rua a esquerda é até uma rua até que o pessoal propositalmente deixa a luz apagada. Detona parte de iluminação pública para facilitar o ato criminoso ali, né. O tráfico aqui ele é... ele é igualmente ao da ponte ali. Ele é meio que 24 horas, só que aqui também é o seguinte, a gente vai chegar provavelmente algum olheiro já vai avisar. A geografia aqui favorece também a visualização da nossa chegada, né. Então se o traficante, o olheiro tiver meio desatento, a gente dá êxito de pegar o traficante desavisado, né. Aqui os olheiros grita, eles tem uns lá que chamam a gente aqui, eles gritam. No Frei Damião eles soltam foguete. Ali na ponte, ali, os próprios casqueiros ali gritam também na nossa presença. Não é fácil.

As discussões sobre o bairro Frei Damião na Palhoça continuam ao longo do episódio 01x13, no qual também acompanhamos um *policial-câmera narrador*. O céu está cinza, um dia de tempo fechado na Grande Florianópolis. Ao falar sobre a região, no momento em que ele primeiro menciona o bairro, lemos na tela: “BAIRRO FREI DAMIÃO”. Ele diz:

A partir desse momento a gente vai entrar aqui na comunidade Brejaru Frei Damião em Palhoça. Uma área bem crítica. É uma das maiores comunidades da Grande Florianópolis. O índice criminal bastante elevado. Essa daqui é a rua Pascoal Mazzilli, ela possui, aí, 1,5km de extensão. No bairro como um todo são 3 vias principais: Rua Pascoal Mazzilli, a [Rua] 13 e a Rua das Palmeiras. Bastante buraco nas vias, o que dificulta a chegada das guarnições, principalmente à noite. É... diversas vezes, com a chegada, com a presença das guarnições são lançados fogos de artifício, foguetes, para indicar que as guarnições estão chegando no local. Aqui na frente a gente já identifica a presença de uma barricada. Há duas semanas atrás, com uma prisão, acabaram efetuando barricadas e ateando fogo em pneus. E essas barricadas já ficam pra caso, eventualmente, tenha uma prisão, eles tem esse artifício, né. [...]

De acordo com reportagem para o jornal Hora de Santa Catarina (Duarte, 2015, online), o bairro Frei Damião é a comunidade “mais carente da Grande Florianópolis”. Essa imagem do bairro que parece ser hegemônica se entrelaça com as representações do “crime”. O *policial-câmera* prossegue, falando – mesmo que às vezes seja interrompido pelo som de uma voz que fala pelo rádio da viatura – da pobreza, da ação policial que tem que se adaptar e do caráter de “invasão” dos moradores do local:

Bastante pobreza nessa região. O meio de... – fica ligado aqui à esquerda, já correu lá. Como eu estava falando, toda essa área à direita aqui, à nossa

direita, da viatura, é uma área invadida, são 150 mil metros quadrados (m²). Instalaram aproximadamente 600 barracos, casa de madeira, terreno invadido. Já foram efetuadas diversas prisões aqui na localidade. Tem muita gente do bem morando aqui também, crianças, famílias. Aqui é outro beco, tem tráfico de drogas. Mais a frente aqui, também no espaço invadido, temos o local que funciona o baile funk que incomoda bastante as guarnições. E aqui a gente acaba fazendo vários tipos de patrulhamento, é... justamente pra tá cada... toda vida surpreendendo, toda vida inovando e conseguindo fazer a prisão de autores de delitos aqui. Porque, realmente, o espaço é muito grande e é uma das áreas mais conflagradas da Grande Florianópolis, senão a maior do estado. [...]

Ele, então, fala mais especificamente sobre a ação do “crime” no bairro:

Escrito no poste a gente pode perceber “PGC”, facção. Mais lá a frente, também, naquele muro, diversas pichações: “PGC”, “tudo dois”, “não passa nada”, “é o trem bala”. Isso foi só uma das ruas que a gente está passando. Aqui no final, também, ainda faz parte da invasão. Mais barricada lá na frente. Todas essas vielas aqui por vezes têm... ocorre tráfico de droga. Com a chegada da guarnição efetuam disparos, soltam foguetes. Mais barricada aqui na frente. Em 2017, foram 17 homicídios aqui no bairro. Só dentro do bairro, né, só no Frei Damião. Foi feita uma operação na época, foram cumpridos 14 mandados de busca e apreensão. Todos os alvos que foram presos, no total de 9 alvos, é... estão presos, continuam presos. Essa operação contou com o apoio de 220 policiais de Santa Catarina. É... PPT [Pelotão de Patrulhamento Tático] de Palhoça, PPT de São José, GESA [Guarnição Especial de Santo Amaro da Imperatriz], Biguaçu, Balneário Camboriú, Jaraguá [do Sul], Joinville, BOPE, CHOQUE, as guarnições de área do décimo sexto (16º) foram todas empenhadas nessa operação que na época, além dessas 9 prisões de faccionados que comandavam, eram as principais lideranças aqui do bairro. [...]

A explicação dos resultados da operação realizada em 2017 não é concluída, pois há um corte que nos leva para um novo assunto, aquele da infraestrutura do bairro e como o crime afeta a população de diversas maneiras – aspectos que, de certa forma, podemos ver na paisagem do bairro através do parabrisas da viatura e da janela do banco do passageiro (**Figura 9**). Desta vez, para além da interrupção pelo rádio, ele também corta a própria fala para cumprimentar uma pessoa que passa na rua com um “tudo bem?” e um aceno:

A noite é tudo escuro. Eles acabam quebrando as lâmpadas dos postes de iluminação pública. Ocorre o furto de energia, furto de água... – tudo bem? Essa rua no caso é paralela àquela da invasão que a gente passou ainda pouco. Muitos produtos de furto e roubo são trazidos pra dentro do bairro... é... roubos em São José... a pessoa acaba trazendo aqui pra dentro por essa dificuldade que a guarnição tem de chegar e localizar pela extensão que é o bairro, pela dificuldade que eu falei da questão da noite ser escuro, eles terem a facilidade de conhecer muito bem o local porque moram aqui. [...]

Figura 9 - Região da Comunidade do Brejaru no bairro Frei Damião, município de Palhoça, como mostrado no episódio 01x13 “POLICIAMENTO EM PALHOÇA | PPT DO 16º BATALHÃO PMSC #13” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x13 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

As interrupções do rádio são mais frequentes. Tecendo uma explicação que relaciona a pobreza, precariedade da situação de “invasão” e o crime, o *policial-câmera* prossegue:

A comunidade cresceu muito, desordenadamente, o que aumentou os índices criminais. Geralmente eles saem do bairro e vão até outros bairros dentro de Palhoça ou municípios aqui da Grande Florianópolis: São José, Biguaçu, Santo Amaro. Aqui foi aquele beco que eu havia dito do outro lado lá. Eles ficam escondidos aqui, pode ver que tem cadeira, tem tudo. Eles tavam de olheiros, né, fazendo a função de olheiros. Guarnição tá chegando eles já soltam fogos, já enviam por WhatsApp, já correm, já vão para outro local. Bem complexa a área. Muito grande, muda muito. O que que acontece: às vezes tá lá na área invadida, cidadão tá lá na área invadida, ele comete um delito e ele vem pra dentro do Frei Damião, ou vice versa. Ele está morando aqui no barraco e acaba cometendo um delito e ele vai pra outro local, o que dificulta bastante. A gente acaba... as operações que a gente faz aqui dentro é muito com a... com a parte de inteligência e o Patamo [Patrulha Tático Móvel]. O PPT ronda bastante aqui. Todas as guarnições, mais de uma vez por dia, de manhã, à tarde e à noite fazem o patrulhamento. [...]

A paisagem da cena vai mudando conforme eles andam pelo bairro, mas é possível notar que por toda parte são diferentes versões de uma região marginalizada. O *policial-câmera narrador* continua a falar sobre a situação do bairro:

Então, assim, os buracos, né, a falta de infraestrutura; a bicicleta, claro, né, que a gente não ia também acelerar muito ali e por em risco o cidadão de

bicicleta; mas a gente convive diariamente com essas situações: o tráfico de drogas aqui dentro, armas de fogo, no baile funk muitos menores consumindo bebida alcoólica. Essa aqui é mais uma via paralela dentro do Frei Damião também, isso que a gente não tá nem entrando nas transversais, a gente tá passando só nas principais. A verdade é que o Frei Damião acaba sendo um labirinto, né, ele é muito grande. Ao total são mais de 700 mil metros quadrados (m²) e acaba dificultando bastante o nosso serviço. Só esse ano, de janeiro a maio, são 8 ocorrências de disparo contra as guarnições. Essa rua aqui ela liga... é uma rota de fuga pra eles, ou de acesso, né, porque ela sai do outro lado lá, de São José. Sai da ponte que dá acesso ao município de São José. Aqui é um local também que tem tráfico. Não tem muita gente na rua, a gente não tá conseguindo fazer as abordagens porque provavelmente já devem ter se comunicado, já devem ter falado que estamos fazendo patrulhamento aqui no local. O que a gente percebe aqui é que... pode verificar é que estes disparos contras guarnições são de forma covarde, a noite, eles, né, acabam colocando a cara no beco e efetuando disparos na direção da guarnição. Felizmente não acertando nenhum dos policiais. Geralmente quem efetua esses disparos são menores, alguns que querem mostrar... subir, né, dentro da facção, ou que são de fora. A maioria respeita, não atira, até porque sabe que a polícia militar trabalha de forma correta, seguindo os procedimentos de forma legal. Eles sabem que quando perde, quando a gente aborda, quando eles tão armados, eles vão se render e nós vamos prender. Eles sabem que quando tão com droga eles também vão ser presos.

Esse trecho do diálogo expositivo consegue, ao mesmo tempo, criminalizar o funk e o bairro como um todo, ao passo que coloca a PMSC no lugar de excepcionalidade, uma polícia tão correta que até os bandidos respeitam e não atiram. A conclusão da descrição da “pior região” do estado termina com o *policial-câmera* falando sobre o que deve ser feito no bairro:

Então aqui não é só o serviço da Polícia Militar, né. Diversos atores da segurança pública tem que se empenhar pra que possa realmente ser feito um trabalho aqui dentro. Só a polícia, só a parte preventiva, só a parte repressiva, geralmente não tem como. Realmente precisa da prefeitura, do governo estadual, do ministério público, do judiciário, do bombeiro, da assistência social, da polícia civil. Ó o cenário que temos aqui: uma área invadida, barricadas prontas para serem ateado fogo nessas madeiras e pneus. [...]

Conforme ele termina seu discurso, lemos em tela: “PATRULHA SEM ALTERAÇÃO”. O vídeo tem relativamente poucos cortes e o foco, visualmente, parece ser em mostrar as paisagens do bairro a partir do enquadramento da viatura e da arma. O cenário realmente é o de maior precarização visto nos vídeos, com barracas, casebres de madeira, chão de terra e lama, casas com teto de lona, sem portão e quase nenhuma casa com pintura.

2.1.2. Jaraguá do Sul: “a cidade mais segura do Brasil”

O caso oposto da comunidade do Brejaru é a forma como o município de Jaraguá do Sul é representado. O documento oficial que traz um parâmetro da segurança pública no estado é Plano Estadual de Segurança Pública e de Defesa Social (2018-2028) (Santa Catarina, 2018), no qual Jaraguá do Sul é destacado como o mais seguro do país, como um símbolo para a defesa do *slogan* político de que a polícia catarinense é a melhor do Brasil e aqui é o “estado mais seguro do Brasil”. A primeira metade do episódio 01x07 é focado em introduzir o espectador à cidade e a forma como ela se mantém “a cidade mais segura de do Brasil”, afirmação que estampa a *thumbnail* do episódio (**Figura 10**). A *thumbnail* não expressa a mesma tensão ou adrenalina como em outras *thumbnails* da temporada, pois o que é destacado na imagem é o rádio da polícia dentro da viatura, e não suspeitos, drogas, armas ou equipamentos de ação, como o helicóptero no episódio anterior.

Figura 10 - *Thumbnail do episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 14º BATALHÃO | 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019)*



Fonte: *thumbnail* do episódio 01x07 da websérie *Papa Mike SC* (2019) extraída pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas.

No segmento 4 do episódio 01x07, o sol brilha diretamente na câmera e na tela se lê: “14º BPM - JARAGUÁ DO SUL”. A janela aberta faz entrar vento e seu som. O *policia-câmera* atua como narrador e apresenta para o público o município de Jaraguá do Sul, falando sobre a ação que está prestes a fazer e sobre a questão da segurança pública na cidade:

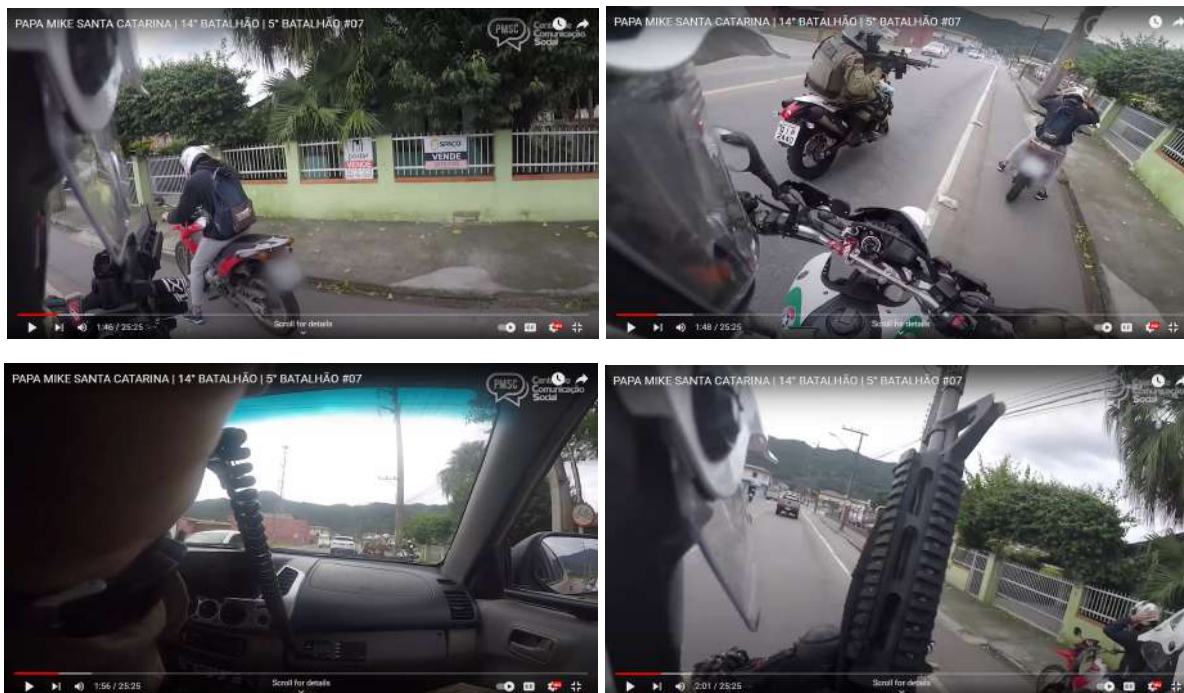
Aqui nós nos encontramos na área central de Jaraguá do Sul. A gente vai virar à esquerda na principal, ali, Getúlio Vargas, onde tem o Terminal Central, ali, que costuma haver uma certa movimentação do tráfico de drogas, onde é realizada o maior número de TCs [termos circunstanciados] da cidade e também de posse. Anexo ao Terminal Central, ali, também tem o shopping onde também tem uma grande rotatividade de masculinos, aí, que são conhecidos da guarnição pelo consumo e também pelo tráfico de drogas na grande maioria, aí, menores de idade.

O céu no fundo é azul brilhante com poucas nuvens. A câmera parece estar posicionada no lado direito do peito do policial, de forma que enquadra na metade esquerda da tela o parabrisas e na metade direita a janela da porta do passageiro. Cortes na montagem nos levam para diferentes ruas e a narração do *policial-câmera* continua. Ao longo de todo o discurso transcrito abaixo, são feitos vários cortes nas imagens de patrulhamento pelas ruas da cidade de Jaraguá do Sul e, em alguns momentos ouvimos cortes de sons do rádio da polícia.

O batalhão aqui é muito bem equipado de viaturas, equipamentos. Contamos com apoio das Especializadas também. Temos o Canil, PPT, ROCAM e o batalhão investe massivamente na compra de equipamentos, viaturas novas. Além disso, é investido também no treinamento em defesa pessoal, treinamento físico, atividade física. Temos uma ótima estrutura de academia, de tatame para defesa pessoal e os treinamentos constantes das especializadas também toda semana. O apoio também das cidades limítrofes aqui tornam o nosso trabalho mais eficiente. Corupá, Massaranduba, Schroeder, Guaramirim. A gente trabalha em constante união aqui, apoio. Aí nós temos também, que funciona de forma efetiva, aqui, o PROERD, a Rede de Vizinhos, a Rede Catarina. E esse contato com a população, polícia comunitária, faz com que todos os moradores estejam ao lado da polícia militar. E eles ligam mesmo. E a polícia militar está sempre presente, tanto na área central, como nos bairros mais distantes. Sem esse apoio também da população, não teríamos como realizar um trabalho tão bem feito assim e com tanta eficiência.

Depois do último corte, enquanto o *policial narrador* termina sua explicação sobre a cidade de Jaraguá do Sul, o texto conclusivo aparece na tela: “PATRULHA EM JARAGUÁ DO SUL, A CIDADE MAIS SEGURA DO BRASIL”. É um segmento expositivo (institucional) para ilustrar o imaginário da população sobre a cidade a partir da fala. Já o segmento 1 do mesmo episódio mostra ações policiais com múltiplas guarnições, as quais não resultam na identificação de práticas ilícitas. Acompanhamos mais um *policial-câmera* no banco do passageiro de uma viatura. O patrulhamento e abordagens parecem aleatórios, ou pelo menos não nos é explicado: não houve nem chamado, nem denúncia e eles não estão em uma região “perigosa”. Esse segmento se destaca de todos os outros da série, pois nele a ação é mostrada com três câmeras diferentes divididas entre duas guarnições (**Prancha 3**).

Prancha 3 - Os múltiplos ângulos e perspectivas de uma abordagem a motociclista suspeito no município de Jaraguá do Sul, como mostrado no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 14º BATALHÃO | 5º BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x07 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Todos os segmentos de ação em Jaraguá do Sul no episódio 01x07 terminam com o texto conclusivo de “NADA CONSTATADO”. Por fim, destaco como, com exceção dos poucos suspeitos provados inocentes, a população do município é apresentada como *população de bem*. No segmento 5 do episódio 01x08 acompanhamos dois policiais militares em uma igreja e ponto turístico de Jaraguá do Sul que apagam um incêndio dentro de um carro com auxílio de uma multidão de pessoas, das quais nenhuma tem seu rosto borrado. O cidadão geral da cidade é representado como alinhado à polícia na busca do bem comum, nesse caso o fim do incêndio. Nenhuma das dezenas de pessoas nessa cena, todas brancas, é posicionada em oposição à polícia, ou seja, não são apresentados como “suspeitos”.

2.1.3. Cidades “grandes”: espaço para a ação policial

Entre os polos opostos de representação do que seria o pior do estado (a comunidade do Brejaru na Palhoça) e o melhor (o município de Jaraguá do Sul) estão os vídeos de ação

que se passam nas cidades médias e grandes – ou metrópoles de suas sub-regiões⁶⁷ –, as quais reproduzem o discurso racializado da segregação espacial, mas tendem a focar mais nas ações e menos na descrição das cidades. Os municípios dessa categoria são: Criciúma, Itajaí, Joinville e Blumenau. Conhecemos um pouco sobre Criciúma no começo deste subcapítulo e discutiremos em maiores detalhes os casos de Joinville e Blumenau no terceiro capítulo. Por hora, então, discutirei a estrutura das ocorrências nessas cidades a partir do caso de Itajaí.

O segmento 4 do episódio 01x09 se destaca de muitos de seus antecessores, pois é escuro, se passa a noite e acompanhamos um *policia-câmera* que segue atrás de um outro PM de sua guarnição que se desloca a pé. Eles sobem um caminho íngreme, possivelmente em um morro, à noite. Na tela lemos: “1º BPM - ITAJAÍ”. Eles se comunicam com sinais com as mãos. Na tela somos situados no que está acontecendo: “INCURSÃO NO MORRO DO PADRE JACÓ”. O segmento começa em tom de ação, mas logo se torna mais um vídeo de exposição falada, quando o *policia-câmera* começa a narrar a história do local enquanto aponta com uma lanterna para as coisas que fala sobre:

É... após as guarnições efetuaram diversas prisões aqui, é... o tráfico aqui foi se diminuindo. É, hoje a gente pode ver que até o mato cresceu aqui, ó. Isso aqui é pouco usado hoje. Não que não seja usado hoje, mas é bem pouco. Até dá pra ver que não há mais tanta evidência do tráfico aqui, ó, pela questão do mato. Isso daqui era tudo limpo e aqui tinha uma construção. E após esses confrontos que tivemos aqui a gente diminuiu bastante a traficância que tinha nessa localidade. Eles tinham uma... um privilégio de sair por esse mato. Até a hora que nós conseguimos mapear todas essas trilhas e fazer incursão pela mata, aí eles já não tinham mais tanto ganho. E... por diversas vezes foi presenciado armas, pessoas com colete aqui em cima e hoje, como a gente pode ver, tá praticamente abandonado. Isso aqui é uma resposta muito... muito contundente da Polícia Militar nessa localidade, porque aqui há diversas pessoas de bem que moram e que viviam refém do tráfico. Então ver... ver isso daqui hoje praticamente... dez pras três da manhã [02h50 da manhã] sem nenhum usuário aqui é muito louvável pro nosso trabalho. Fazia algum tempo que nós não subíamos e hoje a gente vê que o nosso trabalho de pouquinho em pouquinho teve forma. Aqui é o Morro do Padre Jacó. Fica na Fazenda aqui, um bairro... na verdade um bairro de classe média, classe média alta, porém tem uma favela, uma biqueira, vamos dizer assim fortíssima dentro dessa localidade de classe média. E aqui é difícil acesso, nós estamos cansados, suados pra subir o morro aqui, mas aqui também o tráfico não teve vez. Se olhar ali, ó, naquela... naquele relógio ali, ali tá escrito assim, ó: ‘pedra dez, pó vinte’. Bem ali, ó, ali. Aqui, ó, ainda tá aqui, aqui, ó: ‘pedra dez, massa de dez, de

⁶⁷ Em seu trabalho com policiais militares na sub-região do Oeste de Santa Catarina, o antropólogo brasileiro Rafael Medeiros Knabben (2018) traz uma definição de seus interlocutores de “cidade grande” como uma cidade polo que funciona de forma cooperativa com as cidades ao seu redor que são menores. A definição é empregada para categorizar o município de Chapecó, o qual não aparece nos vídeos da primeira temporada da *web série Papa Mike SC* (2019), mas recebe muitas solicitações dos comentários que questionam: “quando vai ter vídeo de Chapecó?”.

cinquenta, beckeira, 24 horas o atendimento’. Não é mais 24 horas o atendimento. Acredito que o atendimento 24 horas aqui é da Polícia Militar.

Enquanto esse segmento contribui para o argumento recorrente de segregação espacial e efetividade da ação policial na transformação desses territórios, o segmento 1 do mesmo episódio é mais focada na ação policial estruturada com começo, meio e fim aos moldes da narrativa policial moderna (Reimão, 1983; Klinkerfus, 2024). Nele seguimos uma equipe que, de acordo com as caixas de texto, passa o dia todo de tocaia em um matagal recolhendo informações sobre um ponto de tráfico. Na metade do segmento transacionamos para uma cena à noite, quando a guarnição desce do matagal e efetua prisões em flagrante. Pouco da abordagem e prisões é mostrado. A cena foca no trabalho de encontrar drogas, dinheiro e demais itens usados no trabalho dos envolvidos com o narcotráfico dentro da casa. Eles encontram o dinheiro. Após um corte o dinheiro já está na mesa, possivelmente já contado. A conclusão após contagem é: “tavam começando a vender, pelo próximo turno da noite, mas foi surpreendido aí pela guarnição.” Um segundo policial contribui para a descrição do crime:

E aqui vai a madrugada toda, né, dia, noite. Não para aqui. Aqui como é difícil acesso eles ganham muito fácil. A viatura no começo da rua a gente sempre tem que tá bolando uma estratégia de forma diferente. Tipo hoje, nós conseguimos filmar eles de outro ponto, né, até mesmo pra localizar onde estava... estaria a droga que geralmente eles guarda também próxima a entulhos. Hoje nós demos sorte de pegar aqui dentro da residência. Dá pra ver que é uma residência que eles usa somente pra picar e embalar droga e... mas assim, é bem utilizado também os entulhos. Os arredores ali onde eles traficam ali na rua mesmo

Após todo o material ilícito ser apreendido, há um corte no vídeo e nos transportamos para dentro de uma viatura, desta vez no banco do passageiro e acompanhando um *policial-câmera* com câmera corporal no ombro esquerdo. O *policial-câmera* age como narrador e dá uma fala conclusiva para o trabalho realizado ao longo de um dia inteiro:

Bom, o trabalho de hoje foi o que a sociedade de bem quer ver: vagabundo preso, a droga na mão, o crime se desfazendo. Tivemos um pouco de trabalho pra adentrar o recinto deles ali que é bastante vigiado, bastante olheiro ali. Eles são... trabalham com bastante informantes, mas hoje a gente foi mais esperto. Entramos por uma área de encharque, tamos todo cheio de lama, mas com o espírito em paz pelo serviço bem feito. Dois masculinos ali foram presos pelo tráfico de drogas mais uma feminina pela associação do tráfico, ela fazia a função de olheira. Muita droga apreendida, foi crack, cocaína, maconha e mais material para o embalo. Então hoje fizemos um bom trabalho. A sociedade e a polícia hoje tá vibrando.

Próximo ao fim da fala, aparece em tela a primeira de duas caixas de texto conclusivo que explicam em maior detalhe o final. O primeiro dos textos diz: “INDIVÍDUOS PRESOS,

DROGAS E DINHEIRO NA MÃO” e o segundo: “TODOS OS ENVOLVIDOS NA OCORRÊNCIA FORAM ENCAMINHADOS PARA A DELEGACIA”. Toda a fala é feita enquanto as viaturas se deslocam, de forma que vemos e ouvimos a sirene da viatura à frente.

2.1.4. Pequenas cidades de Santa Catarina: segurança e turismo

Uma última forma de representar cidades e regiões de Santa Catarina são os vídeos que se passam em cidades pequenas, os quais se destacam por serem mais pacatos, terem menos ação envolvendo o tráfico de drogas, mostrarem mais paisagens rurais e apresentam pontos turísticos como as praias de Imbituba e as atrações de inverno de São Joaquim. Esses segmentos também localizam o problema da “violência urbana” (Silva, 2010) nas “cidades grandes” e nas fronteiras. No segmento 2 do episódio 01x05 acompanhamos dois policiais da “GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA”, como é comunicado por meio de uma caixa de texto, que tem um diálogo expositivo dentro da cena, ao explicarem para o público que:

Policia1 1: “Tem muita droga? Tem um porto aqui.”

Policia1 2: “Sim, apesar de ser uma cidade pequena [...] por ser uma cidade litorânea, com bastante praia, por ser uma cidade portuária, a quantidade de drogas apreendidas aqui na cidade é bastante grande”

Policia1 1: “Desde droga sintética, maconha, cocaína. Tem um tráfico considerável na região.”

O trecho omitido é uma parte da fala do *policia1 motorista* que não pude compreender por conta do alto som de vento e motor do carro em movimento. Ainda assim, é criado um contexto, uma imagem da região, para que a espectadora possa interpretar a narrativa. Imbituba é implicada na questão do “crime” por ser uma cidade portuária. Em uma abordagem feita no mesmo episódio a um menor que portava drogas, ele indica ter conseguido sua maconha na capital, na região do centro de Florianópolis. Toda a cena parece performática, pois os agentes parecem mais uma vez travados na entrega das falas. Os poucos conflitos que aparecem nos vídeos de Imbituba são brigas de vizinhos.

Outra forma como cidades pequenas são mostradas são nos casos de policiamento em zonas rurais. Alguns desses casos aparecem no episódio da Polícia Militar Ambiental, a qual mostra os municípios de Major Gercino e Tijucas; mas a maior parte da ação policial em territórios rurais acontece no município de Lages no episódio 01x14. No segmento 1 desse episódio, acompanhamos uma guarnição da PMSC dentro de uma caminhonete viatura que

circula por três fazendas da zona rural Índios, município de Lages, as quais fazem parte do programa Rede Rural de Segurança⁶⁸.

Por fim, a última forma de representar as cidades de Santa Catarina, como identifiquei a partir do *Papa Mike SC*, são os pontos turísticos. Apresentei anteriormente a Avenida Beira-Mar Norte em Florianópolis e o Morro da TV em Criciúma, mas as regiões que mais são destacadas como cartões postais e pontos turísticos são nos municípios de São Joaquim e Urubici no segmento 5 do episódio 01x14. O segmento começa com um *policia-câmera* no banco do passageiro, só que desta vez a câmera parece estar posicionada do lado esquerdo do peito de forma a centralizar o para-brisa da viatura. Na tela lemos: “6º BPM - LAGES”. Está de dia, mas o céu está escuro e chove. O *policia-câmera* começa a narrar a situação:

Saindo aqui da... da área do pelotão. Primeiro pelotão da segunda companhia, São Joaquim, pertencente ao sexto Batalhão de Polícia Militar (6º BPM), cidade de Lages. Nosso pelotão ele fica aqui na área central, né. Essa aqui é a região central aqui de São Joaquim. Hoje um dia aí bem característico da nossa região. Bastante umidade e chuva. É uma região bem fria. Tem... essa é uma das suas peculiaridades, né.

Ao mencionar a cidade, uma caixa de texto aparece dizendo “SÃO JOAQUIM” e, ao mencionar a região, uma segunda aparece dizendo “ÁREA CENTRAL”. Durante sua fala, o

⁶⁸ De acordo com o portal oficial da PMSC, o Programa Rede Rural de Segurança é “[...] um dos serviços de prevenção do portfólio institucional da PMSC, tendo por objetivo desenvolver ações efetivas para as regiões rurais do estado, através do trabalho cooperativo entre Polícia Militar e comunidade rural, atuando na prevenção dos problemas de ordem pública.” (Féo, 2022, online). Com o objetivo de policiamento das regiões rurais e voltado para a proteção da população e de suas propriedades, um marco estético e procedimental do programa é a entrega das placas da Rede Rural de Segurança para os fazendeiros, os quais colocam em suas propriedades como um aviso: a PM protege este local. Como um colunista do jornal local *Notícia no Ato*, “a intenção é demonstrar, por meio do recurso da identidade visual, a presença da autoridade policial também nas áreas rurais da Serra Catarinense” (Marvadeza, 2018, online). De acordo com jornais locais, o programa teria sido idealizado em 2017 e passou a ser implementado no ano de 2018, com a entrega de placas para propriedades nas regiões rurais da Serra Catarinense, ao redor do município de Lages (sionline, 2018; Marvadeza, 2018). No episódio 01x14 da *websérie Papa Mike SC* no qual conhecemos a Rede Rural de Segurança acompanhamos justamente o patrulhamento na região de Lages. Em uma das propriedades rurais que conhecemos neste episódio, acompanhamos uma guarnição em uma viatura caminhonete que se aproxima de uma porteira que dá acesso a estrada que leva a uma fazenda. Atrás do portão, no lado esquerdo da tela, vemos um *outdoor* que indica “ÁREA MONITORADA” pelo programa “REDE RURAL DE SEGURANÇA”, ou apenas “Rede Rural”, como é dito pelo *policia-câmera* no começo do segmento, junto da logo do programa que mostra dois bonecos beges/marrons com uma casinha simples ao fundo, um uma árvore e grama. Esse *outdoor* é o modelo da placa entregue aos proprietários. Nele também vemos o nome da fazenda, a logomarca da PMSC, o número de telefone para emergências “190” e o código da fazenda no sistema: “PROPRIEDADE VIGIADA _____”. A viatura entra no caminho para a fazenda, chegam lá e, uma vez fora da viatura, o *policia-câmera* se aproxima para cumprimentar um homem branco, mais velho, com chapéu, camisa xadrez e calças jeans. O homem é tratado como “senhor”, indicando respeito, e seu rosto não é borrado. Os policiais perguntam como as coisas estão e o homem, que eles chamam por nome, diz que está: “Tudo beleza, calma. A gente não vê comentar mais nada. Essa patrulha aí foi, assim, uma coisa muito bem... bem bolada, né, de... de... de funcionar na área rural aí. Porque a gente tava desprotegido... [PM diz “tava jogada”] tava jogada. Então agora a gente já sentiu que a coisa mudou. A gente também já fica mais esperto ... [PM diz “já respira melhor, né”] já! A gente já tem mais... cê fica mais tranquilo quando tem segurança, né. A gente tá bem satisfeito, Sargento. Tomara que amplie cada vez mais para outros locais também assim, né, porque cês também tem um número limitado, né.”

policial destaca o clima, o tempo e a paisagem como marcadores do município. Alguns cortes na montagem nos levam para diferentes partes do que eles indicam ser a área central. Passa tempo suficiente para que a chuva tenha passado e o céu apareça mais claro. O *policial-câmera* continua sua apresentação da cidade:

Chegando numa praça aqui, a praça Cesário Amarante, é... também é bem procurado pelos turistas aí. É onde que a gente tem as placas ali também... que o pessoal procura até pra tirar um retrato onde que tem o nome da cidade, também o termômetro marcando aí as baixas temperaturas que São Joaquim é bem conhecida. Ali a frente nossa Igreja Matriz, né, também um dos cartões postais aí da cidade.

Destaco aqui que a apresentação da cidade neste segmento se difere das apresentações de cidade prévias que focam na descrição dos piores ou melhores bairros em relação a segurança. Mais cortes nos retiram do cenário urbano e agora estamos em uma rodovia. Uma caixa de texto explica a situação: “DESLOCANDO PARA A SERRA DO RIO DO RASTRO”. O caminho é silencioso, só ouvimos vento e motor. A falta de ação e de narração me parece indicar que a cena foi colocada no vídeo para mostrar a paisagem das rodovias da serra, reforçando a estética de uma propaganda de turismo. Os policiais se deslocam até um mirante. É possível ver um parapeito que protege as pessoas e as possibilita ver a paisagem do topo da serra, porém tudo está coberto por neblina no dia da gravação. O *policial-câmera* se aproxima do parapeito para mostrar melhor para o espectador e diz: “diante da Serra do Rio do Rastro. Aqui a saída... o topo da serra.” Ele se desloca para outra parte do ponto turístico, ainda mostrando a vastidão da paisagem do topo da serra que é coberta pela neblina. O *policial-câmera* fala sobre a paisagem e mostra, no gramado que vai descendo, alguns bichos pequenos, possivelmente quatis:

Aqui é o começo já da serra. Essa aqui é a descida dela, mas aqui com o tempo bom a gente pode enxergar até o mar que fica mais aqui... acentuado aqui à nossa direita e, como vocês podem ver, sem imagem nenhuma [o policial ri], eles sobem através daí... os bichinhos eles sobem através tudo da mata. Se encontram na mata aí, mas é bem comum, hoje tem poucos, poucos aí. São famílias e famílias aí de... de animais aí que sobem pra... se agregam por comida.

Mais um corte em *fade* mostra mais do mirante. O *policial-câmera* se aproxima de dois homens brancos, turistas e motoqueiros, usando preto dos pés à cabeça. O *policial-câmera* cumprimenta o homem que está de pé enquanto outro agente conversa com o segundo turista que ainda está em cima de sua motocicleta. Aproximamo-nos e cumprimentamos também o segundo turista. De longe surge um terceiro turista com a mesma descrição, o qual se aproxima para cumprimentar os policiais. Nenhum dos turistas tem seu

rosto borrado, isto é, não são posicionados narrativamente em oposição à polícia. O turista em cima da moto conversa com os policiais:

Rapaz, que região fria! Lá... lá... lá procê ter ideia tá marcando temperatura de trinta e um grau (31°C) [o policial pergunta: “aonde, senhor?”]. Lá em Araçatuba, região... é... São Paulo. Trinta e um grau (31°C), esse é o nosso inverno lá. Imagina a gente se arriscar num frio desse [o homem e o policial riem. O policial brinca “mas hoje tá quente”]. Rapaz... se acha, rapaz, isso não dá certo não. Tudo molhado, não melhoramos a estrada... a viagem inteira. Molhamos em Curitiba, melhoramos ontem. Não tem trem que faça não molhar.

A cena acaba abruptamente, com um corte em *fade*. Estamos de volta na viatura, desta vez com uma pista mais limpa, sem tanta neblina e plana. O céu ainda está cinza. Na tela uma caixa de texto indica a nova cidade em que estamos: “URUBICI”. O *policial-câmera* explica:

Estamos fazendo a subida aqui, já estamos em Urubici fazendo a subida aí da base aérea Cindacta II aí, mais conhecido como Morro da Igreja. Se vocês observarem aí, a temperatura agora é quinze graus (15°C). Em cima lá fechado. Ao decorrer que a gente for subindo essa temperatura ela vai cair drasticamente e possivelmente quando a gente chegar lá no topo lá do Morro da Igreja lá, conhecido ponto, a temperatura vai chegar aí em torno de cinco graus (5°C).

Após outro corte passamos para uma área com mais neblina e com a pista mais íngreme. Ao chegarem ao ponto turístico, o *policial narrador* apresenta:

Está no... na base da Cindacta II, é a base aérea aqui do Morro da Igreja. Aqui à esquerda, aqui, apesar do tempo que não dá pra... não dá pra... dá pra ver, mas fica a Pedra Furada, né, um ponto turístico aí conhecido aí. A gente tá com muita chuva aí, temperatura... cerração muito forte aí, mas esse aqui é um do... é um dos pontos turísticos aqui da cidade Urubici aonde que a polícia militar também se faz presente aí no policiamento aí ostensivo.

Um corte em *fade* nos leva de volta para uma paisagem na rodovia de total neblina e uma caixa de texto conclusivo diz: “ESTAMOS PRESENTES”.

2.2. Representações da PMSC: a pluralidade do trabalho policial

Para além das representações do estado de Santa Catarina – as quais, por si só, também reproduzem impressões sobre suas policiais –, a série também apresenta seus batalhões e grupamentos específicos em diferentes episódios e segmentos. Um comentário feito no vídeo do episódio 01x11 expressa a opinião de diversos comentaristas sobre a estrutura do canal de juntar vários BPMs e grupamentos da PMSC em um canal oficial centralizado. O comentarista diz: “Muito inteligente por parte da PMSC. No lugar de ter 300

canais de policiais, fizeram um canal da PM com várias ocorrências e de vários BPMs diferentes.” Esses diferentes BPMs e grupamentos expressam parte da pluralidade do trabalho policial realizado pela PMSC.

2.2.1. Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT)

Os casos em que a polícia faz patrulhamentos e operações em diferentes localidades a pé tendem a ser operações realizadas por agentes do Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT), ou apenas “TÁTICO”, como é escrito na parte de trás de suas fardas. De acordo com o *site* oficial da PMSC, o trabalho feito PPT está vinculado ao policiamento ostensivo a pé que é

O policiamento ostensivo é a atividade de preservação da ordem pública, em cujo emprego o homem ou fração de tropa é identificado pela farda, equipamento ou viatura. Tal processo de emprego de policiamento, à pé, tem por objetivo principal atingir visibilidade à população, proporcionando o desestímulo de infrações à lei e a sensação de segurança (prevenção contra infrações legais e profilaxia criminal), por demonstrar a presença policial. A atividade de policiar consiste resumidamente em fiscalizar (comportamentos e atividades) e preservar a ordem pública, reprimindo crimes, contravenções, infrações de trânsito e zelando pelo respeito dos indivíduos à legislação. (Nossas..., s. d., online)

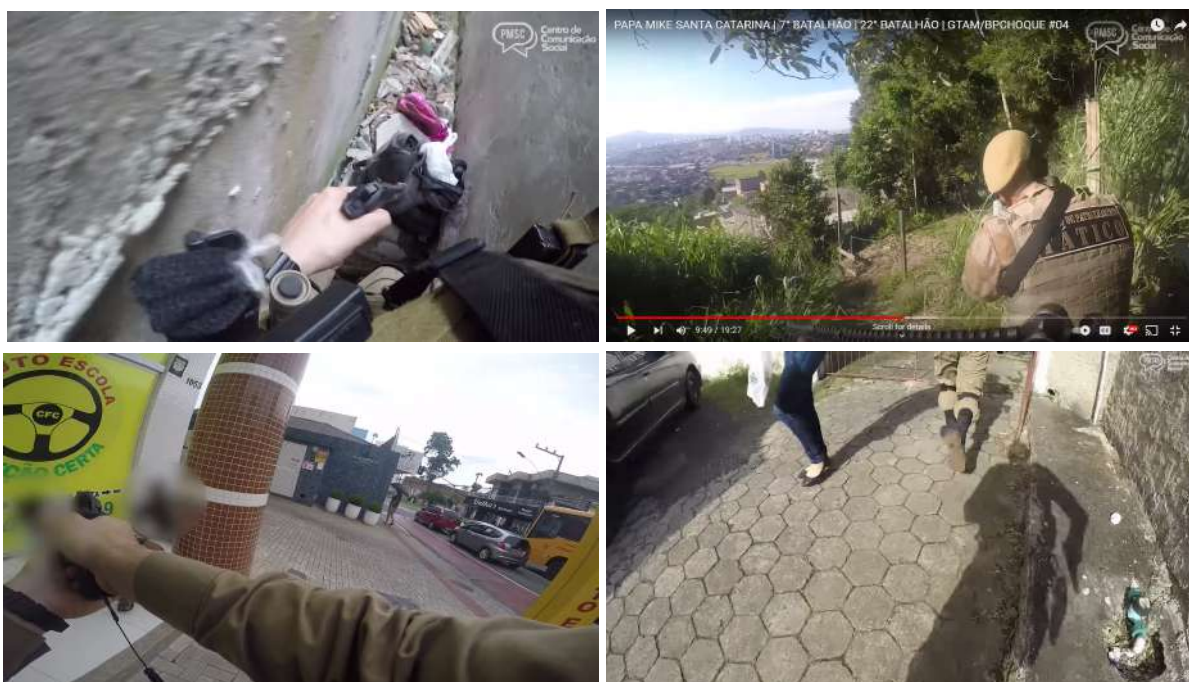
Todavia o trabalho é mais específico do que o dos demais agentes do policiamento ostensivo a pé pelo fato de que as guarnições do Tático tendem a ser acionadas em operações e chamados específicos que possam exigir incursões a regiões de difícil acesso, como matagais e morros. Nos segmentos que eles protagonizam, geralmente em “cidades grandes”, seus agentes percorrem matagais, morros, fazem perseguições a pé e entram em conflito direto com suspeitos em diversas ocasiões. Eles usam o fardamento comum da PMSC, aquele utilizado por todos os grupamentos quando atuam nas ruas, com exceção do Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM) e do Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque). A farda é composta por camisa e calça grossa, coturnos e bonés beges. Muitos deles usam luvas pretas, mas não é algo que faz parte do fardamento.

Esses agentes tendem a andar com suas armas em mãos, o que produz uma imagem próxima aos *videogames* de *First Person Shooter* [Atirador em Primeira Pessoa] (FPS)⁶⁹, pois, por meio das câmeras no peito, tudo que vemos do policial são suas mãos e os equipamentos que ele carrega. A experiência audiovisual produzida por esses agentes é uma

⁶⁹ Os jogos *First Person Shooter* (FPS) surgiram nos anos 1980 e ganharam popularidade nos anos 1990 com títulos como *Wolfenstein 3D* (1992) e *Doom* (1993). Nesses jogos o jogador tem o objetivo de combate e eliminação de inimigos com armas de fogo e/ou armas brancas (Gogoni, 2020).

que faz parecer que a espectadora divide seu corpo com o *policial-câmera*. Em alguns casos, naqueles em que as câmeras são colocadas nos ombros, vemos parte do rosto do policial, o que quebra a experiência imersiva. Muitos comentadores reclamam desse posicionamento de câmera. Vemos em tela o que veríamos se fôssemos policiais e olhando para frente: nossas mãos, nossa arma, nossos companheiros e nossa sombra projetada no chão (**Prancha 4**).

Prancha 4 - Perspetiva da câmera no peito de um agente do Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: em ordem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, são capturas de tela feitas pela autora dos episódios 01x03, 01x04, 01x09 e 01x12 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

São em segmentos do Tático que vemos as únicas policiais mulheres da série. No segmento 5 do episódio 01x01 acompanhamos uma equipe de policiais a pé que através da perspectiva de um *policial-câmera* que é o quarto em uma fileira de cinco policiais. Esse padrão é comum e utilizado na maioria dos vídeos do Tático. Eles atravessam uma rua correndo, o lugar parece molhado, como se tivesse parado de chover há pouco tempo. Uma das agentes é uma mulher e a sua estética destoa com um rabo de cavalo comprido de raízes castanhas e majoritariamente loiro⁷⁰. A presença da mulher é bastante destacada pelos comentadores no episódio.

⁷⁰ No trabalho do policial militar e antropólogo brasileiro Luiz Ricardo Duarte (2012) ele descreve os padrões estéticos a serem seguidos por homens e mulheres na PMSC. De acordo com o autor, policiais militares mulheres em Santa Catarina só podem pintar os cabelos de cores “naturais” e só podem usar rabos de cavalo se tiverem cabelos lisos. Mulheres com cabelos cacheados ou crespos só podem atuar na corporação com seus cabelos presos em coques (Duarte, 2012). Nenhuma policial militar mulher que aparece na websérie *Papa Mike SC* tem cabelos crespos ou cacheados.

2.2.2. Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM)

Outro grupamento específico que também protagoniza a maior parte dos episódios e segmentos do *Papa Mike SC* são as guarnições da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM). De acordo com o *site* oficial da PMSC, a ROCAM integra o policiamento com motocicleta:

Utilizando motocicletas como *processo de emprego motorizado* as guarnições deste tipo de *policiamento ostensivo geral* se destacam pelo atendimento das ocorrências policiais com o menor tempo-resposta. Diante do atual cenário de mobilidade urbana essa mobilidade agiliza sobremaneira o atendimento à população e ao apoio às demais unidades da Polícia Militar. (Nossas..., s. d., online, grifos do autor)

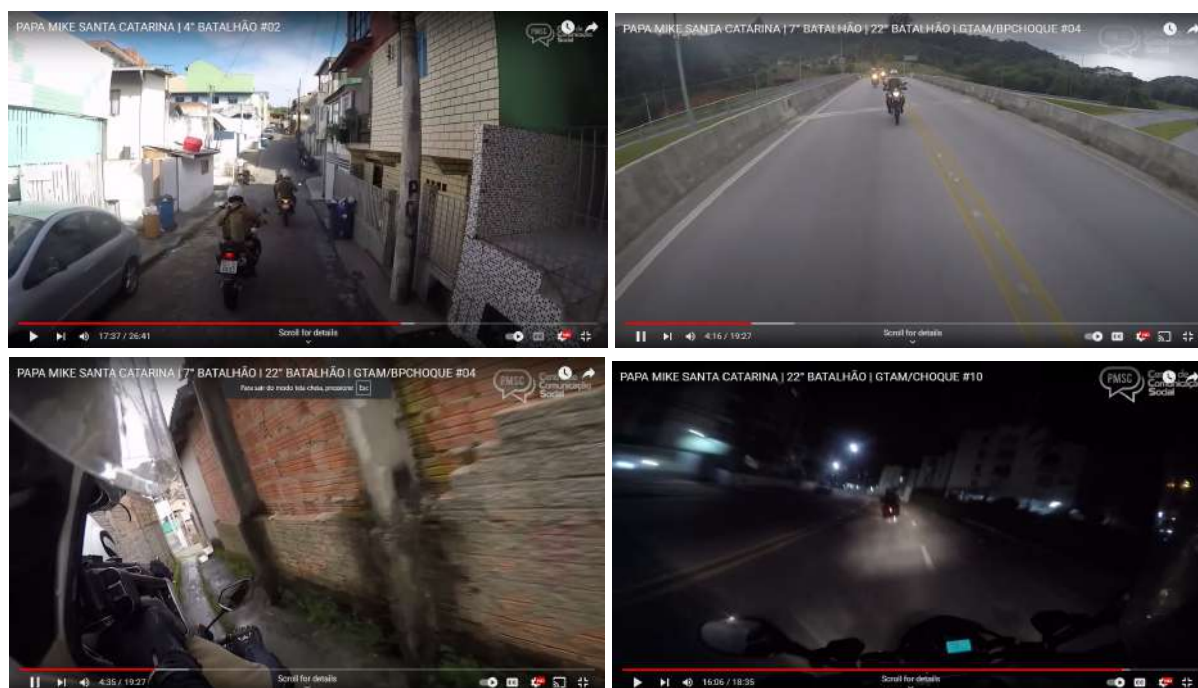
Os vídeos produzidos por agentes da ROCAM tem uma estética própria, pois as imagens são capturadas por policiais motociclistas que nos projetam em frente a estrada ou policiais na garupa que produzem imagens igualmente singulares. Os agentes de policiamento com motocicleta também produzem imagens diferentes pois muitos deles utilizam de câmeras profissionais atreladas aos seus capacetes, como na produção de *motovlogs*⁷¹. A experiência do *policial-câmera* em uma moto é diferente daquela do carro por vários motivos. Primeiro nós vemos muito mais dos arredores, pois não temos na nossa frente várias partes do carro e a visão da pista filtrada pelo parabrisas. O som também é muito mais alto, uma mistura de vento e motor que faz com que não dê para ouvir mais nada.

No segmento 3 do episódio 01x01 vemos agentes da ROCAM andando por ruas íngremes ao subirem pelas favelas. Eles parecem estar em uma região de construções mais irregulares, como uma das favelas da Grande Florianópolis, entrando em ruelas e becos nos quais não há distinção (e nem espaço) entre rua e calçada. São espaços que os carros não poderiam acessar. Algumas motocicletas tem apenas um agentes, enquanto outras contam com dois policiais. O segmento 2 do episódio 01x04 acompanha um *policial-câmera* na garupa de uma moto da ROCAM. Seguimos por uma rodovia e temos uma imagem nova para a *websérie*: a perspectiva das costas do policial. Vemos as motos da guarnição que vem atrás. Em diferentes momentos do segmento identificamos que se trata de uma câmera corporal no peito de um *policial-câmera* que se senta ao contrário na motocicleta. De qualquer forma, a

⁷¹ Os *motovlogs* são *vlogs* filmados por motociclistas, os quais acompanham a perspectiva dos agentes em seu uso das motocicletas, seja ele para viajar ou trabalhar no transporte de pessoas ou mercadorias. De acordo com os sociólogos brasileiros Bruno Cardoso e Nina Desgranges (2024), o processo de uberização do trabalho aumentou a quantidade de trabalhadores que trabalham com suas motocicletas e passou a se desenvolver um nicho próprio entre eles de *entregadores-influencers*, os quais têm alimentado, transformado e definido o subgênero de vídeos de *motovlog*, principalmente no *YouTube*.

imagem capturada é impressionante e engajante. A imagem é produzida a partir da primeira motocicleta da guarnição, o que nos possibilita ver como as outras quatro se movimentam de uma forma sincronizada. Abaixo vamos as perspectivas dos vídeos da ROCAM (**Prancha 5**).

Prancha 5 - *As múltiplas perspectivas de policiais-câmera de guarnições da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019)*



Fonte: em ordem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, são capturas de tela feitas pela autora dos episódios 01x02, 01x04 (duas imagens) e 01x10, da websérie *Papa Mike SC* (2019).

2.2.3. Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) e Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM)

Junto nesta subseção o Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque, ou apenas Choque) da PMSC e sua divisão que mais aparece no *Papa Mike SC*, o Grupo Tático de Ações Motociclísticas (GTAM). As guarnições desses grupamentos utilizam fardas diferentes, compostas por jaqueta e calça camuflada em tons cinzas, botas e coletes pretos; além de serem responsáveis pelos casos de ação mais extremos da série, como trocas de tiros e

patrulhamento das regiões “mais perigosas”⁷². O fardamento chama a atenção dos comentadores sempre que aparece, os quais destacam como o acham “bonito” e “glamuroso”.

O segmento 3 do episódio 01x10 torna explícito que o GTAM faz parte do BPChoque, como a divisão que faz seu trabalho com auxílio das motocicletas. Na cena inicial do segmento, um policial operando uma câmera manual anda em semi círculos ao redor de cinco policiais do GTAM que se abraçam em um círculo apertado. A filmagem é feita enquanto eles proferem a “Oração do Cavaleiro de Aço”, uma espécie de discurso religioso que pede a específica proteção divina desses agentes antes que eles entrem em ação. Todos são homens brancos e parecem ter cabelo escuro, muito curto, com exceção de um que é careca. Eles usam as fardas camufladas do GTAM. O primeiro texto explicativo a aparecer na tela é na parte inferior, em branco, sem a caixa de texto preta e diz: “OS POLICIAIS DO GTAM INICIAM O SERVIÇO COM A ORAÇÃO DO CAVALEIRO DE AÇO”. A oração explicita os “valores” e a ideia de uma “superioridade moral” da PMSC (Duarte, 2012) e atrela os valores da memória institucional à moral cristã. A oração é proferida em uníssono:

Senhor Deus, Vós que avançais por caminhos intransponíveis, que percorreis trilhas estreitas e difíceis, concedei a nós cavaleiros do século do aço, guerreiros audazes na busca da paz, o destemor do combate, a perseverança frente aos inimigos, a astúcia diante do perigo e a fé na vitória e na justiça. Obrigado Senhor, por ter nos concedido a força, a resistência e a habilidade, que o ser humano comum não possui, pois só os fortes de espírito aqui conseguem lutar. Amém! GTAM!!!

Após um corte, passamos para a perspectiva de um *policial-câmera* na garupa de uma motocicleta do GTAM. Pela sua perspectiva vemos o capacete do policial que pilota a moto, o qual traz escrito “CHOQUE”, tem um adesivo de elmo romano com dois fuzis cruzados atrás e, na lateral, um adesivo com a logo da PMSC, só que em preto e branco, ao invés das cores vermelha, azul e verde. Na tela, a ação deles é explicada: “SAINDO PARA MAIS UM PATRULHAMENTO”. O segmento segue com uma abordagem a um motociclista em uma avenida movimentada do município de Florianópolis. Ainda assim, mesmo sem um caso de

⁷² Dentro da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC* é possível notar que muitos grupamentos, cargos e trabalhos da PMSC não são mostrados, um deles o próprio trabalho de documentar (como policiais preenchendo formulários ou publicando notícias em seu site). Um dos mais notáveis grupamentos deixados de fora do programa foram aqueles das Operações Especiais, aqueles ligados ao Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope). O *site* oficial da PMSC discorre sobre o trabalho executado por esse tipo de grupamento: “*Tipo de policiamento ostensivo geral* desempenhado pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) e pelos grupos Táticos. Essas unidades e frações de tropa têm como missão desenvolver ações e operações táticas no campo da segurança pública. Ao Bope estão subordinadas a Companhia de Operações Especiais (COE) e o grupo Comando de Operações de Busca Resgate e Assalto (Cobra), forças de manobra do Comando-Geral para emprego em todo o Estado.” (Nossa..., s. d., online, grifos do autor). É preciso indicar, todavia, que há a possibilidade desses grupamentos serem apresentados na segunda temporada.

ação “extrema”, os elementos visuais das filmagens na moto, a oração, a farda e a performance hostil na abordagem tornam o segmento mais intenso (**Prancha 6**).

Prancha 6 - O fluxo do trabalho de um Grupo Tático de Ações Motociclisticas (GTAM) de um Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22º BATALHÃO | GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x10 da websérie Papa Mike SC (2019).

O segmento 5 do mesmo episódio acompanha uma guarnição do GTAM em mais um patrulhamento no município de Florianópolis, só que desta vez a ênfase está na incursão a áreas do tráfico, conforme prefaciado por uma caixa de texto que explica a ação: “PATRULHA NA COMUNIDADE MONTE CRISTO”. Conforme os policiais vão entrando em ruas que ficam cada vez mais íngremes, aparece na tela mais um texto explicando a situação e gerando um maior *senso de perigo* – senso esse artificial, pois está “contando” e não “mostrando”: “ABORDAGEM EM LOCAL DE TRÁFICO”. Ao chegarem em frente a um amontoado de casas em cima de um terreno desnivelado, vemos muitas pessoas borradas e logo ouvimos os policiais interagindo com eles em tom de ordens: “volta, mão na cabeça. Volta, volta!”, ordena um deles enquanto saca sua arma (**Figura 11**).

Figura 11 - Incursão de um Grupo Tático de Ações Motociclisticas (GTAM) de um Batalhão de Patrulhamento de Choque (BPChoque) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) em um “local de tráfico”, como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22º BATALHÃO | GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x10 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Os policiais param todas as motos e aos poucos começam a cercar a entrada das moradias com suas armas apontadas, enquanto mandam todos os suspeitos descerem para a rua onde eles estão. A abordagem ocorre sem problemas, nenhuma droga ou atividade ilícita é identificada, mas ainda assim a presença do GTAM torna o ambiente muito mais tenso e contribui para a criação não só do *senso de perigo*, mas também do “lugar perigoso”.

2.2.4. Centros de Operação da Polícia Militar (COPOM)

Muitos acontecimentos da realidade, os quais são capturados pelas câmeras e construídos como segmentos no *Papa Mike SC*, só se tornam ocorrências por meio da denúncia, a qual chega até as guarnições nas ruas pelo trabalho dos Centros de Operações da Polícia Militar (COPOM). No segmento 1 do episódio 01x08 nos é exemplificado como essa dinâmica funciona quando um *policia motorista* explica para o *policia-câmera* ao seu lado porque não interferiram em uma casa por onde passaram em frente com a viatura: “ali tava tendo som alto, a gente não intervém porque não foi comunicado à COPOM. Então teoricamente ninguém tá se sentindo prejudicado.”

Nunca vemos o espaço físico de um COPOM e a descrição dessa divisão é feita a partir de policiais nas ruas em contato com um – geralmente se referenciando como “o COPOM” de sua região. O episódio 01x12 traz uma *thumbnail* que evidencia a importância dos centros no trabalho ostensivo da polícia, a qual traz o texto “CORREU, COPOM!”, indicando que o sistema de inteligência da PMSC consegue capturar *bandidos* com o trabalho de múltiplas equipes, não apenas aqueles que estão nas ruas efetuando as prisões (**Figura 12**).

Figura 12 - Thumbnail do episódio 01x12 “POLICIAMENTO EM CRICIÚMA | 9º BATALHÃO PMSC #12” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: *thumbnail* do episódio 01x12 da websérie *Papa Mike SC* (2019) extraída pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas.

2.2.5. Centrais de Emergência

As Centrais de Emergência da PMSC, aos quais a população acesso a partir do número de telefone “190”, fazem parte dos COPOM, como explica o *site* oficial da PMSC:

O serviço de Emergência 190 é baseado nos Centros de Operações Policiais Militares (Copom), para onde convergem os chamados ao número 190 (*Polícia Militar*), destinado ao atendimento da população nas situações de emergência. Por meio das câmeras de videomonitoramento é possível acompanhar de forma efetiva diversas ocorrências registradas nas mais diversas regiões de Santa Catarina. (Nossas..., s. d., online, grifos do autor)

Dentro do *Papa Mike SC* as Centrais de Emergência são apresentadas por meio da Central Regional de Emergência de Tubarão. O segmento 5 do episódio 01x07 começa de um

jeito diferente de toda a série. Nele vemos uma entrevista com um policial, aparentemente gravada pela perspectiva de um policial com uma câmera manual. Na tela somos situados de onde e com quem estamos: “5º BPM - TUBARÃO”. O lugar é uma grande sala com algumas fileiras de mesas e computadores. Em cada estação de trabalho os oficiais têm fones de ouvido com microfones, uma tela de computador para trabalho e uma segunda tela para observar câmeras de segurança. As paredes têm isolamento acústico, revestidas com uma espuma específica para esse tipo de tratamento acústico. O policial entrevistado diz:

Aqui é a Central Regional de Emergência de Tubarão. Atendemos 19 cidades, né. Temos aqui uma frente as cabines dos atendentes onde recebemos as ligações dos 190 dessas 19 cidades. São geradas as ocorrências. Essas ocorrências caem na tela dos despachantes, que seriam a cabine da frente. Aqui nós recebemos as ocorrências geradas pelos atendentes do 190 e empenhamos as guarnições através do tablet, quando são ocorrências de menor gravidade. Quando são ocorrências de maior gravidade, além de ver o tablet, nós também informamos a gravidade da ocorrência através de níveis para as guarnições que estariam de serviço. Temos também ali na frente nosso monitoramento. Ele monitora todas as cidades. São 20 câmeras, também sempre de olho nas ocorrências que porventura pode acontecer e auxiliam não só os policiais da rua como também nos aqui da central de emergência.

Durante sua fala ele anda pelo espaço, mostrando alguns dos computadores para o público e, ao final, chegamos no que parece ser a estação principal de trabalho, com dez telas de computador mostrando imagens de diversas câmeras. Em nossa tela uma caixa de texto contribui para o diálogo expositivo: “CENTRAL REGIONAL DE EMERGÊNCIA - 190”. O que segue após a entrevista é algo único na série. O trecho da entrevista funciona como um prefácio para a ação que é o áudio de uma chamada de emergência feita. A tela passa a ser um fundo azul com a logo da PMSC no canto superior direito e no topo tem escrito como título: “POLICIAIS SALVAM BEBÊ ENGASGADA”. Abaixo do título, na lateral esquerda, tem uma foto de um policial de costas trabalhando na Central de Emergência escrita “POLICIAL”, com um espaço ao lado para as transcrições do que esse agente fala. Abaixo da foto do policial tem uma imagem borrada do que parece ser uma mulher segurando um telefone, possivelmente uma imagem genérica para passar a ideia de ser a pessoa que liga. A foto tem escrito “SOLICITANTE” e também acompanha à sua direita um espaço para as transcrições do que é falado pelas pessoas do outro lado da linha. Segue abaixo uma imagem

dessa tela (**Figura 13**) e em anexo está a transcrição do diálogo entre a solicitante desesperada que liga pedindo ajuda para o 190 e o oficial que a atende (**Anexo 4**)⁷³.

Figura 13 - Tela de transcrição da ligação feita à Central Regional de Emergência de Tubarão no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 14° BATALHÃO | 5° BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x07 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Ao fim do salvamento começa a tocar uma música não-diegética instrumental intensa e emocionante. A música continua após um corte para uma tela preta que começa a ser preenchida aos poucos pelo seguinte texto grande e em caixa alta que aparece, lentamente e no ritmo do piano, no centro da tela: “APÓS O SALVAMENTO OS POLICIAIS VISITAM A PEQUENA _____”. O segmento é concluído com uma série de fotos dos policiais com a família. Nenhum dos rostos são borrados.

⁷³ Um fato curioso desse vídeo é que muitos dos comentários que demonstravam sentimentos fortes sobre o caso da bebê do município de Armazém foram respondidos por um perfil chamado que se dizia ser o policial que atendeu a chamada de socorro, o qual fala de sua emoção, alegria e traz atualizações sobre a bebê que estaria crescendo bem. É impossível ter certeza de que os nove comentários do perfil realmente são do policial na chamada, mas a consistência parece ser um indicador importante.

2.2.6. Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD)

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD)⁷⁴ é apresentado no segmento 6 do episódio 01x07, logo após o caso da bebê. Depois de um segmento não convencional para os parâmetros do *Papa Mike SC*, a cena que segue após vinheta parece ser comum. Nela seguimos a perspectiva de uma *policial-câmera* com o equipamento no peito atravessando a rua e se aproximando de um mural colorido. Na tela: “5º BPM - TUBARÃO”. Ao se aproximar do prédio ouvimos uma gritaria de crianças e logo a cena convencional parece diferente de tudo que já vimos anteriormente na *websérie*. Após um corte estamos agora dentro da escola. O *policial-câmera* passa pelo parquinho do colégio, acena para um menino que grita para ele: “OI, TIO!”, ao que ele responde: “oi, lindão! Tudo bem? Certo?” – o tom da interação é completamente diferente de toda a série. O trabalho do sociólogo brasileiro Antonio Alberto Brunetta (2003) nos ajuda a compreender essa diferença, pois o autor explica que o processo de formação dos policiais militares “proerdianos” é diferente e produz uma postura distinta.

O *policial-câmera* cumprimenta algumas das crianças, nenhuma das quais têm seus rostos borrados. Mais um corte leva a câmera a colocar uma menina em primeiro plano. O *policial-câmera* pergunta para a estudante: “o que que é o PROERD pra você?”, ao que ela responde: “o PROERD pra mim é um programa que ele ajuda a resistência, a dizer não às drogas e vai ajudar nossa adolescência que é a fase que gente mais tem contato, né. Eu acho que é isso.”. O policial então faz uma segunda pergunta: “e o que que o PROERD já mudou na tua vida?”. Ela responde: “então, o meu pai, que ele já me deu aula, então desde pequena eu já sabia como era mais ou menos e pra mim o PROERD já mudou muito a minha vida, ensinando a dizer não às drogas e saber que não, eu nunca vou usar e que eu sei o que é certo”. Durante toda a interação, crianças brincam no fundo e fazem bastante barulho.

⁷⁴ De forma simultânea à realização do mestrado em Antropologia Social, tenho cursado os últimos semestres de minha segunda graduação, a Licenciatura em Ciências Sociais, também na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No âmbito da graduação, como pesquisa do Trabalho de Conclusão de Licenciatura (TCL) orientada pela professora Flavia Medeiros (ANT/UFSC), tem sido desenvolvida uma segunda pesquisa a partir do canal de *YouTube* PMSC Oficial a respeito dos temas de autoridade, instituições policiais e educação a partir dos vídeos sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). A discussão mais densa acerca do PROERD em meio ao PMSC Oficial há de ser desenvolvida nesse trabalho futuro, com previsão de conclusão no semestre 2025.2.

2.2.7. Polícia Militar Ambiental, ou Comando de Policiamento Militar Ambiental (CPMA)

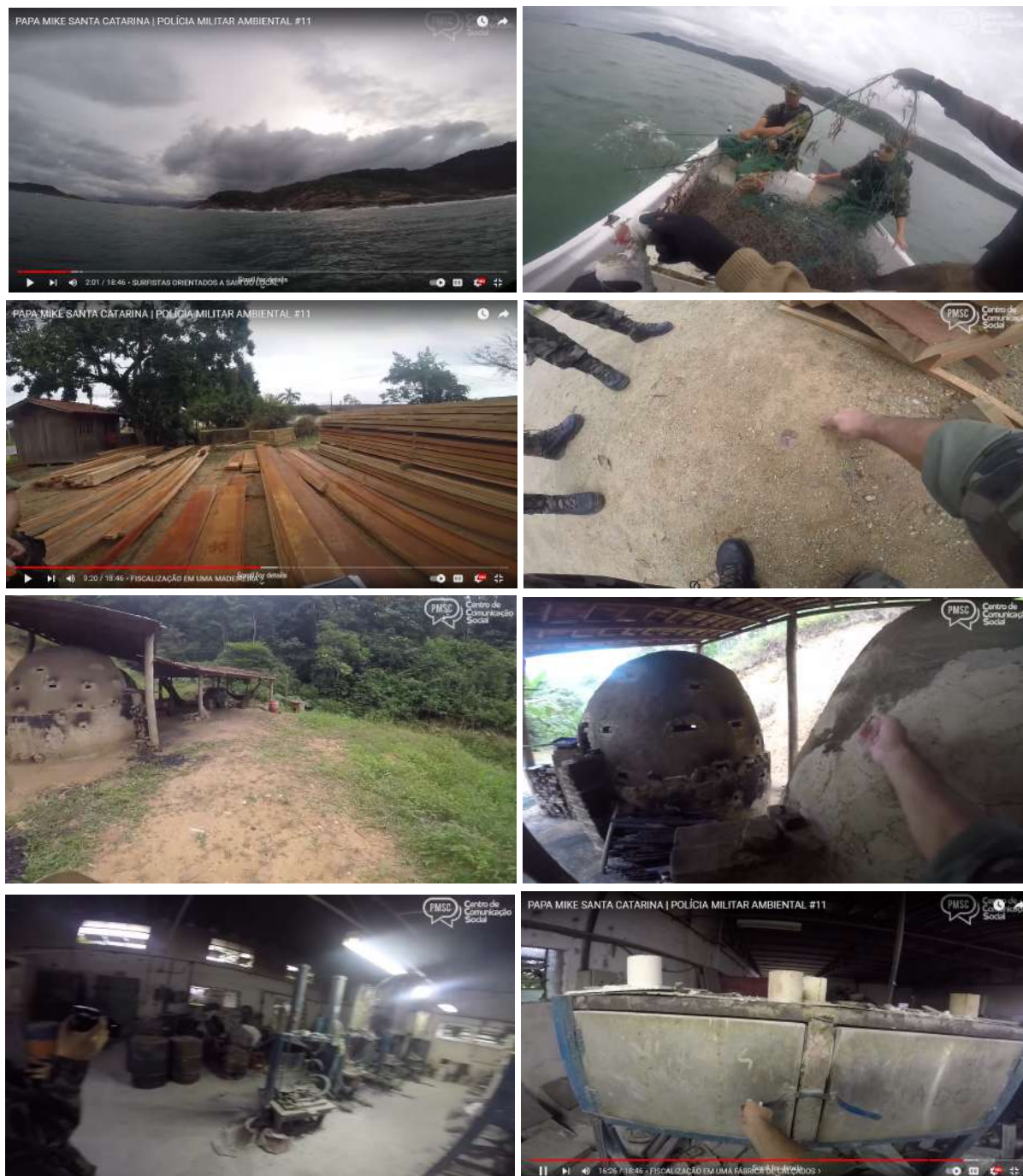
A Polícia Militar Ambiental, como nomeada na *websérie Papa Mike SC*, ou Comando de Policiamento Militar Ambiental (CPMA), como nomeado pelo portal oficial da PMSC, é descrita como sendo

[...] responsável pela fiscalização da flora, fauna, mineração, poluição e agrotóxicos, atuando em todo o território catarinense com 19 subunidades. Também, realiza dois programas de Educação Ambiental institucionalizados, com o objetivo de promover a proteção do Meio Ambiente. (Nossa..., s. d., online)

É também um dos únicos grupamentos da PMSC a receber um vídeo exclusivo para seu trabalho. O episódio 01x11 é dedicado para apresentar a atuação da Polícia Militar Ambiental em diferentes contextos. O segmento 1 apresenta a fiscalização em alto mar feita em uma praia na região do sul da ilha no município de Florianópolis sob a descrição: “FISCALIZAÇÃO AQUÁTICA”. Nesse segmento eles utilizam o efeito especial de aceleração da imagem (*fast motion*) para encurtar o tempo de uma ação.

Para além do trabalho no litoral, o episódio também apresenta no segmento 2 a fiscalização em uma madeireira no município de Tijucas, no segmento 3 a fiscalização a um forno de carvão em uma fazenda na área rural do município de Major Gercino e no segmento 4 a fiscalização a uma fábrica pequena na região urbana de Major Gercino. Há muitos elogios e comentários de surpresa de pessoas admiradas pelo trabalho da Ambiental e que não sabiam como eles trabalhavam ou que eles existiam, além de elogios centrados na proteção do meio ambiente. O mais hiperbólico dos elogios diz: “Belo trabalho se não fosse vocês a natureza infelizmente já era...”. A prancha abaixo expressa a pluralidade de paisagens e mudança geral da estética que o episódio focado no CPM traz para a série (**Prancha 7**).

Prancha 7 - *As especificidades estéticas das ações filmadas por agentes da Polícia Militar Ambiental, ou Comando de Policiamento Militar Ambiental (CPMA), da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x11 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | POLÍCIA MILITAR AMBIENTAL #11” da websérie Papa Mike SC (2019)*



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x11 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

2.2.8. Canil (K9)

Cachorros e cavalos participam da sociedade americana na condição de sujeitos. Têm nomes próprios e realmente temos o hábito de conversar com eles, assim como não conversamos com porcos e bois. Portanto, cachorros e cavalos são julgados não comestíveis porque, como disse a Rainha de Copas, “Não é fino mandar cortar alguém a quem você foi apresentado”. Co-habitantes domésticos, os cachorros são mais próximos do homem do que os cavalos, e seu consumo, portanto, é mais inimaginável: eles são “membros da família”. (Sahlins, 2003, p. 174)

No trecho acima, o antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (2003) explica a posição ímpar que cachorros e cavalos ocupam dentro da cultura estadunidense e como, em certa medida, esse lugar de superioridade dessas duas espécies em relação a outros animais julgados como mais “comíveis” se reproduz como uma marca da cultura ocidental capitalista⁷⁵. Diferentemente do trabalho expresso pela Polícia Militar Ambiental, na qual as relações multiespécies entre policiais, peixes e árvores é colocada em uma posição de subjugação da “natureza” perante o trabalho policial, no caso do Canil (K9) da PMSC vemos como os cachorros da polícia – chamados pelos comentadores de *cachorros policiais* – atuam ao lado dos PMs em um lugar ímpar de animais sujeitos, agentes da segurança pública e tecnologias da polícia. De acordo com o *site* oficial da PMSC, o trabalho do Canil está subjogado às equipes do Tático:

A atividade com cães teve início na Polícia Militar de Santa Catarina em 1980, e exigiu da corporação a aplicação de viatura, equipamentos adaptados e apoio logístico específico, além de policiais com conhecimento cinotécnico, para o perfeito desempenho das missões. Os cães desenvolvem diversas ações policiais, englobando o patrulhamento tático k-9, operações de busca e resgate, ações de controle de distúrbios civis, controle de rebeliões e fuga de presos, detecção de entorpecentes e armas, e policiamento em praças desportivas. Também atuam em apresentações de cunho educacional e recreativo, formaturas e desfiles de caráter cívico-militar, além de apoio a outras instituições. (Nossas..., s. d., online)

O segmento 7 do episódio 01x07 começa a partir da perspectiva de uma câmera manual. Na tela somos situadas: “5º BPM - TUBARÃO”. O policial cinegrafista acompanha um segundo agente fardado e com uma câmera de vídeo presa em seu ombro enquanto descem as escadas do que parece ser um prédio da polícia com as paredes todas brancas. Ao chegarem em uma porta escura e com uma coleira pendurada em um gancho ao lado, mais

⁷⁵ O antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (2003) utiliza do conceito de graus de comestibilidade para distinguir o lugar simbólico de cachorros, cavalos, bois e porcos na sociedade capitalista estadunidense, dentro da qual cachorros e cavalos estariam no lugar simbólico do não comível (sendo os cachorros ainda superiores aos cavalos nessa hierarquia) e bois e porcos estariam no lugar simbólico do comível (sendo as “carnes nobres” dos bois atribuídas níveis mais altos *status* na alimentação).

uma caixa de texto no canto inferior esquerdo aparece para situar a equipe sendo filmada: “CANIL”. Passamos para a perspectiva do segundo agente, o *policial-câmera* com a câmera no ombro direito, conforme ele abre uma das portas do canil. Com uma voz gentil e suave ele ordena que o cachorro de pelo caramelo dentro da sala se sente. O policial se inclina e podemos ouvir o som dele colocando a coleira no animal. Por conta do posicionamento da câmera, grande parte da tela é ocupada pela lateral do rosto do oficial. Ouvimos latidos. Um corte no vídeo faz-nos voltar para a perspectiva da câmera manual que filma o *policial-câmera* com seu cachorro. Eles caminham em direção a saída do prédio.

Enquanto caminhamos para a zona externa do prédio do Canil da PMSC no município de Tubarão, alternamos entre os dois policiais e seus distintos dispositivos de filmagem. Vemos uma viatura com o texto “CANIL” em seu vidro de trás. O *policial-câmera* – que neste caso também é o *policial adestrador* – abre a porta de trás da viatura especial e dá a ordem para o cão subir, a qual o animal obedece. Ele então tira a guia de seu pescoço e fecha a porta. O segmento continua com uma ação de patrulhamento e deixa de focar no trabalho conjunto entre policiais humanos e caninos. Ainda assim, os poucos segundos já são suficientes para mostrar como o K9 é um grupamento da PMSC que também possui tecnologias próprias (não apenas o animal treinado, mas também a viatura adaptada para carregá-lo), uma infraestrutura adaptada para acomodar os cães e um tipo de comportamento específico para o qual os agentes precisam ser treinados, isto é; um tipo de comportamento técnico para se relacionar e trabalhar junto a um *cachorro policial* (**Prancha 8**).

Prancha 8 - *As especificidades estéticas e tecnológicas do Canil (K9) da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado no episódio 01x07 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 14° BATALHÃO | 5° BATALHÃO #07” da websérie Papa Mike SC (2019)*





Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x07 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

O segmento 1 do episódio 01x12 mostra o trabalho dos agentes do canil por uma outra perspectiva, não mais de acomodação dos animais, mas de ação. Nele acompanhamos um caso de busca por drogas em um terreno baldio com agentes do PPT e auxílio de agentes humanos e um *cachorro policial* do Canil da PMSC de Criciúma. A cena se passa em um dia de sol em um terreno baldio coberto de mato verde, o qual os policiais vasculham por alguns minutos. Policiais e cachorro procuraram juntos por alguma droga que teria sido deixada no local por um suspeito que teria fugido ao ver a viatura do PPT à distância. Em meio a busca, o animal encontra um pedaço de madeira e começa a tentar cavar, gerando um som e chamando a atenção dos policiais pela persistência. “Dá pra ver que ele mudou o comportamento, aí”, explica o *policial-câmera*⁷⁶ em referência ao *cachorro policial*. O *policial adestrador* se aproxima do animal, indica que ele pode parar de cavar, manda-o se sentar e o recompensa com uma azeitona. Na tela é explicado: “DROGA ENCONTRADA”.

Ainda no mesmo episódio, mas no segmento 6, acompanhamos uma guarnição da ROCAM que busca por um *masculino* que, no final, é encontrado e capturado por uma segunda guarnição com auxílio de agentes do Canil, captura essa que não é filmada. Quando a guarnição munida do dispositivo de captura de imagem chega ao local em que a segunda guarnição espera com o suspeito capturado, lemos, em uma caixa de texto na parte inferior da tela: “K9 LOCALIZOU O MELIANTE”. Os policiais da ROCAM se aproximam dos policiais do K9 e conversam sobre o caso, parecem alegres, mas é difícil ouvir por conta dos latidos. Tanto no caso da apreensão da droga, como na captura do *meliante*, os *cachorros policiais* foram importantes. Esses segmentos expressam como esses cães se tornam parte central da apreensão e por isso ganham *status* dentro da PMSC e perante os espectadores do *Papa Mike SC*. Na seção de comentários do episódio 01x12 os animais são elogiados: “O cachorro é

⁷⁶ Na cena descrita, a fala original do *policial-câmera* menciona o nome do *cachorro policial*. Optei por alterar a frase e remover o nome como forma de preservação do anonimato dos policiais em minha escrita. Em outros trechos que citam nomes de cachorros e cavalos continuarei a substituir o nome próprio por “ele/ela” ou “o cachorro/cavalo/*cachorro policial*”.

demais. Parabéns garoto!!! Que Deus os abençoe.”, em referência ao que encontrou as drogas, e “Desce 1Kg de Picanha pro cachorro que pegou. Parabéns equipe.”, em referência ao que encontrou o suspeito. Diferente da norma cultural ocidental de relações humano-cachorro identificada por Sahlins (2003) de parentalidade, nesse caso os cachorros ocupam um lugar de proximidade a partir da ética da corporação: são agentes que possuem relações profissionais e afetivas com seus adestradores, são respeitados pelos demais policiais e recebem um *status* de “herói”, assim como os demais PMs, dentre os comentadores.

A última aparição do Canil na primeira temporada do *Papa Mike SC* explicita esse lugar de respeito e utilidade que os *cachorros policiais* – assim como seus *policiais adestradores* e todo o grupamento do Canil – ocupam dentro da PMSC. No segmento 4 do episódio 01x14, o *policia-câmera* do Canil do 6º BPM, do município de Lages, sentado no banco do passageiro de uma viatura em movimento a noite, começa a explicar: “A guarnição do Canil tá deslocando aí em apoio ao PPT da cidade de Curitiba é... no posto da PRF [Polícia Rodoviária Federal], cidade Correia Pinto. Uma ocorrência de tráfico de drogas. Existe um carro abordado lá com grande suspeita do masculino tá transportando droga no veículo.”, enquanto isso, em meio a sua fala, lemos a seguinte caixa de texto: “A GUARNIÇÃO DO CANIL DESLOCANDO EM APOIO AO PPT DE CURITIBANOS”. Eles chegam ao posto de pedágio da Polícia Rodoviária Federal (PRF) do município de Correia Pinto e o *policia-câmera* volta a narrar: “chegamos no local da ocorrência, aqui no pedágio de Correia Pinto. Duas equipes do PPT... solicitaram apoio de Curitiba de Lages.” A ação é uma série de buscas pelo veículo suspeito feitas com auxílio do *cachorro policial*. Ao final do caso o texto conclusivo diz: “NÃO FOI LOCALIZADO NADA DE ILÍCITO NO CARRO DO SUSPEITO”. O final do segmento é o *policia-câmera* explicando que, quando há algo ilícito, é fácil, pois: “quando vê o cachorro eles já confessa”.

2.2.9. Cavalaria da PMSC

O outro animal que é empregado pela PMSC são os cavalos, os quais também são chamados pelos comentadores de *cavalos policiais*, como os cachorros. A última divisão da PMSC apresentada na *websérie Papa Mike SC* é a Cavalaria, a qual recebe um vídeo inteiro só sobre ela. De acordo com a própria PMSC

O policiamento montado é empregado em apoio ao policiamento a pé, principalmente em grandes eventos, como no perímetro externo de estádios

de futebol, shows, feiras e em operações estaduais. A PMSC conta com seis unidades de Cavalaria distribuídas pelo Estado, e mais de 150 animais atuando no policiamento. O efetivo é empregado em ocorrências das mais variadas naturezas, em ações preventivas e também repressivas, principalmente relacionadas a distúrbios civis. Mas não é só na atividade de policiamento que os animais são empregados. Eles auxiliam crianças e adultos, portadores de necessidades especiais, na atividade de equoterapia, que é desenvolvida por uma equipe multidisciplinar composta por policiais militares e profissionais de educação especial. (Nossas..., s. d., online)

O episódio 01x15 tem dois segmentos, um primeiro no qual um *policial-câmera* entrevista um oficial responsável pela sede da Cavalaria da PMSC no município de São José sobre o grupamento e os trabalhos de manutenção dos animais, treinamento e equoterapia; e um segundo no qual acompanhamos uma operação da Cavalaria que atua na segurança de um jogo de futebol em Florianópolis. Logo no começo do episódio, uma caixa de texto apresenta o *framing device* [dispositivo de enquadramento]⁷⁷ do episódio: “POLICIAMENTO JOGO DE FUTEBOL AVAÍ X SÃO PAULO”. O jogo de futebol que veremos ser policiado no segundo segmento é usado como motivo para conhecermos a estrutura e funcionamento da Cavalaria. O *policial-câmera* entrevista um oficial e, durante a explicação, ele divide a atenção entre o agente que fala e os policiais que preparam os seus cavalos ao lado. Na tela lemos a caixa de texto: “PREPARAÇÃO DOS CAVALOS PARA O JOGO NO ESTÁDIO DA RESSACADA”. O *policial narrador*, o qual está sendo entrevistado, diz:

Cada um policial aqui agora tem seu cavalo, né. Feito ali o briefing, todo mundo prepara agora os animais com estiramento para efetuar o deslocamento do... do cavalo já encilhado. Lá no local do jogo é somente colocado a cabeçada [o policial gesticula com a mão no queixo] que é o freio, né, que permite aí a condução do cavalo. Eles executam aqui agora o... a verificação da condição física do cavalo, né, se o cavalo está com as ferraduras bem afixadas. Se não tiver, eles trocam o cavalo e vão com o cavalo reserva. A princípio cada... cada policial tem seu cavalo e vai com

A explicação sobre a Cavalaria da PMSC continua, só que agora os policiais andam por um corredor, de forma a mostrar que é ali que ficam alguns estábulos. O *policial narrador* apresenta o local: “aqui nós temos os cavalos que estão diariamente no policiamento montado. Temos os cavalos no outro pavilhão ali, são cavalos da equoterapia e temos alguns cavalos

⁷⁷ Um *framing device*, ou dispositivo de enquadramento, é um recurso narrativo que utiliza de uma segunda narrativa como forma de guiar a narrativa primária que acompanhamos e aparece como um elemento recorrente no começo e final da história. No caso do episódio 01x15 da *websérie Papa Mike SC*, o jogo de futebol é acionado no começo do vídeo como um motivo para estarmos dentro da Cavalaria da PMSC, o que nos leva a narrativa central voltada a apresentar esse grupamento da corporação. Ao final do vídeo os agentes da cavalaria que conhecemos ao longo do vídeo entram em ação no jogo.

aqui de representação”⁷⁸. Na apresentação do espaço, o *policial-câmera* pergunta: “O que é necessário para trabalhar aqui na cavalaria?”, ao que o *policial narrador* responde:

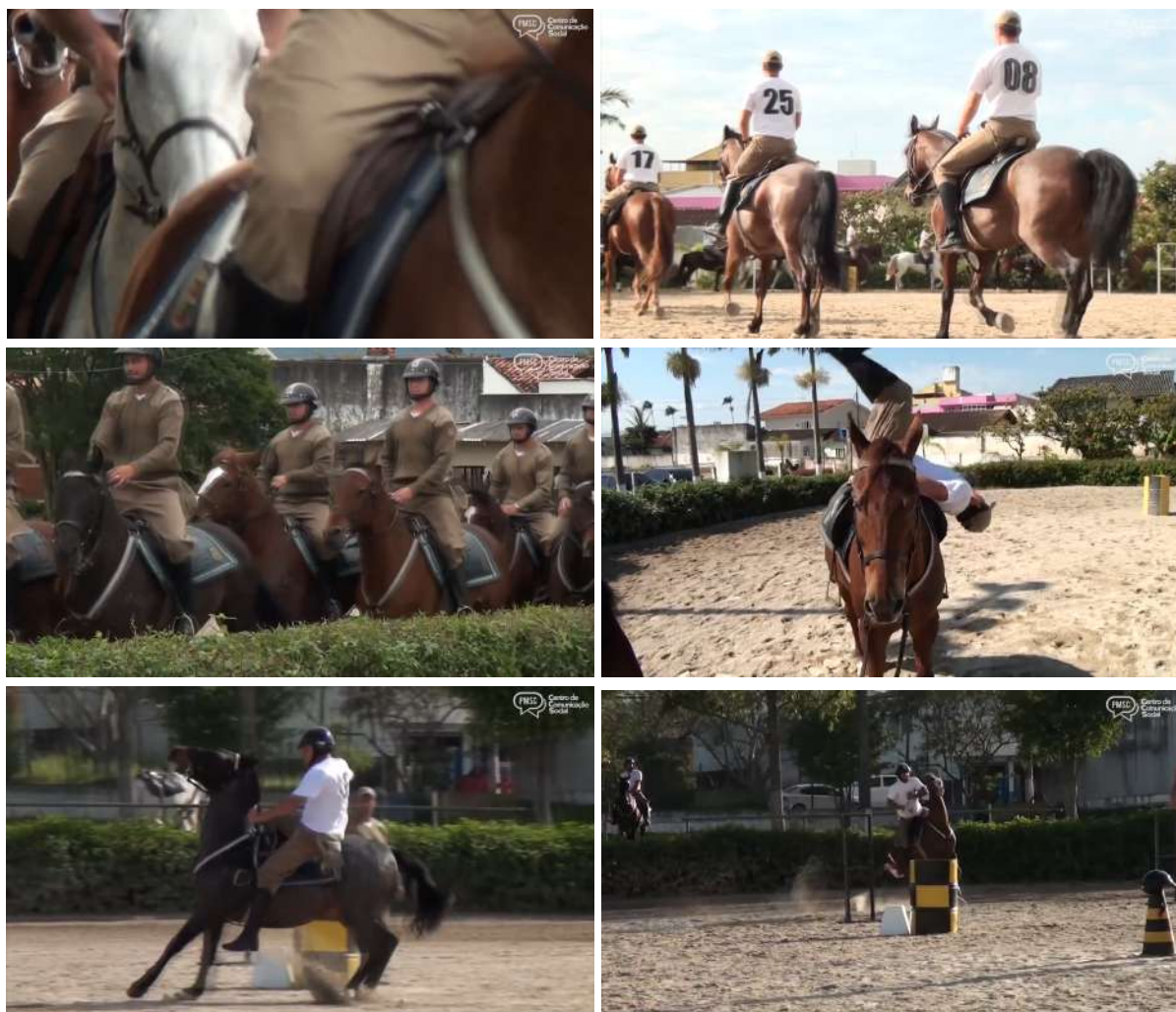
Ser um policial formado já, né, ou seja, concluído aí o curso de formação de soldado, de oficiais; e aguardar aí a seleção específica pro curso de especialização de policiamento montado que é feito aqui na sede do regimento. Então, é... temporariamente, né, não existe aí uma data pré-fixada pra que aconteça esses cursos, mas, é, sempre que existe a necessidade e a disponibilidade de ser realizado esse curso, a gente realiza e seleciona os policiais. Que é um curso aí de trezentos e oitenta horas/aula (380h/aula), aqui. Dois meses dedicado aí a... ao aprendizado, aos cuidados com... com o cavalo, a montaria, ou seja; é um curso que se prepara o policial pra poder trabalhar aqui, né, unidade, né... na unidade montado. Nessa unidade e nas demais unidades aí do interior do estado.

Ao longo da fala do *policial narrador*, o áudio é mantido, mas imagens de sua entrevista são intercaladas com vários *B-rolls* e *inserts* (ou *insert shots*), isto é, inserções de imagens que ilustram ou dialogam com aquilo que é falado no áudio⁷⁹. As imagens escolhidas parecem ter sido feitas durante treinamentos da cavalaria e possuem efeitos especiais de *slow-motion* [câmera lenta] em diversos momentos. A prancha abaixo expressa alguns dos quadros das filmagens utilizadas, as quais mostram o treinamento policial com cavalos que representa a ação policial com esses animais: policiais montando cavalos, cavalgando em círculos, as patas dos bichos e botas dos policiais a partir de uma câmera no chão, policiais fazendo manobras para descer do cavalo e cavalgando por pistas de obstáculos (**Prancha 9**).

⁷⁸ O *policial-narrador* entrevistado segmento 1 do episódio 01x15 da websérie *Papa Mike SC*, tece a seguinte fala a respeito da equoterapia para explicar o que se trata: “Aqui nós temos alguns cavalos aqui da... da equoterapia, então, eles ficam aqui juntos, né. O pessoal da equoterapia, os policiais que trabalham na equoterapia cuidam do... dos respectivos cavalos, né. A equoterapia é um trabalho que é desenvolvido aqui há mais de 19 anos. Antes era realizado em parceria com a Fundação Catarinense de Educação Especial. Hoje existe aqui a... o Centro de Equoterapia da Polícia Militar. Então hoje nós trabalhamos de maneira independente, funciona aqui no período da manhã, de segunda a sexta, né, o... a equoterapia e os atendimentos são destinados às crianças, é... e adultos, né, que necessitam desse trabalho específico, né, dessa terapia específica, né. Então que vem a partir aí de uma indicação médica. Essa equoterapia ela é conduzida, né, por uma equipe, é... multidisciplinar, então são profissionais de várias áreas que aí atuam, né, juntamente com os equitadores pra dar esse atendimento é... hm... terapêutico aí pras crianças e adultos que precisam desse... desse trabalho.”

⁷⁹ *B-roll* são as cenas secundárias adicionadas a um produto audiovisual. Ao acompanharmos uma cena de um personagem num parque, por exemplo, podemos ter imagens dele andando, mas também imagens de árvores, arbustos que se movem com o vento, outras pessoas no parque, o céu, etc. Já os *insert shots*, ou inserções, são imagens próximas, geralmente plano detalhe, adicionados para mostrar algo que é referenciado pelo personagem ou pelo cineasta. Se um personagem olha para um objeto, podemos cortar para um *insert shot* que traz a imagem desse objeto, por exemplo. No caso do episódio 01x15 da websérie *Papa Mike SC* ambos os tipos de imagem são usadas, sejam cenas aleatórias da cavalaria como *B-roll* ou cenas de algo que é descrito pelo policial narrador, como *inserts*.

Prancha 9 - Treinamento da Cavalaria da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como mostrado por meio inserts e B-roll no episódio 01x15 “CAVALARIA PMSC DIA DE JOGO | PAPA MIKE SC #15” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x02 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

No segmento 2, acompanhamos um *policial-câmera* que é o superior responsável pela guarnição da Cavalaria. No começo da cena ele está no banco do passageiro de uma viatura que acompanha um caminhão que transporta os cavalos da cidade de São José para a capital Florianópolis. Na segunda metade do segmento passamos a acompanhar o mesmo *policial-câmera*, só que agora montado em um cavalo conforme ele circula pelos arredores de um estádio de futebol, interage com algumas pessoas – incluindo crianças – que fazem carinho no animal e acompanhamos, ao final da história, ele parabenizar os agentes pelo trabalho realizado. Durante todo o trabalho montado, o som dos cascos do cavalo e a altura do policial em montaria que o distancia das outras pessoas a pé fazem com que o microfone não capture bem nenhuma voz que não a do *policial-câmera*, o que torna difícil entender suas interações.

A ação de policiamento no jogo ocorre sem nenhum imprevisto, é uma cena monótona. O texto conclusivo diz: “MISSÃO CUMPRIDA”. Todos os policiais batem palmas ao fim da ação. Assim como no caso do Canil, conhecemos a infraestrutura específica da cavalaria, as específicas práticas que cada policial deve ter com seu cavalo, seu treinamento e as diferentes tecnologias que são empregadas para o trabalho com os *cavalos policiais*, como o caminhão de transporte. Entretanto, esses animais não recebem a mesma recepção do público. Enquanto os *cachorros policiais* são elogiados diretamente e recebem discursos emocionais de afeto, os elogios feitos à Cavalaria são destinados aos policiais que trabalham com os cavalos. Essa diferença de tratamento parece ser uma reprodução das estruturas hierárquicas ocidentais entre animais domésticos apontadas Sahlins (2003, p. 174) quando explica que “tradicionalmente os cavalos têm, com as pessoas, uma relação mais de trabalho e mais servil; se os cachorros são como se fossem aparentados com o homem, os cavalos são como empregados e não aparentados.”

Outra característica que gera um diferente tratamento dos cavalos em relação aos cachorros são os vídeos em que eles aparecem. Enquanto os cachorros aparecem em cenas de apreensão de drogas, captura de *meliantes* e buscas intermunicipais, os cavalos são relegados a um vídeo institucional de apresentação do grupamento. Os vídeos institucionais recebem menos visualizações e são mais criticados pelo público, mesmo que eles ainda recebam dezenas de milhares de visualizações e têm alguns defensores que apontam ser bom o trabalho de divulgação dos diferentes trabalhos feitos pela PMSC. Em uma troca de falas presentes nos comentários do vídeo, vemos a seguinte interação:

Comentador 1: “Um vídeo por semana e vídeos péssimos!!! Posta com mais frequência se for pra postar isso!”

Comentador 2: “Ta achando ruim? vaza fora cara. Está no canal errado meu caro, acho que confundiu com Lucas Neto⁸⁰”

Comentador 3: “Comentador 2 Ainda tem coragem de colocar no perfil futuro policial, como uma pessoa dessa que não respeita a liberdade de expressão pode ser policial ?”

Comentador 2: “Comentador 3 Aonde eu não respeitei amigo? como bem dito chamo o mesmo de "meu caro" no sinal de amizade. Só achei errado o modelo presunçoso.”

⁸⁰ Lucas Neto é um *youtuber* e ator brasileiro que acumula mais de 50 milhões de inscritos no *YouTube* e estrelou diversos filmes. Seu conteúdo é direcionado ao público infantil, de forma que o comentário “Ta achando ruim? vaza fora cara. Está no canal errado meu caro, acho que confundiu com Lucas Neto” provavelmente é uma ofensa na qual o comentarista defensor da polícia acusa aquele que critica a instituição de ser “infantil” ou “imaturo”.

Comentador 4: “Os bixo postam uns 3 vídeos de ação e agora só institucional... claro que vai receber crítica de quem vem procurar outra coisa.”

Comentador 2: “Comentador 4 Sempre teve vídeos de patrulha e instrucionais. E críticas construtivas são normais”

O comentador 2 defende o vídeo da Cavalaria ao falar que sempre houve vídeos de patrulha – os quais chamo neste trabalho de vídeos de ação – e vídeos instrucionais – os quais chamo de vídeos institucionais. Ainda assim, a maioria dos comentadores ainda critica a persistência dos vídeos institucionais e apontam uma preferência pela ação. Na seção seguinte discutiremos os tipos de atuação policial presentes nos vídeos de ação e começaremos a abordar quais seriam os motivos da maioria do público preferir esses vídeos.

2.3. Ações policiais: entre o “padrão” e a performance

Retomamos, por fim, a distinção feita no começo deste capítulo entre os vídeos de ação e os vídeos institucionais, a qual pretendo utilizar para ajudar a distinguir os vídeos mais populares do *Papa Mike SC*. Nessa distinção fica explícito que grande parte do público procura a ação, a adrenalina, o caminho tenso até o resultado e o momento de catarse que acompanha a punição de criminosos. Esse ponto também é reforçado pela quantidade de visualizações nos episódios de ação em contraste com episódios mais institucionais, como o episódio da Cavalaria da PMSC. Logo após assistir o primeiro episódio da série pela primeira vez, lembro-me de pensar: “UAU! Estou muito animada.” Talvez seja minha curiosidade científica, ou talvez o próprio vídeo tenha causado isso em mim. Naquele momento concordei com o comentarista que dizia “melhor que filme de ação!”.

A aceleração dos motores, a música de fundo, o vento, a sirene, a chuva, os gritos, os latidos. Meus ouvidos estavam constantemente sendo estimulados. Mas a sonoridade frenética não estava presente o tempo todo, era balanceada com momentos de apreensão, cuidado e estratégia. O movimento dos carros dividia espaço com a hora de parar a viatura e prender o bandido, o subir e descer do morro era pausado quando os policiais chegavam numa esquina e começavam a ter mais cautela. Os momentos tensos eram seguidos por momentos de comemoração por uma ação bem feita.

A maior parte das ações policiais que acompanhamos na série estão relacionadas ao tema do narcotráfico. O antropólogo brasileiro Edilson Márcio Almeida da Silva (2010) explica que a partir de determinado momento da história brasileira, ainda no século XX, a

“criminalidade” passou a se tornar sinônimo de “narcotráfico”. Desta forma, as práticas mais comuns a serem entendidas como “crime” estavam relacionadas à “guerra às drogas”. A antropóloga brasileira Flavia Medeiros (2017; 2018) explica que a compreensão dos conflitos contra o narcotráfico como uma “guerra” são características do trabalho policial contemporâneo que corroboram com suas práticas de segregação espacial e incentivam o uso da força, além de serem fator central na organização do trabalho e do cotidiano desses agentes. Nos vídeos da *websérie Papa Mike SC*, o resultado do trabalho de combate ao tráfico é muitas vezes acompanhado do uso da expressão “deu bingo!” ao achar drogas, um ponto alto do dia de trabalho dos agentes que respondem à expressão com alegria e orgulho.

O tema do narcotráfico também há de ser destacado por estar atrelado à questão da construção do sujeito criminoso (Misse, 2010b), o qual é entendido como inimigo público e cuja violência infligida contra ele é vista como legítima (Karam, 2015). Abordando as respostas hegemônicas a transformação do “traficante” em inimigo público, a jurista brasileira Maria Lucia Karam (2015, p.37) argumenta que

Quando os ‘inimigos’ são somente os identificados como ‘traficantes’ e os que, pobres, não brancos, marginalizados, moradores de favelas, desprovidos de poder, a eles se assemelha, a localizada instauração de regimes de exceção não provoca protestos, nem causa qualquer comoção.

Ainda atrelado ao sucesso da atuação policial na série está a expressão “padrão!”, a qual opera como um elogio ao sucesso de uma operação dentro dos parâmetros de natureza protocolar da ação policial. No episódio 01x01, muitos comentadores destacaram que a atuação em Santa Catarina parecia ser falha, pois os policiais não pareciam ter autorização para serem mais agressivos, por exemplo, para atropelar uma moto que perseguiam. Todavia no episódio 01x02 o que se destaca é a qualidade do trabalho mostrado em tela pela repetição de vários patrulhamentos e abordagens feitas da mesma forma. Há uma diferença na interpretação dos policiais que acionam o termo como elogio ao resultado do trabalho de um colega e dos comentadores que usam a expressão para elogiar quaisquer posturas dos PMs que eles julgam como positivas.

O uso da expressão explicita uma disputa entre o protocolo e o que seria “necessário” para o combate ao crime. Medeiros (2018) explica que agentes institucionais – não apenas policiais – que têm o poder de impor e agir sobre a liberdade de outras pessoas possuem o “poder de polícia”, isto é, o poder disposto pelo direito administrativo de interpretar a regra escrita na hora de agir sob a liberdade de terceiros. Desta forma, mesmo que os agentes

presentes no vídeo possam seguir um padrão de abordagem e revista, por exemplo, as minúcias de como essa abordagem é feita (o quão forte eles apertam as mãos das pessoas, o tom de voz, o uso de xingamentos ou sarcasmo, a explicação do que está acontecendo, para onde mirar arma durante a abordagem, etc.) e quais as pessoas vistas como suspeitas e cabíveis de serem revistas (a partir de seus marcadores da diferença, vestimentas e local de moradia), é uma escolha pessoal/coletiva influenciada por uma interpretação técnica e moral da regra.

Outra questão que complexifica a discussão sobre as regras e sua interpretação é a forma como uma ação policial é narrada e quais aspectos são reforçados em diferentes situações. O “padrão” ganha significados subjetivos e morais que ultrapassam a norma. Quando um policial em ação comenta a apreensão de drogas feita por um colega dizendo “excelente, senhores! Padrão!”, ele não fala apenas de uma forma procedimental de se apreender drogas, mas sim ressalta que a normalidade do trabalho policial é o êxito. O “padrão” é subjetivo. Comportamentos muito diferentes dos agentes da PMSC podem ser descritos dessa forma, seja pelos policiais em ação, seja pelos comentadores. A leitora – ou até uma espectadora da série – pode entender que a maioria dos comportamentos “padrão” são procedimentos padronizados de abordagem ou atitudes caracterizadas pelos comentadores como “gentis” e “humanizadas”, como perguntar se a algema está machucando, se um sujeito preso está confortável no porta-malas da viatura ou tirar dúvidas de uma familiar de preso assustada. Todavia uma abordagem descrita como “padrão” e elogiada como uma das melhores da série pelos comentadores traz os policiais usando de deboche e humilhações a um suspeito sendo preso com dificuldade de andar por conta de um ferimento na perna⁸¹.

Essas disparidades explicitam o que Knabben (2018) descreve como a eficácia performática da ação policial: “No caso, a autoridade da polícia não é fruto de um mandato estatal concedido ao policial, mas uma questão de eficácia performática em enquadrar as

⁸¹ No segmento 6 do episódio 01x12 da *websérie Papa Mike SC* (2019) duas guarnições da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) capturam um masculino que fugia da polícia e se machuca no processo. O suspeito geme e respira de forma ofegante sentindo dor. O policial faz uma pergunta e começa a seguinte interação: “por que que tu correu?”, “ai, fiquei com medo, senhor”, “medo de que?”, “ai, de apanhar”, “apanhar!? A polícia não bate”. Há deboche do policial. Em meio a interação, uma segunda voz de policial também debocha do suspeito dizendo: “é porque tava traficando, é por isso”, como uma forma de explicar o porquê da fuga. O homem nega estar traficando, então o *policial-câmera* pergunta: “tá. E quem que tava traficando ali? Quem que tava lá então?”. O homem nega estar traficando, diz que estava sozinho na casa. O que segue é o caso mais explícito de humilhação e expressão de prazer em prender. Ao responder que “não tem droga”, o suspeito recebe uma pergunta condescendente do *policial-câmera*: “não tem droga!?”. Enquanto isso, o segundo policial ri da cara do suspeito dizendo que eles já encontraram a droga e afirmando em meio a risadas: “você tá preso. Isso daqui é o que?”, complementa ele enquanto mostra a bolsa localizada anteriormente. O policial, então, solta um grito agudo de alegria e diz: ”IIIIIIH! Deu ruim, jogador!”

interações sociais em que se envolve de maneira a produzir conformidade e submissão junto aos seus interlocutores.” (Knabben, 2018, p. 42). Esse caráter performático parece ser uma das influências na percepção do público do que é um bom trabalho policial⁸². Os agentes precisam impor um certo tipo de autoridade por meio da forma como se colocam perante as pessoas, autoridade essa que se torna uma performance para as câmeras no *Papa Mike SC*.

A autoridade desses policiais e o entretenimento desses vídeos parecem estar atrelados ao que tenho chamado neste trabalho de *senso de perigo*, isto é, a produção de uma impressão artificial de perigo, de uma sensação de (in)segurança (Calzado, 2015) a partir da filmagem de um fragmento da realidade relativamente inócuo o qual é enquadrado, editado e narrado com o objetivo de gerar apreensão, angústia e adrenalina nos espectadores que, ao sentirem o “perigo” da ação são entretidos e passam a nutrir maior respeito pelos policiais. Esse perigo surge nos mais diversos tipos de ações policiais, sejam elas atendimentos a ocorrências de assalto, agressão e os casos da Lei Maria da Penha, abordagens, revistas (ou “buscas pessoais”) ou patrulhamentos e policiamento ostensivo. Nos próximos capítulos daremos continuidade a essa discussão acerca das ações policiais e da criação do *senso de perigo*. No terceiro capítulo exploraremos os tópicos da estrutura narrativa empregada por esses vídeos, sua política de imagem intrínseca a essa narrativa e as formas como esses produtos audiovisuais contribuem para a construção de uma opinião entre os comentadores de que a policial deve ser mais letal para combater o perigo. Já no quarto capítulo veremos como esses vídeos são assimilados como a “verdade” sobre a “realidade” e obtém êxito na construção das representações sociais e políticas sobre a PMSC e sobre o estado de Santa Catarina que conhecemos neste capítulo.

⁸² Sobre o caráter performático do trabalho dos agentes da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), o antropólogo brasileiro Rafael Medeiros Knabben (2018) explica que seus interlocutores muitas vezes se frustram ao abordarem pessoas “de bem” que se revoltam por serem abordados de forma dura e energética, tratamento esse que eles entendem ser necessário apenas para “bandidos”. Na *websérie Papa Mike SC* (2019) vemos uma replicação desse argumento que a polícia só age de forma agressiva com criminosos, sendo os casos em que elas abordam de forma rígida com pessoas inocentes – geralmente brancas – seguidos por interações em que os agentes do Estado agradecem pela cooperação e desejam um “bom dia” aos cidadãos.

3. “AS MELHORES OCORRÊNCIAS”: UMA GENEALOGIA DAS NARRATIVAS POLICIAIS MODERNAS E A SUJEIÇÃO CRIMINAL COMO POLÍTICA DE IMAGEM

[...] As pesquisas mostram que o maior número de atendimentos da Polícia Militar não é para atuar em combates diretos a transgressores, mas se refere a várias outras atividades, usualmente consideradas de menor importância e classificadas de assistenciais, e que também exigiriam complexa e diversificada política de treinamento de seu contingente. Além do mais, o treinamento de toda a tropa para o confronto armado sugeriria que, para tranquilizar finalmente a cidade, seria necessário eliminar todos os transgressores, algo como "para acabar com o crime é necessário acabar com os criminosos", um raciocínio sociologicamente absurdo, como até mesmo um sociólogo conservador como Durkheim já havia demonstrado desde o século XIX.

Por outro lado, essa ideia de que a polícia deve ser heroica e que o confronto mano a mano é que é o modelo ideal do trabalho policial deixa de levar em consideração exatamente aquilo que é a superioridade do Estado: a sua política de proteção a população de maneira geral, o que inclui, certamente, policiais e transgressores, mas também transeuntes, inclusive crianças e seus acompanhantes. Se esta política fosse claramente definida, impediria qualquer tiroteio, não só em praça pública da zona sul do Rio de Janeiro, como em qualquer outro espaço da cidade, eleita como o espaço público por definição, que cabe à polícia administrar em ordem. A discussão se encerrou por aí, tendo eu usado esse caso como exemplo durante as demais unidades do curso. Não tenho a pretensão de ter convencido ninguém, mas certamente não ouvi mais argumentos que pudessem justificar a postura do policial "herói". (Lima, 2021, p. 97)

As ações policiais, mesmo que não sejam o único tipo de trabalho policial apresentado no canal e nem o único tipo de formato de segmento presente na série, são o fio condutor do *Papa Mike SC* e são o carro chefe que garante engajamento – visualizações e comentários – para o canal PMSC Oficial. Além de ser, de acordo com os comentários, os vídeos favoritos da maior parte do público. Tendo isto em mente, o canal parece operar dentro da lógica cibernética de retroalimentação da produção midiática (Cesarino, 2021a) e passa, aos poucos, a produzir mais vídeos de ação policial e menos produtos institucionais de apresentação da corporação. Os primeiros vídeos tinham menos caixas de texto, os comentaristas pediram mais informações para entenderem melhor as ações e aos poucos os vídeos começaram a se transformar e contar mais detalhes de cada passo dos policiais, apareçam eles em tela ou não. Sobre esta lógica da cibernética, Rial (2004, p. 7, grifos da autora) explica:

[...] Comunicação entre os homens, entre os homens e as máquinas ou entre as máquinas entre si – o modelo de [Norbert] Wiener é abrangente para englobar todas estas possibilidades. Embora esta teoria tenha sido muito importante para o desenvolvimento posterior da ciência que Wiener criou – a cibernética –, as teorias de comunicação contemporâneas retêm principalmente seu conceito de *retroalimentação* que encerra a ideia de que os conteúdos transmitidos pela mídia podem ser influenciados pelos *receptores* e constantemente adequados às novas demandas destes receptores. (Rial, 2004, p. 7, grifos da autora)

O episódio 01x16, a *season finale* [“finalização de temporada” ou “episódio final”] do *Papa Mike SC*, se desvincta do formato segmental e concentra seus dez minutos na narração de uma única estória, com um começo detalhado de como a guarnição da PMSC chega ao caso, o processo da ação e um final no qual o suspeito é preso e os policiais dão uma entrevista conclusiva da ocorrência. Começamos a cena dentro de uma viatura, durante o dia, a partir do que parece ser a perspectiva de um *policia-câmera motorista*. Na tela aparece a caixa de texto inicial, no canto inferior esquerdo da tela, com fundo preto e letras brancas, a qual situa a espectadora dentro da ação ao informar com qual BPM e onde estamos: “8º BPM - JOINVILLE”. A “missão” é passada para os policiais na viatura por meio de uma voz no rádio policial, a qual começamos a ouvir no meio de uma frase: “[...] a princípio a Guarda Municipal no local, um masculino dentro da galeria...”

A sirene da viatura é ligada após o chamado no rádio. Na tela, algumas caixas de texto explicam em maior detalhe exatamente o motivo para o acionamento da PMSC: primeiro “ASSALTO EM ANDAMENTO” e, logo em seguida “GUARNIÇÃO DESLOCANDO EM PRIORIDADE”. O enquadramento produzido pela posição da câmera corporal no peito do *policia motorista* captura o horizonte pelo recorte dos parabrisas e vemos a luz de um sol que brilha forte. É um dia com poucas nuvens. A animação e expectativa gerada pela cena de ação é ampliada com a adição de imagens da lateral da viatura e do asfalto, uma perspectiva do lado de fora do veículo, possivelmente filmadas pelo policial no banco de trás que segura uma câmera manual para fora da janela esquerda. Vemos as luzes da sirene e o horizonte da pista. A imagem chacoalha e o som da sirene é ainda maior pelo lado de fora.

Após um certo tempo de deslocamento até o local do ocorrido – tempo este encurtado para o espectador por meio de cortes –, retornamos para a perspectiva do *policia-câmera motorista* que para a viatura e indaga: “Onde é que vai sair isso? Sai lá pra cima, lá?”, indicando um local que não é mostrado em quadro. A viatura tem os vidros das janelas da portas levantados e é desligada para os agentes descenderem. Conforme o *policia-câmera* abre a porta e começa a sair, a imagem se dissolve em um corte de *fade*. Através da montagem, nos

teletransportamos para uma calçada em frente a uma vala com terra e mato em volta. À nossa frente, isto é, em frente ao *policial-câmera* e em primeiro plano no vídeo, está um agente da Guarda Municipal de Joinville. Pegamos a conversa pela metade, na qual um segundo policial da guarda municipal que não vemos indica que “... a arma provavelmente ficou no intervalo ali”, ao que o *policial-câmera*, buscando entender a situação na qual acabara de chegar, pergunta: “mas tu chegou a... a encostar nele?”. A primeira voz volta a explicar: “não, não, não. Eu vi a arma quando a gente tava dentro da viatura. Quando eu desembarquei, que ele se jogou na água...”, sua fala é interceptada pelo outro agente da Guarda Municipal, o qual aparece em quadro: “ele tava com a arma que ele mostrou pra um transeunte, ele não tinha visto a viatura. Ele viu, ele tava do outro lado. A hora que ele viu que a gente tava ali, ele foi e deu um bico direto assim ‘boom!’ na água.” O guarda gesticula indicando o pulo na água.

Nesta cena o *policial-câmera* serve de *audience surrogate* [substituto do público], pois ele sabe a mesma quantidade de informações que o espectador e, através das falas dos agentes da guarda municipal, não apenas o *policial-câmera* é informado, mas os espectadores também. Eles explicam que um homem estaria fazendo um assalto, avistou a polícia e saiu correndo, jogando sua arma – a qual os agentes da guarda municipal teriam visto de dentro da viatura – numa vala/córrego e depois se jogado dentro da mesma água marrom poucos metros depois. Entre o espaço em que ele havia pulado existem duas pequenas pontes. Os agentes dizem que ele está embaixo de uma das pontes, pois não viram ele sair por nenhum dos lados. A situação parece tão peculiar que alguns policiais riem. O *policial-câmera*, nesta ocorrência também o protagonista, apresenta o plano para capturar o suspeito: “senhores, pega o bote.”

Após um corte e passagem de tempo, vemos o plano ser colocado em prática e uma equipe de bombeiros trazerem, de dentro de um pequeno caminhão de bombeiros, um barco branco com uma listra vermelha escrito “BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE”. Os bombeiros voluntários, os guardas municipais e os policiais militares descem o bote no córrego. A cena é filmada pelo policial com câmera manual (*policial cinegrafista*). Uma vez que o bote é descido, um corte em *fade* nos transporta para a perspectiva de um *policial-câmera* que divide a pequena embarcação com um policial militar e um agente da guarda municipal. Enquanto a farda da PMSC é bege, a da Guarda Municipal de Joinville é escura, parece preta ou um azul bem escuro. A água é marrom esverdeada, aos arredores vemos lodo, mato e algumas outras plantas. Os agentes estão agachados em cima do bote. Os dois policiais que vemos em câmera estão armados com revólveres. Conforme o bote vai entrando debaixo da ponte, um espaço liminar bastante escuro e acinzentado, aparece a caixa

de texto: “INDO ATRÁS DO ASSALTANTE”. A descrição do *maculino* como “assaltante” faz com que o indivíduo saia do lugar de “suspeito” e tenha sua imagem consolidada como *bandido* para o público. O espaço debaixo da ponte, indicado ser o local definitivo onde o suspeito estava, também produz muito eco, o qual fica explícito quando o *policial-câmera* começa a fazer a abordagem: “atenção, vagabundo, se mexer vai tomar tiro, ein!”.

Na tela, mais uma caixa de texto aparece, desta vez não explicando a situação, mas sim trazendo um ar de humor e suspense através da quebra da quarta parede⁸³ e diálogo direto com o público: “VOCÊS NÃO ACREDITAM ONDE ELE SE ESCONDEU”. Mesmo tendo começado a abordagem, fica explícito que eles ainda não sabem onde o “vagabundo” está. Eles se movem devagar com o barquinho, preocupados em manter o equilíbrio. Os policiais carregam consigo em mãos, além do revólver, lanternas, as quais são usadas para averiguar o espaço. Eles se movem um pouco, averiguum e o agente da guarda municipal autoriza a progressão: “limpo! toca.” A água suja produz um som ao se mover em leves ondas por conta do movimento do bote, o qual reverbera pelo eco do espaço e é capturado pelo microfone. Conforme o bote se move, vemos que nas paredes existem círculos acima do nível atual da água, como se fossem entradas, provavelmente para escoamento da água. Os policiais passam mirando a lanterna para cada um, indicando que uma dessas entradas está vazia e uma segunda está fechada com grades. A busca continua, todos os movimentos são lentos e

⁸³ A “quarta parede” é a convenção de atuação na qual uma parede imaginária invisível (a tela) separa os atores do público e que, quando quebrada, é uma forma de criar humor ou contato direto com aqueles que assistem. Ela se mantém sólida em grande parte das produções, sejam elas de teatro ou audiovisual, de forma a fixar uma divisória entre o mundo da narrativa (fictício) e o mundo dos espectadores (real). A quebra da quarta parede é o processo por meio do qual personagens, narradores ou até mesmo editores dialogam diretamente com o público, de forma a romper a com a divisão “mundo fictício” e “mundo real”. Essa quebra de quarta parede pode ser um personagem que olha diretamente para a câmera, um narrador que fala diretamente com o público ou até uma caixa de texto colocada no vídeo para falar com quem assiste, de forma que é também criada uma relação de proximidade entre imagem, mídia e público. Durante o episódio 01x02 da *websérie Papa Mike SC* (2019) acompanhamos uma guarnição que faz rondas pela região central do município de Florianópolis, até que param em uma praça para abordar dois homens. O policial que anteriormente dirigia a viatura (*policial motorista*) faz a revista dos homens e vemos a cena de uma distância relativamente grande, enquanto o policial que anteriormente estava no banco do passageiro (*policial passageiro*) está com arma em mãos na lateral esquerda da tela fazendo caras e bocas diretamente para a câmera do *policial-câmera*. Acredito que essas caretas e reações construam um clima de comédia e *relatability* (qualidade de ser entendido e simpatizado com), pois ao fazer rostos cômicos diretamente para o *policial-câmera* ele está quebrando a quarta parede e falando diretamente com o espectador. O recurso de quebra de quarta parede existe desde as primeiras décadas do cinema, utilizado como recurso no qual personagens falam diretamente com o público, recurso este que já existia muito antes no teatro. Mais recentemente a quebra de quarta parede voltou a se popularizar com o surgimento e popularização do subgênero de seriados de comédia situacional (*sitcoms*) em estilo de documentário fictício (*mockumentary*) em meados dos anos 2000. Em 2005 foi lançada a *sitcom mockumentary* estadunidense *The Office* (2005 - 2013), a qual popularizou o gênero. O seriado funcionava como um documentário sobre um escritório no qual coisas absurdas acontecem. No meio dessas cenas de comédia, os personagens olhavam para a câmera como se aqueles por trás delas também fossem personagens vendo os absurdos. No *Papa Mike SC*, quando o crime é absurdo, nós dividimos nossas reações e nos aproximamos dos policiais. A quebra da quarta parede reforça que, ao assistir a essa série, devemos ficar do lado dos policiais.

cautelosos. Antecipando a – ou projetando uma – curiosidade e suspense dos espectadores, uma caixa de texto diz: “CADÊ ELE?”

Estamos quase do outro lado da ponte, a luz natural que entra é maior. Nos aproximamos das outras duas entradas de água redondas. O agente da guarda municipal se levanta ao perceber algo na entrada que se localiza no lado direito da tela, aponta sua arma e diz: “tá ali, ó! Ali, ali, ali, ó!”. Uma caixa de texto confirma o êxito dos agentes: “MELIANTE LOCALIZADO”. Os policiais voltam com a voz alta, grave e assertiva – a performance policial viril (Knabben, 2018) –, isto é, voltam para o tom de abordagem, o qual se transforma em uma abordagem gritada. Eles dizem: “velho, ei! MÃO NA CABEÇA! BOTA MÃO NA CABEÇA SE NÃO VAI LEVAR BALA! BORA, VELHO! BORA! BOTA A MÃO NA CABEÇA! Quer tomar tiro!?”

Conforme o *meliante* começa a se mexer para sair de seu esconderijo, todo o círculo é borrado. A perspectiva do *policial-câmera* mostra o segundo PM apontando sua arma para o círculo borrado onde está o suspeito. Os policiais estão irritados e continuam mandando o homem sair: “BOTA AS DUAS MÃOS PRA FORA! AS DUAS MÃOS PRA FORA!!! Vem, velho!” Aos poucos vemos as mãos do homem saindo para fora do círculo e para fora da superfície borrada. O suspeito tenta se defender das acusações enquanto sai do local: “não, senhor, eu não tenho nada, tá as duas [mãos] pra fora”, enfatizando que não está armado. O bote chega ao lado da saída redonda onde está o suspeito e conseguimos ouvir o barulho das algemas sendo colocadas no suspeito pelo guarda municipal. Os policiais perguntam repetidamente “cadê a arma?”, ao que o suspeito responde sempre “não tem arma”. O policial da Guarda Municipal de Joinville começa a puxar o suspeito, se estressando: “sai daí, porra!”. O palavrão “porra” não é censurado. O suspeito diz: “eu to preso, calma”. As ordens são para que o suspeito pule no barco e não na água, ordens essas seguidas de repetidos gritos de: “VAMO, VELHO!”, aos quais o suspeito responde: “eu não consigo, senhor.”

Os policiais aproximam mais o barco da entrada e puxam o homem à força, o qual cai, reclama de dor e os policiais o mandam ficar na exata posição que ele ficou quando caiu no bote. O guarda usa sua lanterna para verificar o buraco onde o homem estava em busca da suposta arma. Ele não encontra nada: “tá limpo.” O *policial-câmera*, então, joga a luz da lanterna no rosto do suspeito, o qual é borrado, e pergunta: “oh, gurizão, onde que tu colocou a arma?”, ao que o homem reitera: “não tem arma.” Os policiais debocham dele e dizem que outro policial viu ele com a arma. Enquanto isso, o barco começa a ser guiado para fora da

escuridão debaixo da ponte. Os três policiais continuam indagando o homem sobre a arma, com as três vozes sendo ecoadas e gerando uma cacofonia difícil de entender. Alguns deles parecem conversar entre si sobre onde a polícia acredita que a arma esteja, enquanto um outro repetidamente pergunta para o suspeito onde está a arma que ele teria usado no assalto. Conforme eles vão voltando por onde vieram e saindo debaixo da ponte, a cena volta a ser mais clara, iluminada pela luz do sol que volta a predominar.

Já de volta na parte da vala não coberta, o segundo policial militar é enquadrado em primeiro plano com sua arma em mãos e pergunta para o suspeito, o qual esconde o rosto com as mãos, possivelmente evitando a câmera, reagindo a luz do sol ou apenas com vergonha: “ei, olha só. Tá machucado? Não, né? Tu vai subir uma escada agora. Entendeu, né? Entendeu, né?”. Um corte omite a resposta do suspeito e agora já vemos um bombeiro descer a escada colocada e auxiliar na saída das pessoas do barco. O PM em frente a câmera sai do barco e sobe a escada com ajuda, logo em seguida o *policial-câmera* fala com o suspeito, ainda em posição fetal com as mãos no rosto. O homem está coberto de lama. O policial diz:

Velho, ei, olha só. Me escuta: pézinho na escada ali, mão por mão. Policial vai te recepcionar lá em cima, beleza? [O homem não reage] Vamo, velho, vamo! VAMO, VELHO! VAMO CARA! A escolha é tua, cara. Eles vão puxar! Tu pode subir de boa, ê, velho. [policial passa a falar com os outros agentes] Vai, vai, vai, vai. Tem que amarrar na cintura dele aqui.

O *policial-câmera* amarra a corda na cintura do homem cujo tronco está menos coberto de lama. É possível, então, identificar que o suspeito é um homem branco, assim como todos os policiais que vemos em câmera. Ouvimos a respiração ofegante do *policial-câmera* e em seguida toca um apito, o qual não identifiquei se é um som diegético de equipamento ou uma censura a algum palavrão. O bombeiro termina o nó da corda. O PM volta a ordenar ao suspeito: “vamo, velho! Tu quer ser puxado ou quer subir na boa?”

A perspectiva da câmera muda, agora acompanhamos o *policial cinegrafista* que está na calçada, olhando a cena de cima para baixo. Os policiais e bombeiros começam o esforço coletivo para puxar o homem para fora. Uma voz diz: “o vagabundo agora tá se fazendo de morto?” O homem é puxado e arrastado contra a parede de pedra e mato. Após um corte, o corpo do homem enlameado está estirado no chão. O *policial cinegrafista* se aproxima do suspeito ainda deitado sem reação no chão, observa que ele tem uma tornozeleira eletrônica na perna direita e filma de perto. Aquele *masculino* que antes era “suspeito”, tornara-se por meio da narrativa *bandido*, *vagabundo* e *meliante*. Ao fundo ouvimos outras pessoas

conversarem sobre o paradeiro da suposta arma. A prancha abaixo descreve os procedimentos e as ambientações dessa ação policial do episódio 01x16 (**Prancha 10**).

Prancha 10 - *A estrutura procedimental da ação policial, como mostrado no episódio 01x16*
“POLICIAMENTO EM JOINVILLE | 8º BATALHÃO PMSC #16” da websérie Papa Mike SC (2019)





Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x16 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

Após a captura do *vagabundo*, um novo bote é descido no córrego para percorrer os espaços debaixo da ponte. Um caixa de texto diz: “OS ENVOLVIDOS NA OCORRÊNCIA CONTINUAM COM AS BUSCAS”. Transacionamos para a perspectiva de um *policial-câmera* dentro do barco. Os agentes usam remos vermelhos para se locomover na água. *Policial-câmera* e policial da guarda municipal repassam as informações que tem sobre onde a arma poderia estar, de acordo com o local por onde o suspeito teria pulado na água. A conversa envolve tentar entender o raciocínio do suspeito: “é mais fácil ele ter dispensado na hora que ele caiu, né?”, “mas assim, ele tava se enrolando pra levantar. Quando a gente tava verbalizando com ele aqui ele tava se enrolando pra mostrar o peito. Aí não sei se ele tava se desfazendo ou tentando esconder.” Essa é uma cena característica da narrativa policial moderna: a experiência de presenciar o raciocínio investigativo.

Uma caixa de texto conclui a ação: “APESAR DE TODO ESFORÇO, A ARMA NÃO FOI LOCALIZADA”. Os policiais sobem de volta pela escada. A parte final do episódio é uma entrevista com o PM que aparecia na frente das câmeras durante a ação, a qual funciona como uma espécie de relatório da missão, uma evolução dos textos conclusivos. Ele diz:

A guarnição PM foi empenhada aí pra um roubo, uma tentativa de roubo a um estabelecimento comercial na área na central, aonde um masuclino aí, em posse de uma arma de fogo tentou roubar o estabelecimento. É... foi interceptado, após a tentativa do roubo, ele foi interceptado por uma viatura da Guarda Municipal, ao qual deu ordem de parada pro mesmo e o mesmo veio a se jogar no rio aí. É... posterior a isso, após a chegada da Polícia Militar o mesmo se escondeu, se almeja debaixo de uma ponte, onde com o

apoio aí do Bombeiro da nossa cidade, é...logramos êxito em fazer a prisão do agente em flagrante aí por roubo. Indivíduo encontrava-se com uma tornozeleira eletrônica. Foi conduzido pra delegacia e é onde vai ser feito todos os procedimentos aí, identificação dele. Ele vai ficar à disposição da justiça.

A arma nunca é encontrada e, por isso, nunca aparece em quadro, mas a sua existência nunca é questionada, pois a informação de que ela existe parte de um policial da Guarda Municipal de Joinville, cuja fé pública garante autoridade a sua fala. Na tela uma caixa de texto encerra o caso: “MISSÃO CUMPRIDA COM ÊXITO”. A “missão cumprida” é uma marca da narrativa policial moderna e da própria narrativa hollywoodiana. É o final catártico do fim do mistério, da prisão e da apreensão – é o final feliz do cinema industrial⁸⁴.

A partir desse ponto na trajetória da série todos os vídeos passam a ser de ação. O episódio que segue, 01x17, intitulado “REVEJA AS MELHORES OCORRÊNCIAS DO PAPA MIKE SC | FIM DA 1ª TEMPORADA #17”, traz 13 segmentos de ação da primeira temporada, categorizando eles como os “melhores momentos”. Esse é um episódio intenso, a sensação de ver uma hora dos casos de ação é uma sobrecarga de tensão, gerou em mim um sentimento de perigo constante, aflição e apreensão. São segmentos de alguns casos de perseguição, apreensões, prisões, abordagens, salvamentos e conflitos armados. Nove cidades aparecem nos vídeos, sendo a maioria dos segmentos da Grande Florianópolis. Os “melhores momentos” sendo casos nos moldes de narrativa policial moderna e a com a única edição a um dos segmentos originais sendo a remoção de explicações mais institucionais, fica evidente que esse é o interesse do público e o caminho que a *websérie* toma a partir da segunda temporada, a qual é toda composta de vídeos curtos de segmento único. É o *modus operandi* de retroalimentação a partir de interesses de mercado. É o que mais vende. A governamentalidade neoliberal que move o Estado como uma empresa leva os agentes do Estado dentro das instituições a gerirem estas em busca de resultados numéricos e propagandísticos. A ação policial se torna um produto midiático a ser vendido.

A *thumbnail* do episódio 01x17 é um tanto assustadora, pois parece empregar aspectos obscuros de um jogo de *videogame* de terror, como *Doom* (1993) – pelo seu aspecto *FPS* e inimigo monstruoso – ou *Slender: The Eight Pages* (2012) – pela silhueta sem rosto que

⁸⁴ A respeito dos finais felizes e finais definitivos em filmes do cinema industrial hollywoodiano, o cineasta e crítico cinematográfico belga-brasileira Jean-Claude Bernardet (1986) explica que “A dominação dos países subdesenvolvidos por cinematografias industrializadas não é exclusivamente econômica. É global. Ela forma gostos, acostuma a ritmos etc. Gosta-se por exemplos de mocinho e bandido, com uma narrativa acelerada e happy-end, cujo modelo é hollywoodiano. Isto influi sobre o quadro de valores éticos, políticos, estéticos. Essa dominação atinge o próprio corpo.” (Bernardet, 1986, p. 28)

parece se movimentar (**Figura 14**). Nela nada é realmente realçado. O fundo vermelho vibrante colore até o revólver empunhado pelo *policial-câmera* e o corpo que desce as escadas, o qual se torna fantasmagórico com a mistura da cor vermelha vibrante e do borrão obscurecido no rosto. A pessoa contra quem o policial aponta a arma e que tem setas adicionadas na edição da foto perde seus traços humanos. Na imagem lemos em letras brancas garrafais com contorno preto: “NÃO ADIANTA CORRER...”, o que indicaria que o corpo com as mãos para o alto estaria correndo. Um corpo que corre, sem rosto, não-humano, num ambiente perturbador. Todos esses traços me remetem a construção do suspeito como um monstro em um *videogame* de terror, o qual deve ser morto pelo jogador em primeira pessoa. Cabe destacar que no contexto original da fotografia o jovem da imagem não está correndo, mas sim se rendendo e descendo as escadas vagarosamente.

Figura 14 - Thumbnail do episódio 01x17 “REVEJA AS MELHORES OCORRÊNCIAS DO PAPA MIKE SC | FIM DA 1ª TEMPORADA #17” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: thumbnail do episódio 01x17 da websérie Papa Mike SC (PMSC Oficial, 2019) extraída pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas.

Como os segmentos do episódio são todos extraídos dos episódios anteriores já descritos, o trabalho de descrição etnográfica do vídeo se deu pela produção de um quadro no qual foram identificados cada segmento em seu episódio original (**Quadro 3**).

Quadro 3 - Segmentos de vídeo presentes no episódio 01x17 “REVEJA AS MELHORES OCORRÊNCIAS DO PAPA MIKE SC | FIM DA 1ª TEMPORADA #17” da *websérie Papa Mike SC* (2019)

Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Episódio original	Nº do segmento no episódio original	Cidade(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 05:15	01x01	1	Florianópolis	Busca por dois suspeitos, prisão e apreensão de drogas e armas.
2	05:18 - 10:11	01x01	5	Florianópolis	Perseguição, apreensão de dois menores e apreensão de drogas.
3	10:13 - 13:09	01x03	2	Florianópolis	Perseguição, abordagem a suspeito e busca por drogas pelas ruas.
4	13:10 - 15:57	01x03	5	Florianópolis	Apreensão de menor de idade por tráfico e apreensão de drogas.
5	16:00 - 17:58	01x04	1	São José	Troca de tiros e incursão a um matagal.
6	18:00 - 22:50	01x04	2	Florianópolis	Patrulhamento e abordagens com revista.
7	22:53 - 27:35	01x05	4	Blumenau	Incursão em apartamento, busca, apreensão de drogas e de armas ilegais e prisão de dois homens.
8	27:37 - 31:37	01x07	5	Tubarão e Armazém	Ligação de telefone para a Central de Emergência sobre recém-nascida engasgada e salvamento pelo telefone.
9	31:39 - 37:01	01x08	5	Jaraguá do Sul	Incêndio em carro apagado pela polícia com auxílio de uma multidão de civis.
10	37:03 - 45:23	01x09	1	Itajaí	Tocaia em matagal para espiar um ponto de tráfico de drogas durante o dia e prisão dos suspeitos e apreensão de drogas a noite.
11	45:25 - 51:27	01x11	1	Florianópolis	Patrulhamento em alto mar para fiscalização de pontos de pesca ilegal.

12	51:30 - 56:49	01x12	6	Criciúma	Busca por suspeito, captura por guarnição do Canil, prisão e apreensão de drogas.
13	56:52 - 58:58	01x13	3	Palhoça	Incursão em casa, apreensão de drogas e de armas ilegais e prisão.

Na maioria desses vídeos de ação, a câmera nunca para e os sons quase nunca somem, apenas em breves momentos que geram tensão. Constantemente o *policial-câmera* ou seu veículo está em movimento, ouvimos latidos, motores, o vento, a chuva, as conversas, os sons não-diegéticos. O frenesi possibilita o engajamento contínuo e impossibilita a reflexão sobre aquilo que vemos. Após uma cena triste ou pesada de um filme geralmente temos tempo de parar, respirar, absorver, pensar sobre antes de partirmos para o próximo momento engajante (com exceção do clímax)⁸⁵. Nos vídeos de ação policial do *Papa Mike SC* não há *jumpscare*s (sustos que saltam na tela acompanhados de sons altos) ou momentos de tensão desse nível, mas também não temos momentos mais calmos. Essa tensão constante – a qual é sentida pelos comentadores que dizem: “Dá adrenalina aqui assistir, poxa!! Kkkk” e “É mt adrenalina aq... Imagino com vcs!!! [...]” –, gera um senso de perigo, estamos em alerta ao assistir.

Todos esses segmentos do episódio, mesmo que em uma escala e duração menores, também reproduzem os momentos centrais descritos no episódio 01x16. Eles tem um começo que introduz a ação da polícia motivada por um “problema social” (um crime ou suspeita de crime), um desenvolvimento de trabalho policial no qual consiste a ação (investigação, raciocínio, perseguição, abordagem, confronto) e um encerramento que resolve o problema e reitera a qualidade do trabalho policial, no qual a missão é cumprida “com êxito” (prisão, apreensão, segurança mantida). Esse final marca uma catarse, gerada pela contenção ou eliminação do perigo, do problema do social, o qual é personificado no *meliante*. Nas seções que seguem deste capítulo, procuro traçar uma genealogia das narrativas policiais modernas (Reimão, 1983; 2005; Moore, 2022; Klinkerfus, 2024), as quais consolidaram uma tradição e estrutura narrativa que é empregada pelo *Papa Mike SC* de múltiplas formas, e argumentar que a transformação do “criminoso” na personificação do problema social a ser eliminado faz parte de uma política de imagem (Belting, 2006) pautada na sujeição criminal (Misse, 2010b)

⁸⁵ Um exemplo de alívio da tensão após uma cena pesada é do filme de terror estadunidense *Premonição* (*Final Destination*, James Wong, 2000), no qual foi adicionada uma cena inconsequente de cinco segundos na qual a personagem prepara um copo de água, colocada na montagem logo após uma morte chocante de uma moça atropelada por um ônibus. Em um teste com audiência o diretor percebeu que as pessoas estavam chocadas demais para processar o que acontecia depois, então a pausa no copo de água dá tempo para as pessoas se acalmarem do susto e voltarem a prestar atenção (Final..., 2019).

e transformação dos sujeitos criminosos em “bandidos absolutos” (Capriglione, 2015) e “corpos matáveis” (Medeiros; Hattori, 2020).

3.1. Uma genealogia da narrativa policial moderna

Para abordar a narrativa policial moderna, a tradição gerada a partir dela e a relevância desta discussão para um trabalho antropológico, é preciso explicitar o que eu entendo por narrativa nesta pesquisa, para então elaborar acerca de uma linha do tempo de produções que parte dos romances policiais ingleses do século XIX (Reimão, 1983) e chega até o canal de *YouTube* PMSC Oficial. Narrativa não é apenas a forma como algo é passado, mas também a própria construção de seus significados e sentidos. Ao nos defrontarmos com narrativas em nossas pesquisas, precisamos nos questionar quais são os objetivos/intenções de quem narra, quais os sentidos da narrativa, seus significados, a forma como ela pode ser diferentemente apreendida e a situação narrativa, isto é, as condições de elaboração e enunciação de tal história. A partir da busca desses elementos é possível discutir contextos sociais mais amplos e, por meio deles, pensar nas características de uma narrativa que vão além das intenções de quem as enuncia. Localizando o debate dentro da Antropologia, busco pensar a narrativa como objeto antropológico e, para tanto, estou de acordo com a antropóloga brasileira Sônia Weidner Maluf (1999, p. 77) quando diz que

A leitura e a reflexão antropológica que tomam essa narrativa como objeto, tornam-se, assim, a interpretação de uma interpretação. A diferença é que, se a interpretação contida na narrativa de vida visa a história individual, o objetivo da interpretação antropológica é alcançar os conteúdos e os sentidos sociais da experiência.

Compreendo “narrativa” como uma forma de organizar acontecimentos e dar sentido a eles por meio de um argumento. Narrativas podem ser falas, textos, imagens e outras formas de comunicação que buscam comunicar significados e sentidos. Um elemento central para estudá-las é sua forma. Diferentes formas de comunicar podem criar diferentes narrativas, com diferentes sentidos e públicos. A antropóloga brasileira Paula Lacerda (2014, p. 60, grifos da autora) descreve o que são narrativas e como elas podem ser plurais dizendo:

[...] entendo como *narrativas* o conjunto de atos de comunicação formado por discursos públicos, depoimentos em entrevistas, declarações à imprensa, inscrições em cartazes, gestos, choros, silêncios, caminhadas, vigílias, visitas às autoridades, entre outros. Compartilho, portanto, a perspectiva de Peirano (2001), para quem “o dito é também o feito”, considerando as propriedades

performativas, em termos da produção de sentido e comunicação desse mesmo sentido.

Precisamos, então, fazer uma série de questões sobre a narrativa em si e sobre os acontecimentos narrados nelas. Sobre a narrativa, nos perguntemos: o que é essa narrativa (um vídeo, uma fala, uma fotografia, uma pintura, um discurso, uma confissão, uma notícia, etc.); quem fala (um indivíduo, uma organização, uma instituição pública, um coletivo, uma figura pública, etc.); onde fala (em um lugar público, em um lugar privado, em uma rede social, em um documento oficial do Estado, etc.); como fala (por áudio, por imagem, por um vídeo altamente editado, por meio de uma voz de choro, etc.) e quem ouve/pode ouvir (um pesquisador, um familiar, um público-alvo, um leitor-modelo (Eco, 1986), etc.). Já sobre a situação narrada, as mesmas questões podem ser feitas, com o adicional de nos preocuparmos agora com imagens e representações criadas ou reproduzidas no processo narrativo.

Deparamo-nos com a possibilidade de narrativas policiais produzidas por diversos autores, veiculadas em diversos meios e com características específicas que as enquadram em múltiplos subgêneros. Neste capítulo proponho abordar a variedade de perspectivas narrativas do jornalismo, da indústria do entretenimento e dos agentes do Estado; a genealogia dessa produção nas grandes mídias, isto é, sua produção como parte de uma indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 1985; Coelho, 1987) que cria narrativas hegemônicas na literatura, indústria cinematográfica, televisão e *internet* (Bernardet, 1986; Gomes, 1996; Rial, 2004), as quais chamo aqui de *copaganda*⁸⁶; e as formas como essas narrativas, nas grandes mídias,

⁸⁶ Acredito que a primeira vez que ouvi falar sobre a expressão “*copaganda*” foi em um episódio do programa estadunidense *The Amber Ruffin Show* (2020-2022) [“O programa da Amber Ruffin”, em tradução livre], durante um seguimento chamado “*How did we get here?*” [“Como chegamos aqui?”, em tradução livre], no qual a apresentadora apresenta um problema social que ganhou destaque na mídia - com ênfase naqueles que afetam a população afro-estadunidense - e explica, de forma resumida e humorada, a história de tal problema e a extensão que ele tem na atualidade. Dentro desse quadro, o qual era postado em vídeos separados no canal de *YouTube* do programa, a apresentadora, roteirista e comedianta Amber Ruffin aborda temas como racismo estrutural [“*systemic racism*”], a relação complexa entre afro-estadunidenses e vacinas, racismo contra pessoas amarelas, a relação entre museus e colonialismo, racismo médico, histórico de hipersexualização de mulheres indígenas estadunidenses e muitos outros. Um dos temas abordados nesse segmento é a forma como a mídia consegue moldar a percepção pública sobre muitos assuntos, um deles é a representação da polícia, do trabalho policial e da “criminalidade”. O vídeo é intitulado “*Copaganda: How Fictional TV Police Make Real Cops More Dangerous | The Amber Ruffin Show*” [“*Copaganda: como a polícia fictícia da TV torna os policiais mais perigosos | The Amber Ruffin Show*”, em tradução livre] (Copaganda..., 2022) e nele Ruffin explica o que é *copaganda*, traça suas origens e desmistifica os três maiores mitos que esse tipo de mídia perpetua: a) que a criminalidade está sempre crescendo; b) que o trabalho de policiais é o mais perigoso de todos e; c) que a maioria dos criminosos são negros e latinos. Na descrição do vídeo o seu conteúdo é resumido da seguinte maneira: “[...] The media can shape our perceptions of society in ways we don’t even realize. Television is the longest-running advertisement to date, everything we see and hear shapes our views on different topics. For most Americans, almost everything we know about the police comes from the media. After all, most Americans have never been arrested. This gives the media the opportunity to shape our views and thoughts on the police, no matter how fake it really is.” (Copaganda..., 2022, online) [“A mídia pode moldar nossas percepções da sociedade de maneiras que nem percebemos. A televisão é a forma de publicidade mais duradoura até hoje, tudo o que vemos e ouvimos molda a nossa visão sobre diferentes temas. Para a maioria dos estadunidenses, quase

passaram de representações policiais para “autorrepresentações” policiais com o aumento do envolvimento de departamentos de polícia nessas produções.

Desta forma, navegar pela genealogia das narrativas policiais modernas é entender as bases históricas, políticas e estéticas de sua estrutura narrativa procedimental, a qual é martelada nas narrativas da *websérie Papa Mike SC* – especialmente através do uso de caixas de texto específicas que marcam os três distintos momentos de um segmento. O começo do segmento conta com uma caixa de texto no canto inferior esquerdo da tela, o qual indica onde estamos e qual divisão da PMSC responsável pela ação – ou a qual vamos conhecer. Durante os primeiros episódios, esse texto inicial é o único que vemos durante o começo da ação, o que resultou em muitos comentadores reclamando do fato de que era difícil entender o que acontecia. Possivelmente em resposta a isso, em uma lógica de retroalimentação entre mídia e público, conforme novos episódios foram sendo lançados, começam a ser adicionadas novas caixas de texto no começo dos segmentos que explicam quais são as ações, as denúncias e os contextos que levam a PMSC a estar naqueles lugares e fazendo o que fazem.

Esse começo passa a ser mais bem construído conforme o público pede por uma estrutura procedimental mais definida. Alguns segmentos apresentam cenas de introdução, *establishing shots* [planos de estabelecimento]⁸⁷, narração falada e diálogo expositivo [*exposition*] para introduzir os casos. Já no meio das histórias, majoritariamente ações policiais, ganham novos ângulos, múltiplas câmeras, caixas de texto, efeitos especiais e mais diálogos expositivos para compreendermos exatamente o que a PMSC está fazendo para “lograr êxito”. Por fim, as conclusões são acompanhadas de cenas dos suspeitos chegando na delegacia, entrevistas com os policiais responsáveis pela ação e fotografias detalhando materiais apreendidos, explicitando o sentimento de catarse punitivista e satisfação com o trabalho policial. Partindo desta estrutura e tradição narrativa, abordaremos os diferentes marcos da genealogia das narrativas policiais.

tudo o que sabemos sobre a polícia vem da mídia. Afinal, a maioria dos americanos/estadunidenses nunca foi presa. Isto dá aos meios de comunicação social a oportunidade de moldar as nossas opiniões e pensamentos sobre a polícia, por mais falsa que seja”, em tradução livre]. Utilizo desta nota de rodapé, também, para expressar meu descontentamento com o cancelamento do *The Amber Ruffin Show*, em parte por ser um dos únicos *late night shows* de uma grande emissora estadunidense a ser apresentado por uma mulher negra, mas principalmente por compreender que o trabalho de pesquisa envolvido em sua produção e a maneira como eles divulgavam trabalho científico eram únicos e a frente de seu tempo.

⁸⁷ *Establishing shots*, ou planos de estabelecimento, é um tipo específico de plano que estabelece uma locação, isto é, o local onde a cena acontece, normalmente utilizados no começo de filmes ou cenas como forma de caracterizar o universo da narrativa (Maio, 2019). Na *websérie Papa Mike SC* são usados *establishing shots* que mostram batalhões, cenários a serem patrulhados e demais locações que ilustram ainda mais a introdução que começa com as caixas de texto introdutórias.

3.1.1. O romance policial e suas adaptações: estrutura narrativa e transposição para o audiovisual

Quando a comunicóloga brasileira Sandra Reimão (1983) discute o “romance policial” ela parte de um conjunto de fatores que a leva a agrupar diversas produções nessa mesma categoria, sendo as principais delas o tema (investigações de crimes), a mídia/meio (contos e romances) e a estrutura narrativa (começo, meio e fim do trabalho de investigação policial). Outro fator que a leva a agrupar essas obras é o similar contexto histórico em que elas são feitas e as referências que os escritores compartilhavam, o que possibilitou consolidar uma série de características particulares a esse gênero literário.

Reimão (1983; 2005) localiza o surgimento dessas narrativas na Inglaterra do século XIX, próximo ao desenvolvimento da polícia moderna – ou da ampliação e racionalização das forças policiais estatais (Thompson, 1979), processo implicado na governamentalização dos Estados nacionais modernos (Foucault, 2008) – em decorrência das transformações sócio-políticas da revolução industrial, da consolidação de grandes centros urbanos, do problema da “criminalidade” e dos interesses políticos de uma burguesia burocrata que se consolidava no poder. O primeiro texto deste gênero seria o conto “Duplo assassinato na Rua Morgue”⁸⁸ do escritor britânico Edgar Allan Poe, em 1841 (Reimão, 2005), que teria inspirado uma série de outros autores, sendo alguns dos mais populares deles os escritores britânicos Conan Doyle⁸⁹ e Agatha Christie⁹⁰. A popularidade do gênero tem sido um dos principais fatores que fizeram essas histórias parte da cultura popular Ocidental (Reimão, 1983), seja em

⁸⁸ O conto originalmente intitulado “The Murders in the Rue Morgue” do escritor britânico Edgar Allan Poe foi traduzido para o português tanto como “Duplo assassinato na Rua Morgue”, como aponta Reimão (1983; 2005), e mais recentemente, de forma mais literal, como “Assassinatos na rua Morgue” (Poe, 2022). Cabe também destacar que “*morgue*”, em tradução literal do inglês, significa “necrotério”.

⁸⁹ Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi um escritor e médico escocês, nascido em Edimburgo. Doyle é mais conhecido internacionalmente por ser personagem Sherlock Holmes, protagonista de seu primeiro livro “Um estudo em vermelho” (2010), originalmente publicado em 1887. A história teve tanto sucesso que foi o ponto de partida de um total de 60 romances policiais publicados sobre o excêntrico detetive Sherlock Holmes e seu fiel companheiro e narrador de suas aventuras, Dr. Watson. O nome de Holmes se tornaria sinônimo dos romances policiais e o detetive fictício seria ainda mais lembrado que seu autor. Ao final de sua carreira, Doyle escreveu sobre diversos outros temas como espiritualidade, luto e a Guerra dos Bôeres, sendo este último trabalhado em seu livro “A Guerra na África do Sul”, de 1900, o qual levaria a receber o título de “Sir”, concedido pelo rei Eduardo VII em 1902 (Frazão, 2019).

⁹⁰ Agatha Christie (1890-1976) foi uma escritora inglesa nascida em Torquay. Christie é considerada a maior autora de histórias policiais modernas da história, tendo escrito 93 livros e 17 peças teatrais (Frazão, 2020). Seu primeiro livro, “O Misterioso Caso de Styles”, foi escrito em 1917 e publicado em 1920, marcando a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive belga com um bigode característica que protagonizaria a maioria das obras da autora, aparecendo em 33 de seus livros (Frazão, 2020). Christie é considerada uma das maiores *best sellers* de todos os tempos, tendo vendido mais de 100 milhões de cópias de seus livros, os quais foram traduzidos para mais de 100 idiomas. Em 1971 a escritora recebeu o título de “*Dame Commander of the Order*” do Império Britânico (The editors..., 2024).

novos livros brasileiros ou estrangeiros, filmes de Hollywood, seriados de televisão ou serviços de *streaming*⁹¹ e até mesmo nas redes sociais. Reimão (1983) argumenta:

o desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer então reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa. (Reimão, 1983, p. 12-13)

O conto original de Poe (2022) já trazia consigo muitas das características que tornaram o gênero popular, como a estrutura procedimental centrada na investigação, os relatos detalhados do crime e do trabalho investigativo, a descrição do sujeito investigador como intelectualmente superior ao resto da população e a caracterização do “criminoso” como sujeito moralmente ruim. O protagonista da obra, o detetive particular Auguste Dupin, é descrito diversas vezes pelo narrador – personagem que conta a história numa posição similar ao leitor, de leigo, de forma a servir como *audience surrogate*, como o Dr. Watson nas histórias de Sherlock Holmes ou o *policia-câmera* no começo da ação do episódio 01x16 em Joinville – como um intelectual superior à média, um homem capaz não apenas de calcular friamente, mas também de analisar as situações com um requinte enorme. Seu trabalho como detetive é validado pelos resultados positivos, os quais são atribuídos também a sua capacidade de julgamento, pelo conhecimento “[...] *do que* deve ser observado.” (Poe, 2022, p. 90, grifos do autor)

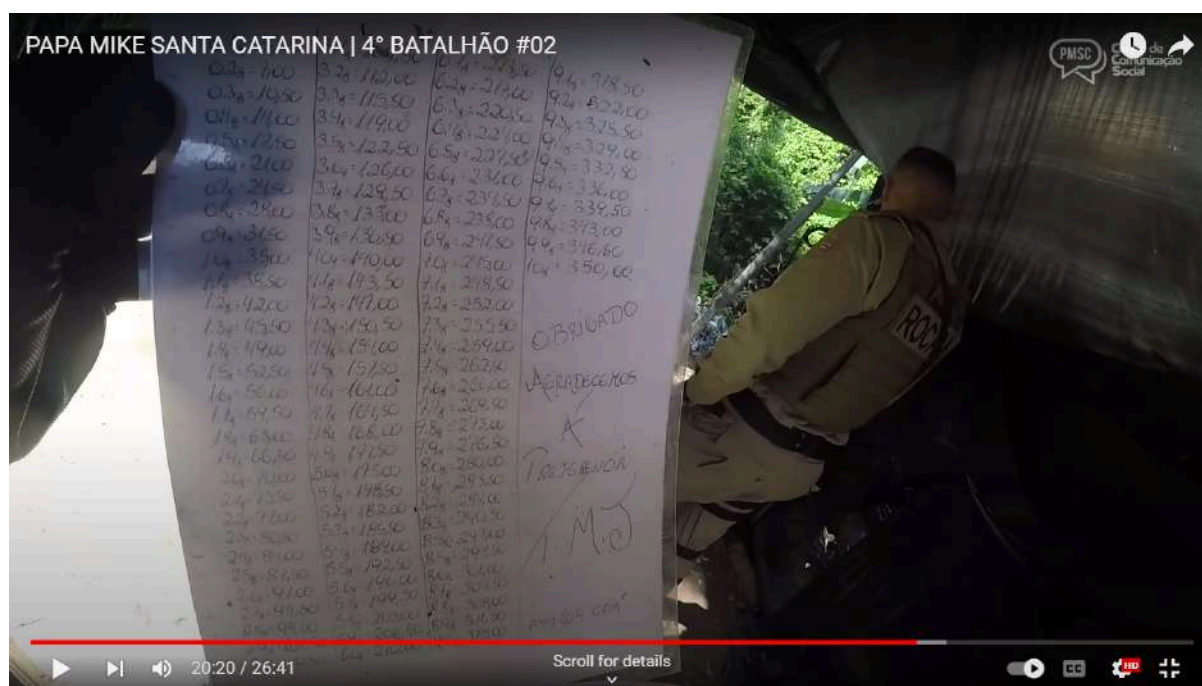
Dupin e o narrador da história apresentam a dualidade entre um superior do trabalho de investigação e um companheiro leigo, o qual pode estar alheio ao trabalho de investigação ou aprendendo o ofício. Esse elemento da narrativa policial possibilita que a investigação seja comunicada para o leitor que pode até tentar se engajar no trabalho intelectual de desvendar o mistério, mas que também compreende a história só pelo enredo e pelas conexões racionais que resultam no final catártico, pois são explicados em voz alta pelo detetive. No segmento 5

⁹¹ Em tradução literal do inglês, “*streaming*” significa “transmissão”. Os serviços de *streaming* são aqueles que utilizam de uma tecnologia que possibilita assistir a vídeos e ouvir música sem a necessidade de baixar os arquivos de mídia. Alguns serviços de streaming de música são os aplicativos *Spotify*, *Deezer* e *Apple Music*. Já *streamings* de filmes e outros audiovisuais populares são *Netflix*, *Disney+*, *Prime Video* e *Globoplay*. Uma característica desses serviços é que eles são oferecidos por meio de planos periódicos, geralmente mensais ou anuais. Os conteúdos audiovisuais disponíveis nesses serviços tendem a ser filmes e seriados, os quais são reconhecidos como tal. A rede social *YouTube* também disponibiliza produtos audiovisuais sem que o público precise baixar os arquivos, mas seus produtos são entendidos como “vídeos”, os quais possuem um *status* de qualidade considerado inferior por muitos. Para elogiarem os vídeos da *websérie Papa Mike SC* (2019), comentadores escrevem frases como: “Mto melhor doq Netflix pow, parece aqueles filmes de ação soq mto mais melhorKKKKKK”; “Pensei que tava no YouTube, não na Netflix” e “Melhor que Netflix!!” – sendo este último um comentário curtido pelo perfil PMSC Oficial. Por fim, é importante destacar que o *YouTube* possui um serviço de streaming de música chamado *YouTube Music*, o qual pode ser acessado a partir da assinatura do *YouTube Premium*, por meio do qual o usuário acessa o *YouTube Music* e pode acessar os vídeos da plataforma sem anúncios comerciais.

do episódio 01x01 e no segmento 3 do episódio 01x02, acompanhamos guarnições nas quais um sargento mais velho, em diversos pontos, explica para um *policial-câmera* mais novo especificidades do trabalho de busca por drogas em morros da cidade de Florianópolis.

Em uma das cenas, o *policial-câmera* escala muros e telhados atrás de um drogas que um suspeito já capturado anteriormente teria escondido. Ele pergunta para seu superior: “Normalmente eles deixam em que? Em sacola?”, ao que o colega responde “pochete”, fazendo um gesto com a mão para indicar o tamanho. Já em uma outra cena, durante uma incursão a uma parte de matagal onde seria um ponto abandonado do tráfico, os policiais encontraram alguns papéis sobre uma mesa improvisada com pedaços de madeira. Um policial aparece em plano e indica com o dedo para o *policial-câmera* ver, ler e, possivelmente, filmar o conteúdo do papel plastificado. Nós nos aproximamos do papel que, à primeira vista, é ilegível aos telespectadores por refletir muita luz do sol no plástico, o seguramos e aos poucos fica explícito para quem assiste que folha contém quatro colunas nas quais estão listados valores em gramas (g) e seus equivalentes em reais (R\$), da seguinte forma: “0.6g = 21,00; 0.7g = 24,50 [...] 90g = 319,00”. Ao final da tabela lemos: “Obrigado. Agradecemos a preferência. T.M.J. Ass: Os Criá” (**Figura 15**).

Figura 15 - Policial-câmera atua como audience surrogate e mostra para a um papel plastificado que teria sido usado pelo tráfico, como mostrado no episódio 01x02 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 4º BATALHÃO #02” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x02 da websérie Papa Mike SC (2019).

O *policial-câmera* pergunta para seu superior: “isso daqui é o que, oh, sargento?” – ao que o sargento responde – “é a tabela de preço deles. Peso e valores”. Nesse segmento, o *policial-câmera* parece ser um novato, um agente que anda atrás na fila e ainda não conhece bem o universo “do crime” – ou pelo menos performa um desconhecimento para que o público se identifique e possa ouvir as respostas. O mesmo ficou explícito com o *policial-câmera* escalador, o qual precisa encontrar onde o suspeito teria escondido as “drogas”, mas não faz ideia de que tipo de compartimento os *marginais* costumam usar. O personagem mais famoso dos romances policiais que serve como *audience surrogate* é o Dr. Watson – da famosa frase “elementar, meu caro Watson” –, narrador dos romances escritos por Doyle sobre o excêntrico detetive Sherlock Holmes (ver Doyle, 2010). Watson é o motivo do detetive de intelecto superior explicar em detalhes suas teorias e investigações.

Voltando para a obra inaugural do gênero, a história começa com uma introdução do detetive e do universo em que a história se passa. Uma vez estabelecido o personagem de Dupin e sua relação com o narrador substituto do público, somos introduzidos aos assassinatos que são investigados. Por meio de uma reportagem em um jornal em que se lê “EXTRAORDINÁRIOS ASSASSINATOS” (Poe, 2022, p. 101), ficamos sabendo sobre os homicídios de uma mãe e filha dentro de sua residência. A reportagem traz entrevistas com empregados da casa e pessoas da comunidade. Conforme lemos a reportagem, ouvimos também as primeiras observações de Dupin sobre o caso que ele iria investigar.

Destaco essas primeiras cenas do conto para tocar em alguns pontos muito importantes sobre a história, sobre as narrativas policiais e sobre a conceituação que Reimão (1983; 2005) faz. A reportagem lida por Dupin e pelo narrador no primeiro conto do gênero explicita que antes mesmo desses textos ficcionais sobre a ação de investigar crimes e castigar criminosos já existiam jornais e neles a veiculação de histórias sobre crimes e outros atos descritos como moralmente errados. Uma das grandes diferenças dessas notícias para as produções literárias seria a veracidade dessas histórias, pois os jornais – assim como são apresentados no conto de Poe – relatam “casos reais”, enquanto as narrativas policiais seriam ficções. Todavia, essa divisória pode ser problematizada. Reimão (1983) explica que Poe usava matérias de jornais como inspiração para suas histórias, tornando a linha entre ficção e realidade mais tênue. Podemos também pensar como os próprios jornais tecem narrativas que enquadram acontecimentos da realidade de tal maneira a construir sentidos próprios (Rifiotis, 1999). Uma proximidade desses tipos de texto também está na forma como eram veiculados, pois Poe publicava muitas de suas obras em jornais locais. Textos publicados em um mesmo meio e

sobre um mesmo assunto, mas que foram tomados de formas distintas. O que está em questão aqui são as tradições narrativas atreladas aos gêneros literários “notícia” e “ficção”.

De acordo com o comunicólogo brasileiro Edson Fernando Dalmonte (2011), a tradição da narrativa jornalística é baseada em uma ideia de “realidade” que deve ser representada de forma fiel. Essa tradição, portanto, ganha legitimidade por ter a imagem de “fatos objetivos” e precisa se distanciar de outras narrativas sociais que apresentam de forma explícita valores, moralidades, invenções e fantasias. O discurso jornalístico, por vezes, se propõe a produzir imagens “documentais”, isto é, carrega a intenção e utiliza de ferramentas escritas e audiovisuais que representem algo como o “real”, frio, neutro e isolado. Imagens desse tipo são construídas a partir de um dispositivo do perspectivismo cartesiano (Pinney, 2017), isto é, se propõem a documentar o real. Ainda assim, mesmo que de formas distintas, compreendo que tanto as narrativas jornalísticas sobre crime/policiais, quanto romances policiais produzem representações sociais acerca do universo policial, portanto considero nesta pesquisa ambos como narrativas policiais. O que diferencia são as diferentes características de uma narrativa, isto é, suas influências mais jornalísticas ou românticas.

Outro tópico presente na obra de Poe (2022) e em tantas outras do século XIX e começo do XX é a presença de um detetive particular no lugar de um policial. Uma das maiores influências do gênero em sua concepção do detetive de intelecto superior era o paradigma indiciário, como definido pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989). De acordo com o autor, tal paradigma teria ganhado maior notoriedade na Europa do século XIX e se basearia no estudo minucioso do particular em busca de “pistas” que possibilitariam alcançar conclusões sobre fenômenos e acontecimentos que não poderiam ser diretamente analisados (Ginzburg, 1989)⁹². Pode-se argumentar que o paradigma indiciário é a espinha dorsal do enredo dos romances policiais, pois ele é empregado pelos detetives particulares, leva à descoberta de novas evidências e movimenta a investigação até uma conclusão “total” dos ocorridos. A historiadora brasileira Marcella da Costa Gomes (2016), em uma análise do

⁹² Alguns exemplos de utilização deste paradigma de investigação focado no particular – o qual se opunha a uma tradição galileiana de generalizações universais (Gomes, 2016) – são o “método morelliano”, desenvolvido pelo estudioso da arte italiano Giovanni Morelli para distinguir obras de arte originais de suas cópias, e psicanálise do médico e psicanalista austríaco Sigmund Freud (Ginzburg, 1989). Uma terceira figura que teria marcado o uso desse paradigma é Conan Doyle por meio de seu personagem Sherlock Holmes. Morelli, Freud e Holmes faziam suas investigações e desbravaram seus específicos campos de trabalho a partir da busca por “pistas” - fortemente influenciados pela medicina e sua busca por “sintomas”. Morelli buscava por “signos pictóricos”, Freud por “sintomas” e Holmes por “indícios”; eles operavam sob: “[...] um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, “baixos”, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano [...]” (Ginzburg, 1989, p. 149-150)

uso do paradigma indiciário na obra “Um estudo em vermelho” de Doyle (2010) – romance que marca a primeira aparição de Sherlock Holmes –, conclui, em diálogo com a obra de Reimão (1983), que o livro opera como uma “narrativa de enigma”, se desenvolve no desvendar do caso e apresenta seu detetive particular como alguém que se enquadra no ideário científico de sua época. Dialogar com o paradigma indiciário em Ginzburg (1989) nos leva a compreender que os romances policiais são um produto de seu tempo, criados a partir de valores e ideias que imperavam na Inglaterra do século XIX.

Quando esses textos surgiram, a polícia moderna era muito recente e não cultivava na população um sentimento de confiança ou segurança, portanto o perigo da criminalidade na Inglaterra industrializada e urbanizada precisava ser enfrentado por detetives particulares que, apesar de suas excentricidades na vida pessoal, funcionam como “máquinas de raciocínio” (Reimão, 1983). Muito pelo contrário, as agências de segurança e policiamento da época eram bastante impopulares, pois era entendido que seu trabalho nada tinha a ver com a proteção da população como um todo, mas sim com uma manutenção de “ordem” e “paz” dentro do território inglês (assim como nas colônias) a partir de um conflito com aqueles que eram vistos como “desordeiros” internos (Thompson, 1979). Como explica o historiador britânico E. P. Thompson (1979, p. 225, tradução minha), o processo de racionalização e ampliação das forças policiais (especialmente em Londres) era acompanhada de uma máxima política de “[...] salvar a Inglaterra dela própria”⁹³, o que contou com políticas de controle de massas⁹⁴.

Com o passar dos anos e a transformação da imagem das instituições policiais e de sua relação com grande parte da população, tal papel passou a ser ocupado cada vez mais por policiais considerados que se destacavam entre os demais agentes e pelas próprias instituições policiais, apresentadas nessas narrativas como “competentes”, “racionais”, “tecnológicas” e necessárias para a manutenção da ordem. Thompson (1979) argumenta que tal transformação da imagem policial foi acompanhada de um processo de crescimento de um Estado que não representava a sua população e que não podia ser “responsabilizado por suas ações” [“*unaccountable*”] ao longo do século XX. De acordo com o historiador britânico, esse Estado e suas instituições policiais desenvolveram técnicas para influenciar e controlar as imagens produzidas sobre si mesmos, o que levou a uma gradual mudança na percepção das polícias (Thompson, 1979). Veremos mais à frente como esse desenvolvimento particular da

⁹³ No original: “[...] the duty to save Britain from herself.” (Thompson, 1979, p. 225)

⁹⁴ A máxima descrita por E. P. Thompson (1979) e as políticas desenvolvidas a partir dela são comumente associadas a Charles Warren, general do exército britânico que assumiu o cargo de chefe da Polícia Metropolitana de Londres de 1886 a 1888.

construção de uma imagem onipresentemente positiva das instituições policiais – imagens *copagandísticas* (Moore, 2022) – é um componente central do trabalho do CCS/PMSC.

Muito me surpreende que a estrutura do conto de Poe (2022) tenha sido adaptada para o que hoje compreendemos como "romances policiais" pelo simples fato da história ser ativamente crítica à polícia. Dupin, em diversas passagens da história, a caracteriza como incompetente e soberba através de críticas ao comandante da polícia de Paris e sua busca por uma boa imagem. Na conclusão do conto descobrimos que os assassinatos foram cometidos por um orangotango trazido a Paris ilegalmente por um marinheiro que o capturou no Arquipélago das Índias. Durante a investigação do duplo assassinato, o detetive especula o que o suspeito deveria estar pensando e imagina que seja: "quem jamais vai suspeitar que foi um animal o responsável pelo crime? A polícia não sabe nada; não acharam a mínima pista" (Poe, 2022, p. 138). Mesmo que a história seja edificada no caráter esdrúxulo e brutal dos assassinatos, uma decepção é expressa: a polícia deveria ser capaz de solucionar qualquer caso, não importa o quão não-usual.

Outra característica que viria a marcar o gênero também não se encontra na obra do escritor britânico: a punição de criminosos no fim da história. No final, o mistério é solucionado, o dono do orangotango testemunha e as evidências coletadas por Dupin são usadas para libertar um homem que tinha sido injustamente preso pelos assassinatos. O detetive julga que o marinheiro não teve culpa nas ações do animal selvagem e, portanto, não o levou à delegacia. Uma vez que ele apresenta as provas e o homem inocente é libertado, o chefe de polícia demonstra-se incomodado com as ações do detetive e fala, de forma sarcástica, "[...] sobre a necessidade de todas as pessoas tratarem somente de seus próprios negócios" (Poe, 2022, p. 146). Em resposta, o investigador diz, no parágrafo final do conto:

– Deixe que ele fale – disse Dupin, que não se tinha dado ao trabalho de responder. - Deixe que ele faça o seu discurso, vai aliviar-lhe a consciência. Estou satisfeito porque consegui derrotá-lo em seu próprio castelo. Não obstante, o fato de que ele falhou na solução deste mistério não é em absoluto um motivo para tanto espanto como ele supõe, porque, na realidade, nosso amigo, o chefe de polícia, é um pouco esperto demais para ser profundo. Não existe *vigor* em sua sabedoria. Não passa de uma cabeça sem corpo, como as representações da Deusa Laverna; ou, no máximo, cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas, apesar de tudo, ele é um bom sujeito. Gosto dele especialmente por um golpe de mestre de hipocrisia, através do qual ele adquiriu sua reputação de engenhosidade. Refiro-me ao hábito que ele tem

"de nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas." (Poe, 2022, p. 146-147, grifos do autor)⁹⁵

Por outro lado, os romances produzidos após o marco inaugural de Poe construíram a imagem do “criminoso moderno” como um inimigo social, um problema não só daqueles diretamente afetados pelas suas ações, mas como um indivíduo capaz de prejudicar a sociedade como um todo (Reimão, 1983); ele era a personificação/individualização do problema da criminalidade, outro reflexo de valores liberais da época que tendia a reduzir questões sociais ao âmbito individual. Thompson (1979) compreende que tal construção moral da criminalidade também se relaciona às técnicas de construção de imagem na mídia empregadas pelo Estado moderno, o qual, desde a Inglaterra do século XIX, é capaz de evocar ideias de “crise”, “emergência” e “ameaça a segurança” como parte de um repertório político comum. Essa moralidade a respeito de sujeitos “criminosos” como inimigos sociais ganha proporções específicas em um contexto brasileiro em que não apenas as narrativas policiais como o judiciário segue uma estrutura punitivista (Misse, 2010b), ao passo que a construção social de bandidos envolve estereótipos de raça, classe e local de moradia.

Para além dos romances policiais centenários, essas histórias fundaram uma tradição narrativa específica que se mostra presente em livros, novas histórias fictícias de jornais, nas notícias e nas produções de arte e comunicação. Compreendendo o jornalismo como uma profissão política e que os jornais exercem um papel e um poder dentro da sociedade, especialmente quando tratamos de notícias sobre a “violência urbana” e sobre a segurança pública (Silva, 2010), por conta da legitimidade que eles podem acessar ao se venderem como representação imparcial da realidade (Dalmonte, 2011). O *status* de “retrato da realidade” se junta a outra característica dessa mídia no campo da segurança que é a transformação de casos isolados em fragmento representativo de um todo, de forma que, quando um caso ganha ênfase da mídia, torna-se representativo da situação da “violência urbana” no imaginário das pessoas (Rifiotis, 1999; Medeiros, 2017; 2018). A comunicóloga e cientista social argentina Mercedes Calzado (2015) enfatiza como a percepção da insegurança por parte da população não é exclusivamente fruto dos casos de violência que as pessoas experienciam ou que as cercam e nem da maneira como os meios de comunicação noticiam esses acontecimentos. Tomando como campo de análise a sociedade argentina, a autora propõe uma interpretação

⁹⁵ De acordo com uma nota do tradutor William Lagos nesta edição do conto da editora L&PM (Poe, 2022, p. 147, nota de rodapé 38), o trecho em francês no final traduz-se para: "de negar o que é e explicar o que não é" e é uma passagem da obra "*Nouvelle Héloïse*" do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau.

mais complexa da questão, que leve em consideração ambas influências na vida das pessoas e na forma como elas se sentem frente à “violência urbana” (Calzado, 2015).

Os romances policiais, desde seu início no duplo assassinato na Rua Morgue, reforçam uma tradição de reduzir o problema amplo da criminalidade – ou “violência urbana” – às ações e desvios morais individuais dos sujeitos criminosos. Tal tradição é perpetuada até hoje na representação jornalística, ao menos na mídia hegemônica (Klinkerfus, 2021; 2024). Outra característica importante é a forma como as representações do crime e da segurança nessas histórias afetam as percepções daquelas pessoas que consomem/recebem essas narrativas. A produção midiática, especialmente a de massa, tem poder de afetar as experiências materiais das pessoas (Adorno; Horkheimer, 1985; Coelho, 1987) e, especificamente as narrativas policiais, agem na construção de imagens e na transformação das ideias que temos do universo policial e dos territórios em que elas atuam, como vimos no segundo capítulo.

Distanciando do campo do jornalismo, compreendo que as narrativas policiais de tradição fictícia/romântica passaram por quatro grandes mudanças de paradigma que influenciaram novas formas de reprodução dessas ideias, valores e estruturas de contação de história, as quais são marcadas principalmente por mudanças tecnológicas, de mídia e dos agentes que produzem essas histórias. Esses diferentes momentos da produção de narrativas policiais se relacionam também com a forma interativa como esses textos – para além do escrito – são construídos em um diálogo entre aqueles que criam, como eles veiculam essas produções e aqueles que leem – especialmente aqueles que os criadores esperam que lerão, os leitores-modelos ou públicos alvo (Eco, 1986; Bernardet, 1986; Rifiotis, 1999; Vanoye, 2008).

A primeira mudança de paradigma que identifico é o processo de adaptação dos contos e romances policiais para outras mídias, especialmente rádio e, no começo do século XX, cinema. Há uma transformação no meio de transmissão da narrativa e na adaptação a novas linguagens do áudio e do audiovisual. Enquanto os romances policiais da literatura costumavam ser produtos de escritores (artistas) que negociavam com jornais e editoras para conseguir que suas obras fossem publicadas, o cinema, especialmente o cinema industrial hollywoodiano que passa a dominar o campo das adaptações cinematográficas (Bernardet, 1986; Gomes, 1996), opera por meio de uma série de fatores que vão muito além dos objetivos artísticos de diretores, escritores e atrizes. Para a produção da narrativa policial moderna cinematográfica, observa-se um trabalho que envolve interesses artísticos e de mercado (Coelho, 1987). O cinema dá forma audiovisual à narrativa policial.

Um dos grandes subgêneros da narrativa policial nas grandes telas é o cinema *noir* europeu e estadunidense que tem seu ápice nas décadas de 1940 e 1950 (Cinema..., s. d., online)⁹⁶. Neste primeiro momento de transposição audiovisual das histórias, a polícia como uma instituição ainda não aparecia no centro dos debates, todavia isso mudaria com a segunda mudança no paradigma de enunciação dessas narrativas. Na década de 1950, com a chegada de aparelhos televisivos em cada vez mais residências estadunidenses, as emissoras de televisão tinham o desafio de produzir conteúdo audiovisual que, ao mesmo tempo que precisava ser tão interessante como os filmes, também precisava ser familiar, rotineiro, procedimental e recorrente para que as pessoas assistissem em seu dia a dia. Assitir produtos audiovisuais, depois da televisão, deixava de ser um evento raro e se tornara comum.

Uma das estratégias utilizadas por produtores quando encaram transformações tecnológicas, principalmente de mídia, é a adaptação de histórias, enredos e estruturas narrativas com as quais o público de massa já está familiarizado. Tal estratégia levou produtores a se voltarem para o gênero de histórias policiais, mas agora com uma característica a mais em mente: uma maior preocupação com a verossimilhança. Quando tomo as narrativas policiais como todo o fluxo narrativo ligado ao universo policial, as quais abarcam sentidos, representações e possibilidades de enunciação e narradores diversos, uma questão importantíssima é justamente quem enuncia.

Como apontei anteriormente, o próprio Edgar Allan Poe se inspirou em histórias reais para produzir seus romances, mas ainda sim eram histórias produzidas por uma pessoa que não era policial ou detetive, construindo enredos fantasiosos e muitas vezes exagerados como forma de criar suspense e curiosidade. Os protagonistas fictícios serem detetives particulares também abria a possibilidade de maiores fabulações para o contexto da investigação, pois cada detetive poderia ter sua própria forma de trabalhar, muitas vezes não se alinhando com valores legais. Muitos desses romances ativamente buscavam se desvincular das instituições policiais vigentes na época, pois refletiam certo nível de desconfiança da população para com os policiais. Para entendermos como essas histórias se tornaram propagandas policiais intensas de ação que se passam como “realidade”, como no *Papa Mike SC*, é preciso entender

⁹⁶ Os filmes do cinema *noir* mantinham com frequência as figuras de detetives particulares como os protagonistas de “intelecto avançado” e dividiram o tempo de tela com tramas interpessoais cheias de suspense, reviravoltas e traições. O gênero muitos muitas marcas próprias que o afastam das características centrais da narrativa policial e lhe conferem uma estética própria, como a presença das *femme fatales* [mulheres fatais], personagens femininas perigosas e sexualizadas, e de tramas muitas vezes voltadas para as perspectivas dos criminosos ou de indivíduos que eram caracterizados por agir de forma moralmente ambígua entre policiais e criminosos, como é notável em títulos como *O Falcão Maltês* (*The Maltese Falcon*, dir. John Huston, 1941), *Laura* (dir. Otto Preminger, 1944) e *Pacto de Sangue* (*Double Indemnity*, dir. Billy Wilder, 1944).

a chegada dos próprios policiais nessas produções como um terceiro ator na produção, ao lado de artistas e da indústria, os quais passaram a produzir um tipo específico de narrativa policial moderna focada na criação de uma boa imagem policial: a *copaganda*.

3.1.2. *Copaganda: televisão e polícia*

A batalha pela mente na América do Norte será travada na arena do vídeo, no videodrome. A tela da televisão é a retina dos olhos da mente. Portanto, a tela da televisão é uma parte da estrutura física do cérebro. Portanto, tudo que aparece na tela da televisão emerge como uma experiência visceral para aquele que assiste. Portanto, a televisão é a realidade e a realidade é menor que a televisão [...]. (*Videodrome*, dir. David Cronenberg, 1983)⁹⁷

Em seu filme *Videodrome*, de 1983, o diretor e roteirista canadense David Cronenberg se propõe a tecer um comentário crítico ao mundo da televisão e a forma como as mídias visuais e telas passam a fazer parte da vida cotidiana na América do Norte cada vez mais. Naquele momento, aparelhos televisivos e emissoras de televisão faziam parte da realidade por quase três décadas. Seu advento a partir dos anos 1950 desbancara o espetacular evento periódico que era o ato de ir ao cinema e trazia o universo do audiovisual para o campo da rotina. Telejornais, seriados e exibições de filmes antigos, diferentes daqueles em cartaz nas salas de exibição, integravam aos poucos as vidas de famílias norte-americanas e se disseminavam ao redor do mundo. Bernardet (1986, p. 87-88) explica que

O público quase indiferenciado que se verificou nas décadas de 20, 30 e 40 modifica-se profundamente a partir de cerca de 1950. Surge a TV, que logo se torna o veículo de massa por excelência e destrona o cinema. Atribui-se à TV sobretudo, mas também ao desenvolvimento de outras formas de lazer, uma evasão de público que em muitos países atinge índices fantásticos. Para só citar os Estados Unidos, passa-se de 21.000 salas de exibição e 90 milhões de espectadores em 1945 para 14.000 salas e 45 milhões de espectadores em 1955. Simultaneamente, as estações emissoras de TV passam de seis em 1946 para 511 em 1955, e no mesmo período passa-se de 30.000 receptores para 46 milhões.

Acreditava-se que a televisão tinha uma vantagem no campo do imaginário coletivo em relação ao cinema, vantagem essa que ia além da praticidade de se assistir imagens brilhantes no conforto de casa. A assiduidade de programas de televisão e os orçamentos relativamente menores de seus seriados traziam consigo um certo valor de verossimilhança, o qual era buscado pelos produtores das emissoras como uma estratégia para engajar os

⁹⁷ No original: “The battle for the mind of North America will be fought in the video arena, the videodrome. The television screen is the retina of the mind’s eye. Therefore the television screen is part of the physical structure of the brain. Therefore whatever appears on the television screen emerges as raw experience for those who watch it. Therefore television is reality and reality is less than television [...]” (*Videodrome*, dir. David Cronenberg, 1983)

públicos. A televisão era mais simples, menos espetacular, mas a justificativa era que ela representava o cotidiano real (Rosenberg, 2016).

O seriado pioneiro que trouxe as narrativas policiais para o universo da televisão é *Dragnet* (dir. Jack Webb, 1951-1959), baseado em um programa de rádio do mesmo nome lançado em 1949, ambos produzidos e estrelados pelo ator e produtor estadunidense Jack Webb. Webb e outros produtores buscaram acordos com a polícia local com o objetivo de conseguir acesso a registros de casos reais, locações para as filmagem, equipamentos e viaturas para serem usados na série e, de forma geral, a matéria-prima necessária para produzir roteiros e episódios que parecessem realistas, verdadeiros desde os procedimentos oficiais, aos locais dos ocorridos e a rotina de trabalho (Rosenberg, 2016). De acordo com a jornalista estadunidense Alyssa Rosenberg (2016), os roteiros passavam por uma “censura” dos chefes de polícia, que se preocupavam como a polícia estaria sendo representada. O acordo de Webb com o Departamento de Polícia de Los Angeles [*Los Angeles Police Department*] (LAPD) rendeu frutos e o programa esteve no ar pela maior parte da década de 1950. Mesmo que o seriado por conta própria não tenha se tornado um grande nome da cultura *pop*, sua estrutura narrativa e preocupação com os detalhes e especificidades da rotina de trabalho de policiais dentro de instituições complexas do Estado se manteve – e ainda hoje se mantém – como a norma. Através do trabalho de Webb a estrutura narrativa policial moderna foi atualizada e se consolidou no formato procedimental, de forma que o começo, meio e fim passaram a caber em episódios de televisão de menos de uma hora. Essa estrutura está presente em programas de televisão mais recentes como *C.S.I.: Investigação Criminal* (*CSI: Criminal Investigation*, dir. Anthony E. Zuiker, 2000-2015), *NCIS – Investigação Naval* (*NCIS – Naval Criminal Investigative Service*, dir. Donald Bellisario; Don McGill, 2003-) e *Lei & Ordem* (*Law & Order*, dir. Dick Wolf, 1990-), assim como todos seus *spin-offs*⁹⁸.

⁹⁸ *Spin-off* é um conceito empregado em diferentes contextos, porém com um significado semelhante em todos eles. No mundo dos negócios ele diz respeito a um produto ou organização que surge a partir de negócios pré-existentes (Edwignes, 2023). Quando o termo é acionado no contexto de seriados de televisão (ou produtos culturais em geral), diz respeito a um produto que tem sua origem em um outro já existente. Utilizarei como exemplo o seriado policial procedimental *CSI: Criminal Investigation* (*C.S.I.: Investigação Criminal*, dir. Anthony E. Zuiker, 2000-2015), lançado em no ano 2000, o qual acompanhava um grupo de investigadores forenses e policiais em Las Vegas (Edwards, 2023). O seriado fez tanto sucesso que, em 2002, foi lançado seu primeiro *spin-off*: *CSI: Miami* (*C.S.I.: Miami*, dir. Anthony E. Zuiker; Carol Mendelsohn; Ann Donahue, 2002-2012), um seriado com o mesmo formato e que se passa no mesmo universo do programa original (contando até com participações especiais dos personagens do seriado de 2000, com a diferença de ser situado na cidade de Miami e contar com crimes que envolvem elementos da realidade local. *Spin-offs* podem fazer parte de uma teia de produtos culturais que formam “universos”, sendo, possivelmente, o mais famoso deles o *Marvel Cinematic Universe* [Universo Cinematográfico da Marvel] (MCU), o qual une dezenas de filmes e seriados em um mesmo universo sem que as histórias tivessem que originar de um único filme ou série. No contexto da websérie *Papa Mike SC* (2019), é possível traçar paralelos e com o conceito de *spin-off* quando tomamos consciência de que a série toma, de certa forma, inspiração dos vídeos do *Papa Mike* produzidos pela Polícia

Todos esses seriados e muitos de seus concorrentes seguem a seguinte estrutura episódica: eles seguem um grupo de policiais – ou militares, detetives, promotores –, geralmente com maior ênfase em um agente específico que serve de protagonista – o qual podemos conhecer a vida pessoal em mais detalhes em alguns poucos episódios –; os episódios começam com o caso da vez, seja ele um assassinato, roubo, fraude, sequestro etc., o qual será investigado ao longo da trama graças ao trabalho desses agentes do Estado, às tecnologias disponíveis a eles e à estrutura organizacional da instituição que eles integram; ao fim de cada episódio há uma resolução catártica, uma prisão, apreensão, condenação, morte e, raramente, com o objetivo de balançar a fórmula, uma fuga. Essa é a estrutura procedimental da narrativa policial. Quando ela é adaptada para programas de televisão, ela se torna ainda mais acessível para o público pois, diferentes de outros seriados, as histórias de cada episódio são contidas nelas mesmas e não exigem do espectador casual conhecimento prévio da trama.

Envolvimento com a polícia, facilidade no acesso e produção de imagens positivas das instituições policiais caracterizam esse terceiro momento das narrativas policiais e fizeram com que jornalistas e ativistas cunhassem o termo “*copaganda*”, uma junção em inglês de *cop* (policial) e *propaganda* (propaganda política), como forma de descrever tais programas, termo que pode ser também compreendido como

representações midiáticas da polícia que glorificam e promovem sentimentos positivos em relação à polícia e confiança em sua autoridade ou legitimidade como instituição. Pode ser implícito ou explícito, deliberado ou não intencional. Os textos da mídia podem ser totalmente copagandísticos ou conter elementos de copaganda. Por exemplo, alguns dos exemplos mais pró-polícia no cinema incluem Perseguidor Implacável e Operação França e com muitos exemplos mais óbvios na televisão, como “Brooklyn 99”, “Cops”, “Lei & Ordem”, “Chicago P.D. - Distrito 21” e até mesmo “Patrulha Canina” [...] Esses textos cumprem a função ideológica de fazer lavagem cerebral nos espectadores - de todos os tipos diferentes - para se conformarem às normas hegemônicas. (Moore, 2022, p. 4, tradução minha)⁹⁹

Mesmo que não seja exato quando a categoria começou a ser usada, ela tem sido empregada por diversos jornalistas, ativistas e recentemente acadêmicos para descrever

Militar do Estado de São Paulo (PMESP) e publicados no canal de *YouTube* Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, disponível em: <https://www.youtube.com/@PMESP/featured>.

⁹⁹ No original: “[...] to media portrayals of police that glorify and promote positive sentiment toward police and trust in their authority or legitimacy as an institution. It can be both implicit or explicit, deliberate or unintentional. Media texts can be wholly copagandistic or contain elements of copaganda. For example, some of the most propolice examples in film would include Dirty Harry and The French Connection and with many more obvious examples in television, like “Brooklyn 99”, “Cops”, “Law and Order”, “Chicago PD”, and even “Paw Patrol,” which is specifically designed for children who are most impressionable to these ideas. These texts serve the ideological function of brainwashing viewers - of all different types - into conforming to hegemonic norms.” (Moore, 2022, p. 4)

produções midiáticas desde a primeira metade do século XX, com ênfase nos seriados que seguiram os passos de *Dragnet* e outros semelhantes (Gallagher, 2018; Willow, 2022). Há também instâncias da descrição e conceituação de propagandas pró-polícia que não utilizam da categoria *copaganda*, como no artigo de Thompson (1979), intitulado “*The secret state*” [“O Estado secreto”], no qual o autor abertamente critica as organizações de esquerda britânicas por não se atentarem ao fato de que todo Estado e polícia seriam inimigos do povo.

Compreendo que a produção do *Papa Mike SC* seja composta inteiramente de vídeos *copagandísticos*. O grande diferencial da *copaganda* para as demais narrativas policiais é a representação das instituições policiais. Enquanto narrativas policiais tendem a seguir padrões gerais e tem suas raízes em valores liberais e seculares vigentes na Inglaterra industrial do século XIX, as narrativas *copagandísticas* seguem estruturas mais rígidas de representação positiva do universo policial, cujo pilar central é a defesa do Estado moderno como uma forma de organização política e existência segura possível. A *copaganda* também surge a partir da influência direta das vozes de líderes de instituições policiais, os quais co-criaram o subgênero como forma de propaganda política dentro de produtos de entretenimento de massa. “Narrativas policiais” englobam as tradições romântica e jornalística e “*copaganda*” são produções de cunho propagandístico centradas na voz de agentes de instituições policiais.

Da mesma forma que falar de romances policiais é falar do contexto inglês industrial em que ela se originou, falar de *copaganda* é falar sobre valores e ideias que vigentes nos Estados Unidos em meados do século XX e, em sua atualização em outras mídias, como o canal de *YouTube* PMSC Oficial, dos contextos sócio-políticos nos quais esses produtos midiáticos são produzidos. O *Papa Mike SC* reproduz e constroi representações não apenas do universo policial, mas também do estado de Santa Catarina, refletindo imagens e valores de uma atuação policial, de populações e de territórios específicos catarinenses.

Abordando esse tema da propaganda política, aproximo-me das discussões sobre cultura de massa e indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 1985; Coelho, 1987), as quais tendem a enquadrar a propaganda política presente nas mídias de consumo de massa dentro da dialética da luta de classes. Compreendo que essa linha de interpretação possa ser frutífera para entendermos a popularidade de seriados procedimental e até do *Papa Mike SC*, assim como a maneira pela qual essas mídias consolidam valores pró-polícia e pró-Estado. Entretanto, essa abordagem marxista pode levar a interpretações maniqueístas dessas mídias, ao que Rial (2004, p. 3, grifos da autora), ao falar das tendências demonizadoras dos estudos

de mídia nas Ciências Sociais e sobre as particulares formas como a televisão feita para “públicos populares” no Brasil é menosprezada por pesquisadores, elabora:

A conclusão a que cheguei depois de muitas destas conversas é que a mídia televisiva apresenta uma particularidade ao ser abordada como objeto empírico por estes estudantes. A facilidade de relativização que demonstram ao refletirem sobre gostos, práticas sociais e representações de camadas subalternas desaparece num primeiro momento, quando se focaliza os programas populares na televisão. Não se trata apenas de considerá-los esteticamente *ruins*, adotando como critério de julgamento os seus próprios *valores*, o que seria uma postura meramente etnocêntrica e em alguma medida saudável - posso gostar mais da comida da minha infância, sim, do que a servida em outra casa -, mas, além disto, de considerá-los *nefastos* socialmente. Ou seja, trata-se de atribuir uma *agência* a estes programas populares, uma capacidade própria aos sujeitos e a qual os objetos, em princípio, estariam destituídos – no caso, a capacidade de agir sobre as mentes dos indivíduos que os assistem, influenciando-os negativamente, tornando-os mais violentos ou discriminatórios. Consequência lógica, os sujeitos que assistem a estes programas são pensados assim como desprovidos eles mesmos de agência, de poder de escolha: são vítimas indigentes da poderosa mídia. E as crianças, então... A censura chega ser evocada como uma possibilidade.

Cabe, então, reiterar que este capítulo busca elaborar uma genealogia das narrativas policiais modernas não como uma forma de indicar um mal maior produzido pelas mídias, mas sim para identificar tradições e estruturas narrativas que têm prevalecido nas mais diversas mídias ao longo da história, sobrevivendo às adaptações pelas quais passam nas mudanças midiáticas – como na passagem da literatura para o cinema e depois para a televisão – e nas mudanças sócio-culturais – como nas especificidades dessas narrativas nos Estados Unidos e no Brasil. Ainda assim, há uma continuidade dentro desses diferentes contextos, a qual busco explicitar por meio da construção desta genealogia, a qual orientará para as específicas formas de representação do universo policial no *Papa Mike SC*.

3.1.3. *Reality shows* e redes sociais: imagens do “real”

A terceira mudança de paradigma das narrativas policiais segue os passos da produção televisiva *copagandística* em novas formas de expressar a ideia de verossimilhança em defesa da polícia e do Estado. Entre o final da década de 1980 e o começo da década de 1990, *reality shows* surgem e aumentam em popularidade na televisão estadunidense e se espalham para outros países. Esses programas de televisão apostam nos valores de autenticidade e proximidade com a realidade e se vendem como representações da vida real, de pessoas reais em situações reais. Os *reality shows* vendem a própria ideia de “realidade”, fazem propaganda

de uma realidade específica. Muitos gêneros de entretenimento foram adaptados para o formato de *reality show* e a narrativa policial foi uma delas.

Em 1989 estreou o seriado *Cops* (*Tiras*, dir. John Langley; Malcolm Barbour, 1989 -), um *reality show* em que uma equipe de filmagem acompanha policiais estadunidenses em ações policiais, levando o espectador para novos universos que os seriados ficcionais não conseguiam (e não buscavam) alcançar. A partir dessa mudança tecnológica e de formato, se observa a presença de mais câmeras subjetivas que acompanham o corpo e os movimentos dos policiais, vemos agentes e “criminosos de verdade”, experienciamos o movimento dos veículos (não efeitos especiais digitais ou com performance de dublês), testemunhamos trocas de tiros (não sonoplastia ou tiros de festim) e somos submersos em uma suposta experiência policial “autêntica”. Enquanto o conto de Poe nos colocava no lugar de uma amigo/ajudante do detetive e os seriados dos anos 1950 nos permitiam ser “moscas” observando o cotidiano de policiais, *Cops* proporcionou uma experiência de se colocar no corpo dos policiais. Não mais observamos a perseguição, o tiroteio e a prisão; agora nós temos a perspectiva daquele que persegue, atira e prende. Podemos, de forma indireta, perseguir, atirar e prender.

Enquanto outros momentos da genealogia da narrativa policial influenciam o PMSC Oficial por meio de estruturas narrativas, arquétipos de personagens e enquadramentos propagandísticos pró-polícia¹⁰⁰, a virada dos *reality shows* como *Cops* fornece a estética empregada pelos policiais responsáveis pelo CCS/PMSC. Muitos comentários nos vídeos do *Papa Mike SC* trazem comparações com outras mídias e outras polícias. Mídias que aparecem com maior frequência na seção de comentários são jogos de *videogame FPS*, filmes de ação e o *reality show Polícia 24h* (dir. Diego Guebel, 2010-), que é uma versão brasileira do programa estadunidense *Cops*. *Polícia 24h* é um programa que começou acompanhando policiais do estado de São Paulo, passando, depois de algumas temporadas, a acompanhar também policiais do Rio de Janeiro. Em meados da década de 2010 ele passou por uma reformulação e teve a participação de forças policiais de outras unidades federativas, incluindo Santa Catarina, o estado que tem mais cidades representadas na série até hoje,

¹⁰⁰ Outra influência importante dos romances policiais, filmes e programas de televisão policiais que antecederam o *Papa Mike SC* é o fato de que eles fazem parte do imaginário popular Ocidental e não influenciam apenas a produção audiovisual dos agentes da PMSC, mas também suas formas de agir como policiais. O antropólogo brasileiro Rafael de Medeiros Knabben (2018), em sua tese de doutoramento sobre policiais militares de Santa Catarina, explica que os policiais formam suas noções do que é ser policial não apenas pelos treinamentos da corporação, mas também associam “[...] uma série de referências diversas para abordar e pensar a sua atuação policial, como moralidade pessoal, códigos de leis, senso comum local, *filmes e séries policiais*, e etc..” (Knabben, 2018, p. 45, grifos meus)

depois de São Paulo e Rio de Janeiro. É a partir desse terreno frutífero produzido por esses *reality shows*, mas também por programas de televisão jornalísticos focados em casos policiais, que chegamos a um ponto que as narrativas policiais passaram a não mais ser produzidas na intersecção de interesses de artistas, empresas e agentes do Estado, sendo agora um resultado da parceria entre o Estado e grandes empresas de comunicação. A autoridade da “realidade” passou a desbancar a arte na produção dessas imagens.

A quarta e última transformação de paradigma das narrativas policiais tem acontecido há muitos anos com a integração de tecnologias digitais e redes sociais no cotidiano das pessoas e no funcionamento de instituições estatais. Diferentemente dos *reality shows* como *Cops* que, mesmo estrelando policiais reais, ainda dependiam de equipes de gravação e decisões editoriais de emissoras; as redes sociais e outros meios de comunicação oficial virtual das instituições policiais possibilitam que essas imagens, narrativas e representações tenham toda a sua cadeia produtiva e distributiva dentro dessas instituições. O conceito de *copaganda* tem sido utilizado também para descrever a produção de conteúdo em redes sociais feitas pelos próprios policiais (Makam, 2020; Karlis, 2020; Karakatsanis, 2022; Moore, 2022; Klinkerfus, 2024) e o emprego aqui para caracterizar as empreitadas do PMSC Oficial desde sua criação em 2012. Uma característica do termo é que ele funciona majoritariamente como uma categoria acusatória, e raramente como um mero descritor. Um dos motivos que levam ativistas e jornalistas a utilizarem essa expressão é a forma como as produções midiáticas de caráter *copagandístico* representam populações racializadas como negras ou latinas nos Estados Unidos, atrelando maiores níveis de criminalidade à presença dessas populações no país. Não é de espantar, então, que após a morte do jovem negro estadunidense George Floyd¹⁰¹ pela polícia da cidade de Minneapolis no ano de 2020, da circulação do vídeo do assassinato e dos vários protestos contra a “brutalidade policial” nos

¹⁰¹ O caso do assassinato de George Floyd marca um ponto crítico na luta contra o racismo antinegro e violência policial nos EUA. De acordo com reportagem do The New York Times (2022), em 25 de maio de 2020, 2 meses após o decreto nacional nos EUA da pandemia de COVID-19, policiais do município de Minneapolis receberam uma denúncia de que um homem teria pago por cigarros com uma nota falsa de 20 dólares (\$20). Ao localizar o veículo do suspeito - George Floyd -, os quatro policiais o pararam, mandaram que ele saísse do carro, o algemaram e o colocaram no chão. Um dos policiais, Derek Chauvin, colocou seu joelho sobre o pescoço de Floyd e continuou colocando força mesmo com o homem mostrando sinais de que não conseguia mais respirar. Em poucos minutos de sufocamento, George Floyd morreu (The new..., 2022). A maior parte da abordagem - incluindo o momento da morte de Floyd - foi filmado por uma mulher (também negra) que, assim como muitas pessoas em volta, se horrorizaram com a truculência da abordagem e com as tentativas da vítima de respirar. Graças às imagens, postadas em redes sociais no dia seguinte 26 de maio de 2020 (Taylor, 2021), o caso gerou grande comoção e motivou diversos protestos nos EUA e ao redor do mundo que exigiam o fim da violência policial que tinha como principal alvo pessoas negras (ou afro-estadunidenses). Os quatro policiais envolvidos no caso foram demitidos e presos pelo envolvimento no homicídio. Em junho de 2021, Chauvin foi condenado a 21 anos de prisão pelo assassinato de George Floyd.

EUA, departamentos de polícia em diversas partes daquele país passaram a impulsionar sua presença nas redes sociais para criar “imagens positivas” da polícia (Makam, 2020).

Aproprio-me aqui da categoria *copaganda* em uma proposta de usá-la como categoria analítica que descreve determinados tipos de narrativa policial, para além de seu uso em reportagens e ensaios. A *copaganda* é uma narrativa policial carregada de valores hegemônicos pró-Estado e pró-polícia que centram as histórias reais – ou que pretendem passar como reais – de instituições policiais, equipes e agentes específicos, enfatizando uma suposta superioridade física, intelectual, tecnológica e moral necessária para o trabalho policial. Essa produção de *copaganda* pode ser implícita ou explícita, intencional ou não, totalmente copagandística ou conter elementos de *copaganda* (Moore, 2022).

Outra comparação que os vídeos do *Papa Mike SC* recebem nos comentários é com os vídeos produzidos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), que até então parecia ter um monopólio do mercado de vídeos de ação policial produzidos pelas instituições policiais e publicados no *YouTube*. “Finalmente. Só vídeo da ROCAM de SP, já estava ficando sem graça. TKS o patrulhamento”¹⁰², escreve um espectador, realçando o aspecto negativo do cenário. É nessa quinta etapa da genealogia das narrativas policiais modernas que o *Papa Mike SC* passa a entrar na discussão do que são narrativas policiais. Na seção que segue discutiremos um argumento político central na produção audiovisual do PMSC Oficial, o qual acompanha essas narrativas desde sua fundação: a criação social e moral do “criminoso”, a qual compreendo como uma política de imagem (Belting, 2006) da sujeição criminal (Misse, 2010b) que produz corpos, indivíduos, populações e territórios matáveis.

3.2. Sujeição criminal como política de imagem: “herois”, “bandidos” e a “população de bem”

Quando trazemos as ideias da narrativa policial moderna e da *copaganda* para o contexto brasileiro, é preciso que nos atentemos não apenas para os particulares contextos de atuação policial no país, mas também para as mídias policiais produzidas aqui e como elas

¹⁰² Neste e em outros comentários comecei a encontrar o que parecia ser uma sigla “TKS”, assim como alguns outros códigos de três letras que eu nunca tinha visto. Ao buscar pelo significado delas, descobri que fazem parte do “Código Q”, ou “Código Internacional Q”, um sistema de códigos de três letras, todos começados com a letra Q (com exceção do “TKS”), usado por forças militares, de segurança pública, de saúde e segurança privada para facilitar a comunicação via rádio. Acredita-se que o sistema de códigos tenha sido desenvolvido na década de 1900, pelo governo britânico, a partir do alfabeto fonético militar (Libanio, 2023). Uma lista de expressões pertencentes ao Código Q está disponível nos anexos (**Anexo 2**).

ressignificam as formas de se representar a criminalidade e a polícia. Bernardet (1986, p. 88) indica que a expansão da televisão em diversos países no período pós-Segunda Guerra Mundial causou transformações no mercado cinematográfico que resultaram no que o crítico de cinema chama de “invasão da TV brasileira pelo filme americano”. Desta forma, as narrativas policiais modernas brasileiras possuem ligações com aquelas hollywoodianas por meio das influências do imperialismo estadunidense, todavia, como Rial (2004) enfatiza, essas influências não dão conta de explicar as particularidades das mídias brasileiras. Nós consumimos o conteúdo policial da literatura da Inglaterra industrial e do cinema dos Estados Unidos, mas também produzimos nossos livros, filmes, seriados e conteúdos para a *internet*.

Reimão (2005) indica que em terras brasileiras foram produzidas muitas adaptações dos romances policiais, os quais ganharam novas características quando produzidos a partir de contextos sócio-culturais nacionais do século XX. Ainda assim, quando nos voltamos para produtos midiáticos policiais nacionais, os maiores nomes e transformações narrativas e estéticas surgem do cinema a partir de filmes como *Tropa de Elite* (dir. José Padilha, 2010). Não mais falamos de policiais abstratos, pois localizamos atuações específicas da polícia militar e do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope). As investigações policiais passaram a dar lugar para ações policiais, perseguições eletrizantes, tiroteios e invasões a favelas. A sonoridade da polícia militar brasileira passa a ser o *rock* e o heroísmo simples dos seriados *copagandísticos* se torna um martírio complexo de policiais que lutam para se manter bons em contextos corruptos e em condições trabalhistas precárias.

Ainda assim, mantiveram-se os três tipos de personagens centrais dessas narrativas: policiais, população e criminosos – personagens esses que são reproduzidos de diferentes formas ao longo da *websérie Papa Mike SC*. Para além das ideias de “herói” e “guerreiro”, a categoria “salvador” também é acionada quando os comentaristas descrevem os agentes da PMSC. Agradecimentos são os comentários mais comuns no canal, nos quais as pessoas tendem a trazer referências religiosas como “graças a Deus vocês protegem” e “que Deus proteja a família de vocês” e colocam o policial em um lugar sagrado de protetor da sociedade guiado por “Deus”. Os próprios policiais fazem menções religiosas cristãs ao agradecerem a Deus no final de uma ação específica ou dia de trabalho. Até mesmo nas práticas coletivas das guarnições a religiosidade cristã se manifesta, como vimos com a Oração do Cavaleiro de Aço proferida pelos agentes do GTAM como forma de se prepararem para o patrulhamento.

Esse universo simbólico do cristianismo está atrelado as particulares formas como, no Ocidente, o dispositivo segurança foi desenvolvido e empregado em Estados nacionais modernos de forma entrelaçada a valores religiosos judaico-cristãos (Foucault, 2008; Agamben, 2005), de forma que a imagem da polícia é atrelada ao ideal do “mártir” que se sacrifica pela população. Esse lugar ímpar da polícia a faz morrer e não ser chamada de “vítima”, mas sim de “herói” (Puccini, 2023)¹⁰³. Esses policiais, como personagens dentro de uma narrativa e a partir das representações coletivas que são produzidas a partir delas, ocupam o topo de uma escala moral, são o polo positivo por possuírem uma superioridade de caráter, aptidão física, intelecto e tecnologias. Os policiais nessas histórias são o parâmetro.

No caso do *meliante* capturado dentro do córrego enlameado de Joinville, policiais da Guarda Municipal afirmam existir uma arma que nunca aparece em tela e nunca é encontrada. Ainda assim, o público toma essa informação como verdade absoluta por ser a palavra de um policial. Eles comentam sobre técnicas e tecnologias que poderiam ajudar a localizar objetos de metais dentro da água suja e comemoram a prisão do *vagabundo* apesar da frustração de não verem a apreensão do suposto revólver. A partir desse polo moral positivo dos policiais – e em contraste com o polo negativo dos *bandidos* – os outros personagens são caracterizados de forma relacional. A “população”, de forma geral, são personagens essencialmente neutros, aos quais são atribuídas características por sua proximidade com a polícia ou com o crime. Ao passarmos por uma rodovia por meio da perspectiva de um *policial-câmera* que circula de dentro de sua viatura, as pessoas dentro de seus carros, os quais nós ultrapassamos, são neutras. Todavia, ao passarmos por um bairro de classe alta em Blumenau ou na avenida Beira-Mar Norte em Florianópolis, as pessoas à nossa volta são caracterizadas como “cidadãos de bem” que chamam a polícia quando necessário e, através dessa ação, tornam-se dignos de proteção. Um terceiro caso é o das pessoas do Brejaru, na Palhoça, as quais são descritas como ajudantes de criminosos e chamadas de *vagabundas* pelos comentaristas.

Membros da população são os únicos que podem receber a marcação de “vítima”, isto é, ter seu sofrimento reconhecido socialmente a partir de uma posição de vulnerabilidade (Sarti, 2014), enquanto *bandidos* não tem seu sofrimento reconhecido e policiais não são colocados no lugar de vulnerabilidade (Puccini, 2023). Desta forma, um cidadão que morre pode ser reconhecido como vítima a partir de sua proximidade moral e imagética com os

¹⁰³ Sobre mortes de policiais e o PMSC Oficial, destaco o primeiro vídeo a atingir grandes números de visualização e receber monetização, o qual é uma homenagem a uma policial que morreu. Esse é o vídeo intitulado “PMSC - Despedida SD _____” (PMSC Oficial, 2018) e nele os comentadores demonstram luto e indignação, se solidarizando com a policial e sua família e utilizando a categoria “heroína”.

polos do “bandido” e do “cidadão de bem”, enquanto os “criminosos” e aqueles vistos como próximos a eles tem suas mortes marcadas como merecidas e os policiais são caracterizados como “heróis” quando morrem. Quando descrevemos o personagem do “bandido”, podemos acionar uma série de categorias que são sinônimos entre os comentadores, como *suspeito*, *vagabundo*, *meliante* e *criminoso*. Como discutimos no segundo capítulo, o *Papa Mike SC* reproduz representações das cidades de forma a reproduzir segregações espaciais, as quais marcam bairros inteiros como territórios perigosos, “zonas do crime” ou “zonas do tráfico”.

Um último tipo de personagem que destoa dos outros três são as abstrações das entidades administrativas: judiciário, legislativo e executivo; as quais aparecem em referência às forças maiores que regulam o trabalho policial, mas de forma alguma são superiores moralmente aos agentes da segurança pública. No *Papa Mike SC* ninguém nunca aparece de forma a incorporar esse personagem, mas são feitas menções, como no episódio da Polícia Militar Ambiental, no qual o *policia narrador* explica para o dono de uma empresa sobre as mudanças na lei. O local onde esse quarto personagem mais se faz presente é na consciência do público que menciona o “Estado”, o “governo” e a “justiça” como entidades que ajudam ou atrapalham a “missão” dos policiais, como no seguinte comentário feito no vídeo do episódio 01x01, no qual o comentador menciona pontos positivos (o fato de todos termos que “seguir as leis”) e negativos (quando menciona que “vem a ‘justiça’ e solta”):

A polícia não pode atirar, tem que ficar correndo atrás, aí quando pega com muito sacrifício, vem a "justiça" e solta, é um trabalho muito desgastante, não deve ser fácil secar gelo, estou aguardando o dia em que ninguém mais votará em partidos ditos de esquerda, que a única coisa que fazem, é passar a mão na cabeça de bandido. Ninguém é obrigado a gostar da polícia mas, todos temos a obrigação de seguir as leis, para que seja possível o convívio em sociedade. Parabéns para os policiais empenhados em garantir a segurança e a ordem, para que possamos trabalhar e descansar tranquilo.

A partir desses personagens retornamos ao conceito de *copaganda* e a ênfase no argumento político para pensar o conceito de política de imagem (Belting, 2006) e suas relações com as representações sociais (Durkheim, 1989; Pinheiro Filho, 2004) – um enquadramento analítico para o estudo de mídias, imagens e corpos. Enquanto a *copaganda* é uma política de imagem centrada na representação onipresentemente positiva dos policiais, volto-me à sujeição criminal para entender os argumentos políticos voltados à caracterização dos “bandidos”. O sociólogo francês Émile Durkheim (1989; Pinheiro Filho, 2004), em sua elaboração do conceito, explica que a representação social é formada tanto pela percepção coletiva de algo, como pela forma como uma imagem específica é produzida. Desta forma, ao

enquadrar a produção do discurso oficial por meio dos vídeos como uma representação social da segurança, da criminalidade e do universo policial em Santa Catarina, penso nas formas como esses documentos audiovisuais produzem e reiteram imagens no imaginário coletivo.

O historiador da arte alemão Hans Belting (2006), ao defender o estudo das imagens por meio de uma iconologia atenta às formas de produção de uma imagens e que não se limita ao estudo da arte, indica que é preciso entendermos a tríade imagem (neste caso o vídeo), o corpo (daqueles que produzem e daqueles que assistem) e a mídia (meio de produção e veiculação). Distinguindo o estudo da imagem e o estudo da arte, Belting (2006) se preocupa com a compreensão da produção de uma mídia de massa, enfatizando os interesses políticos por trás de uma grande mídia ou, neste caso, uma agência de comunicação do Estado. O conjunto dos esforços políticos de uma mídia em sua produção de imagens é o que o autor chama de uma “política de imagem”. Mobilizo os dois autores para pensar como as instituições políticas catarinenses acionam imagens e narrativas sobre o próprio estado, produzindo representações sociais por meio de políticas de imagem.

O sociólogo brasileiro Michel Misse (2010b) argumenta que a forma como o crime e a criminalidade são representados e encarados em nossa sociedade vai além dos atos criminosos em si. Ele diferencia esses atos e a forma de lidar com eles, o processo de incriminação, das formas particulares como as próprias existências dos acusados/condenados são criminalizadas para além de suas ações consideradas ilegais pelos códigos penais. Esse processo de construção de um sujeito criminoso para além de seus crimes é o que ele chama de sujeição criminal. O cientista social brasileiro Nicolás Quadros (2023) enfatiza que no Brasil os processos de sujeição criminal tem um caráter racial, de classe, geográfico e de gênero que aparece muitas vezes de forma implícita. Mesmo que as palavras “negro”, “pobre” ou “favelado” não apareçam de forma explícita, os sujeitos que tendem a serem reduzidos aos seus atos criminais tendem a ser homens negros, pobres e moradores de regiões marginalizadas. Esse é o exato perfil daqueles apresentados como *bandidos* no *Papa Mike SC*, de forma que o PMSC Oficial age na reiteração da construção desse estereótipo de “criminoso” que reduz indivíduos, populações e territórios à “criminalidade”, desumanizando essas pessoas e tornando seus bairros “zonas do crime”.

Na intersecção entre os conceitos de representação social, política de imagem, *copaganda* e sujeição criminal, compreendo ser relevante resgatar também a ideia de etopolítica (Rose, 2001; 2017), pois o resultado da construção de políticas de imagem que

reiteram uma representação social da polícia como superior e de *bandidos* como menos humanos é uma transformação das subjetividades de uma parcela da população que passa a aceitar a ideia de que existem corpos matáveis e que a polícia pode decidir quais corpos são esses. A antropóloga brasileira Flavia Medeiros (2023), em diálogo com as teorias do filósofo francês Michel Foucault (2008) sobre formas de governo e biopolítica e do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) de necropolítica, a partir de sua pesquisa sobre violência de Estado no estado de Santa Catarina, argumenta haver uma (necro)governamentalidade baseada na matabilidade como forma de governo. Compreendendo essas políticas como parte de uma governamentalidade neoliberal, a autora escreve que “[...] a matabilidade se inscreve como dispositivo que circunscreve uma economia política e moral para modos de vida específicos, por meio da construção de mortos, a gestão do luto e a naturalização da morte” (Medeiros, 2023, p. 5). Nota-se também que a matabilidade vai além daqueles que são mortos, pois ela age na criação de corpos e populações marginalizadas construídas como matáveis.

O antropólogo brasileiro Edilson Márcio Almeida da Silva (2010) explica que no começo do século XX, com o processo de favelização do espaço urbano do estado Rio de Janeiro, foi definida uma segregação espacial marcada pelo racismo, de forma que os espaços “negros” e emprobecidos – as *blackpolis* (Alves, 2020) – eram definidas de forma negativa por um “medo branco” que gera um “perigo social”. No caso da Grande Florianópolis, o processo de criação de favelas – os “Morros” – se deu de uma forma que o planejamento urbano buscava constantemente esconder a existência desses territórios (Sugai, 2009). De uma forma que parece particularmente inspirada nas representações policiais de filmes como *Tropa de Elite* (2007) e *Cidade de Deus* (dir. Fernando Meirelles; Kátia Lund, 2002), o *Papa Mike SC* centraliza esses lugares como “local do crime” e faz a maioria de suas cenas em morros da Grande Florianópolis, evocando comentários como: “Os lugares filmados são mesmo de Floripa? Eu devo ter visto imagens do centro de Floripa, só lugar bonito. Não imaginava que aí também tinha umas “quebradas” como costuma ter por aqui em Sampa.”, no qual o espectador percebe proximidades com os vídeos de São Paulo, ou com os casos televisionados do Rio de Janeiro, ou até com episódios de *Polícia 24h*. Há uma padronização dos lugares perigosos, nos quais habitam os *bandidos*.

Um das principais formas que a série usa para descrição dos territórios definidos pela segregação espacial e gestão territorial feita pelos policiais é por meio das caixas de texto. Um exemplo é o segmento 4 do episódio 01x10 que se passa em Florianópolis. Na tela a ação é explicada: “PATRULHA NA COMUNIDADE DA MALOCA”. A guarnição de

policiais do GTAM entra em uma viela íngreme. Ao entrar na comunidade, as vias não são mais asfaltadas, mas sim pavimentadas por hexágonos de concreto. Em um certo ponto, eles se deparam com pedaços de madeira e outros entulhos na rua que formam uma espécie de barricada. Na tela é explicado para a espectadora do que se trata: “BARRICADA PARA ATRAPALHAR A ENTRADA DA GUARNIÇÃO”. Um policial com arma em mãos desce da moto e empurra os entulhos para que a guarnição possa passar. Os entulhos na rua são imediatamente enquadrados como uma atitude antagônica à PMSC, o que corrobora com a caracterização da Comunidade da Maloca como um “local do crime”. Chegando em um cruzamento, os policiais descem das motos e apontam armas para todas as direções. O comportamento é explicado pela edição do vídeo que nos diz: “LOCAL ONDE FICAM OS OLHEIROS”. Nenhum suspeito é identificado em vídeo e logo os cortes nos transportam para fora do cenário mais empobrecido no qual eles apontam armas. Estamos em uma avenida larga e asfaltada. Na tela uma caixa de texto conclusiva nos diz: “NENHUM SUSPEITO IDENTIFICADO”. O ponto de olheiros e a barricada, mesmo sem nenhuma identificação de atitude ilícita na ação, são suficientes para caracterizar a Comunidade da Maloca a partir da sujeição criminal e reiterar a ideia de favelados como população matável (Farias, 2008).

A linguagem audiovisual empregada pelo *Papa Mike SC* tem uma forma particular de distinguir quais membros da população estão em uma posição de proximidade ou oposição em relação à polícia, pois usa efeitos de borrão em todos os possíveis suspeitos ou pessoas em territórios “perigosos” e mostra abertamente os rostos dos “cidadãos de bem”. Para além desse mecanismo audiovisual e partindo de um aporte analítico interseccional (Crenshaw, 1989; Collins, 2016) aplicado ao campo da análise documental e audiovisual (Klinkerfus; Mühlemberg, 2024) é possível identificar as particularidades de quais indivíduos são abordados, revistados e presos nos vídeos.

Um primeiro marcador é o da divisão de classes, característica do capitalismo que subjuga diferentes tipos de trabalhos a partir de uma hierarquia social, na qual no topo encontra-se a burguesia como classe dominante (Davis, 2016). A maioria dos abordados estão em casas pequenas, muitas sem muros, com paredes de tijolo exposto sem pintura; ou são abordados no trânsito em motos, quase nunca em carros, muitos alegam estarem indo ou voltando do trabalho. São classe trabalhadora e vivem em bairros mais empobrecidos das cidades. Outro marcador é o de raça, pois a maioria dos abordados e pessoas com rosto borrado em geral aparentam ser pessoas negras. Compreendo que o racismo opera como um componente estrutural das sociedades que passaram por processos coloniais – sejam elas

como colonizadoras ou como colonizadas (Césaire, 2020; Fanon, 2020) –, de forma que se faz presente nos mais distintos níveis: político, econômico, cultural, imagético, institucional, individual, psicológico, etc. (Davis, 2016; González, 2011; 2019; Fanon, 2020). No Brasil, observamos especialmente as marcas da antinegitude e racismo e etnocentrismo contra populações indígenas¹⁰⁴. O ser negro implica uma matabilidade inerente imposta pelo racismo antinegro. Em um trabalho prévio sobre a transformação do negro em um “monstro” a partir das bases antinegras da ontologia ocidental (Vargas, 2020), escrevi

Criaturas horrorizantes como o King Kong, o Frankenstein, os zumbis e até o próprio vampiro realista Milos são definidos – dentre tantas outras coisas – pela sua finitude. Nenhuma de suas histórias se preocupa com suas vidas, mas sim com suas atrocidades e com as suas esperadas mortes. A experiência negra, em meio a antinegitude, é marcada pelo sobreviver, ou evitar a morte – morte esta que é o instrumento do necropoder. Logo o lugar da morte é muito bem definido: o lugar de preto. (Klinkerfus, 2021, p. 65)

Os aspectos de gênero na construção do “sujeito criminoso” nesses vídeos centram masculinidades: tanto a masculinidade hegemônica dos agentes do Estado que usam da força como um atributo policial, mas também da virilidade masculina; como o fato de a enorme maioria dos “suspeitos” na série aparecerem como *masculinos* negros. O homem negro, principalmente o homem negro empobrecido, tem sua imagem historicamente construída como a do “criminoso”. Ao dialogar com as contribuições de Mbembe (2018) acerca das formas como as necropolíticas operam no Brasil contra populações negras, especialmente homens negros, a socióloga brasileira Kellyn Gaiki Menegat (2024, p. 63) escreve que o racismo possui a função

[...] de permitir uma relação positiva com a morte do outro; neste momento, começa a existir uma relação com o tipo biológico. O outro que morre é visto como um anormal que pertence a uma raça ruim, a sua morte garante para além da segurança pessoal e das pessoas próximas o livre e desimpedido desenvolvimento da espécie e do fortalecimento do grupo ao qual se pertence.

Entre questões de classe, de gênero, raciais e territoriais, é possível concluir que o *Papa Mike SC* reitera a imagem de populações e territórios empobrecidos e negros como perigosos e criminosos (Alves, 2011; 2019; 2020) e especificamente homens negros como os

¹⁰⁴ Cabe aqui indicar que pessoas ou populações indígenas e negras não são nunca mencionadas de forma explícita nos vídeos ou nos comentários. Até mesmo nas discussões sobre segurança em zonas rurais e atuação da Polícia Militar Ambiental não há menções sobre populações indígenas, o que condiz com um padrão de produção de imagem em Santa Catarina que invisibiliza pessoas indígenas. Já pessoas negras são excluídas das falas diretas, mas aparecem nas ações policiais como suspeitos, meliantes e, em geral, pessoas que têm seus rostos borrados.

meliantes menos humanos, corpos matáveis – como monstros. No campo do audiovisual, essas intersecções são transpostas aos espectadores a partir das descrições feitas pelos agentes em cena e pela imagens capturadas: é uma questão estética. Para além da estética da captura cinematográfica, os “suspeitos” abordados e descritos pelos policiais militares possuem uma estética própria. Durante o segmento 7 do episódio 01x01, acompanhamos uma dupla de policiais que se separam de sua guarnição em busca de um suspeito em um morro. Eles começam a andar bem devagar e olhar as casas. Em determinado momento o *policial-câmera* aponta com o dedo para uma casa que não conseguimos ver bem, pois está muito a distância, do outro lado de um campo de terra e mais de uma quadra à frente. Ainda observando a casa, o *policial-câmera* diz “eu acho que o *casqueiro*¹⁰⁵ que entrou ali é o que a gente tá procurando”, sendo *casqueiro* uma expressão que se aproxima da descrição do “favelado”.

O padrão de vestimenta usado pela enorme maioria dos indivíduos categorizados como suspeitos ao longo da série são: camisetas de manga curta, bermudas de tãctel e chinelos, além de muitos com bonés, jaquetas e camisetas de time de futebol. Esse padrão de vestimenta esperado para o “suspeito” é tão comum que ele é reproduzido pelos agentes até em casos em que policiais não tem certeza das reais roupas usadas. Em um determinado caso da série, os policiais informam a central de um suspeito que eles localizaram que estaria usando uma “jaqueta azul e bermuda”, porém, ao passo que a cena corta e nos teletransportamos para a perspectiva do *policial-câmera* já do lado do *masculino* fazendo a abordagem, vemos que na verdade ele veste uma camisa de botões. Uma jaqueta ou moletom não parecem ter o mesmo peso social de uma “camisa social de botão”. Com apenas uma descrição de vestimenta uma pessoa pode parecer mais ou menos com um *vagabundo*, isto é, os elementos estéticos de vestimenta podem contribuir para o processo de sujeição criminal (Misse, 2010b) na medida em que transformam o indivíduo suspeito de um ato criminoso em um “bandido” a partir de suas roupas.

Quando falamos de biopolítica, necropolítica e diferentes formas de governo, estamos falando de específicas formas de controle governamental aplicado não a indivíduos, mas sim a populações. Destaco, então, como a sujeição criminal como uma política de imagem da matabilidade como forma de governo, a qual produz representações sociais de corpos matáveis, constroi a ideia de populações mais próximas do crime e, portanto, menos humanas.

¹⁰⁵ Lembro que assim que me mudei para Florianópolis, em 2019, uma colega de turma me explicou que aqui “*casqueiro*” era um termo que usavam para falar de funkeiros, maloqueiros ou chavosos, pessoas que usam aqueles óculos espelhados e correntes, isto é, um esteriótipo de rapaz “favelado”.

No segmento 6 do episódio 01x10, vemos uma abordagem em um território “comum”, não de uma “zona de tráfico”, o bairro Carvoeira, nos arredores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse segmento, após abordar um motociclista inocente, a cena conclui com o policial autorizando o indivíduo a colocar o capacete de volta e agradece. Na tela o texto conclusivo diz: “TUDO CERTO COM O CIDADÃO ABORDADO”. No território “comum”, a abordagem foi feita com um “cidadão” e o vídeo explicita a sua inocência.

Já cenas que se passam em regiões marcadas como “do crime” – principalmente nos morros da Grande Florianópolis e no “bairros carentes” de outras cidades – vemos muitos homens negros sendo abordados, muitas vezes de forma truculenta, e as cenas apenas cortam sem uma conclusão. Essa falta de confirmação da inocência faz com que o público perceba aqueles indivíduos abordados ainda como “suspeitos”. Se isso é feito com diversas pessoas em uma região, todas sem rosto, logo toda uma população passa a ser percebida como suspeita. Da mesma forma, todos os moradores de um bairro podem ser categorizados como “próximos” ao crime, proximidade essa que os distanciam da neutralidade moral do “cidadão” ou da superioridade moral do “cidadão de bem” e os colocam em um espaço liminar no qual podem ser vistos como “criminosos” a qualquer contato com forças policiais. Uma descrição desta natureza aparece na fala de um policial de Criciúma durante o episódio 01x12:

A gente vê muitos moradores, aí, de bem nesse local, mas infelizmente o crime também se faz presente, aí, na forma de tráfico e a guarnição tenta, com proximidade, aí, aos moradores, colher informação e tentar coibir esse tipo de situação na localidade. Muitos também não apoiam com medo de represálias.

A hierarquia moral na qual esses diferentes personagens se localizam é construída de tal forma que “contamina” todo universo ao redor dessas personagens. Um exemplo que escancara o enquadramento moral de “policiais heróis”, “população de bem” e “bandidos” ou “apoiadores do crime” e como esse enquadramento é eficiente em moldar as percepções e subjetividades do público, são os cachorros. Como apresentei na seção sobre o Canil da PMSC, os *cachorros policiais* são vistos pelo público como heróis, tão especiais e dignos de respeito como os policiais humanos. Suas ações são heroicas, eles merecem prêmios. No caso em que um suspeito é encontrado por um *cachorro policial* durante uma ação com guarnição do PPT e do Canil, o segmento 6 do episódio 01x12, antes que o suspeito seja encontrado, acompanhamos um *policial-câmera* pular muros e entrar em diversos quintais de casas nas quais o suspeito teria passado. Nesses quintais de casas de moradores vítimas, seus cachorros são descritos como protetores da casa. Eles não são heróis, mas são cachorros de cidadãos.

Mesmo que esses animais latam para os policiais e os levem a perguntar com receio "o cachorro morde?", eles ainda são cães de cidadãos, os quais protegem essas possíveis vítimas.

No segmento 4 do episódio 01x05, durante a busca, prisão de suspeitos e apreensão de armas ilegais e drogas em um apartamento em Blumenau, vemos ao fundo um pequeno filhote de cachorro em meio aos policiais e aos *vagabundos*. Esse animal é colocado em uma posição ímpar por ser filhote. Ele é enquadrado como uma vítima, o que percebemos em comentários como: "Tadinho dos filhotes na abordagem do Ap.. espero q tenham mandado alguém pra cuidar dos coitados" e "[...] fiquei com pena do cachorrinho ;-; ele fica nesse caso sozinho ?'-'". Os cachorros¹⁰⁶, muitas vezes vistos como parentes e companheiros (Sahlins, 2003) nascem inocentes e, quando filhotes, ainda podem ser salvos. Os cachorros ainda podem ser cidadãos – ou ao menos aparentados por *cidadãos de bem* – e categorizados como vítimas.

Por fim, conhecemos aqueles cachorros das favelas e demais regiões empobrecidas e categorizadas: os cachorros da *blackpolis* (Alves, 2020). Quando acompanhamos a perspectiva de um *policial-câmera* da ROCAM e subimos um morro na região insular de Florianópolis ao som do motor da motocicleta e de múltiplos latidos que preenchem a paisagem sonora, percebemos que esses bairros estão cheios de cães. Nos comentários, esses latidos se tornam uma atividade suspeita e esses animais se tornam agentes do tráfico, olheiros e fogueteiros¹⁰⁷. "Os cachorros são x9 não dá pra entrar na surdina"; "hoje em dia os cachorros são os fogueteiros" e; "Parece que esses cachorros São treinados para avisar quando a PM chega" são comentários que expressam uma caracterização, mesmo que muitas vezes jocosa, dos animais como atrelados ao narcotráfico. O cachorro crescido na favela se torna suspeito, ele se opõe a polícia. Seu latido não é de proteção da casa, mas de alerta para o traficante.

Voltando a forma como a série e seus consumidores nutrem as ideias de matabilidade desses indivíduos e populações, o episódio 01x04 do *Papa Mike SC* enfatiza, desde sua *thumbnail* até a seleção e construção dos segmentos, casos de trocas de tiros. Os comentários

¹⁰⁶ O filhote de cachorro que aparece no segmento 4 do episódio 01x05 é pequeno e aparece em cantos da tela, fora de foco em planos abertos. Alguns comentadores parecem ter uma empatia maior ao projetarem qual seria a raça do animal, como em: "[...] ELES TINHAM UM FILHOTE DE PITBULL LINDO D + [...]". Questiono se a empatia e humanização desses animais operariam da mesma forma se se tratasse de uma raça diferente.

¹⁰⁷ Dentro da linguagem empregada pelos agentes durante os vídeos da *websérie Papa Mike SC* (2019), o "olheiro" é o indivíduo que fica em zonas de tráfego atento à presença policial e a todo o movimento ao redor de áreas em que acontecem as transações e todo o funcionamento do crime. Já o "fogueteiro" é aquele que avisa os envolvidos no tráfico sobre a presença policial. Dentro da divisão do trabalho no narcotráfico, como compreendida pelos agentes da PMSC, o "olheiro" e "fogueteiro" são peças importantes que influenciam os resultados das ações policiais contra os criminosos.

desse vídeo são, em maior parte, como sempre, parabenizações e elogios gerais aos policiais nas operações, à PMSC como uma corporação específica e a polícia como uma instituição social em geral. A maioria dessas parabenizações e elogios são curtidas pelo perfil PMSC Oficial. São comentários como: “Parabéns aí pela apreensão de drogas e uma arma aí no final! Tmj guerreiros! Que Deus o protejam sempre.”; “Tenso em, muitos disparos, graças a Deus nenhum PM foi atingido, padrão, PMSC alto nível.”; “Nenhum PM se feriu? Padrão de operação!!! PMSC ” e; “Parabéns ao efetivo em ação, retirando vagabundos e drogas de circulação.”. Esses comentários enfatizam as duas posições morais opostas.

No próprio vídeo vemos os policiais usarem a palavra “vagabundo” para descrever aqueles com quem entram em conflito, mas também suspeitos e pessoas com porte de drogas comprovado. Em outros vídeos há comentários desgostosos quando a polícia usa a categoria “suspeito”, pois parte do público entende que a suspeita por parte da polícia já é suficiente para enquadrar alguém como *meliante*, *vagabundo* ou *bandido*. Por outro lado, o “guerreiro” é acompanhado de várias outras categorias que constroem o universo simbólico da “guerra” (Medeiros, 2017). Essas categorias presentes nos comentários são: “batalha”, “garra”, “coragem”, “inimigo”, “perigo” e “combate”. Outros vídeos também criam a noção de perigo, mas o tema geral da “troca de tiro” trouxe à tona essas categorias e percepções. Um efeito dessa criação de um senso de perigo e o universo simbólico de “guerra” contra os *vagabundos* ou contra o “tráfico” é a que parece aflorar nos comentadores os desejos pelo uso de violência letal. Muitos comentadores reclamaram que a polícia não matou o suficiente ou que a polícia deveria ter o direito legal de matar, enquanto outros demonstram alegria pela polícia ter atirado. Alguns destes comentários são: “Uma pena não cancelar nenhum CPF [Cadastro de Pessoas Físicas] nessa super operação, mais sorte da próxima vez senhores ótimo trabalho.” e “um sorriso no meu rosto brilhou quando vi vagabundo estirado no chão!!”

Um tipo de comentário que me chamou muito a atenção foram de pessoas que viram a cena no segmento 5 de homens no chão totalmente borrados e, mesmo com a confirmação de que não haveria mortos, ainda saíram acreditando que eram cadáveres ou pelo menos ficaram em dúvida. O espetáculo da imagem falou mais alto que o diálogo. São comentários como: “Q vídeo maravilhoso finalizando com chave de ouro CPF's cancelados, apreensão de entorpecentes, rádios comunicadores e sem baixas no lado dos Papa Maike [emoji de palmas 7x; emoji de dois dedos; emoji de rosto com óculos de sol]” e “Quantos vermes morreram?”. A expressão “CPF cancelado” ou “cancelar CPF” é utilizada como um eufemismo para

“morto” ou “matar” pela polícia. Essa expressão não é usada pelos próprios policiais nos vídeos, mas faz parte da construção de uma comunidade de fãs dos vídeos.

Corpos pobres, negros e, principalmente aquele caracterizados como “criminosos”, tem suas mortes naturalizadas por retóricas e burocracias que os classificam como casualidades, inevitabilidades ou até mesmo como algo positivo, no caso da eliminação de “bandidos” ou até “possíveis bandidos”. Para além de possibilitar a morte física desses corpos, a matabilidade como forma de governo também age no ataque simbólico à memória e na proibição de formas públicas de luto, condenando como imoral condolências a “bandidos” ou “traficantes” (Medeiros, 2023). A impossibilidade do luto fica explícita em comentários como: “Tá loco, as pestes destes traficantes são igual rato se metem em cada esgoto [...] VOU FALAR SEMPRE, ENTRE UM POLICIAL [e um vagabundo] QUE CHORE A MÃE DO VAGABUNDO”¹⁰⁸ e nas críticas aos direitos humanos que os acusam de “proteger vagabundo”, o que seria algo que não deveria ser feito. Medeiros (2023, p. 16) explica que

Essa forma de governo que, posteriormente, tenta impedir a manifestação de luto e a luta por memória, verdade, justiça e reparação em seus nomes, expressa o reforço do punitivismo, do proibicionismo e do racismo institucional, voltando-se contra tais vítimas, que são tomadas como precárias e não dignas (Butler, 2009) e que, por consequência, têm o reconhecimento de sua humanidade negado mesmo depois de sua morte.

Ainda de acordo com a autora, no contexto catarinense há, atrelada a tal forma de governo, um caráter de aporofobia, isto é, um ódio e repulsa a populações pobres, especialmente pessoas em situação de rua, que age na naturalização de violências contra tais pessoas. Medeiros (2023, p. 19) escreve sobre o contexto da capital, dizendo que

Florianópolis tem uma população estimada em pouco mais de 500 mil habitantes, e é classificada como capital com o maior IDH do país (a terceira entre todos os municípios). Há uma forte autorrepresentação de cidade com alta qualidade de vida, onde as coisas funcionam e não há problemas com segurança como em outras capitais. A Ilha do Desterro, atualmente Ilha de Santa Catarina, viu iniciado seu o processo de povoamento colonial ainda no século XVIII, com a chegada dos colonos portugueses açorianos. Eles também introduziram na ilha a exploração de mão de obra negra escravizada, além de estabelecer uma relação de subjugação e apagamento dos povos indígenas que já viviam na região antes da colonização. Além disso, sobretudo em fins do século XIX e começo do século XX, o estado de Santa Catarina tornou-se um dos focos da migração europeia no Brasil, com a chegada de alemães e italianos, que fortalecem esse reconhecimento de um estado branco, civilizado e organizado. “A Europa brasileira!”, ou, como

¹⁰⁸ Este comentário foi alterado para que se sua mensagem pudesse ser melhor compreendida. O trecho do comentário original usado diz: “TA loco as peste destes traficante sao iguai rato se meti em cada esgoto [...] VOU FALAR SEMPRE ENTRE UM POLICIAI QUE CLORE A MAE DO VAGABUNDO”.

difundido na propaganda de uma afiliada local da maior rede de transmissão televisiva do país: “Santa Catarina, onde a gente faz as coisas do jeito certo.”

Compreendo que o dispositivo de racialização e a construção de uma identidade estadual branco irão atuar diretamente na criação da imagem de um público alvo dos vídeos que se diferencia daquela população marginalizada e construída como matável. Os três personagens centrais da narrativa policial se encontram em lugares distintos. Enquanto a polícia e a população são representados como catarinenses e cidadãos, os criminosos são o Outro, um inimigo interno não pertencente à população real do estado. Da mesma forma, os moradores de bairros de classe média e alta e do interior são representados como legítimos “cidadãos de bem” e reais catarinenses, enquanto os indivíduos, populações e territórios criminosos são uma exceção a ser combatida para a proteção dos catarinenses.

Os vídeos do *Papa Mike SC* são documentos estatais que corroboram com uma forma de governo baseada na matabilidade de uma determinada parcela da população, matabilidade essa legitimada pela sujeição criminal das pessoas mortas, fisicamente agredidas e/ou humilhadas, as quais são reduzidas a “bandidos absolutos” (Capriglione, 2015). Combinando a sensação de perigo criada pelos vídeos, os quais se propõem ser “a realidade”, a percepção de que a atuação da PMSC é menos violenta e a ideia de que os criminosos são homens negros nos morros, encontramos um solo fértil para pessoas defenderem que a polícia seja mais agressiva e letal, o que legitima casos em que a polícia realmente age com brutalidade e letalidade. Essa apologia à maior agressividade policial é combustível para a manutenção da matabilidade como forma de governo, governamentalidade orientada para o controle de populações empobrecidas por meio de políticas de extermínio – seja ele causado por assassinatos ou negligências por parte dos agentes do Estado.

Por fim, compreendo que essa forma de governo age na manutenção do genocídio do povo negro, como descrito pelo dramaturgo, política e ativista negro brasileiro Abdias do Nascimento (1978), por conta das particularidades antinegras da sujeição criminal no Brasil e na *websérie Papa Mike SC*, a qual possibilita um deleite do público que anseia pelo final catártico quando figuras criminosas, especialmente negras, sofrem. Uma política de imagem da matabilidade como forma de governo possibilita um deleite do espectador com o sofrimento, a humilhação e a morte. Concluo este capítulo voltando ao caso do episódio 01x16 com o qual escolhi abrir essas discussões sobre genealogia da narrativa policial moderna e sujeição criminal como política de imagem. A mais explícita manifestação da matabilidade desses corpos a partir desses enquadramentos está na seção de comentários do

episódio. Os múltiplos fatores do caso de assalto, da suposta arma, da dificuldade na captura e da tornozeleira eletrônica definiram aquele *masculino* indubitavelmente como *bandido*. Ele é um “bandido absoluto” porque tudo que sabemos dele dentro da narrativa o aproxima do polo moral negativo. Nos comentários lemos: “Parabéns a todos os envolvidos na captura do meliante! ...bem que o PM de bigode [...] poderia ter cancelado esse CPF”; “Policiais deveriam ter cancelado cpf .polícia catarinense uma das melhores parabéns”; “Isso mesmo tem q tratar igual animal esses criminosos...”; e “Gente quem aproveitava a situação e deixa ele cair na água algemado com os braços para trás ? É muito triste ver um verme desse sair dessa situação com vida, porem temos uma certeza que logo logo um anjo enviado por senhor vai levá-lo para a eternidade [...]”.

Por conta própria os personagens “bandidos” – que representam pessoas, populações e territórios reais – geram reações emocionais negativas no público, como ódio, e tem suas prisões comemoradas com expressões de alegria, alívio e animação. O elemento adicional do caso de Joinville de se passar em meio a águas de esgoto, todavia, trouxe à tona explícitos sentimentos de nojo e aversão. Em outros casos, os próprios policiais são aqueles que expressam um complexo de emoções e práticas emocionais negativas como nojo, humilhação e desprezo, casos esses nos quais as sentimentos são reproduzidos de forma mais aguda pelos comentadores. Essas expressões emocionais explicitam relações hierárquicas (Díaz-Benítez; Gadelha; Rangel, 2021; Díaz-Benítez, 2021), neste caso uma hierarquia moral que coloca os “suspeitos” ou “acusados” como menos humanos.

A abordagem dos agentes, por outro lado, é outro fator que guia a percepção do público. Neste vídeo eles usam a palavra “vagabundo” para se referirem ao suspeito, o que abre as portas para o público também usar esta e outras expressões como “meliante” e “bandido”. A postura antagonística, todo o trabalho extra para se lidar com a situação excepcional e os processos de sujeição criminal e criação narrativa de um inimigo público tornam-se combustível para que os comentador sejam explícitos com seus sentimentos de prazer com o sofrimento alheio, ódio contra os *vagabundos* e vontade de perpetrar tais sofrimentos e agir sobre seu ódio. Um comentador expressa esses sentimentos da seguinte maneira: “Um dia vou realizar meu sonho de entrar pra PM de SC, muito bom o vídeo, vagabundo se borrou inteiro!!!!!!”. O ver o “vagabundo se barrar inteiro”, todavia, não é o limite do sadismo autorizado que observamos.

O processo de sujeição criminal e redução de suspeitos ao papel de “bandido absoluto” torna esses sujeitos, aos olhos do público, monstros comparáveis a animais e cujos corpos são matáveis de tal forma que a sua morte não é apenas desejável, mas celebrável (Medeiros, 2014; Klinkerfus, 2021). “A corda não poderia ser colocada no pescoço?”, muitos comentaram. Para além das condições específicas da cena, os comentadores também evocam referências de tortura e brutalidade de outras mídias que poderiam ser reproduzidas, como no comentário: “Faz igual o filme tropa de elite, "ALGUEM TRAZ UM CABO DE VASSOURA" que ele levanta rapidinho.”, o qual faz alusão a cena de *Tropa de Elite* (2007), na qual policiais militares do BOPE do Rio de Janeiro ameaçam sodomizar um jovem na tentativa de conseguir informações por meio de tortura.

Independentemente do *Papa Mike SC* fazer alusões diretas ou indiretas e referências propositais ou por coincidência às narrativas policiais que o precederam, é inegável que suas marcas se fazem presentes na série. A estrutura procedimental dos romances policiais, o advento do audiovisual e a possibilidade de se criar imagem em movimento da polícia do cinema, a linha política da *copaganda* da televisão e a estética dos *reality shows* estão todas presentes e alicerçam as particulares formas como esse produto do CCS/PMSC (re)produz a sujeição de criminal de populações negras, empobrecidas e faveladas no estado de Santa Catarina como uma política de imagem alinhada a matabilidade como forma de governo.

4. O DISPOSITIVO DE REALIDADE E OS SEUS USOS PELO PMSC OFICIAL: CÂMERAS CORPORAIS, *AUTORREPRESENTAÇÃO POLICIAL*, EXCEPCIONALISMO CATARINENSE, PÚBLICOS E ECOSSISTEMAS DE CONTEÚDO

Diz-se com frequência que são os pintores que inventaram a Fotografia (transmitindo-lhe o enquadramento, a perspectiva albertiniana e a óptica da *câmara obscura*). Digo: não, são os químicos. Pois o noema “*Isso foi*” só foi possível a partir do dia em que uma circunstância científica (a descoberta da sensibilidade dos sais de prata à luz) permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto diversamente iluminado. A foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado. (Barthes, 2018, p. 70, grifos do autor).

No primeiro capítulo navegamos pela construção do objeto e do problema da pesquisa – como a *websérie Papa Mike SC* representa o universo policial – através da concepção de que os vídeos que seriam estudados eram documentos estatais de caráter comunicacional em formato audiovisual veiculados e arquivados em ambiente digital. No segundo capítulo, para além de descrever a produção do canal PMSC Oficial e o conteúdo dos vídeos de sua *websérie* mais popular, explicitarei que o estudo das representações da PMSC eram inseparáveis das representações do próprio estado de Santa Catarina. Já no terceiro capítulo, através da investigação da genealogia da tradição narrativa a qual a série pertence, abordei os resultados da *copaganda* e da sujeição criminal como políticas de imagem do *Papa Mike SC*. Neste quarto e último capítulo, volto-me para a tecnologia de produção dos vídeos – as câmeras – e procuro discutir como os vídeos são feitos e como os argumentos e representações da série reverberam como “verdade” para a maior parcela de seus espectadores.

Grande parte das discussões que trouxe nos capítulos anteriores sobre os vídeos utilizaram de uma bibliografia ampla que engloba discussões de fotografia, cinema e audiovisual, entretanto sem fazer grandes distinções dessas categorias. Entendo a fotografia como um advento científico e artístico que possibilitou capturar um fragmento da realidade de uma forma supostamente objetiva, tomando um espaço social antes reservado à pintura e abrindo novas possibilidades para o mundo da arte, da ciência e da comunicação (Kubrusly,

1991; Barthes, 2018). Com os desenvolvimentos tecnológicos que possibilitam a captura e reprodução de diversas imagens que, quando sobrepostas, ganhavam movimento, foram criados os primeiros filmes. A linguagem cinematográfica passou por muitas transformações ao longo do tempo, com diferentes formas de se produzir imagens sendo criadas em diferentes contextos sócio-históricos. Uma das transformações iniciais é o movimento da câmera, a qual, em sua concepção, era um objeto estático. É preciso, então, compreendermos que “a câmera não só se desloca pelo espaço, como ela o recorta. Ela filma fragmentos de espaço, que podem ser amplos (uma paisagem) ou restritos (uma mão).” (Bernardet, 1986, p. 35), ela tem uma perspectiva própria a ser orientada. Mais desenvolvimentos tecnológicos atrelaram dispositivos de captura de som às câmeras, o que possibilitou a criação dos filmes como os conhecemos hoje em dia, com imagem e som. Ainda assim, há uma distinção entre esses produtos que conhecemos como “filmes” e o “complexo ritual” que é o cinema, o qual

envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. (Bernardet, 1986, p. 9)

Para além do ritual e espetáculo do cinema e da rigidez narrativa dos filmes comerciais (Bernardet, 1986), existem muitas formas de se fazer produtos que envolvem a captura e reprodução de imagem e som. A esses múltiplos produtos como seriados, videocliques musicais, curta-metragens estudantis, filmes etnográficos, comerciais de televisão, instalações com imagem e som abstratas em exposições de arte, *trends* no *TikTok*, *vlogs* no *YouTube* e as evidências produzidas por câmeras policiais individuais; designamos a categoria mais ampla de “audiovisual”. O audiovisual carrega consigo o acúmulo técnico, artístico e político de seus antecessores como a fotografia, o filme, o cinema e todas as suas versões, de forma que a os vídeos no *Instagram* se alimentam das produções da televisão, as novelas dialogam com os filmes e todas as imagens que produzimos e consumimos estão relacionadas às disputas travadas ao longo do último século ao redor da fotografia: afinal, é técnica ou arte, é fabricação do imaginário ou reprodução do real?

Desde sua criação, a fotografia esteve no centro de múltiplas disputas no campo das artes, julgada por muitos como uma mera reprodução técnica do real sem mérito artístico, enquanto outros defendiam que o ato de fotografar expressa as subjetividades e perspectivas da pessoa que fotografa que, alinhadas as condições técnicas de que tem acesso e ao acaso da realidade que a cerca, produzem uma representação única, uma versão do real (Kubrusly,

1991; Deren, 2012; Barthes, 2018). A possibilidade de assimilação da imagem fotográfica – um fragmento estilizado – como o todo da realidade é um produto da “impressão de realidade” (Bernardet, 1986), o diferencial da fotografia e uma das possíveis bases do sucesso do cinema. A impressão de realidade confunde e transforma o pensamento humano ao reproduzir imagens que se assemelham à realidade captada pelos olhos e convence o público como uma forma de metonímia: a utilização de um fragmento para representar o todo¹⁰⁹.

Grande parte do apelo da *websérie Papa Mike SC* que a possibilita ter seus mais de 20 milhões de visualizações acumuladas e distribuídas entre os 34 vídeos das suas temporadas é o fato de que grande parte do público entende as imagens que aparecem em sua tela como a “verdade”, como um exemplo da “realidade” do cotidiano vivido pelos agentes da PMSC. Um comentário do episódio 01x01 explicita esta percepção de presente imagético da “realidade”:

Cai nesse vídeo por acaso e fiz uma análise pessoal. 1 que orgulho da forma como perseguem os bandidos, não arriscam os inocentes que não tem ideia do que possa estar ocorrendo e também não sabe lidar com essas situações. 2 em um vídeo sem cortes e produção tu vê que todos os momentos são perigosos e os policiais arriscam a vida em ruas pequenas e cheias de casas. 3 policiais muito educados e profissionais. 4 é foda o risco e esforço que fazem para realizar um objetivo e provavelmente após comprovado o crime os bandidos não pagaram um preço justo e compatível com o trabalho policial. (grifos meus)

Ao longo deste trabalho tenho explicitado as diversas formas como os argumentos políticos intrínsecos à série são disseminados por meio da seleção de imagens, cortes, usos não-diegéticos, posicionamento de segmentos específicos em sequência, *thumbnails*, títulos, caixas de texto e todo o ambiente de veiculação do *YouTube*. Ainda assim, o audiovisual carrega consigo o grande poder de convencimento da impressão de realidade. Retomo aqui o argumento da cineasta ucraniana Maya Deren (2012), em sua discussão sobre

¹⁰⁹ Aciono a ideia de metonímia para explicitar a ênfase que a *websérie Papa Mike SC* coloca nos casos de ação baseando-me no trabalho da antropóloga brasileira Flavia Medeiros (2017) que, em seu artigo “A necropolítica da ‘guerra’”, trabalha com as formas como agentes da polícia civil no estado do Rio de Janeiro utilizam da ideia de “guerra” tanto como metáfora, quanto como metonímia, de forma a produzir representações do trabalho policial e das realidades nas quais eles atuam. De acordo com o trabalho etnográfico da pesquisadora, a descrição do contexto do trabalho policial a partir de “metáforas da guerra” produzia uma representação do trabalho policial como possuindo um “risco inerente e constante” e uma representação das favelas como “territórios de exceção”. Medeiros (2017, p. 101) explica que a “Consequência desta representação é que aqueles que viviam em favelas não poderiam ser protegidos pelas ações da polícia nas comunidades onde viviam. Ao contrário, eram recorrentemente alvos destas.” Para além de uma forma de fazer sentido metafórico ao trabalho envolvendo a “guerra”, os policiais também utilizavam dessa ideia para organizar o seu trabalho, de forma que, ao mobilizarem a ideia de “guerra” nas justificativas de como fazem a divisão do trabalho policial, os agentes estão se colocando dentro dela, como partícipes. Quando Medeiros (2017, p. 109) evoca a ideia da “metonímia da guerra”, ela explicita como um fragmento do trabalho policial é utilizado para representar e organizar todo o trabalho policial, de forma que “[...] a guerra não era apenas uma representação ou uma ideia sobre o contexto de conflitos e disputa no mercado de drogas. Ao narrarem a guerra, os policiais civis também relatavam como eram participantes desta, visto que agiam pelo Estado em seu controle e administração.”

fotografia, cinema e “realidade”. Segundo a autora, o poder da impressão de realidade possibilita a produção de uma equivalência entre a realidade vivida dos indivíduos filmados e a realidade própria do produto audiovisual, a qual é produzida por meio do registro do real dentro de uma perspectiva particular e processos de montagem. Essa equivalência é o que ela chama de “autoridade da realidade”, a qual

[...] é disponível até para a mais artificial das construções, se entendermos a fotografia como uma arte do “acidente controlado”. Explico “acidente controlado” como a manutenção de um delicado balanço entre o que está lá, espontânea e naturalmente como uma evidência da vida independente do real, e as pessoas e ações que são deliberadamente introduzidas na cena. (Deren, 2012, p. 141).

O “acidente controlado”, proposto por Deren (2012) a partir da ideia de que a fotógrafa não teria controle absoluto de seus arredores no momento da captura da imagem, mas que controla sua disposição física e, até certo ponto material, controla os equipamentos utilizados, ganha novas definições quando o fotógrafo é um agente do Estado, um agente da segurança pública capaz de intervir na capacidade de ir e vir das pessoas. A impressão de realidade, quando atribuída aos produtos audiovisuais de policiais, especialmente aqueles assinados pela própria instituição policial, ganha novas camadas de convencimento: a) a autoridade policial, a qual possui fê pública e tem o poder de construir a “verdade” do Estado a partir do trabalho de documentação (Medeiros, 2016; 2018) e b) a reputação dessa instituição policial dentro o coletivo dos espectadores.

Comentários no vídeo do episódio 01x12 expressam as impressões positivas gerais sobre a canal e reforçam essas ideias: “Parabéns ... várias ocorrências e o dia a dia da Polícia. Padrão” e; “Esse papinho de esquerdista que a polícia é má não cola. Olha quantos LIKES o vídeo tem! PMSC é a instituição mais respeitada e amada!!! Vocês são demais!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”. Vídeos de 20 minutos, muitas vezes trazendo ocorrências de múltiplos dias diferentes, são assimilados como “o dia a dia da Polícia” e a quantidade de *likes* se torna parâmetro para pontuar que a maioria que frequenta o ambiente da seção de comentários dos vídeos está de acordo com os argumentos *copagandísticos* presentes na série.

Volto-me, então, para o estopim desta pesquisa, o ponto de convergência que possibilitou a criação do agente ciborgue *policial-câmera* e unificou, por meio de uma política oficial do estado de Santa Catarina, as qualidades da impressão de realidade do audiovisual e da autoridade policial: a implementação das câmeras policiais individuais. No dia 22 de julho de 2019, a PMSC realizou o lançamento das câmeras policiais individuais em um evento que

aconteceu no Comando-Geral da PMSC, em Florianópolis (Fiedler, 2019). De acordo com o portal PMSC Notícias, foram adquiridas 2.425 câmeras no valor de R\$3 milhões. Durante o lançamento, o coronel responsável pelo projeto defendeu a iniciativa com as seguintes palavras – as quais foram destacadas na reportagem oficial (Fiedler, 2019, online):

Com a idealização das Câmeras Policiais Individuais, estaremos dando um passo para o fortalecimento na segurança jurídica do Estado. Presenciaremos o que de fato aconteceu. Demonstraremos a sociedade o quão bem treinado são os nossos homens. Não tenho dúvidas de que hoje, o *cidadão de bem* poderá dormir tranquilo, pois com mais esta inovação tecnológica, nós estaremos na rua, presentes e protegendo ainda mais a povo catarinense. (grifos meus)

O projeto das câmeras policiais individuais se ancora na ideia de que as imagens e sons capturadas nas câmeras corporais expressão a realidade (“o que de fato aconteceu”) e servirão como forma de produzir uma imagem positiva dos policiais, ao expressar como ficará explícito que eles são “bem treinados”. O principal objetivo da implementação do projeto, de acordo com a PMSC, seria o “fortalecimento na segurança jurídica” para a proteção do “cidadão de bem” – *cidadão de bem* esse que é a representação do “povo catarinense”. Ainda durante o lançamento do programa, foi exibido um vídeo explicando o funcionamento dessas câmeras – o qual foi postado no canal de *YouTube* da PMSC no mesmo dia (Fiedler, 2019).

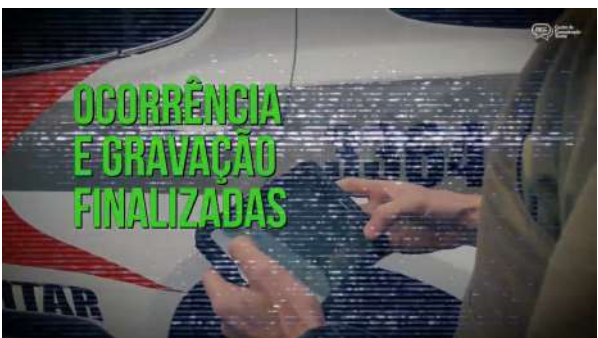
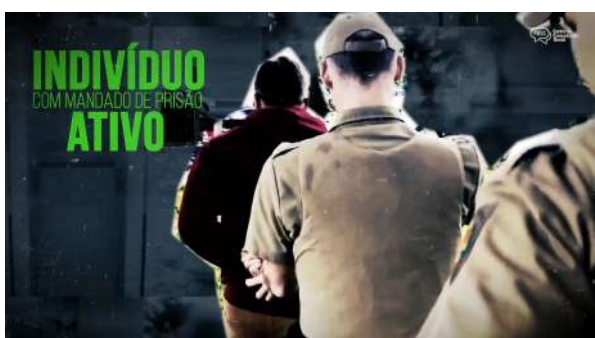
O vídeo intitulado “Câmera Policial Individual” (PMSC Oficial, 2019) apresenta esses equipamentos e consiste em uma propaganda de menos de dois minutos ao som de uma música não-diegética “épica” de ação, lembrando o começo de um filme de super herói. São usados muitos efeitos sonoros de “*glitch*” e sons de computador para reforçar a ideia de que se trata de uma inovação “tecnológica” e “futurista”. As imagens possuem muitos efeitos especiais e edições com *glitches* de computador e efeitos de *pixels*. A logo da PMSC é transformada em uma câmera e lemos o título: “CÂMERAS POLICIAIS INDIVIDUAIS”, seguido do *slogan*: “TECNOLOGIA PARA MAIOR PROTEÇÃO E TRANSPARÊNCIA NAS AÇÕES POLICIAIS” (grifos presentes no texto original). Ao longo do vídeo eles usam de *insert shots* dos policiais nas viaturas e na central como forma de ilustrar como as câmeras se inserem na cadeia de trabalho policial. Outro tipo de imagem utilizada é uma encenação de crime e prisão feita, como uma versão “de mentirinha” do *Papa Mike SC*.

Compilando todas as caixas de texto em verde no vídeo, as quais explicam a cadeia de trabalho com as tecnologias de comunicação e a implementação das câmeras corporais, temos os seguintes acontecimentos: “Câmeras policiais individuais: tecnologia para maior proteção e

transparência nas ações policiais”. Transacionamos para uma rua na qual um homem de capuz entra em um terreno por meio de uma abertura na grade de metal que o cerca. Este é identificado como “suspeito”. Na COPOM, central da PMSC, uma policial recebe uma ligação e responde “polícia militar, qual a sua emergência?”. Somos informadas que a “ocorrência é recebida na central”. A denúncia do homem suspeito é enviada para uma guarnição na rua – “ocorrência é enviada para a viatura”. É neste momento que a câmera policial individual entra em jogo, pois a imagem passa a ser na perspectiva dela, com um filtro de câmera analógica na filmagem e o informe de que “automaticamente inicia a gravação”. O policial na rua se torna um *policial-câmera*. Os policiais da guarnição chegam até o lugar da denúncia, encontram o suspeito e realizam a abordagem, o revistando e, em seguida, o prendendo. Somos informadas o motivo da prisão: “indivíduo com mandado de prisão”. “Ocorrência e gravação finalizadas”. De volta a central da PMSC, as câmeras são devolvidas, “as imagens das câmeras são descarregadas e ficam a disposição no sistema”. A propaganda acaba reforçando que o programa de câmeras policiais individuais é da PMSC e que o vídeo que você acabou de assistir é uma produção do CCS/PMSC (**Prancha 11**).

Prancha 11 - *A implementação e o funcionamento das câmeras policiais individuais no estado de Santa Catarina, como mostrado no vídeo “Câmeras Policiais Individuais” (PMSC Oficial, 2019)*







Fonte: capturas de tela feitas pela autora do vídeo Câmeras Policiais Individuais (PMSC Oficial, 2019).

A implementação das câmeras policiais oficiais aconteceu, na linha do tempo do *Papa Mike SC*, entre a primeira e a segunda temporada. Isso significa que nenhuma das imagens veiculadas na primeira temporada da série e discutidas neste trabalho são fruto dos equipamentos oficiais de segurança pública. Ainda assim, as câmeras de fim comercial que foram compradas e utilizadas para a criação de produtos comunicacionais por parte do CCS/PMSC atreladas às fardas dos agentes produziram um protótipo de *policial-câmera* que se tornaria o “padrão” após a implementação das câmeras corporais. Como um protótipo, questiono: quais seriam, então, os outros usos possíveis das câmeras corporais, para além da produção de evidências de crime? Como vimos nas dezenas de páginas que antecedem este parágrafo, é possível que sejam utilizadas na produção de propaganda política.

Um equipamento qualquer pode ser usado de múltiplas maneiras, seja ele uma câmera ou uma arma. Quando as câmeras são operadas pelos agentes da polícia militar, a imagem nos aproxima do universo policial. O desenvolvimento do audiovisual que tornou o que aparecia em tela em “realidade” (Bernardet, 1986; Deren, 2012; Barther, 2018) se alinha com a autoridade do policial e juntas são capazes de produzir um *dispositivo de realidade* que pode ser acionado na produção de documentos de caráter – e poder – jurídico, como as evidências de crimes, mas também na produção de documentos de caráter comunicacional, propagandístico e de memória, na produção de (auto)representações sociais da polícia, dos policiais, do trabalho policial, daqueles categorizados como vítimas, *cidadãos de bem* ou *vagabundos*, do estado de Santa Catarina e de tudo que é capturado pelo *policial-câmera*.

Para conceituar a ideia de *dispositivo de realidade* e a forma como ele é atribuído à produção audiovisual policial, parto das discussões sobre dispositivos presentes na obra do filósofo francês Michel Foucault (2008; Agamben, 2005), o qual entende “dispositivo” como uma multiplicidade de mecanismos, conhecimentos, discursos e práticas de instituições políticas, sejam elas estatais ou não, relacionadas às dinâmicas de poder e formas de governo em uma determinada sociedade. De acordo com o filósofo italiano Giorgio Agamben (2005, p. 9-10), há três elementos centrais para o conceito de dispositivo em Foucault:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *resseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico. (grifos do autor)

Situando a aplicação do *dispositivo de realidade* dentro do contexto da *websérie Papa Mike SC*, questiono o que é mostrado? Para evidenciar o processo de seleção de imagens e montagem, momento inicial da fabulação da realidade durante a produção audiovisual, usarei o exemplo do segmento 5 do episódio 01x14, no qual acompanhamos uma guarnição dentro de uma viatura conforme eles passam pelos municípios de São Joaquim e Urubici e mostram os pontos turísticos das cidades. Nesse segmento conseguimos ter uma noção das horas de conteúdo que são cortados para construir as narrativas curtas do *Papa Mike SC*. Durante a maior parte do segmento, o *policial-câmera* está sentado na viatura de uma forma que nos possibilita ver o relógio no painel eletrônico do veículo. O relógio indica que são “11:14” no começo do vídeo. Após passarmos por duas quadras do centro de São Joaquim, processo que dura menos de um minuto, há um corte e em seguida o relógio da viatura indica que são “11:46”: 30 minutos de gravação foram descartados só na produção dessa pequena cena. Esses 30 minutos também mostram a mudança no tempo meteorológico, pois o dia relativamente ensolarado agora dá espaço para um céu cinza enquanto a viatura se desloca para uma rodovia. Mais um corte nos leva para o fim do deslocamento, quando eles chegam no próximo ponto turístico e o relógio da viatura indica: “14:11”: mais de duas horas se passaram. Após algumas interações com turistas, eles voltam para o carro e seguem para Urubici. O relógio indica “16:29”, mais duas horas se passaram. Chegando no último ponto turístico do segmento, eles concluem que não poderão mostrar o local por conta das condições

meteorológicas que inviabilizam a vista da paisagem. Eles voltam para a viatura e se dirigem de volta para a base da guarnição. No relógio: “16:49”. Para a produção de um segmento de quatro minutos, foram utilizadas gravações de cinco horas. O *dispositivo de realidade* possibilita que esses quatro minutos sejam assimilados pelos públicos como significativos não só dessas cinco horas, mas também de grande parte do cotidiano desses agentes.

Outra questão que faço é: como é mostrado? Penso aqui no processo de construção de contextos, algo que é importante na produção audiovisual, mas que ganha outras características quando feito pelos policiais que, nesses vídeos, são atores, diretores de fotografia e montadores. No segmento 3 do episódio 01x03 acompanhamos uma guarnição que sobe um morro em busca de um suspeito. Até o fim do segmento o suspeito não é encontrado e nenhuma prisão ou apreensão é feita. Ainda assim, seguimos o *policial-câmera* conforme ele busca pelo suspeito e se comunica, por meio do rádio, com uma segunda guarnição que estaria atuando na mesma ocorrência. Em um determinado momento estamos de tocaia com os policiais em uma rua com casas coloridas. O final da rua leva a um enorme terreno baldio e, do outro lado desse terreno, conforme o morro continua a subir, estaria o suspeito. O *policial-câmera* avisa seus colegas pelo rádio:

ó, masculino correu armado aqui com arma na cintura. Camiseta cinza, boné claro, bermuda vermelha. Tá saindo lá na [rua] Paraguai, lá em cima, lá, pegou a direita sentido aquela boca que aquele _____ fica lá. Camiseta cinza escura, bermuda vermelha e chapéu branco. Masculino, 1,60m, negro, tá com uma pistola na cintura. Deu pra mim ver daqui do Beco da Tchuca. Ele correu daqui e foi até lá correndo.

Enquanto ele fala, o texto conclusivo da ação aparece na tela dizendo: “INCURSÃO PARA CAPTURA DE CRIMINOSOS ARMADOS”. Ele termina de falar, abaixo o rádio e o vídeo acaba. A vinheta toca. Enquanto a cena ocorre, o lugar distante por onde o suspeito teria ido não é capturado pela câmera. Não vemos em momento algum alguém com a descrição dada pelo *policial-câmera*. Há uma desconexão entre o referencial fotográfico, o que nos é dito por meio da imagem, e o que é dito no rádio para os demais policiais. O corte que nos leva para a rua com os prédios coloridos, a qual o *policial-câmera* chama de “Beco da Tchuca”, não mostra nenhum homem correndo e a informação de que ele estaria armado surge da suposta visão a olho nu do policial. A câmera não capta ninguém correndo, nenhum homem com a descrição específica e muito menos alguma arma. Todas essas informações são aferidas a um *policial narrador*, o qual não é questionado na cena, pois ela acaba, e nem pelos comentadores. A palavra do policial se torna a verdade. O *dispositivo de realidade* é acionado também por meio dessa fala, não apenas pelas imagens que nossos olhos de espectador veem.

Parte da forma particular como o *dispositivo de realidade* é acionado no *Papa Mike SC* é o processo de espetacularização da realidade. Esse espetáculo está atrelado aos objetivos de produção do audiovisual, isto é, de entretenimento (documento de caráter comunicacional) que, como vimos nos capítulos anteriores, produz imagens de *copaganda*, reitera segregações espaciais, raciais e de classe, reproduz uma sujeição criminal que relega populações dos morros e dos bairros mais pobres de Santa Catarina a posição de “corpos matáveis” (Medeiros; Hattori, 2020) e faz tudo isso utilizando de cenas de ação nas quais é produzido um senso artificial de perigo, ou sensação de (in)segurança (Calzado, 2015).

A construção do *senso de perigo* e a espetacularização da realidade não são feitas apenas no processo de produção do audiovisual, mas, pensando nas condições de veiculação e arquivamento dos vídeos em um canal de *YouTube*, também são feitos por meio dos elementos extra-vídeo como os títulos dos vídeos, vídeos recomendados, comentários e a própria *thumbnail*, a qual tende a fazer referência a um quadro do vídeo. A *thumbnail* do episódio 01x04 utiliza de um quadro do segmento 1 e o torna mais intenso e dramático: mais perigoso. A imagem é de um *policial-câmera* com a câmera em seu capacete, de forma que vemos parte do capacete e suas mãos que seguram uma arma. Ele está cercado por um matagal e aponta sua arma para o mesmo. Na *thumbnail* o verde do matagal é editado para ser uma cor muito mais intensa e vibrante e o corpo e a arma do policial são destacados, assim como um pequeno objeto que sai da arma, como um cartucho de bala. Na imagem vemos em letras garrafais a frase “TROCA DE TIROS”, que por si só já chama atenção e provoca antecipação, mas que ganha uma nova camada com o realce do que parece ser um cartucho de munição voando, o que significaria que a foto é do momento em que o policial atira.

A atmosfera de ação e a *thumbnail* do vídeo ganham vida quando o espectador assiste a cena do policial com a câmera em seu capacete e atirando contra uma paisagem de árvores, terra e vegetação alta. Parecem ser vários tiros em pouco tempo, como uma metralhadora. Vemos que há uma grande saturação aplicada na imagem da *thumbnail*, mas o fundo verde ainda é “real”: o verde do matagal existe e o policial realmente esteve lá, mas a forma como o verde brilha na *thumbnail* e o policial é congelado no momento de atirar são produções que resultam de um trabalho técnico de transformação do “real” em uma forma de espetáculo (**Prancha 12**). O perigo da troca de tiros existe no referencial filmado, mas é atribuído um *senso de perigo* ainda maior no processo de montagem do episódio como uma mídia com elementos em vídeo e extra-vídeo.

Prancha 12 - A espetacularização da realidade por meio da produção de thumbnail a partir de um quadro do episódio 01x04 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 7º BATALHÃO | 22º BATALHÃO | GTAM/BPCHOQUE #04” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x04 da websérie *Papa Mike SC* (2019) e thumbnail do mesmo episódio extraída pela autora com auxílio do site Seletronic Ferramentas.

Cabe, então, neste capítulo, por meio da mobilização do conceito de *dispositivo de realidade*, explicitar as especificidades das câmeras corporais como dispositivos cinematográficos que produzem uma experiência ímpar, a produção de uma (auto)representação policial por meio de meios de comunicação oficiais, as especificidades da representação da PMSC e de Santa Catarina como uma polícia e um estado ideal e, por fim, discutir como essas “realidades” policial e catarinense repercutem para os comentaristas dos vídeos e são contextualizadas dentro do *ecossistema de conteúdos* no qual a websérie se situa.

4.1. A câmera corporal como dispositivo cinematográfico e tecnologia de segurança pública

Dentro do campo do audiovisual existe a distinção entre “câmera objetiva” e “câmera subjetiva”, a qual utilizo ao longo deste trabalho. Uma câmera objetiva serve como um olho abstrato pelo qual vemos uma cena, é um ponto de vista inanimado, equivale a um narrador escrito em terceira pessoa. A câmera objetiva “[...] simplesmente mostra o que acontece na sua frente, sem identificar-se com qualquer personagem em particular” (Níveis..., 2012, online). A “câmera subjetiva”, por outro lado, ocupa a perspectiva de uma personagem dentro do filme, se aproxima da perspectiva de um narrador em primeira pessoa (Níveis..., 2012). Muitas descrições dessas diferentes perspectivas de câmera apontam que a câmera subjetiva acompanha o “ponto de vista” [*“Point of view”*] (*POV*) de uma personagem, ou seja, seus olhos veem o que a espectadora vê. Como vimos na introdução, a câmera policial individual opera como uma câmera subjetiva da ação real, ao invés das câmeras subjetivas do cinema

que se utilizam de uma subjetividade artificial para fins artísticos. No cinema, um profissional da fotografia opera a câmera de tal maneira a reproduzir a experiência sensível e a visão de um personagem na história, ocultando desta forma a mão manipuladora do diretor que narra as cenas, o que chamamos de câmera subjetiva (Bernardet, 1986).

Em alguns gêneros e subgêneros cinematográficos podemos encontrar atores que operam câmeras para gerar a sensação de *POV* ou de que estamos vendo "imagens reais". Um dos gêneros que mais utiliza deste dispositivo cinematográfico que une ator e câmera são os filmes de terror "*found footage*" ["filmagem encontrada"], nos quais acompanhamos imagens "reais" de eventos aterrorizantes, como em *A Bruxa de Blair* (*The Blair Witch Project*, dir. Daniel Myrick; Eduardo Sánchez, 1999) ou *Atividade Paranormal* (*Paranormal Activity*, dir. Oren Peli, 2007). Ainda assim, nesses projetos há um diretor que constroi a narrativa por meio de sua visão panorâmica do projeto que guia as direções dadas aos atores-câmera.

Já no universo do *reality show* da PMSC, os *policiais-câmera* servem de atores, câmeras e diretores, agindo e narrando sobre a realidade a partir de sua posição social como policiais militares e filmando o espaço como bem entendem. Por outro lado, outros atores – desta vez no sentido de ator social, e não de encenação – que agem sobre o produto audiovisual são os editores, aqueles que fazem a montagem da obra e constroem o argumento a ser passado por meio do que foi captado pelos microfones e câmeras. Assim como as atrizes e a equipe de fotografia, a equipe de montagem recebe instruções da direção de um filme para a construção da história final. Na *websérie Papa Mike SC* não há uma seção de créditos ao final dos vídeos que mostre quem são os responsáveis por cada etapa da produção dos vídeos, todavia uma troca de mensagens por meio da seção de comentários de um dos episódios nos traz indícios sobre essa cadeia de produção. Após os vídeos institucionais e a publicação de apenas um episódio em geral por semana serem criticados na seção de comentários do episódio 01x15, o perfil do PMSC Oficial comenta: “Calma, recruta! Sabe quantos policiais produzem o PAPA MIKE SC? Apenas um guerreiro viaja, grava e edita. Força e honra!”

Essa informação me deixou em conflito. É possível que todas as imagens feitas pelo policial com câmera manual sejam de um mesmo agente viajando o estado, entretanto afirmar que toda a série é feita por uma pessoa só não seria verdade. Aqui entro em um conflito ético de apontar ou não possíveis inverdades dentro do meu campo, afinal meu papel como antropóloga seria de descrever analiticamente. Cada episódio possui pessoas diferentes, vozes e sotaques diferentes, e múltiplas câmeras com posicionamentos diferentes. Alguns

policiais-câmeras sobem muros, alguns explicam leis específicas da Polícia Militar Ambiental, outros andam com armas diferentes e usam fardamentos distintos. Muitos vídeos, como explicitarei no caso de Imbituba no segundo capítulo, possuem uma imagem captada por mais de uma câmera ao mesmo tempo. Não duvidaria que uma única pessoa editasse tudo, mas isso também parece não fazer sentido com diferentes padrões de edição.

Usarei de exemplo a anonimização de suspeitos nas cenas. Nos capítulos anteriores discutimos como a ocultação de rosto de algumas pessoas filmadas, ao mesmo tempo que outras têm seu rosto mostrado, pode indicar uma forma de classificação entre *bandidos* e *cidadãos de bem*. Ainda assim há diferenças na própria forma de esconder o rosto dos *meliantes*. A maioria dos episódios usa um borrão circular que oculta apenas o rosto dos indivíduos, enquanto alguns outros aplicam borrões maiores que cobrem o corpo todo, várias pessoas ou até toda a visão da janela de uma viatura. Outra forma de ocultar rostos é o uso de tarjas pretas, blocos pretos que escondem as faces das pessoas. Essa diferença pode indicar uma série de experimentações por parte do editor que, ao longo da série, pode testar diferentes tipos de vídeo. Entretanto pode igualmente representar o trabalho de uma equipe de editores que revezam o trabalho e fazem, a partir de diferentes perspectivas, o trabalho de montagem.

De qualquer forma, ao observarmos a mobilização do *dispositivo de realidade* por meio da autoridade policial e de uma particular forma de captura de imagem – a câmera corporal como câmera subjetiva – que não mostra o rosto do *policia-câmera*, é possível identificar que muitos espectadores acreditam que os vídeos são protagonizados por uma única pessoa que escala muros, treina *cachorros policiais*, atende ocorrências pela central de emergência, entende de leis ambientais, pilota motos, carros, barcos, ensina crianças a dizer “não” às drogas e prende criminosos. O *policia-câmera* opera como um personagem de *videogame FPS* cuja falta de rosto possibilita que projetamos nossas subjetividades ou as subjetividades da corporação PMSC como um todo. Ele é a totalidade do Estado sob a perspectiva da tela. A câmera corporal como dispositivo cinematográfico possibilita a geração de uma voz unificada da PMSC como uma corporação, de forma que diferentes agentes reproduzem uma narrativa próxima, sejam elas fruto de uma formação e treinamento que visam homogeneizar os indivíduos ao transformá-los em “fardados” (Duarte, 2012), de uma atuação cotidiana que os coage a não reproduzir narrativas negativas sobre a corporação (Knabben, 2018), de um plano de *marketing* policial ou de uma combinação desses fatores.

Essa voz unificado e homogeneizada dos agentes da PMSC como um monolito também bebe da tradição filosófica que entende o Estado como detentor de uma voz “neutra” (MacIntyre, 2001)¹¹⁰. As imagens produzidas pelos *policiais-câmera* são entendidas como a realidade por meio de uma perspectiva neutra do “filmar o que está lá”. Esse aspecto possibilita que o público compreenda as imagens como evidências, argumento esse que é defendido pela própria PMSC ao afirmar que as imagens feitas pelos policiais são “o que aconteceu de fato”. Considerando a forma como uma câmera e um gravador de som, como equipamentos ou objetos técnicos, geram materiais audiovisuais entendidos como “evidências”, volto-me às discussões antropológicas sobre os múltiplos usos desses objetos para além do propósito para o qual foram criados.

Numa linha direta de interesse ao argumento deste texto, Madeleine Akrich (2014) discute o papel da tecnologia reconhecendo que objetos técnicos atuam como elementos ativos nas relações entre indivíduos e seus ambientes, destacando seu conteúdo político. As implicações desse debate para as etnografias digitais se expressam, como Akrich sugere, nos modos de descrever os objetos técnicos que, para além de seus aspectos físicos, devem ser compreendidos como conjuntos de relações entre elementos heterogêneos. Nesse sentido, segundo a autora, descrever um objeto técnico envolve defini-lo como uma narrativa construída entre o uso para o qual foi projetado e as maneiras pelas quais ele se insere no mundo, no ambiente e nas relações. Metodologicamente, trata-se de situar a descrição entre o ponto de vista do projetista e do usuário ou, nas palavras de Akrich (2014, p. 165), “entre o mundo inscrito no objeto e o mundo descrito pelo seu deslocamento”. (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024, p. 22)

Quando presa a farda de um policial militar, essa câmera ganha uma perspectiva ímpar que recorta o espaço e se move por ele. O *policial-câmera* é um exemplo de corpo ciborgue, um “[...] um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (Haraway, 2009, p. 36). A “realidade social”, como colocado pela filósofa estadunidense Donna Haraway (2009)¹¹¹, no caso dos *policiais-câmera*, diz respeito a

¹¹⁰ Compreendo que existem paralelos entre os valores do Estado e dos policiais no que tange a pretensão de construção de uma tradição de linguagem amoral do Estado reforçada pelos ideais do liberalismo moderno (MacIntyre, 2001) e como ela desenvolve dispositivos e ferramentas narrativas “objetivas” que reforçam tal pretensão de amoralidade. Essas ferramentas se consolidaram nas linguagens escrita e falada, de forma que uma entrevista de um Capitão da PMSC e um documento escrito carregam esses ideais. Todavia o audiovisual (fotografia, montagem, edição, som, etc.) se apresenta como uma forma relativamente nova de linguagem, cujos parâmetros e inspirações não são os padrões de escrita ou jargões formais que remetem à Revolução Francesa ou à Independência dos Estados Unidos. Desta forma, as moralidades “neutralizadas” presentes nos discursos dos agentes do Estado podem aparecer de forma mais escancarada por meio da linguagem audiovisual.

¹¹¹ Cabe enfatizar, por meio desta nota de rodapé, que a ideia de ciborgue, como proposta pela filósofa estadunidense Donna Haraway (2009) em seu ensaio “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, está vinculada a um questionamento das ontologias ocidentais e é apresentada como uma possível saída pós-moderna e pós-estruturalista para diversos dos dilemas enfrentados pelos movimentos feministas, especialmente o feminismo-socialista. Neste trabalho aproprio-me do conceito como uma ponte entre teoria social e ficção científica, afinidade que compartilho com Haraway, mas me atenho a categoria de forma descritiva. O produto ciborgue resultante da junção de policial e câmera não é algo positivo

experiência vivida, o referencial da fotografia, enquanto a “ficção” é o produto audiovisual construída igualmente pela câmera como uma tecnologia/ferramenta e pelo próprio corpo do *policial-câmera* que se torna uma ferramenta tecnológica necessária à produção imagética e de verdade. O policial é ele mesmo a ferramenta – ferramenta essa construída dentro do processo de formação e socialização dos agentes. A construção do *policial-câmera* como um sujeito ciborgue e pós-humano (Haraway, 2009; Tadeu, 2009) se dá não apenas como uma junção simplista entre o orgânico e o tecnológico, pois a própria materialidade do organismo (o policial) é socialmente condicionada por meio de tecnologias sociais, de forma que a inclusão do dispositivo audiovisual produz um ser pós-orgânico ímpar (Sibilia, 2014). Não é apenas um ciborgue, é também policial.

As diferentes formas de se posicionar a câmera no corpo de um policial geram diferentes experiências audiovisuais. O posicionamento que mais se assemelha à experiência das câmeras policiais individuais é no peito, preso a farda do agente, de forma centralizada. A partir dessa perspectiva, a mais próxima de uma *videogame FPS*, vemos o horizonte e só nos damos conta de que a câmera está presa a um policial quando ele coloca seus braços para frente, seja para sacar uma arma ou um rádio (**Prancha 13**). A câmera mexe de um lado para o outro, possivelmente pelo movimento de rotação das escápulas e da caixa torácica que acontece quando ele corre com os braços junto ao corpo.

Prancha 13 - *A perspectiva de uma câmera posicionada no peito de um policial, atrelada a sua farda, de forma a reproduzir a estética de um videogame First Person Shooter (FPS), como mostrado no episódio 01x03 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 24° BATALHÃO | 22° BATALHÃO #03” da websérie Papa Mike SC (2019)*



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x03 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

ou negativo, não é, em si, a solução final para problemas morais, políticos, ou – como tem sido representada por indivíduos e grupos progressistas – o grande problema da letalidade policial. O uso de câmeras por agentes policiais e o desenvolvimento de *policiais-câmera* como política de segurança pública hão de ser compreendidos, política e cientificamente, dentro de seu contexto mais amplo.

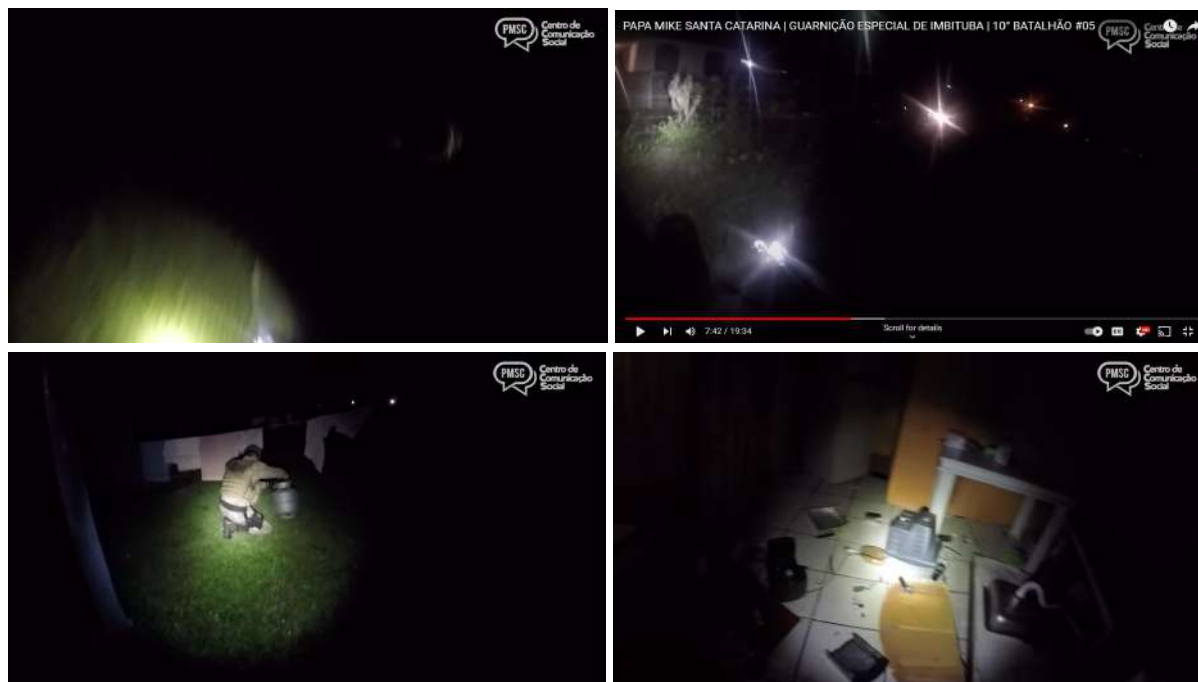
Em vídeos da ROCAM e do GTAM, ocasionalmente são usadas câmeras presas na lateral dos capacetes, as quais possuem uma estabilidade muito maior por estarem presas a uma superfície mais estável e rígida, e não a farda que é mais mole e depende do movimento maleável do tronco. Essas câmeras *gopro*¹¹² (câmera nomeada pelos comentaristas em outros vídeos) são as mais visíveis, pois elas saltam para o lado e podemos vê-las nas sombras do *policial-câmera* ou pela perspectiva de um segundo *policial-câmera* na mesma ação. Pela perspectiva dessas câmeras vemos parte do capacete na lateral da tela. Algumas câmeras – as mais criticadas negativamente pelo público que reclama sobre seu uso em todas as suas aparições – são posicionadas nos ombros dos policiais, de forma que grande parte da tela seja ocupada pela lateral do rosto, do pescoço e/ou orelha do *policial-câmera*. Tanto as imagens que partem do capacete como as do ombro preenchem a tela com parte da cabeça do *policial-câmera*, distraindo a ação e parcialmente quebrando o potencial de imersão na cena por meio de um personagem sem rosto no qual o público pode se projetar.

Um dos problemas (no sentido da produção audiovisual e experiência do público) das câmeras presas às fardas, sejam elas mais centralizadas no peito ou posicionadas próximas ao ombro, é a fricção gerada com o fardamento, a qual produz um ruído que, por vezes domina a paisagem sonora e impossibilita que escutemos diálogos ou sons distantes. Outro problema relacionado a captura do som por esses equipamentos diz respeito à chuva. Em alguns episódios que se passam na Grande Florianópolis a chuva aparece como uma constante que, por muitas vezes, além de dificultar o trabalho policial, também pode molhar a câmera resultando em uma imagem borrada e em um som completamente abafado. Em questão de imagem, os casos que acontecem a noite também dificultam a compreensão das cenas, pois as únicas luzes que nos ajudam a discernir os acontecimentos são de postes de energia públicos, dos faróis das viaturas, das lâmpadas nos quintais de casas próximas e das lanternas utilizadas pelos policiais. É necessária a emissão de luz para que as câmeras possam captar imagens e, em diversos casos que acontecem em cidades pequenas e em bairros precarizados com falta de estrutura de iluminação pública, o público fica à mercê da vontade do *policial-câmera* que aponta sua lanterna para onde quiser, como vemos no segmento 3 do episódio 01x05, o qual se passa na região rural do município de Imbituba (**Prancha 14**). Nós só vemos o que o

¹¹² *GoPro* é o nome popularmente utilizado para as câmeras produzidas pela marca *GoPro, Inc.* que produz câmeras muito usadas em filmagens ao ar livre por públicos e em práticas esportivas. Não há como comprovar que realmente é o tipo de câmera usada pela ROCAM e pela GTAM na produção de seus segmentos na *websérie Papa Mike SC*, mesmo que seja a câmera mais utilizada para esse tipo de filmagem.

policial ilumina, de forma que a câmera perde parte de sua agência: mesmo que a paisagem esteja sendo filmada de forma mais ampla, só é possível ver o que o policial decide mostrar.

Prancha 14 - Agência policial demonstrada na filmagem de paisagens escuras iluminadas pela lanterna de um policial-câmera, como mostrado no episódio 01x05 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA | 10º BATALHÃO #05” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x05 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Destaco que nesta discussão sobre o escuro parece existir uma relação entre criação de medo em filmes de terror e como eles usam do escuro e do que não é visto para criar o horror e afetar o emocional das espectadoras. O escuro e o não visto criam a ansiedade de imaginarmos o que está ali, de pensarmos no pior e mais monstruoso (Carroll, 1999). Esse não visto é preenchido não apenas pelo medo do escuro, mas também pelos valores morais ao redor do “crime” e o *status* do *bandido* como monstro capaz de fazer qualquer coisa contra os policiais (Klinkerfus, 2021). Desta forma, além do escuro enfatizar a agência policial na relação policial/câmera, eleva o *senso de perigo*, a sensação de insegurança e a ideia do policial como herói por fazer seu trabalho em um cenário possivelmente mais perigoso.

Em contraste com o caso das lanternas policiais que evidenciam uma agência policial dentro da atuação do *policial-câmera*, há também uma agência da câmera que captura até mesmo aquilo que o *policial-câmera* não vê. No segmento 2 do episódio 01x10, acompanhamos uma dupla de policiais atrás de um suspeito de envolvimento com o tráfico que teria fugido por uma longa e íngreme rua em um morro do município de Florianópolis. O

policial-câmera – o qual usa sua câmera no ombro esquerdo, mostrando a lateral direita de seu rosto – corre na frente e seu companheiro o segue atrás. Em um determinado momento de peculiar edição do vídeo vemos um efeito especial que congela a tela, dá um *zoom in* (aproximação da imagem) no canto inferior direito da tela, gera um círculo vermelho piscando para destacar o que o editor quer que nós vejamos e um texto solto em branco (fora da caixa de texto preta comum) indicando exatamente o que é o objeto que foi mostrado pelo *zoom in* e pelo círculo vermelho para que não haja confusão: “POCHETE COM DROGA E DINHEIRO”. O *policial-câmera* não viu a pochete que teria sido descartada pelo suspeito durante a fuga, mas a câmera registrou. Depois da edição aplicar um efeito de *zoom out* (afastamento da imagem), distanciando a imagem da câmera para voltar aos seu enquadramento original, o *policial-câmera* segue andando na rua (**Prancha 15**). Seu colega está fora de quadro e, momentos depois, aparece ao nosso lado com a pochete em mãos.

Prancha 15 - Agência da câmera demonstrada na captura da imagem de um objeto que passa despercebido pelo policial-câmera, como mostrado no episódio 01x10 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22º BATALHÃO | GTAM/CHOQUE #10” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x10 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Dentre a dualidade entre a agência do policial e da câmera na concepção da câmera corporal e do próprio *policial-câmera* como dispositivos cinematográficos, voltamo-nos para a aplicação desse equipamento no campo da segurança pública com o objetivo de produção de evidências em vídeo. De acordo com matéria oficial publicada no portal de notícias da PMSC,

os objetivos da implementação das câmeras policiais individuais entre os agentes da polícia militar no estado de Santa Catarina seriam:

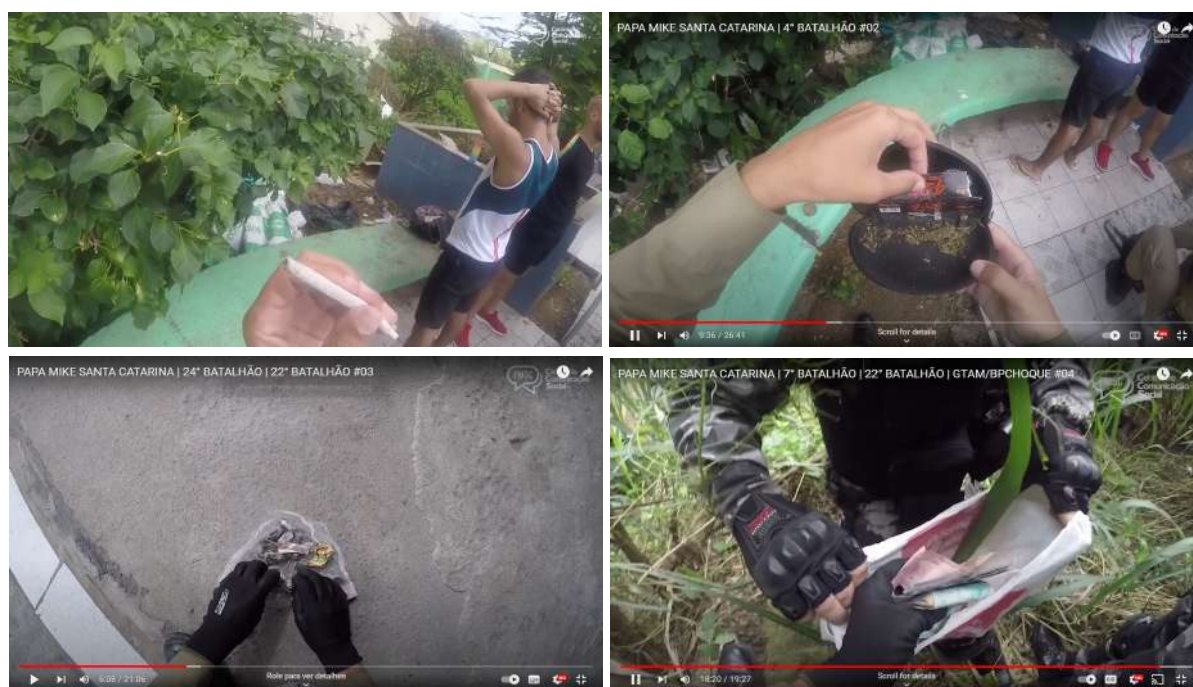
- Qualificar o conjunto de provas das práticas ilícitas, contribuindo para a efetividade da análise criminal;
- Proteger os policiais militares nos casos de falsa acusação;
- Aumentar a transparência e a fiscalização das ações policiais e do uso da força;
- Conter a reação das pessoas em conflito com a lei, pela percepção de que estão sendo filmadas, e consequentemente, reduzir a necessidade de uso da força por parte dos policiais. (Fiedler, 2019, online)

Desta forma, as evidências a serem produzidas poderiam auxiliar a comprovação de práticas ilícitas, comprovação da inocência dos policiais em casos de falsas acusações e comprovar usos indevidos da força por parte dos PMs. No caso da *websérie Papa Mike SC*, a partir dos processos de seleção de imagem e montagem, observamos a criação de um produto audiovisual com argumentos próprios, diferentemente de um compilado de horas de imagens cruas que seriam produzidas pelas câmeras policiais individuais e analisadas para fins de análise criminal sem alterações. O que quero dizer é que as imagens do *Papa Mike SC*, por serem um produto audiovisual e não a matéria-prima cru da imagem, não poderiam ser utilizadas como evidências, tal qual as imagens que seriam geradas pelas câmeras policiais individuais. Ainda assim, mesmo sem as alterações da seleção de imagem e montagem, há uma disputa entre a agência do policial e da câmera ao redor da produção das cenas que precisa ser levada em consideração nos debates acerca das câmeras corporais.

Mesmo que as imagens da série não sejam produzidas pelas câmeras policiais individuais do projeto lançado pela PMSC em 2019, elas ainda geram um dos efeitos listados nos objetivos do projeto: elas mudam o comportamento das pessoas antagonizadas pelos agentes da polícia. Além disso, os outros objetivos parecem ser internalizados pelos agentes da série que se veem na posição de mostrar todos os itens ilícitos que encontram em ação para a câmera, como se produzissem evidências ao passo que produzem uma narrativa de entretenimento para o público. A primeira aparição desse comportamento é no segmento 2 do episódio 01x02, no qual uma guarnição aborda dois homens que fumavam maconha em uma praça do município de Florianópolis. Enquanto dois agentes conduzem as revistas, o *policial-câmera* mostra para a câmera o cigarro de maconha que era fumado por eles e os conteúdos de uma pequena bolsa na qual eles guardavam a droga.

Enquanto a ação acontece, o *policiais-câmera* mostra para os espectadores as substâncias ilícitas, como quem explicita para o público as evidências do crime e daquilo que está sendo apreendido. No caso da série, mostrar as “evidências” serve ao enredo, serve para que o público possa não apenas entender um texto conclusivo como “TERMO CIRCUNSTANCIADO REALIZADO POR POSSE DE DROGAS”, mas também para que ele atinja o sentimento de catarse ao se tornar testemunha e ter acesso às imagens da droga que é apreendida e dos indivíduos que são presos. A eficácia do trabalho policial e o prazer derivado do punitivismo se materializam no ato de mostrar para a câmera a evidência. A catarse também resulta do fato de que muitas dessas cenas acompanham risadas e comemorações de policiais felizes ao terem encontrado a droga que exclamam: “deu bingo!”. A prancha abaixo mostra uma série de casos em que os *policiais-câmera* fazem questão de produzir um quadro que centralize em primeiro plano o material apreendido (**Prancha 16**).

Prancha 16 - Policiais-câmera *centralizam drogas no quadro da filmagem como forma de registrar evidências da prática ilegal para o público, como mostrado na websérie Papa Mike SC (2019)*





Fonte: em ordem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, são capturas de tela feitas pela autora dos episódios 01x02 (duas primeiras imagens), 01x03, 01x04, 01x08 e 01x09 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

Por fim, quando discutimos as câmeras corporais em sua complexidade e pluralidade de usos entre a produção cinematográfica e segurança pública, é preciso que voltemos às discussões da Antropologia política e como elas nos possibilitam entender o duplo trabalho da polícia de usar a força e contar a história. As imagens capturadas pelas câmeras corporais, sejam elas feitas pelos agentes que produziram o *Papa Mike SC* ou pelos policiais que foram obrigados a usar o equipamento a partir do ano de 2019, são documentos oficiais produzidos por agentes do Estado em exercício de sua função. Esses documentos podem ser mantidos inalterados e se tornarem documentos de caráter jurídico na forma de evidências, ou serem editados e transformados em narrativa policial, isto é, se tornarem documentos de caráter comunicacional, de memória ou, no caso da popular *websérie* do PMSC Oficial, de caráter propagandístico. Em ambos os casos, há o acionamento do *dispositivo de realidade*.

4.2. Construindo a “realidade” ao narrar: *autorrepresentação policial, senso de perigo e excepcionalismo catarinense*

No momento em que uma câmera é atrelada ao corpo de um policial, seja ela uma obrigatoriedade legal ou um meio de produção de material comunicacional, é criado um *policial-câmera*. A criação desse *policial-câmera* marca o acionamento do *dispositivo de realidade* que opera por meio da impressão de realidade do audiovisual e da autoridade policial. Nos capítulos anteriores discuti a fundo como esse dispositivo é usado na reiteração da sujeição criminal como política de imagem. Discutiremos agora como ele (re)produz tanto uma imagem *copagandística* da PMSC como polícia ideal (de forma a relacionar como ela é apresentada como eficaz no combate ao “criminalidade” que se faz presente na produção do *senso de perigo*), quanto a noção de que existe uma *excepcionalismo catarinense*¹¹³ (o qual se

¹¹³ Em versões prévias desta dissertação trabalhei com a ideia de “excepcionalidade catarinense”, entretanto, ao longo do desenvolvimento da escrita e sobre indicação da professora Dra. Letícia Cesarino (PPGAS/UFSC), optei por trabalhar a com a ideia de “excepcionalismo”, inspirada no conceito de “excepcionalismo americano”,

baseia em uma superioridade cultural e em uma população entendida majoritariamente como *cidadãos de bem* em contraste com a minoria criminosa).

A dualidade de uma representação coletiva como proposta na obra de Durkheim (1989; Pinheiro Filho, 2004) abarca as imagens consolidadas socialmente e os meios de produção dessa imagem específica. Compreendo que os meios de produção dessa imagem podem ser compreendidos como narrativas: formas de dar sentido e atribuir significados ao universo à nossa volta (White, 1980; Maluf, 1999). As narrativas policiais *copagandísticas* produzem representações do mundo a partir de uma perspectiva específica que abarca os valores próprios da corporação e a posição de superioridade moral e autoridade legal (Duarte, 2012; Knabben, 2018), a qual tem uma capacidade ímpar de impactar a forma como algo é socialmente representado, afinal, os policiais desempenham um papel de criação da verdade do Estado no processo de documentação (Medeiros, 2018) e, por meio de suas performances narrativas,

[...] não apenas agem sobre o que seria a realidade. Enquanto atos de fala, elas produzem uma série de efeitos interlocucionários, entre os quais a constituição de um âmbito de realidade, temporalidade e contextualização inerentes à sua própria emergência. (Knabben, 2018, p. 21)

Esse aspecto de constituição de um âmbito da realidade, temporalidade e contexto dos discursos produzidos pela polícia atrela-se à impressão de realidade proporcionada pelo advento da fotografia e sua transformação em cinema e audiovisual na forma como o dispositivo de realidade é acionado no *Papa Mike SC*. Ao longo da história, o cinema produziu uma série de imagens que dialogavam com, representavam e criavam a realidade política – através de suas políticas de imagem (Belting, 2006). Tomarei como exemplo uma breve história da criação de imagens de pessoas negras em diáspora no cinema estadunidense para indicar à leitora as dimensões da aplicação da produção audiovisual na criação de narrativas políticas sobre o “Eu” e o “Outro” – as quais servem de base para a construção da imagem positiva tanto da PMSC como do estado de Santa Catarina.

A historiadora do cinema estadunidense Robin R. Means Coleman (2019), em seu livro *Horror noire*, sobre a representação de populações negras no cinema estadunidense de terror, descreve o filme *O Nascimento de uma Nação* (*The Birth of a Nation*, dir. D. W. Griffith, 1915), considerado uma das obras mais importantes do cinema estadunidense por ter desenvolvido a linguagem da narrativa cinematográfica moderna, como terror pela forma que

isto é, a crença e doutrina em uma singularidade e superioridade inerente aos Estados Unidos como Estado e nação.

os homens negros são mostrados. No filme, atores brancos foram pintados de preto – em *blackface* – e representaram homens afro-estadunidenses como monstros terríveis que abusam de mulheres brancas e ameaçam a ordem pública. Os heróis brancos na história são o “Eu”, aqueles com quem o público simpatiza e nos quais se projeta. Já os monstros negros são o “Outro”, inimigos públicos, seres abjetos com os quais o público não deve se identificar.

O paradigma de representação de homens negros no cinema é uma adaptação de ideias racistas que já existiam no imaginário supremacista branco que projetava pessoas negras como inferiores, menos humanas (Davis, 2016). Essa imagem perdurou no audiovisual estadunidense hegemônico por décadas ao lado de outras formas de representação de pessoas negras como seres unidimensionais e inferiores intelectual, estética e eticamente, as quais são descritas pela socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2016) como “imagens de controle”. Em contrapartida, muitas das obras que reforçam as imagens de controle racistas também elevam a imagem de heróis e heroínas brancas e, em alguns casos, de heróis racistas. No caso de *O Nascimento de uma Nação* (1915), historiadores do cinema apontam a romantização da *Ku Klux Klan* (KKK)¹¹⁴ feita no filme como uma das influências para novas organizações e aparições públicas da organização racista e supremacista branca (Ang, 2022). Ao criar um monstro negro que o público deveria odiar, a obra de D. W. Griffith alavancou um herói supremacista branco que deveria ser lido como o “Eu”. Se um corpo matável é criado, então um protagonista “do bem” será o responsável pela sua eliminação.

As imagens de homens negros cometendo atos ediondos são reiterada na cabeça de audiências que carregam consigo a certeza de que essa é a “natureza” desses homens por conta da inconsciente afirmação criada pelo audiovisual: “é verdade porque eu vi”. Há de se pontuar que, com o desenvolvimento da televisão e, mais recentemente, das mídias digitais, o cinema hegemônico compete com contranarrativas capazes de questionar e duelar com suas imagens. Muitos públicos, especialmente aqueles representados nessas imagens – como pessoas negras em relação à imagem de controle do homem negro violento (Coleman, 2019) –, são cada vez mais capazes de não apenas identificar, mas também contestar imagens

¹¹⁴ A *Ku Klux Klan* (KKK) é uma organização política criada após o final da Guerra Civil dos Estados Unidos, também conhecida como Guerra de Secessão (1861-1865), a qual marcou a abolição da escravidão no país. A KKK tinha como objetivo lutar contra a igualdade racial e defender a supremacia branca no país. De acordo com matéria feita para o site da Universidade de São Paulo: “Frustrados com a derrota e os desdobramentos após a Guerra da Secessão, membros dos Estados Confederados da América – união política de estados sulistas que defendiam a escravidão e era formada por Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Luisiana, Mississippi e Texas – decidiram criar a *Klu Klux Klan* (KKK), uma organização secreta que visava manter as práticas racistas e os privilégios que a população branca norte-americana tinha antes da guerra civil, assim como combater os grupos sociais que eram considerados seus inimigos: afro-americanos, católicos, judeus e imigrantes.” (Morimoto; Braz, 2024, online, grifos meus)

esteriotípicas e nocivas. Ainda assim, muitas formas de construção do “Eu” e do “Outro” pautados no racismo e na antinegitude (Vargas, 2020) tem se perpetuado e atualizado.

Sejam em imagens de violência exacerbada ou em ideias sutilmente diluídas na montagem, a questão central é que a produção de audiovisual é capaz, de forma ímpar, de construir representações a partir da “realidade”; ou, “[...] sem intervenção, sem deformações, o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade.” (Bernardet, 1986). Ainda assim, essa “realidade” é uma pretensão. Há agência humana e interesses políticos na produção de imagens por grandes mídias, como estúdios cinematográficos e emissoras de televisão (Belting, 2006). Entendo ser apropriado, então, nesta pesquisa, aproximar a produção midiática de uma instituição do Estado (como a PMSC) com um nível de alcance grande (como as mais de 20 milhões de visualizações do canal PMSC Oficial) a uma grande mídia, como emissoras e estúdios. Sendo o PMSC Oficial uma mídia, as representações políticas presentes nele devem ser analisadas como tal.

Para analisar a *websérie Papa Mike SC* como um produto dessa mídia, busco entender quais fragmentos da realidade – “realidade” vivida pelos policiais militares na corporação – são utilizados na produção de representações sociais – a “realidade” representada em frente às câmeras. Duarte (2012) e Knabben (2018) desenvolveram pesquisas etnográficas com PMs em Santa Catarina, em Florianópolis e na região do Oeste catarinense¹¹⁵, respectivamente, e tecem em seus trabalhos descrições analíticas das práticas e discursos desses agentes. Um aspecto presente em ambos os trabalhos é a descrição dos ambientes oficiais da PMSC como ambientes nos quais são criadas e reiteradas subjetividades pautadas na superioridade e na defesa total da corporação. Essa característica impede que quaisquer críticas sejam tecidas no âmbito militar sobre a própria PM, sobre o que alguns dos interlocutores dos pesquisadores descrevem como “injustiças” e sobre as diversas frustrações dos agentes. Essas discordâncias, as quais aparecem nas etnografias como “desabafos”, poderiam até mesmo ser compreendidas como “desacatos” no ambiente militar e gerarem sanções aos agentes. Por conta dessa estrutura, compreendo que dentro das mídias da PMSC prevalece uma narrativa indicativa do discurso oficial da corporação.

¹¹⁵ O “Oeste catarinense” é uma mesorregião do estado de Santa Catarina. Em sua etnografia com praças da PMSC na região, o antropólogo brasileiro Rafael Medeiros Knabben (2018, p. 16) escreve: “Nas narrativas dos policiais militares, a região oeste de Santa Catarina é dividida em duas amplas categorias espaciais e relacionais. A “cidade grande”, no caso, Chapecó, uma cidade com cerca de duzentos mil habitantes, pólo urbano regional e de forte projeção econômica a partir das agroindústrias. E o “interior” e as suas pequenas cidades ligadas à atividade agrícola dos “colonos”, na sua maioria agricultores de origem italiana, alemã e polonesa.”

Ao abordar os vídeos da *websérie Papa Mike SC* e discutir a forma como eles acionam o *dispositivo de realidade*, parto da concepção que narrativas são a forma que indivíduos e coletivos fazem sentido de sua realidade por meio de algum tipo de linguagem, que essas narrativas quando homogeneizadas e transformadas em narrativas hegemônicas dentro da PMSC ganham o poder de discurso oficial de uma instituição política e, portanto, carregam consigo o peso da produção de uma (auto)representação social, a qual consegue se apresentar de forma particularmente convincente como “realidade” por conto de sua materialidade: o formato audiovisual. Discutirei a seguir como o *dispositivo de realidade* é empregado pelo canal de *YouTube* PMSC Oficial para reproduzir as narrativas da “polícia ideal” e da *excepcionalismo catarinense*.

4.2.1. A polícia ideal: tecnologia, intelecto e moralidade

A construção da imagem de uma polícia ideal, no contexto de como a PMSC é apresentada no *Papa Mike SC*, se dá em contraste com o crime e a forma como eles constroem um *senso de perigo* que é enfrentado e combatido com eficácia. Entendo aqui a construção de um *senso de perigo*, ou uma impressão aguçada de um perigo iminente, como as estratégias audiovisuais de seleção de imagem e montagem que deixam o público em alerta, atizam uma sensação de “adrenalina” – como muitos comentadores descrevem – e tornam as narrativas policiais mais semelhantes a narrativas de ação. Ao longo deste trabalho já demonstrei algumas das estratégias de criação do *senso de perigo*, como o uso de músicas não-diegéticas para despertar sentimentos de apreensão (como na primeira cena que descrevo no começo da introdução) e de alívio e alegria ao final de uma ação (como no caso da chamada de emergência que descrevi na seção sobre a Central de Emergência no segundo capítulo). Abordarei alguns outros tipos diferentes de edição de vídeo e como elas criam esse *senso de perigo* em contraste com situações de paz e controle.

No segmento 5 do episódio 01x01 acompanhamos uma guarnição que sobe um morro do município de Florianópolis em busca de suspeitos de envolvimento com o tráfico. Nesse segmento há dois *policiais-câmera*, um que se posiciona na frente da guarnição é o *protagonista* da ação, e um que age como um *cinegrafista*, não se envolvendo muito na ação diretamente, de forma que os protagonistas são outros agentes filmados à nossa frente. Em um determinado momento da busca, a partir da perspectiva do *policial-câmera protagonista*, depois de já termos quase capturado os suspeitos uma vez e eles terem fugido, passamos a

andar por uma rua e cruzamos com muitos materiais de construção. Ao cruzarmos uma esquina, damos de cara com dois homens que vinham correndo em nossa direção e, ao verem os policiais, param, se viram e passam a correr na direção oposta. O *policial-câmera protagonista* aponta o seu revólver para os *masculinos* que fogem e diz “perdeu, perdeu, perdeu, perdeu, perdeu!”. Os homens ainda assim saem correndo e se separam, um descendo a rua e o outro entrando em uma casa. O que desceu a rua usava bermuda preta, tênis e um moletom estampado preto e branco, enquanto o que entrou na casa usava calça jeans, tênis e um moletom azul.

Após esse encontro há um corte muito específico que nos tira da perspectiva do *policial-câmera protagonista* no momento que os suspeitos começam a correr e nos transporta para a perspectiva do *policial-câmera cinegrafista* uma vez que ele já chegou na bifurcação onde os suspeitos se dissiparam, dando a impressão de que os homens simplesmente sumiram. O movimento é rápido e tremido e quando cortamos parece realmente que eles sumiram como um passe de mágica, o que justificaria a reação dos policiais de começar a xingar, xingamentos que são censurados (**Prancha 17**). Na realidade, o suspeito de moletom preto e branco não correu longe e estava logo atrás do muro. Vemos o *policial-câmera protagonista* pegá-lo poucos momentos depois. A agitação da câmera, combinada com a exaltação dos policiais e o corte feito na montagem tornam os suspeitos – que no final eram dois menores – parecerem grandes criminosos que conseguem fugir facilmente da polícia, o que causa frustração, mas logo depois a eficácia dos agentes é comprovada na captura de um dos suspeitos. Caso a cena tivesse corrido sem nenhum corte, o *policial-câmera protagonista* teria xingado, mas também efetuado a prisão logo em seguida. Nesse cenário, o público não teria passado pela “adrenalina e coração acelerado” de se perguntar: “e agora!? Para onde eles foram?”, o que gera um *senso de perigo* e uma resolução satisfatória.

Prancha 17 - Corte na filmagem muda a imagem para a perspectiva de uma câmera para a outra segundos depois de forma que parece que os suspeitos desapareceram inexplicavelmente, como mostrado no episódio 01x01 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22° BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019)

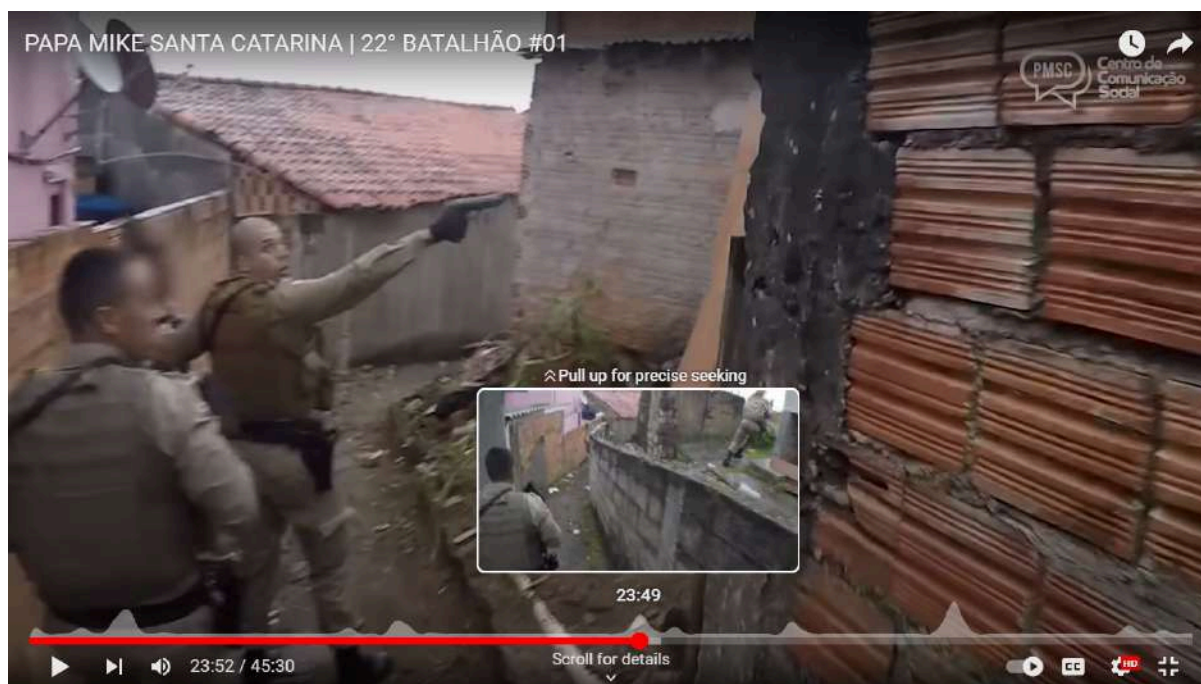


Fonte: capturas de tela feitas pela autora do episódio 01x01 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Essa tensão de finalmente encontrar os suspeitos depois de não sabermos o que estava acontecendo, somado ao choque de eles fugirem e todo o *frenesi*, é o que provavelmente faz esse ser um dos momentos mais assistidos do vídeo. O *YouTube* oferece uma ferramenta que nos permite ver quais trechos do vídeos as pessoas mais reassistiram, isto é, voltaram e viram de novo¹¹⁶. Na imagem abaixo (**Figura 16**) vemos que cinco momentos se destacam como os mais vistos, dentre eles: a descoberta das armas no carro no segmento 1 (que descrevo na introdução), o presente caso do encontro dos suspeitos e edição deles sumindo e um terceiro caso que veremos em seguida. Isso indica que a “*rewatchability*” [“reassitibilidade”], qualidade de um vídeo que as pessoas gostam de rever, do *Papa Mike SC* está relacionada aos elementos de montagem externos: música não-diegética, efeito visual e sonoro, cortes estratégicos e uso de *replay* e câmera lenta – as ferramentas de criação do *senso de perigo*. Em outras palavras, os elementos mais empolgantes dessa narrativa policial que se julga “real” são aqueles fabricados pelo uso de ferramentas de montagem.

¹¹⁶ Esse recurso do *YouTube* foi oficialmente implementado na plataforma em 2022 como parte de um pacote de atualizações no *player*. Na área de comunidade do portal “Ajuda do YouTube”, plataforma de comunidade oficial do *Google*, empresa dona do *YouTube*, foi publicado um texto explicando as novas atualizações e destacando que elas foram feitas para que os usuários acessassem mais facilmente as “melhores partes dos vídeos”. Sobre o recurso de visualização dos trechos mais visualizados, eles escrevem: “*Assista com facilidade os trechos mais repetidos de um vídeo*: ao fazer uma pesquisa, um gráfico mostrando as partes mais repetidas do vídeo vai aparecer para você. Se o gráfico estiver alto, significa que aquela parte do vídeo foi repetida várias vezes. Use o gráfico para encontrar e assistir esses momentos com facilidade. Observação: pode ser que você tenha feito parte do teste desta ferramenta. Agora, estamos felizes em oferecer esse recurso aos espectadores em computadores e dispositivos móveis.” (Natalia (TeamYouTube), 2022, grifos da autora)

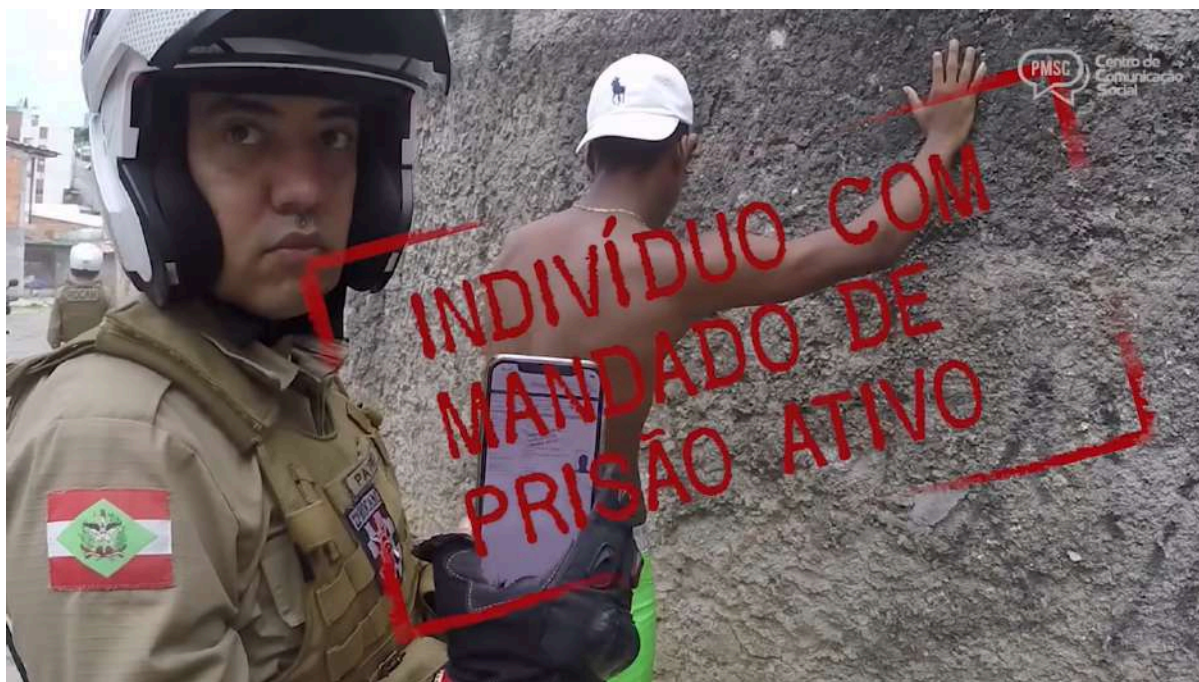
Figura 16 - Ferramenta do YouTube que permite ver os momentos mais assistidos de um vídeo, como mostrado no episódio 01x01 PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22° BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x01 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

O outro momento do mesmo episódio que é apontado como um dos mais assistidos que também usa efeitos especiais na montagem acontece durante o segmento 3. Estamos na entrada de um morro no município de Florianópolis, ao lado de uma avenida muito movimentada. O som é de motores de carro em alta velocidade e latidos de cachorro. Dois policiais estão trabalhando na abordagem de um homem suspeito durante um patrulhamento pela região. O *policial-câmera* filma enquanto um segundo agente faz a revista, durante a qual ele remove o boné do suspeito – homem negro, sem camisa, de boné e bermuda preta – na busca por materiais ilícitos. Podemos ouvir a voz do homem, mas os latidos altos e agudos impedem que ouçamos frases distintas. Após confirmarem que o homem não tinha nada que os policiais entendessem como ilegal em seu corpo eles permitem que ele tire as mãos de trás da cabeça e as coloque no muro. O *policial-câmera* se aproxima do homem e do segundo policial e vemos que o agente puxou um celular do bolso e supostamente pesquisou a ficha do homem no sistema da PMSC. Ele então se vira para o *policial-câmera* e mostra a tela do celular, na qual estaria o registro de um mandado de prisão em aberto para o homem. Antes que eu pudesse forçar a visão para tentar ler a tela do celular sendo mostrado, surge no vídeo um efeito especial visual e sonoro de um carimbo vermelho sendo pressionado com a frase “INDIVÍDUO COM MANDADO DE PRISÃO ATIVO” (Figura 17).

Figura 17 - Efeito visual e sonoro de carimbo vermelha estampa na tela o texto “INDIVÍDUO COM MANDADO DE PRISÃO ATIVO”, como mostrado no episódio 01x01 PAPA MIKE SANTA CATARINA | 22º BATALHÃO #01” da websérie Papa Mike SC (2019)



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x01 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

O policial guarda o celular, pega um par de algemas e as prepara. Ele ordena que o homem coloque as mãos atrás da cabeça e entrelace os dedos. O homem o faz e é algemado. Só ouvimos um vento leve e os latidos continuam. O homem parece confuso, mas calmo. Ele pergunta por que está sendo preso e o policial explica de forma bastante calma que tem um mandado de prisão ativo. Nesse caso vemos tanto o ato de mostrar a evidência para a câmera, como o efeito especial, reiterarem a importância do patrulhamento, pois geram a impressão que a polícia pode encontrar “bandidos à solta”, com mandado de prisão ativo, a qualquer momento. Toda a cena é muito calma, policiais e suspeito não levantam o tom de voz e não entram em conflito físico, mas os efeitos visual e sonoro do carimbo tornam a cena mais intensa: geram um *senso de perigo* e de etiquetação. O carimbo se torna alegoria para a rotulação da sujeição criminal. A catarse nesse caso provém em grande parte da ideia de que o criminoso – o polo moral negativo, ainda mais repudiado quando atrelado ao narcotráfico – não se safou. O segmento termina com o seguinte texto conclusivo: “CONDUZIDO PARA PENITENCIÁRIA DA CAPITAL POR ESTAR COM MANDADO DE PRISÃO ATIVO PELO CRIME DE TRÁFICO”.

Ao se provar capaz de “lograr êxito” – expressão muito utilizada nas caixas de texto

conclusivo – em casos que evocam o *senso de perigo*, através do *Papa Mike SC*, a PMSC se posiciona como uma corporação competente que cumpre sua missão de “manter a ordem e a tranquilidade”, “proteger a população” e efetuar “a prisão de infratores”. O êxito na missão reitera também os valores defendidos dentro da construção da memória institucional, os quais caracterizam a PMSC como uma instituição que só é capaz de efetuar o trabalho por meio de sua superioridade moral, capacitação e treinamento contínuo – físico e intelectual – e acesso a tecnologias. O diferencial da polícia militar no estado de Santa Catarina, todavia, seria a criação de uma correlação entre a representação dessa polícia preparada moral, intelectual, física e tecnologicamente e a representação de uma “superioridade” da realidade catarinense.

A *excepcionalismo catarinense* atrelada a eficácia policial reitera a ideia de que aqueles que solucionam crimes são dotados de um “intelecto superior”, o que observamos no discurso local sobre segurança pública, evidenciado em diversos momentos como no projeto de lei n.º 18725/2023, o qual propõe a criação do “Dia do Batman”¹¹⁷ no município de Florianópolis, sob a justificativa do super herói ser um símbolo da segurança pública e ainda “Salienta-se que o Batman não tem superpoderes, em sua luta contra o crime, ele utiliza uma enorme coleção de equipamentos avançados, veículos extraordinários, seu *cérebro privilegiado* e técnicas de combate corpo-a-corpo.” (Florianópolis, 2023, grifos meus).

Argumento que os ideais listados acima na projeto de lei podem ser reconhecidos como alguns dos ideais traçados para a construção da imagem de uma boa polícia: tecnologias (“equipamentos avançados, veículos extraordinários”), intelecto (“*cérebro privilegiado*”) e treinamento/aptidão física (“técnicas de combate corpo-a-corpo”). A partir da exploração pelos comentários e da revisão bibliográfica sobre a PMSC (Gomes, 2010; Duarte, 2012), compreendo que outros dois elementos são essenciais na atuação ideal da polícia: os valores morais da polícia e a padronização do trabalho. Em pesquisas etnográficas sobre a formação dos policiais militares de Santa Catarina e seu trabalho depois de formados, um aspecto que se destaca é o cultivo de valores morais específicos e de um senso de “guardiões” da moral – uma identidade policial atrelada ao sentimento de “superioridade moral” em relação ao resto da população (Gomes, 2010; Duarte, 2012). Esse ideal moral do trabalho é reiterado nos comentários em agradecimento aos policiais, os quais empregam termos como “heróis”,

¹¹⁷ Batman é um super herói, personagem de quadrinhos criado em 1939 pela *DC Comics*. O personagem tem feito sucesso nos EUA e em grande parte do mundo e protagonizou dezenas de quadrinhos, seriados, animações e filmes. O *Batman Day*, ou “Dia do Batman”, é uma celebração promovida pela empresa dona da personagem e, no contexto do município de Florianópolis, foi proposto em 2023 pela então vereadora pelo Partido Liberal (PL) Maryanne Mattos, a qual foi eleita vice-prefeita do município nas eleições de 2024 pelo mesmo partido.

“guerreiros” e “abençoados por Deus”, e a partir da oposição moral aos “bandidos”, que são posicionados nas narrativas policiais como seres imorais que devem ser combatidos.

Os aspectos morais, físicos e intelectuais de uma força policial ideal são reiterados de diversas maneiras nos vídeos do *Papa Mike SC*, como por meio das localizações de suspeitos, perseguições a pé, de carro ou de moto, escaladas em morros e em cima de telhados de casas, constatações sobre cenas de crime, formas de interagir positivamente com *cidadãos de bem* e formas de interagir antagonicamente contra os *bandidos*. Já no caso das tecnologias, muitas vezes elas precisam ser explicitamente enquadradas e explicadas para que o público entenda sua função. Dentre as tecnologias e equipamentos estão fardas, motocicletas, viaturas, armas, luvas, dentre outros que são utilizados pela própria polícia, além de equipamentos como as tornozeleiras eletrônicas que são postas em indivíduos descritos como criminosos.

Dentro das viaturas – que por si só já são uma tecnologia que os comentadores falam sobre e muitas vezes indicam que as guarnições “merecem” veículos melhores – podemos observar um rádio e um *tablet*, com os quais a guarnição mantém contato com a central. Outra tecnologia são os celulares, por meio dos quais os agentes podem acessar o sistema e identificar se os suspeitos têm mandados de prisão ativos – como no caso descrito acima – ou passagens pela polícia sem que seja preciso um contato maior com a central. Um equipamento descrito como útil para acelerar o processo de justiça e muito elogiado pelos comentadores é um aparelho de emissão de termos circunstanciados, os quais são usados em casos de posse de drogas que não configuram como tráfico. No segmento 1 do episódio 01x02 acompanhamos dois policiais que abordam um jovem negro no Centro de Florianópolis com posse de maconha e tentam entender se trata-se de um caso de tráfico ou posse de drogas. Os agentes contam o dinheiro físico na carteira do rapaz e tentam medir por olho a quantidade de droga. A carteira assinada do jovem e o fato de ele não ter passagens prévias influenciam a decisão dos agentes de categorizar o caso como posse de drogas.

O *policial-câmera*, então, posiciona-se na frente do capô da viatura carregando em suas mãos o equipamento que imprime o termo circunstanciado, o qual é feito de papel térmico, aquele papel de notas fiscais de supermercado. A impressão concretiza a emissão do documento que indica ao jovem que ele terá que se apresentar perante a lei por conta do porte de drogas¹¹⁸. O *policial-câmera* dá as instruções: “às 13 horas na comarca da capital. No

¹¹⁸ Cabe apontar que o porte de drogas não é crime, mas sim infração, e que em junho de 2024 o Supremo Tribunal Federal (STF) mudou a decisão e estabeleceu 40 gramas de maconha como critério para diferenciar

fórum aqui da capital, tá? Aí cê tá liberado.” Um outro policial finaliza: “é só comparecer no dia que tá aí”, se referindo ao documento recém emitido. Enquanto eles falam aparece na tela o texto conclusivo: “TERMO CIRCUNSTANCIADO REALIZADO POR POSSE DE DROGAS”, utilizando o termo “posse”, mesmo que seja um caso de “porte”. Os comentadores do vídeo elogiam a tecnologia apontando que, antes dela, os policiais teriam que encaminhar o rapaz para uma delegacia (da polícia civil) para que o mesmo documento fosse emitido.

Para além das qualidades gerais da corporação e de seus agentes definidas de forma explícita nos vídeos descritivos da instituição e nos documentos de memória institucional, isto é, os valores enunciados do que é ser um “bom policial” e de quais são as qualidades de uma “boa polícia”, há de se destacar os valores que ficam implícitos na produção de imagens. Da mesma forma que a enorme maioria dos sujeitos abordados e presos no *Papa Mike SC* são negros, mas essa informação nunca é enunciada pelos policiais ou pelos comentadores, duas outras características são a homogenização da estética, postura e performance policial que se convergem com um ideal masculinista – características identificadas em trabalhos sobre a PMSC (Gomes, 2010; Duarte, 2012; Knabben, 2018) e sobre policiais em geral no Brasil (Medeiros, 2018; Efrem Filho, 2021).

De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), a divisão de papéis sociais a partir dos “sexos” é legitimada e naturalizada em nossos processos de socialização por meio de efeitos simbólicos de legitimação, os quais se consolidam no imaginário social como representações das formas corretas de ser homem e de ser mulher. O esquema de pensamento binário na categorização social do “masculino” e do “feminino” que marca os sistemas sociais de significação sobre o que é sexo, gênero e sexualidade – ou os sistemas de sexo-gênero-desejo (Butler, 2017) – das sociedades do Norte global (no caso estudado por Bourdieu, a sociedade francesa), é reiterado por uma série de representações sociais (Durkheim, 1989; Bourdieu, 2012). Bourdieu (2012) defende que as estruturas binárias de gênero na França são marcadas por uma ordem social da dominação masculina, a qual coloca o “masculino” como um ponto “neutro” e “natural” do discurso – aquela identidade que não precisa ser enunciada –, e é reproduzida por meio da divisão social e sexual do trabalho, da estrutura do espaço e da estrutura do tempo.

usuário de traficante, isto é, pessoas com até 40 gramas devem ser compreendidas como usuários com porte e pessoas com uma quantidade maior seriam traficantes com posse (STF..., 2024, online).

Dentro da divisão sexual do trabalho, a força física é atribuída a ideais masculinos (Dias, 2023), de forma que o trabalho policial é entendido como um trabalho masculino, majoritariamente executado por homens e, na minoria dos casos em que mulheres são policiais – ideia essa de minoria reiterada pelo *Papa Mike SC* que conta com no máximo três policiais mulheres em sua primeira temporada –, elas precisam se adaptar as vestimentas masculinizadas e ao padrão de homogeneização da corporação, de forma que elas são diferente da norma e devem se aproximar dela. A dominação masculina cria um alicerce das divisões do mundo no próprio corpo humano, categorizando posturas e práticas próprias do “homem”, sendo duas de suas máximas a performance da “virilidade” – marcada pela postura ereta (dominante), em oposição à postura curvada feminina (submissa) – e a manutenção da “honra” (Bourdieu, 2012) – que é uma das formas pelas quais o polo de dominação masculina consegue exercer uma violência legítima. A virilidade masculina atrela-se a uma posição de agressividade, de forma que o dever-ser do homem passa pelas ideias de uma aptidão para a violência. A “violência” aparece como uma forma de manutenção da “honra” (Bourdieu, 2012). Espera-se, desta forma, que o homem ideal, dentro da hegemonia da dominação masculina, seja capaz de ser violento. Já dos policiais, se espera não apenas que sejam capazes de usar a força, mas que efetivamente a usem em defesa dos ideais de “manutenção da ordem” e “combate ao crime” – valores morais que garantiriam a proteção da sociedade.

A formação policial militar toma os valores da dominação masculina – valores de uma masculinidade hegemônica – e a reforça por meio de treinamentos físicos e doutrinas morais que visam uma homogeneização e virilização – ou “desfeminização” (Bourdieu, 2012). Esses processos transformam os corpos desses homens que, como é possível observar nos vídeos, se movem, falam e interagem com o mundo de uma forma “padrão”, estoica, ereta e com um linguajar semelhante. Bourdieu (2012, p. 38) explica que os “princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética”. Desta forma, ao performar a masculinidade em uma posição de superioridade moral policial, os agentes da PMSC que interagem com as câmeras reiteram os valores da masculinidade hegemônica como corretos: eles reforçam os valores cisheteronormativos (Nascimento, 2021).

Por fim, o acionamento do *dispositivo de realidade* na construção de uma (auto)representação da PMSC utiliza de um recurso bastante potente na construção de narrativas capazes de se conectar com o público, o qual toma essas histórias como a “verdade”:

relatos pessoais de agentes específicos. Em diversos segmentos ouvimos relatos pessoais de policiais antes, durante ou depois de uma ação, os quais falam seus nomes, discutem suas trajetórias, celebram os resultados positivos do trabalho da PMSC e opinam sobre o que eles acreditam serem as melhores formas de se lidar com o problema da “violência urbana”. Esses agentes deslocam as representações ideais de uma polícia moral, física, intelectual e tecnologicamente superiores e os valores pessoais – incluindo a masculinidade – do campo da abstração e os posicionam em casos “reais” de gente de “verdade”.

Durante o segmento 4 do episódio 01x08, observamos a incorporação das ideias de uma polícia e de um policial ideal no relato do *policia-câmera narrador*. No vídeo vemos vários segmentos que acompanham a mesma guarnição e o mesmo *policia-câmera narrador*. Ao chegarmos no segmento 4, a guarnição está no fim do turno e se desloca de volta para o BPM. Estamos no município de Palhoça e conhecemos várias paisagens da cidade pela perspectiva do policial no banco do passageiro de uma viatura: os vídeos de patrulhamento fornecem essa experiência de “vivenciar” a cidade. O *policia-câmera* narra:

estamos deslocando agora para o batalhão para fazer o término do serviço na cidade de Palhoça, finalizando aí dentro da normalidade da atividade policial. Não teve nenhum registro de furto, roubo. A ocorrência típica de combate ao tráfico, então teve uma ocorrência aí de tráfico de drogas que foi detido aí um menor. Dois agentes conseguiram fugir da guarnição, mas a gente também conseguiu localizar um bocado da droga escondida, pelo menos, né, parte dela. Foi localizado um veículo com registro de furto na região nossa. Também foi... prestamos apoio a um oficial de justiça. Ocorrências de trânsito e coisas que qualquer cidade tem, Palhoça não seria diferente.

Nesse primeiro trecho o trabalho policial é resumido nos resultados de prisões, apreensões e no cotidiano de se lidar com ocorrências. O combate ao tráfico ocupa uma posição central nesse cotidiano de “combate ao crime”: é uma “ocorrência típica”, é a normalidade. Em meio a cortes no vídeo e no áudio, o *policia-câmera* continua narrando, mas agora ele muda de assunto, deixando de falar sobre o dia e noite de trabalho das equipes do batalhão e falando de sua trajetória pessoal:

E eu tô completando hoje exatamente 15 anos de corporação. É aquela satisfação, né, é como se fosse passar um aniversário, né, do ingresso, né, nas fileiras. A gente sempre tenta manter o fogo, né, da empolgação, da vibração. Sempre elevar para tá sempre motivado. Fazer cumprir nosso papel. E acredito que todos policiais que gostam, né, da parte operacional fazem porque gostam. *A gente faz porque a gente tem o dever de fazer e a gente é pago pra isso, mas vai muito além, né, do dever e do valor que a gente recebe, né, mas vai pro prazer, pela paixão né.* Aqui eu to indo pra 2 anos. Já fui de outras unidades operacionais, né. Trabalhei na cavalaria,

[polícia militar] rodoviária, trabalhei no 12º Batalhão em Balneário Camboriú, trabalhei no COPOM. Eu entrei aqui pra polícia... é... eu sei que a polícia militar aqui ela é gigante, então todo mundo... é uma engrenagem, né. *Eu sempre digo que a polícia militar é um grande relógio suíço, né, que todas as engrenagens elas... pra funcionar perfeitamente, elas dependem de cada setor.* Então tem o setor técnico, tem o setor de trânsito, do P4, de operações, do comando, do escalante, do armeiro, do baseiro e do policial da rua, né. Então... só que eu me sinto feliz, satisfeito, né, motivado, trabalhando na rua. (grifos meus)

Parece evidente que muitos dos cortes durante a fala tinham no meio deles perguntas sendo feitas para o policial responder. Por meio dessas perguntas o *policial-câmera narrador* explicita a carga moral do trabalho policial que é representada como algo além do trabalho pelo qual são pagos – um emprego – e se torna uma missão: “dever”, “valor”, “prazer” e “paixão”. Para além disso, a descrição da corporação como um “grande relógio suíço” que para “funcionar perfeitamente” “depende de cada setor”, reitera a existência de uma complexidade intelectual e tecnológica que possibilita que múltiplos agentes façam uma série de trabalhos diferentes que se materializaram em um objetivo em comum: a segurança.

Nesse episódio no qual acompanhamos o mesmo *policial-câmera narrador*, grande parte dos comentários, em sua maioria curtidos pelo perfil PMSC Oficial, parabenizam o policial específico: “Parabéns Lutador. 15 anos é um bom tempo.”, “Meus parabéns pelos 15 anos de caserna [emoji de palmas negras 4x; emoji de mãos negras juntas] que Deus abençoe vcs”, “Parabéns Policial por seus 15 anos de serviço, Parabéns a PM por seus esforços e serviços bem prestados. Que Deus protejam e guardem essa corporação que é motivo de orgulho de SC.” Os sentimentos de orgulho, parabenizações e o uso de descritores como “guerreiro”, “herói” e “lutador” aparecem nesses comentários, assim como na maioria dos comentários de elogios gerais aos vídeos, aos policiais, à PMSC, à polícia em geral e a policiais específicos. Para além de gratidão, alegria, orgulho e amor, outras respostas emocionais positivas que apareceram foram: a) a felicidade e orgulho específicos de se ter familiares que aparecem nos batalhões mostrados, como em “Não acredito que estou vivo para ver gravação do 16. Muito emocionante ver a guarnição do batalhão que meu pai trabalhou muitos anos. Estou muito feliz e orgulhoso por essa iniciativa. Parabéns.” e; b) o sentimento de tranquilidade por estar vendo os policiais em sua cidade, como em “Olhar esse vídeo sendo feito na minha cidade deixa eu mais tranquilo, pois de ver eles alertados é bom, até vieram no bairro aqui que é a barra do Aririu, parabéns pelo trabalho de vcs”.

Há uma conexão e resposta do público que passa a compartilhar das (auto)representações sociais da polícia por meio de sua conexão emocional com os “casos

reais”. No fim do segmento, os policiais estacionam a viatura dentro do batalhão. Na tela o texto conclusivo diz: “MAIS UM DIA PROTEGENDO AS PESSOAS DE BEM”. Questiono: mas e as outras pessoas? Quem são as pessoas de bem?

4.2.2. *Excepcionalismo catarinense: aspectos raciais, culturais e políticos*

Os profissionais que produzem e o público que assiste o *Papa Mike SC* interagem com representações gerais do que seria um *cidadão de bem* ou uma *população de bem*, assim como interagem com imagens pré-concebidas sobre o estado de Santa Catarina, tanto em geral como especificamente em relação à segurança pública. Desta forma, abordarei agora a construção dessa ideia de uma população excepcional – “de bem” – digna de proteção e como ela possui características particulares no contexto do canal PMSC Oficial por retratar Santa Catarina com suas particulares ideias de “cultura catarinense” – aos moldes de uma categoria idealizadora e determinista (Abu-Lughod, 2018) –, questões raciais e ideias de superioridade (Leite, 1991; Alencar, 2019; Maia, 2019; Medeiros, 2023) e o momento político de 2019 em meio a ascensão da direita no Brasil sob valores (neo)conservadores (Teles, 2018; Pinheiro-Machado; Scalco, 2018; Pinheiro-Machado, 2019; Cesarino, 2022; Klinkerfus, 2022). Entre fatores culturais, raciais e políticos parece haver a construção de uma identidade e representação coletiva da população média de Santa Catarina como excepcional.

A *excepcionalismo catarinense*, a partir das discussões centrais do canal e da *websérie* sobre segurança pública, atrela-se, indubitavelmente, às próprias representações da PMSC que foram discutidas no subcapítulo anterior. Destaco aqui uma série de comentários elogiosos à PMSC, a produção dos vídeos do *Papa Mike SC* e ao estado de Santa Catarina feitos no episódio 01x14:

“A iniciativa do programa "Papa Mike" é genial. O internauta pode conhecer com riqueza de detalhes a rotina e as mais diversas formas de atuação da Polícia Militar Catarinense. Parabéns Mikes!”

“Ancioso pelo 2ºBPM Chapecó! Sem sombra de dúvidas nossa briosa PMSC é uma das melhores, quiçá a melhor do país em aparelhagem, treinamento, disciplina e no quesito respeito e cidadania com a "população de bem"! ”

“Esse estado é muito bonito, quantas paisagens belas, vamo PMSC sempre juntos.”

“Não é a toa o melhor estado pra se viver e com o melhor policiamento [emoji de coração vermelho]”

“Além de demonstrar o ótimo trabalho das nossas corporações, gerar empatia social, enaltecem nossa linda Santa Catarina. PMSC a melhor.”

Ao tomarmos estes comentários podemos encontrar o cerne da produção audiovisual do *Papa Mike SC*: eles são vídeos que se propõem a mostrar “com riqueza de detalhes a rotina e as mais diversas formas de atuação da Polícia Militar Catarinense”, de forma a evidenciar que a PMSC “é uma das melhores, quiçá a melhor do país em aparelhagem, treinamento, disciplina e no quesito respeito e cidadania com a ‘população de bem’” e que “esse estado é muito bonito” e que “não é à toa o melhor estado pra se viver e com o melhor policiamento”. O resultado esperado desta *websérie* também fica evidente: “Além de demonstrar o ótimo trabalho das nossas corporações, gerar empatia social, enaltecem nossa linda Santa Catarina”. Esta é a definição do que é a *websérie* a partir de uma perspectiva dialógica entre PMSC e seu público no *YouTube*. Entendo essa perspectiva como aquela da *excepcionalismo catarinense*: a melhor população (“de bem”), os melhores lugares, a melhor polícia.

Dentro da tríade população-território-polícia que marca a ideia de uma *excepcionalismo catarinense*, concentrar-me-ei na descrição dos aspectos representacionais da população catarinense como uma *população de bem*. Durante a execução do trabalho de campo em meio aos vídeos, tive a oportunidade de ir em diversos eventos organizados por (ou com a presença de) policiais militares de Santa Catarina. Em uma dessas ocasiões, ouvi uma PM que palestrava e explicava que o diferencial da segurança pública em Santa Catarina comparado com outros lugares onde ela havia trabalhado da seguinte maneira: “o diferencial da segurança pública no estado não tem nada a ver com o que a polícia faz, tem a ver com gentílico: é sobre ser catarinense.” Em uma outra ocasião, em uma entrevista com um interlocutor perito criminal no estado de Santa Catarina, realizada como atividade coletiva do laboratório de pesquisa no qual atuo, me chamou a atenção como ele explicou os menores índices de criminalidade no território catarinense a partir da seguinte afirmação: “o povo catarinense é menos violento, é a cultura daqui”.

Nesses dois casos, assim como em diversos comentários no canal que falam sobre como o trabalho policial parece ser mais fácil em Santa Catarina do que em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, o “ser catarinense” e a “cultura catarinense” operam como uma forma de determinismo cultural (Abu-Lughod, 2018), isto é, eles simplificam todo o contexto da segurança pública, do comportamento populacional e da construção de identidade coletiva a uma “cultura”. Essa identidade catarinense, todavia, não opera apenas por meio da cultura aprendida, mas atrela-se à naturalidade, o “gentílico”, de forma que ela é construída em

oposição àqueles que vêm de fora. Em um comentário feito no episódio 01x04, essa relação fica explícita:

Com a divulgação das belezas do nosso estado, com empregos e escolas ótimas para todos, vieram muita gente do sudeste e nordeste com más intenções pra cá... Vc não viu a quantidade de golpes que o povo daqui cai, porque a inocência é grande entre a população pois somos um Estado de bem, a população natal não precisa cometer delitos para crescer, pois temos oportunidade de crescer honestamente, é foda isso!

O catarinense nato faz parte da população de bem e “não precisa cometer delitos para crescer honestamente”, pois a população é honesta, diferentemente daqueles que vêm do Nordeste ou Sudeste, e o próprio estado gera oportunidades. Os criminosos, aqueles que cometem “golpes”, são os “Outros”, nesse caso um outro geográfico, um outro imigrante. Essa distinção parece se alinhar com a ideia de uma excepcionalidade da região Sul do Brasil – a qual tem uma história de construção identitária de superioridade em comparação com o resto do país (Kulaitis; Aver, 2023)¹¹⁹. Essa consolidação de Santa Catarina como um lugar superior por estar no Sul aparece em comentários como: “Por favor postem mais videos, acompanho muitos canais em SP porém sinto falta do conteúdo aqui do sul. Excelente trabalho da PMSC, muito orgulhoso do trabalho dos senhores, parabéns.” Ser catarinense também faz parte da identidade de “ser do Sul”.

Para além do pertencimento geográfico e cultural, não basta nascer em Santa Catarina e ser uma pessoa “honesta” que não comete crimes para ser considerado um catarinense *cidadão de bem*, pois um outro fator central na representação social do estado como superior são os aspectos étnico-raciais. Para pensar uma política de imagem catarinense, precisamos decantar a questão em dois pontos: as representações sobre o estado e a construção de uma identidade da população. A historiadora estadunidense Saidiya Hartman (2020), ao discutir o tema do turismo de pessoas afro-estadunidense para o continente africano, fala sobre uma desconexão entre a realidade de um local e as imagens que são criadas sobre ele, sejam elas positivas – ligadas, muitas vezes, à indústria do turismo (NgCoya, 2015) – ou negativas – como parte da estigmatização de territórios (Alves, 2020). As instituições de Santa Catarina

¹¹⁹ “O Sul É o Meu País” é um movimento que se caracteriza como “[...] uma associação privada sem fins lucrativos, que tem como propósito alcançar esta emancipação de forma pacífica e democrática, levando a construção de uma nação soberana.” (Movimento..., s. d., online). O movimento defende que os estados da região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) sejam transformados em um país distinto do Brasil, sob a “fundamentação universal do direito à autodeterminação” (Movimento..., s. d., online). Pesquisas sobre a atuação do movimento no estado do Rio Grande do Sul têm apontado para o papel de ideias raciais no movimento que defendem uma identidade do branco do Sul (Kulaitis; Aver, 2023).

têm a tendência de comunicar apenas os fatores positivos do estado: da *propaganda ao excepcionalismo catarinense*.

Dentro desse quadro de propagandas do estado, é possível observar que, além de reproduzir o *slogan* “o estado mais seguro do Brasil” e das representações dos territórios do tráfico dentro do panorama de segregação espacial, dentro da *websérie Papa Mike SC* há dois tipos de imagem para representar positivamente o estado: a) as praias e prédios altos que representam a região do litoral, a qual é apresentada como lugar para o desenvolvimento de grandes empresas (por exemplo os quadros que capturam a avenida Beira-Mar Norte no município de Florianópolis¹²⁰) e; b) as regiões de serra e de “colônias europeias”, nas quais o clima mais frio e o turismo cultural são o ponto alto, como uma forma reiteração da imagem de “Europa no Brasil” (Leite, 1991) (por exemplo o passeio turístico pelo município de São Joaquim). Entre essas duas faces da moeda imagética catarinense, o ponto comum é a presença da “brancura” (Castro, 2022).

A predominância – e muitas vezes totalidade – de pessoas brancas na (re)produção dessas imagens positivas evidencia uma característica da produção de representação e identidade em Santa Catarina já identificada pelas antropólogas brasileiras Ilka Boaventura Leite (1991), Alexandra Alencar (2019) e Cauane Gabriel Maia (2019): a branquitude como norma, ou seja, a ideia de que este é o “estado branco”. Leite (1991) argumenta que atrelada à imagem de um “estado branco” está a imagem de um “estado ideal”. Santa Catarina é o estado branco, ideal e mais seguro do Brasil, cheio de pessoas brancas, praias, tradições italianas e alemãs e com um clima frio – como é reiterado pelos policiais de Lages que apresentam a serra catarinense e repetem várias vezes que é um lugar muito frio. Esta é a representação social do estado e é possível inferir que a mesma – ou ao menos aspectos dela – são incorporados na construção de uma identidade ou “cultura” catarinense.

Tal caracterização escorre para a construção de identidades coletivas brancas dentro do estado e opera por meio de políticas de apagamento de populações indígenas, negras e amarelas. Leite (1991) aponta para um discurso que justificaria a predominância branca por meio de um processo de desaparecimento indígena e pela descrição do período escravocrata em Santa Catarina como um processo de escravização “mais brando” e com “menos escravos”

¹²⁰ Outro cenário catarinense que representa o ideal de um litoral que também é polo tecnológico é o município de Balneário Camboriú, o qual não aparece na primeira temporada da *websérie Papa Mike SC* (2019), mas é utilizado em campanhas publicitárias do estado e muitos dos comentadores da série pedem por vídeos que mostram a cidade e o seu BPM.

em relação ao resto do país. Ainda assim, houve escravização no estado e, como sabemos, a PMSC estava envolvida em sua manutenção (PMSC, 1935 *apud* Duarte, 2012).

No processo de reiteração da branquitude (Bento, 2002) no estado, pessoas negras foram empurradas para as margens e tiveram suas expressões culturais marginalizadas (Alencar, 2019), os territórios mais pobres e com maioria negra (os “morros” das grandes cidades) foram apagados das representações do estado (Sugai, 2009; Maia, 2019) e muitas populações indígenas tiveram sua história apagada e seus territórios tomados, em um processo de epistemicídio (Carneiro, 2005)¹²¹. Na *websérie Papa Mike SC* não há pessoas amarelas ou indígenas. O ser catarinense *cidadão de bem* significa ser branco – não apenas ser “daqui”.

Por fim, para falar sobre essa noção da *excepcionalismo catarinense* e como ela dialoga com as mídias policiais por meio da categoria “populações de bem”, é preciso voltarmos ao contexto político do ano de 2019 e abordar o tema da ascensão das direitas no Brasil amparadas por um discurso militarista e punitivista. A antropóloga brasileira Rosana Pinheiro-Machado (2019, p. 63) explica que a direita e o fascismo no Brasil se consolidam na perpetuação de um inimigo interno: “[...] vagabundo, bandido, comunista”, o qual aparece como um personagem nas narrativas policiais, como discutimos no capítulo anterior como parte da construção do inimigo público. Ainda de acordo com a autora, “de 2014 a 2018, o Brasil viveu quatro anos de limbo histórico: um período de confusão, convulsão, jogo com regras trouxas e ascensão do extremismo de direita [...]. Após o limbo, venceu o autoritarismo conservador” (Pinheiro-Machado, 2019, p. 68) e ascendeu uma direita que, além de autoritária e conservadora, também se marcava no campo discursivo, se consolidando por meio de “palavras, estátuas e símbolos” (p. 74), o que possibilitou a sua disseminação em diversas camadas sociais (Pinheiro-Machado; Scalco, 2018).

No ano de 2018 foram eleitos o presidente do Brasil Jair Bolsonaro e o governador do estado de Santa Catarina Carlos Moisés, ambos pelo Partido Social Liberal (PSL). Ambos os governos duraram um mandato de quatro anos, sendo o governo de Carlos Moisés marcado por tentativas de *impeachment* que colocaram a vice-governadora Daniela Reinehr no poder

¹²¹ Um caso de repercussão que explicita o epistemicídio e apagamento da história indígena Guarani, Guarani Mbya, Guarani Nandeva e Kaingang em Santa Catarina a partir da ideia de um “passado indígena” e presente branco é a mudança de nome de nome do município de Chapecó. De acordo com a Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), “no dia 23 de julho de 1947, a Constituição do Estado de Santa Catarina definiu que o nome do município deveria ser escrito com “CH” e não mais com “X”. A mudança se deu porque a língua portuguesa é derivada do latim, e são poucas palavras que iniciam com a letra X. As palavras que procedem da língua indígena são escritas, em sua maioria, com X. No entanto, os índios que aqui viviam, não possuíam linguagem escrita” (Quando..., 2016, online).

em diversos momentos de 2020. O *Papa Mike SC* surge com políticas no campo da segurança pública – tanto em questão de explorações com o uso de câmeras corporais como no investimento no campo da comunicação da segurança pública –, marcas do governo de Carlos Moisés, e é lançado para um público tomado por uma gramática e sensibilidade “bolsonarista”.

Nos comentários dos vídeos diversas referências diretas e indiretas são feitas a *slogans* políticos e bordões do então presidente Jair Bolsonaro. Primeiramente observei muitos perfis de comentadores que usavam fotos de Bolsonaro. Dentro da seção de comentários do episódio 01x04 reparei nas primeiras referências explícitas a um alinhamento bolsonarista, isto é, alinhamento com as políticas do governo federal Bolsonaro (2019-2022) e/ou com a imagem pessoal do ex-presidente (Cesarino, 2022). Nesse episódio encontrei o comentário: “Cpfs cancelados com sucesso talkey? Kkkk que orgulho, do caramba!”. A expressão “talkey” (ou escrita como “tá okay” ou “talkei”) diz respeito a um bordão usado pelo ex-presidente e que passou a ser reproduzido como uma forma de se referir a ele tanto por pessoas que o defendiam como por opositores que faziam piadas com seu nome (Da Redação, 2019)¹²².

Em outros vídeos comentadores usam o número “17” como uma forma de ponto final nas frases, possivelmente em alusão ao número do PSL, partido de Bolsonaro (e de Moisés) nas eleições de 2018. Outras formas que aproximam o público do bolsonarismo é o uso do *slogan* “Brasil acima de tudo” e comentários que evocam a máxima “bandido bom é bandido morto”¹²³. É nessa segunda ideia que podemos ver de forma mais explícita a produção de

¹²² Um outro comentário, esse feito no episódio 01X11, é utilizada a categoria “selva!” (“Desde que conheci a PMSC fiquei muito admirado e vi muitos sentirem o msm, a instituição é incrível. Sou do RJ e tenho fê que nossa PM um dia será assim. SELVA!”) que se trata de um cumprimento usado por militares em geral, porém mais especificamente para se tratar daqueles que são treinados para combate em florestas e matas, possivelmente em referência ao trabalho da Polícia Militar Ambiental retratado no vídeo. O termo ganhou certa repercussão nacional no ano de 2024 por ter sido usado em uma interação do ex-presidente Jair Bolsonaro em uma interação, de forma a explicitar o caráter de mutualidade militar da expressão (Azevedo, 2024). Destaco esse comentário para explicitar que os jargões militares também operam como uma ponte que aproxima o público da linguagem e da figura de Jair Bolsonaro.

¹²³ Entre o comentário com o número “17” e outros *slogans* que já eram usados antes de Bolsonaro, é possível observar uma forma específica de se comunicar por meio de sutilezas. Separei os seguintes comentários como pertencentes a esta categoria e quero falar um pouco sobre cada um. O primeiro diz: “Muito bom PMSC sempre trabalhando em favor da população de bem [emoji de caveira; emoji de palmas brancas] 🇧🇷”. Compreendo que a máxima da direita brasileira alinhada com Bolsonaro de defesa do “cidadão de bem” se faz presente na afirmação de que a PMSC deve defender a “população de bem”. Outra característica do comentário que parece remeter a *slogans* do ex-presidente é a adição do “BR”, já que códigos nacionalistas/patriotas faziam parte dos jargões e estéticas do político de extrema direita. Essas menções sutis parecem funcionar como “*dog whistles*” [“apitos de cachorro”, em tradução livre] – ou “*dog whistle politics*” [“políticas de apito de cachorro”, em tradução livre] – que são jargões com carga política que podem passar despercebidos pelas populações que não diretamente simpatizam ou estão sendo atacadas pela bandeira política defendida. O filósofo brasileiro Renato Levin, em entrevista para o jornal O Dia (O Dia, 2022, online), destaca especificidades do uso de *dog whistle politics* nas redes sociais no Brasil, argumentando que “os conspiracionistas acreditam que estão dentro de um

subjetividades binárias e antagônicas dentro de um quadro político no qual o “sentimento de insegurança” é o motor dos discursos políticos sobre segurança pública (Teles, 2018). O “Outro” político – *criminoso, suspeito, meliante* ou simplesmente moradores dos bairros categorizados como *zonas de tráfico* – dos discursos das novas direitas é também o personagem do *bandido* construído pelo *Papa Mike SC*, o qual é essencial para que a *websérie* consiga tecer o *senso de perigo*. É também por meio desse *bandido* que se delinea politicamente, no contexto de 2019, uma *população de bem* catarinense que é natal do estado de Santa Catarina, branca e polarmente oposta aos *meliantes*.

A ideia do “cidadão de bem” mobilizada nos discursos dos policiais do *Papa Mike SC* e da direita neoconservadora brasileira dialoga com outras categorias que podem ser observadas com os comentaristas. Nos comentários do episódio 01x11, observamos uma continuidade da tríade polícia-trabalhador-bandido. As pessoas ficaram angustiadas desejando o melhor para o homem trabalhador que conquistou seu sonho de subir na vida com a madeireira que é fiscalizada pela Polícia Militar Ambiental. Um comentário diz:

Cara como é gratificante saber que a madeireira estava tudo correto, chega até emocionar em saber que no Brasil há pessoas que pensam na natureza e estão fazendo as coisas de maneira certa... Muito legal, é bom saber que o a PM em nenhum momento estava ali para prejudicar o trabalhador que dá o sangue todo dia para ganhar o pão de cada dia corretamente....

A ideia de trabalhador também aparece no segmento 5 do episódio 01x12, no qual a PMSC tem que atuar em uma manifestação de moradores de um bairro isolado do município de Criciúma, os quais protestam incendiando pneus em uma rodovia e reivindicam melhores condições nesta mesma via, a qual é a única que dá acesso ao bairro. Nesse caso, o bairro isolado não é colocado como uma “região do crime” e os manifestantes são vistos como “cidadãos”, de forma que suas reivindicações são legitimadas. Nenhum rosto é borrado nesse e o descontentamento da população para com o Estado e seus governantes é ecoado pelos militares que se colocam ao lado da população e dizem se encarregar de resolver a situação.

A *excepcionalismo catarinense* presente tanto na caracterização da PMSC como uma polícia ideal, quanto da população do estado como sendo composta por *cidadãos de bem*,

jogo, em que eles são a parte que luta contra um grande ser, uma grande mídia que esconde a verdade, assim como ilustrado no filme *Matrix*. E quando isso migra para a política, com a ajuda das redes sociais, vemos sua gameificação.” Uma outra característica dessa estratégia política é que ela possibilita uma negação plausível [*plausible deniability*], pois as bandeiras políticas não são colocadas de forma explícita. Essa “sutileza”, de acordo com o cientista político brasileiro Leonardo Paz, em entrevista para a mesma reportagem supracitada (O Dia, 2022, online), a essa estratégia “é uma forma de tornar mais palatável um discurso que não é bem visto [...]”, pois é uma “linguagem camuflada”.

define que a população catarinense responsável pela superioridade do estado é aquela que nasceu em Santa Catarina, é branca e se alinha com valores políticos conservadores. Essa representação é reiterada na *websérie Papa Mike SC* não apenas pelo acionamento do *dispositivo de realidade*, mas também pela intertextualidade tecida pelo público que constroi contextos para a obra, como as discussões políticas do momento. Para finalizar este capítulo, abordarei essa intertextualidade que se materializa nos elementos extra-vídeo presentes na plataforma – comentários e conteúdos recomendados – como forma de localizar essas narrativas dentro do *YouTube*.

4.3. Localizando as narrativas dentro da plataforma: os componentes extra-vídeo

Existem múltiplos públicos que assistem os vídeos do PMSC Oficial e da *websérie Papa Mike SC*, dentre eles, inclusive, pesquisadoras como eu, e possivelmente a leitora que pode ter se interessado pelo canal e foi olhar por conta própria para saber do que se trata. Esses públicos, por vezes, carregam consigo valores conflitantes e até opostos. Um mesmo vídeo pode ser categorizado como “eletrizante e incrível” por algumas pessoas e como “um desperdício de dinheiro público” por outras. Um exemplo que explicita os diferentes valores e interpretações possíveis dos vídeos da série pode ser observado na ambivalência da expressão “enxugar gelo” – que vimos brevemente ao discutir o personagem da “abstração das entidades administrativas” no terceiro capítulo –, a qual é acionada com dois sentidos opostos por diferentes comentadores. A expressão aparece primeiro como uma frustração genérica, como no comentário do episódio 01x09: “o foda é que vocês não mudam nada com isso.. estão só enxugando gelo.. porém parabéns pelo excelente trabalho!”.

Mas esse descontentamento passa a ser mais direcionado como uma crítica a polícia em seu trabalho de prender usuários e traficantes com pequenas quantidades de droga. Essa crítica à PMSC é explicitada no seguinte comentário também do episódio 01x09: “Infelizmente essas apreensões pequenas é tal de enxugar gelo, tem q pegar os de colarinho branco com seus helicópteros e lanchas abarrotadas de droga”. Uma terceira crítica é articulada em um sentido pró-polícia, como vemos em comentário do episódio 01x10, no qual a ideia de “enxugar gelo”, antes apresentada como uma crítica à PMSC por ela prender pessoas por venda de quantias pequenas de drogas, e não fazer grandes apreensões de pessoas da elite, é acionada por defensores da PM que culpam a ineficácia das prisão no sistema de

justiça. Um comentador diz: “Enxugando gelo, infelizmente! Esses “di menor” são presos diversas vezes e soltos sem qualquer punição. Isso tem que acabar”, enquanto outro tem uma visão ainda mais pessimista:

Hoje o poste mija no cachorro, antigamente o cachorro mijava no poste... Ver essas operações policiais, é o mesmo que assistir novela da globo, sem sentido algum... Parabéns aos policiais, todos tem meu respeito, mostrando trabalho e sempre alertas... Mais a impunidade é tanta nesse país, que vcs estão enxugando gelo isso sim é vdd... Parabéns policiais...

Esses comentadores pró-polícia parecem compartilhar uma sensibilidade punitivista e defendem formas mais severas de punir como combate ao limbo do “enxugar gelo”. Eles também são maioria dentro das seções de comentários e seu descontentamento com os resultados do trabalho policial aos moldes atuais chega ao nível de defenderem a implementação da pena de morte como uma forma de acabar com esse processo de “enxugar gelo”. Esse posicionamento é explícito no seguinte comentário do episódio 01x16, no caso do suspeito de assalto preso em Joinville com uma tornoeleira eletrônica na perna:

Quero me identificar como uma pessoa que deu dislike, motivo: um vagabundo com tornoeleira na rua roubando de novo, tinha que ser morto e não prender de noco. Parabens aos policiais, infelizmente esses herois muitas vezes enxugam gelo devido ao um poder judiciario canalha

É sobre essa maioria pró-polícia e alinhada com os valores da sujeição criminal como política de imagem – a qual opera a partir da defesa da matabilidade de determinadas populações e indivíduos – expressa pelos comentários que falarei nesta subseção. Essa maioria alinhada aos valores intrínsecos à narrativa é o que podemos chamar de “leitor-modelo”, como proposto pelo filósofo e linguista italiano Umberto Eco (1986; Rifiotis, 1999). A ideia de Eco (1986) foi desenvolvida para pensar um público alvo de literatura, enquanto o antropólogo brasileiro Theophilos Rifiotis (1999) se apropria da categoria para pensar as sensibilidades e valores dos públicos de grandes jornais no Brasil. Ao tomar essa categoria, penso em “espectadores-modelo” que respondem de forma positiva ao universo do *Papa Mike SC* e questiono: quais os valores e moralidades são tomados para que o *dispositivo de realidade* seja efetivo?

4.3.1. Os espectadores-modelo e os ecossistemas de conteúdo

Podemos conhecer os espectadores-modelo por meio dos comentários dos vídeos e das respostas positivas que estão presentes nas quantidades de visualizações e curtidas de cada

vídeo. Diferentemente dos comentadores da primeira *websérie* do canal PMSC Oficial – o *PMSC em Foco* – que criticavam as abordagens mais agressivas em bairros pobres, o uso de dinheiro público e de mão-de-obra policial para produção de material comunicacional e colocavam em cheque a veracidade dos vídeos, os públicos que mais comentam nos vídeos do *Papa Mike SC* concordam com os distintos comportamentos policiais – reiterando a segregação espacial e divisão geográfica da violência –, apoiam a produção da série, pedem por mais vídeos e assimilam para si a produção como “verdade”.

No primeiro capítulo apresentei as tipologias organizativas dos comentários e as utilizei para orientar a formulação de três tipos ideais de comentadores da série – três tipos de espectadores-modelo: a) fãs de polícia que buscam ação policial; b) população catarinense que busca informações e; c) jovens homens e meninos que consomem conteúdos generificados. Esses espectadores-modelo se relacionam diretamente com diferentes tipos ideais de conteúdo que foram recomendados pela plataforma para mim conforme eu assistia os vídeos. Quando abri o primeiro vídeo, o episódio 01x01, já apareceram outros episódios aleatórios da *websérie*, episódios de uma outra *websérie* policial chamada *Linha de Combate*¹²⁴, vídeos de páginas oficiais de programas jornalísticos e/ou emissoras, como *RedeTV*¹²⁵ (emissora) e *Brasil Urgente*¹²⁶ (Rede Bandeirantes, 1997-). Um outro tipo de vídeo que aparece na lateral direita da página são cortes de *livestreams* nos quais o *streamer* assiste um desses programas policiais chamado *Operação Fronteira Brasil* (dir. Rodrigo Astiz, 2022-). A partir da construção dos tipos ideais de conteúdos, delinee os *ecossistemas de conteúdo* e como o *Papa Mike SC* se aproximava ou integrava esses ecossistemas a partir de proximidades estéticas e políticas.

O primeiro desses tipos são os fãs de polícia¹²⁷. Em comentários do episódio 01x09 podemos observar algumas subcategorias desses comentadores, como “fãs de PM em geral” que comentam “Sou um *fã número um da PM em geral*, mas em especial a Santa Catarina. Forte abraço” e o “entusiasta da vida militar e da força policial”:

Saudações de Manaus - Amazonas, sou mineiro, *entusiasta da vida militar* e da força policial, tenho profundos e imensuráveis respeito e admiração pelos

¹²⁴ Canal de YouTube do *Linha de Combate* disponível em: <https://www.youtube.com/@LinhadeCombate>.

¹²⁵ Canal de YouTube da *RedeTV* disponível em: <https://www.youtube.com/@redetv>.

¹²⁶ Canal de YouTube do *Brasil Urgente* disponível em: <https://www.youtube.com/@BrasilUrgente>.

¹²⁷ Aponto para o paralelo que o PMSC Oficial como mídia tem com o resto das mídias que a antecede em relação a construção de ídolos e fãs. O cinema como mercado e o filme como mercadoria desenvolveram o “*star system*” [“sistema de estrelas”], por meio do qual novos filmes eram vendidos a partir da imagem de uma atriz específica, a qual nutria uma horda de fãs (Bernardet, 1986). Por mais de um século esse funcionamento de mercado cultivou uma cultura de grupos de fãs, os *fandoms*, que defendem seus ídolos a todo custo.

guerreiros de farda, Deus Os Abençoe e parabéns pela conteúdo de qualidade, informativo e divertido, contem com meu apoio sempre!

Esses fãs comentam sobre uma grande variedade de assuntos, desde elogios gerais à PMSC e aos vídeos, até comentários propondo ideias sobre como a ação e/ou investigação deveria estar sendo feita. Eles tratam das fardas, das armas, das viaturas, das tecnologias em geral, das posturas, dos resultados e muitas vezes são também policiais ou militares em atividade ou aposentados. Outro público são aqueles que tomam o *Papa Mike SC* como um programa jornalístico que traz informações sobre a segurança pública no estado de Santa Catarina. Esse segundo grupo é geralmente composto por pessoas que informam serem de Santa Catarina e que agradecem não apenas pela “proteção”, mas também pela informação, como vemos no comentário: “sou de floripa, por favor posta mais, é um ótimo meio para alertar nós moradores, ótimo trabalho da polícia, verdadeiros heróis.”

Enquanto para os fãs de polícia são recomendados outros programas policiais e vídeos de ação policial de agentes de diversas partes do Brasil e até de outros países, os quais reiteram a ideia de que a realidade policial é ação e perigo, para aqueles que buscam informações sobre a segurança pública são sugeridos vídeos de programas jornalísticos de grandes emissoras nacionais ou locais. Dentre esses tipos de ideias há intersecções, de forma que muitos desses vídeos de ação possuem narrações nas quais policiais falam sobre suas ideias sobre qual seria o estado da segurança pública e muitas das reportagens dos programas jornalísticos tem cenas de ação. A proximidade do *Papa Mike SC* com esses conteúdos jornalísticos confere uma camada a mais para o acionamento e eficácia do *dispositivo de realidade*, pois atrelada a impressão de realidade do audiovisual e a autoridade policial está a autoridade narrativa jornalística, assimilada amplamente como uma fonte neutra e confiável (Rifiotis, 1999; Silva, 2010; Dalmonte, 2011).

O terceiro tipo ideal de comentador se relaciona com uma gama maior de conteúdos sugeridos. Esses comentadores parecem ser homens jovens e meninos. Para além dos conteúdos de notícia e policiais em geral, aparecem conteúdos de *react* [reações] e vídeos com maior produção de adolescentes/jovens homens bastante centrados em dinâmicas cisheteronormativas (Nascimento, 2021) de “interesses masculinos” e a dicotomia da “guerra dos sexos”/binaridade de gênero. São vídeos com títulos como “15 MULHERES vs _____ e _____” e “ESTOURE O BALÃO OU ENCONTRE SEU AMOR!” de um canal chamado *PEIXE*¹²⁸, que parece focar em vídeos com maior produção e focados em conteúdos

¹²⁸ Canal de YouTube do PEIXE disponível em: <https://www.youtube.com/@Peixe>.

generificados e; títulos de *reacts* como “O Streamer que foi Pego pela Yakuza” e “_____ REAGINDO AO XRACING QUEDAS DE MOTO”. O que demonstra a análise é que os conteúdos policiais estão inseridos em dois grandes *ecossistemas de conteúdos* – ou bolhas –, uma voltada a notícias, sensacionalismo e grandes redes comunicação que atraem públicos mais velhos e mais variados, especialmente em questão de gênero, e um segundo voltado para homens jovens, uma rede de conteúdos “masculinos” que envolvem relacionamentos heterossexuais, violência e *video games*. Nesses conteúdos vemos a reiteração da masculinidade hegemônica também identificada nos vídeos e, concomitantemente, o uso de uma estética de *videogames* que se aproxima do *Papa Mike SC*.

No segmento 4 do episódio 01x05, uma guarnição invade um apartamento e prende um grupo de homens por porte ilegal de armas e drogas. A prisão é feita enquanto os *masculinos* jogavam o videogame *Grand Theft Auto V* (*GTA V*) (2013) na televisão da sala (**Figura 18**). Esse acontecimento faz com que muitos comentadores falem sobre o jogo e tracem paralelos com o conteúdo da série, de forma a explicitar como o canal PMSC Oficial e a websérie *Papa Mike* situam-se, no *YouTube*, dentro de um *ecossistema de conteúdos* que os aproxima de *gameplays* de jogos de tiro *FPS* e de ação em geral, incluindo a franquia de jogos *GTA*. Grande parte do público da série está familiarizado com a franquia de jogos e encontra comicidade no fato dos suspeitos estarem jogando antes de serem presos. Alguns comentadores apontam que a cena que aparece na televisão indica que o personagem do jogo estava na frente da cadeia, o que tornaria irônico o fato dos jogadores estarem sendo presos. Já outros se divertem com a similaridade entre o jogo e o vídeo que eles assistem, chamando o episódio do *Papa Mike SC* de “GTA da vida real”. Eles se divertem misturando a linguagem dos fãs de conteúdo policial (“steve”, “padrão”) com linguagens do mundo dos *videogames* (“game over” [“fim do jogo”]) e do jogo *GTA* (“busted” [“preso”], “cinco estrelas”)¹²⁹.

¹²⁹ A presença do jogo também incita nos comentadores um debate que se prolonga no mundo político há décadas sobre qual seria o papel de jogos de videogame violentos na incitação à violência em jovens. Alguns comentários reproduzem os discursos conservadores dos anos 80/90 que culpam os videogames pelo aumento dos índices de violência, outros rebatem essa ideia em comentários que separam o gosto pelo jogo e o crime de posse de arma de fogo e drogas como coisas não relacionadas e um terceiro grupo apresenta uma lógica perplexante reclamando: “Tomara q os esquerdistas não venham com mimimi por causa do GTA. [...]”, mesmo que a perseguição a jogos e outras mídias violentas sejam uma bandeira política da direita, como no caso da culpabilização de jogos de tiro pelos casos de massacres em escolas nos EUA na década de 2010 (Romano, 2019) e da franquia de jogos *Mortal Kombat* pelos aumento geral da “violência urbana” na década de 1990 (Hsu, 2018).

Figura 18 - *Duplicidade da estética de videogame em uma cena em que o policial-câmera filma uma televisão com o jogo GTA V (2013) rodando, como mostrado no episódio 01x05 “PAPA MIKE SANTA CATARINA | GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA | 10º BATALHÃO #05” da websérie Papa Mike SC (2019)*



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 01x05 da websérie *Papa Mike SC* (2019).

Por fim, dentre esses comentaristas e conteúdos, os quais produzem intertextualidade e contexto para a efetivação do *dispositivo de realidade*, destaco três temas centrais compartilhados pelos mais diversos comentadores: relações parassociais com os policiais, o desejo de se tornar policial e o punitivismo e a matabilidade como saídas para todos os problemas da segurança pública. No que se refere às relações parassociais, volto para o linguajar próprio dos agentes da PMSC que é reproduzido também pelos fãs, como nos casos em que eles se referem aos policiais militares que aparecem nos vídeos como “senhores”. Parece haver uma forma de respeito e hierarquia, de forma que os “fãs de PM” parecem estar inseridos dentro da estrutura hierárquica militar, como uma base de pessoas que são moralmente superiores ao resto da população, mas não no nível dos militares. Essa hierarquia e posicionalidade dentro da mesma fica evidente quando os comentadores dividem a mesma linguagem interna dos PMs (alfabeto fonético militar, código Q, “steve”, “bingo”, “padrão”, etc.) e pelos comentários de intenção de ingresso.

Compreendo que nos vídeos existem dois tipos diferentes de intenção de ingresso, um no qual as pessoas (geralmente crianças) indicam desejar ser policiais como um sonho distante, e outro no qual pessoas parecem estar dentro da trajetória de formação para ingresso

na polícia. Este segundo tipo fica explícito em comentários como: “Chegar do curso preparatório e assistir a um vídeo destes da mais ânimo ainda pra continuar estudando. #vemedital haha” e “Parabéns a PM, espero esse ano fazer parte da corporação. Estou estudando todos os dias”, além de menções gerais ao “concurso” ou ao “edital”. Entrar na PM seria a forma de escalar a hierarquia militar, deixar de ser apenas “fã” (ou aspirante) e se tornar um dos agentes, possivelmente um dos agentes em tela. Há de se discutir, então, a diferença entre a PMSC (e em geral a “polícia” como uma abstração) como uma instituição de segurança pública e o CCS/PMSC que tem trabalhado na criação de uma polícia como produtores de conteúdo.

A polícia como agentes de segurança pública, por si só, pode gerar interesse nas pessoas em se tornarem policiais, como vemos no comentário: “Minha família toda era policiais, meu avô, irmão e meu pai! Vou ser também! Força e Honra!”. Todavia, quando pensamos na polícia como uma instituição representada nas mídias e, a partir de *reality shows* como *Cops* (1989-) e *Polícia 24h* (2010-) e das redes sociais, a relação entre corporação e o resto da população pode se tornar uma relação parassocial entre criador de conteúdo/celebridade e público. Em entrevista para o Jornal da USP, a psicóloga brasileira Leila Tardivo (Galvao, 2023) explica que a criação de relações parassociais de apego e carinho se dá desde muito tempo, tendo, no passado, se dado a partir dos filmes, jornais, livros, rádio, etc. Atualmente o fenômeno tem se intensificado por conta das redes sociais, as quais produzem uma sensação de maior acessibilidade do público para com o “ídolo”. Da mesma forma que a combinação do audiovisual com a autoridade policial reproduzem impressões do que é real mais convincentes, elas também atualizam as relações de respeito e parassocialidade entre os cidadãos e as instituições policiais.

Um outro aspecto que parece influenciar esse desejo explicitado de se tornar policial é a dualidade da imagem geral do policial como agente moral/profissão de honra e a possibilidade de exercer poder/força como posição de autoridade, possibilidade essa que o espectador experencia por meio da perspectiva *POV* ou *FPS* da câmera corporal dos policiais. De qualquer forma, o que é inegável é que há essa ligação entre gostar do que é feito e querer fazer também, especialmente o trabalho de politicamente ostensivo nas ruas, já que demais trabalhos não aparecem nos vídeos ou não são de interesse do público, como os demais trabalhos burocráticos – uma questão de *status* dentro da divisão do trabalho policial (Medeiros, 2016; 2018). Esses sentimentos aparecem em comentários que reforçam o lugar do policial como herói, a gratidão da população (demonstração de respeito) e o desejo de

ingresso, como em: “Tenho 20 anos, e estou estudando para ser Policial, admiro muito esses guerreiros, todo dia dando a vida pela população, mesmo que muitos não gostem, Pm é top de mais”; “Mto melhor doq Netflix pow, parece aqueles filmes de ação soq mto mais melhorKKKKKK” e ;.

“[...] Temos q apoiar e estar do lado da pm afinal são eles que são nossa defesa nossa barreira e estão de linha de frente entre o cidadão de bem e os foras das leis. São eles que colocam as mãos nas piores nojeiras para defender nossos cidadãos de bem, e muitas das vezes não são respeitados e valorizados devidamente como deve ser . Mais uma vez parabéns Pm SC.”

“Pena que o tráfico migra ! Parabéns pelos resultados nas incursões! Com certeza as pessoas de bem e os vizinhos agradecem muito , pois não tem coisa pior do que uma biqueira próxima do lar !!! Parabéns PM !”

“Se Deus quiser algum dia eu estarei fardado e servindo ao povo de bem... admiro muito o trabalho da Polícia Militar e da Rocam de SC! [...]”

Como é observável em afirmações como “são eles que colocam as mãos nas piores nojeiras para defender nossos cidadãos de bem” e “não tem coisa pior do que uma biqueira próxima do lar”, os polos morais são reforçados e, a partir da classificação do “crime” e dos “criminosos” como as “piores nojeiras” e como algo que “não tem coisa pior”, retorno às discussões do terceiro capítulo sobre a construção dos *bandidos* como indivíduos matáveis. Essa construção representacional e moral fica evidente na seção de comentários do episódio 01x06, na qual os comentadores parecem ignorar a maioria dos segmentos e falam apenas da prisão feita de um indivíduo com uma tornozeleira eletrônica. Ninguém escreve sobre o uso de um helicóptero em ação e pouquíssimo foi dito sobre a resolução de conflito não violenta entre um denunciante argentino e seu locatário. Sobre o caso do homem preso pela violação da tornozeleira, os comentários mostram desconfiança para com o acusado, repudiam uma moradora que o defende ao chamá-lo de “bom” e chegam a expressar sentimentos de raiva contra a presença da cena a moradora: “Menino bonzinho poha krl o cara ta de tornozeleira bonzinho ele n é se fosse uma pessoa de bem n teria isso na perna”.

A percepção de “pessoa que já foi presa” como moralmente ruim e o racismo antinegro (Vargas, 2020) que age na criação da imagem do homem negro como “perigoso”, “bandido” e “monstro” e, logo, um corpo matável, parecem ser as moralidades dominantes na percepção dos espectadores. A defesa de uma maior punição dos criminosos por meio da morte se relaciona ao uso dos jargões políticos bolsonaristas e menções do governo do então presidente que assumira o poder a pouco tempo, como mencionado acima e tal qual vemos no comentário: “Agora vai ficar melhor para a polícia trabalhar com Bolsonaro no comando já

melhorou muito...falta cancelar mais uns CPF daí vai ficar bem melhor FORÇA E HONRA”. Este comentário também se alinha com máximas bolsonaristas, defendendo uma maior letalidade policial na afirmação “falta cancelar mais uns CPF”, que funciona como eufemismo para “matar”, espelhando o *slogan* “bandido bom é bandido morto”, repetido pelo ex-presidente e seus apoiadores.

Desta forma, o *dispositivo de realidade*, como empregado pela produção da *websérie Papa Mike SC*, parece reiterar os argumentos *copagandísticos* de defesa das instituições policiais, localizar as narrativas da sujeição criminal como uma política de imagem da matabilidade como forma de governo também no contexto catarinense e atualizar os discursos de uma superioridade e *excepcionalismo catarinense* através do poder do audiovisual e da autoridade policial que são contextualizados por meio de um público formado majoritariamente por espectadores-modelo alinhados com uma direita em ascensão no Brasil e cujos valores e políticas são reforçados pela reprodução das ideias nas seções de comentários e por meio dos vídeos sugeridos pelo algoritmo na intersecção entre os *ecossistemas de conteúdo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem imóvel da fotografia – fragmento retido no tempo – provoca outro tipo de envolvimento. Ela nos ilude com a sensação de poder interromper o fluxo do tempo, possibilita o prazer voyeurístico de devassar o passado numa imagem parada, disponível e eterna. Ela nos ilude com uma verossimilhança capaz de confundir a imagem com a coisa fotografada. É impossível separar a fotografia do tema fotografado, mas ela não é o tema, é apenas o vestígio deixado por ele no momento mágico do *clic*. (Kubrusly, 1991, p. 28, grifos do autor)

O que vemos no seriado analisado neste trabalho não é, em si, o universo policial, mas sim fragmentos dele congelados no tempo, são narrativas, imagens e representações. Ainda no ano de 2019, durante o segundo semestre, no *YouTube*, foi ao ar a segunda temporada da *websérie Papa Mike SC*, a qual contava com um *trailer*, quinze episódios inéditos e um compilado de melhores momentos. Junto da nova temporada veio também um novo logo e nova vinheta para os episódios, a qual dizia: “*Papa Mike SC 2*”. O último episódio da série (02x16) foi publicado no canal PMSC Oficial em 19 de dezembro de 2019 e, desde então, em todos os vídeos da série, é possível encontrar comentários que lamentam o suposto cancelamento do programa. Os comentaristas enlutados pela perda de seu *reality show* expressam suas frustrações: “Pq acabou os vídeos de vcs ???”; “Esse canal era tão bom, que pena que deixaram de postar vídeos assim.”; “Postem mais videos senhores, esse canal é muito bom. PMSC gloriosa.” e; “Voltem a postar vídeo [emoji de rosto triste]”.

Outros comentários parecem enfatizar que as cenas mostradas na série são a realidade e cotidiano da PMSC não apenas naquele ano, mas sempre, como se os vídeos criassem uma forma de tempo congelado, uma representação coletiva estática. Na Antropologia e na escrita etnográfica, a construção de um tempo congelado é chamada de “presente etnográfico” (Toledo, 2019), mas um problema semelhante também é tema do campo do audiovisual. O problema da perpetuação de um “presente imagético” – ideia que entendo como paralela ao “presente etnográfico” – fica explícito quando um grupo específico representado é conhecido por apenas um filme, seriado, novela ou mesmo fotografia (Malaquias; Silva; Klinkerfus, 2024)¹³⁰. A ideia de uma polícia que não muda se atrela a problemas policiais que persistem e

¹³⁰ Um exemplo dos perigos de um presente imagético é o da *cena ballroom*, a qual surgiu a partir de comunidades LGBTQIA+, negras, latinas e empobrecidas em bairros periféricos de Nova Iorque, nos EUA, na década de 1960 e se tornou conhecida internacionalmente a partir do documentário estadunidense *Paris em Chamas* (*Paris is Burning*, dir. Jennie Livingston, 1990). Ao longo da década de 1990 – e de certo modo até os tempos atuais – a cultura ballroom era vista como aquela representação de uma parcela específica da cena,

são vistos por muitos dos comentadores dos vídeos como questões que precisam ser sempre melhoradas. O comentário “Que governador heim! Isso é tipo de vtr [viatura] para os policiais trabalharem?”, publicado 3 anos após o lançamento do vídeo, demonstra que há um problema nas condições de trabalho e culpa a figura abstrata do “governador”. Pela data de publicação do comentário, o governador em questão poderia ser tanto Carlos Moisés, como Daniela Reinehr, todavia o vídeo foi possivelmente gravado no começo de 2019, nos primeiros meses do governo de Moisés, e as viaturas seriam um resultado do governo anterior, já que o governo de Moisés e Reinehr foi o responsável pelo maior investimento na segurança pública da história do estado até então.

Os problemas que a PMSC aparenta ter em fragmentos específicos de sua atuação em 2019 se tornam problemas constantes, perpétuos, que precisam ser constantemente resolvidos, como a compra de melhores viaturas, melhores armas e o aumento salarial. Já o perigo representado – ou criado – nas cenas dos vídeos é também percebido pelo público como constante e, frente a este cenário, leva os espectadores a legitimar, defender e pedir por ações mais agressivas, brutais e até letais contra a “criminalidade” e os *bandidos*. Percebemos estas respostas emocionais e desejos por punições mais severas em comentários como: “Que adrenalina meu Deus eu fico rezando para Deus proteger os policiais e torcendo para que eles pegaram os bandidos que põe a vida dos o policiais em risco”, no qual a adrenalina é percebida como a condição constante do trabalho policial. O sucesso da *websérie Papa Mike SC*, o fato de ser o maior ponto de referência da ação policial no estado de Santa Catarina e a defesa de que o que aparece em tela é a “realidade” perpetuam a ideia de que aquelas cenas representam o cotidiano de todos os policiais militares do estado. Já o fato de a série ter apenas duas temporadas, ambas lançadas em 2019, perpetua a ideia de que a PMSC é e continua sendo a exata mesma polícia militar representada naquele ano em termos de forma de atuação, perigos da profissão e tecnologias disponíveis.

O ano do *Papa Mike SC* foi também o ano da inserção das câmeras policiais individuais ao cotidiano dos agentes da corporação, além de muitas outras mudanças e investimentos no campo da segurança pública. No momento da escrita deste trabalho, entre o final de 2024 e começo de 2025, o uso deste equipamento de produção audiovisual como um

perpetuamente no fim da década de 1980 e simplificada para caber naqueles 71 minutos de duração do documentário. Tal simplificação possibilitou que práticas e discursos da cena fossem comercializados e apropriados por grupos dominantes, especificamente as elites brancas (hooks, 2019). Para além de ser apropriado para os interesses políticos e econômicos de grupos dominantes, o documentário acabou tornando-se também uma espécie de “mito fundador” da comunidade ballroom e é a realidade apresentada nele é muitas vezes reproduzida como a forma legítima de construir a cena em contextos atuais (Malaquias; Silva; Klinkerfus, 2024).

dispositivo de segurança parece chegar ao fim e o campo de discussões ao redor dele está efervorante com opiniões muito distintas dos múltiplos lados. A PMSC indica que o encerramento do uso das câmeras se dá por problemas de manutenção do equipamento e resultados negativos na “proteção” da população (Passamai, 2024), enquanto algumas vezes políticas progressistas criticavam essa atitude da corporação por acreditarem ser um passo para uma maior insegurança da população e impunidade de agentes da polícia militar que agora agiriam de forma violenta com maior frequência. Em meio a isso uma outra perspectiva começou a ganhar destaque, a qual indicava que a presença ou ausência das câmeras parecia ser irrelevante para a discussão sobre a ação violenta das forças policiais em Santa Catarina. Em um balanço geral da relação entre a introdução das câmeras policiais individuais e a taxa de letalidade policial em Santa Catarina, a jornalista brasileira Gabriele Oliveira (2024) indica que o programa não atendeu os parâmetros de transparência sobre a produção de evidências audiovisuais e a corporação também não veio a público comunicar sobre a questão da violência policial. Segundo a jornalista, em sua matéria para o jornal “Desterro: observatório de violência”,

O acionamento das câmeras corporais ocorria de maneira automática quando a guarnição iniciava seu deslocamento até o local da ocorrência, recebida pelo 190, gravando, assim, toda a ação. No entanto, a maior parte dos supostos conflitos que vitimam jovens ocorrem nos chamados “patrulhamentos de rotina”, incursões feitas cotidianamente pela Polícia Militar nas comunidades, sem a existência de um chamado específico.

[...] Não por acaso, o equipamento fiscalizador se mostrava inútil quando precisa ser usado para provar que não houve abuso de poder nas alegadas ações decorrentes de legítima defesa, pois seu funcionamento estava atrelado a uma escolha de cada policial. Mesmo quando o acionamento das câmeras ocorria automaticamente, elas podiam ser desativadas, pois possuíam um botão de liga/desliga que mantinha o poder na mão do agente. (Oliveira, 2024, online)

A série acabou em 2019 e o programa de uso das câmeras foi descontinuado em 2024, enquanto o presente trabalho era produzido, ambos os tópicos empíricos que guiaram a presente pesquisa. Um frio terror tomou conta da autora que começou a se questionar o que sobraria da pesquisa com o fim dos projetos importantes sobre os quais havia me debruçado por dois anos e que acabaram antes mesmo da publicação. Para a produção destas considerações finais, então, foi preciso questionar: o que sobra das reflexões? Ao final do *Papa Mike SC* e, possivelmente, das câmeras policiais individuais no estado – tópico ainda quente na esfera pública –, o que é possível tomarmos como concluir?

No primeiro capítulo introduzi o enquadramento do que pode ser uma pesquisa etnográfica feita com documentos estatais de caráter comunicacional em formato audiovisual veiculados e arquivados em plataformas digitais; isto é, discuti o que pode ser etnografar o canal de *YouTube* da PMSC. A partir de um aporte metodológico preocupado com o fenômeno da *websérie Papa Mike SC* como um todo, explicito como a pesquisa envolveu o estudo da história da PMSC, do canal PMSC Oficial, dos vídeos da série e dos conteúdos extra-vídeo como comentários e *thumbnails*. Ao concluir que etnografias documentais, audiovisuais e digitais podem ser chamadas apenas de etnografia, busquei abrir diálogos para o desenvolvimento de pesquisas dentro dessas diversas formas de construir interlocuções e estudar o íntimo, o micro e os detalhes de diferentes aspectos do *continuum on e offline*.

No segundo capítulo apresentei o histórico de produções do canal PMSC Oficial desde sua criação, em 2012, até o final do ano de 2023 e descrevi etnograficamente o conteúdo da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC*. Tracei distinções entre as diferentes formas que os vídeos representam a Grande Florianópolis, metrópoles regionais do estado, cidades pequenas e o caso de exceção que é o município de Jaraguá do Sul, o qual é apresentado como “a cidade mais segura do Brasil”. Dentre as diferentes cidades aponto para o argumento principal da segregação espacial que é reiterado constantemente pelos policiais militares ao categorizar as cidades como possuindo regiões seguras de *cidadãos de bem*, regiões turísticas ou de comércio a serem protegidas e regiões perigosas *do tráfico* a serem patrulhadas.

Além de representações das cidades, a série traz autorrepresentações dos diferentes BPMs, grupamentos e divisões da PMSC e dos diferentes trabalhos exercidos pela corporação. Por meio do canal, nós conhecemos os BPMs de muitas cidades, como o 1º BPM de Itajaí e o 22º BPM de Florianópolis; as ações do Tático; as perspectivas dos agentes em motocicletas da ROCAM; a atmosfera intensa do trabalho do Choque e do GTAM; a paciência e o cuidado no trabalho das Centrais de Emergência; a importância particular da assistência da COPOM; a prática preventiva do PROERD e; as relações humano-animal presentes na realização de operações com *cachorros policiais* do K9 e com *cavalos policiais* da Cavalaria da PMSC. Em meio aos muitos trabalhos realizados pela PMSC, a *websérie* dá ênfase aos casos de ação policial, os quais se tornam os mais populares do canal e que mais geram engajamento, ao passo que, dentre a multiplicidade de trabalhos realizados pela PMSC, é omitido todo o trabalho burocrático e o cotidiano de “calma” e “tédio”, como foi identificado no trabalho etnográfico de Rafael de Medeiros Knabben (2018).

No terceiro capítulo me debrucei sobre esses vídeos de ação policial, chamados de “melhores ocorrências” e compilados no episódio 01x17 da série. Para compreender a estrutura desses vídeos que mais fazem sucesso e o seu apelo para com o público, recorro a elaboração de uma genealogia das narrativas policiais modernas que parte dos relatos em jornais e dos romances policiais ingleses do século XIX, se tornam produtos audiovisuais a partir do advento do cinema na primeira metade do século XX, ganham aspectos de propaganda pró-polícia com o surgimento dos seriados de televisão *copagandísticos* na década de 1950, passam a focar casos de ação com *reality shows* policiais como *Cops* (1989-) e *Polícia 24h* (2010-) e, por fim, resultam na produção de conteúdo para internet feita pelos próprios policiais, como é o caso da *websérie Papa Mike SC*. As transformações da narrativa policial moderna concederam às produções atuais a estrutura procedimental e episódica focada em casos individuais, a adaptação para audiovisual, o caráter propagandístico e a estética de ação. Além disso, essas histórias se baseiam no princípio da construção do criminoso como a personificação do problema social do crime e da “violência urbana”.

Argumentei – a partir de um aporte teórico que dialoga com os conceitos de representação social em Émile Durkheim (1989), política de imagem em Hans Belting (2006), etopolítica em Nikolas Rose (2001), sujeição criminal em Michel Misse (2010b) e de minha própria aplicação do conceito de *copaganda* – que essa estrutura procedimental focada no combate ao crime por meio da eliminação de criminosos é a base narrativa para a aplicação da sujeição criminal como uma política de imagem que produz uma representação social de determinados sujeitos, populações e territórios como *do crime* e, portanto, menos humanos e matáveis; ao passo que a *copaganda* gera uma representação social da polícia como ente moralmente superior capaz e responsável por determinar quem são esses grupos inferiores e agir sob sua existência. A revisão bibliográfica e a análise etnográfica indicaram que a dupla política de imagem da *copaganda* e da sujeição criminal parecem servir de suporte para a matabilidade como forma de governo que afeta desproporcionalmente populações pobres, negras e faveladas (Medeiros, 2023).

No quarto capítulo me preoquei com a efetividade e adesão desses argumentos políticos, isto é, com como eles convencem os públicos e são reproduzidos por estes como a “realidade”. A partir do conceito de Michel Foucault (2008) de dispositivo, da qualidade de impressão de realidade do audiovisual e da autoridade policial que a concede um discurso de autoridade, proponho o conceito de *dispositivo de realidade* como forma de explicar como os materiais meticulosamente selecionados, cortados e editados presentes na *websérie Papa Mike*

SC são compreendidos como a “realidade” e o “cotidiano” da PMSC. Argumento que a utilização de câmeras atreladas aos corpos de policiais – sejam elas artefatos do CCS/PMSC para produção de conteúdo ou câmeras policiais individuais para a produção de evidências – criam o agente ciborgue *policial-câmera* que é capaz de acionar o *dispositivo de realidade* por conta da junção da criação de imagem com a autoridade do discurso policial.

Argumentei que o *dispositivo de realidade*, tal qual acionado na produção da *websérie Papa Mike SC*, para além de reiterar os argumentos da *copaganda* e da sujeição criminal, também (re)produz (auto)representações da PMSC como uma instituição policial ideal e do estado de Santa Catarina como um estado superior ao restante do Brasil. Esses argumentos da *excepcionalismo catarinense* são amparados por uma teia de contextos (sociais, históricos, políticos) e intertextualidades (com outras mídias, canais, vídeos) que se tornaram explícitos a partir da análise da história da PMSC e dos elementos extra-vídeo presentes na *websérie*, principalmente os comentários e os *ecossistemas de conteúdo*. Os conteúdos do canal e da série acionam o *dispositivo de realidade* como forma de legitimar seus argumentos políticos intrínsecos à produção audiovisual, os comentários dos espectadores-modelo reiteram essas ideias e o algoritmo da plataforma parece guiar esses públicos para mais conteúdos que concordam com essas sensibilidades *copagandísticas* e punitivistas.

O argumento tese deste trabalho é que a matabilidade como forma de governo – como conceituado por Flavia Medeiros (2023) – depende não apenas de políticas de extermínio e controle populacional contra as populações marginalizadas, mas também de políticas de imagem (Belting, 2006) que reforcem a ideia de que certas populações são “matáveis” (Medeiros; Hattori, 2020; Klinkerfus, 2021) – como a antropóloga tem evidenciado ser feito com populações pobres por meio de propagandas de caráter aporofóbico em Florianópolis (Medeiros, 2023) –, especialmente políticas racistas antinegras (Alves, 2019; Vargas, 2020), as quais agem como etopolíticas (Rose, 2001; 2017), isto é, políticas populacionais que tem como objetivo o controle da subjetividade e dos valores morais do povo baseadas no medo e na abjeção. Sendo assim, produtos midiáticos de entretenimento produzidos pelo Estado – neste caso, pelo CCS/PMSC – agem na construção de imagens de diferentes populações e no controle subjetivo de parcelas das mesmas a partir de formas de governo e de objetivos políticos de grupos dominantes. Argumento que a *websérie Papa Mike SC*, por meio da tradição das narrativas policiais modernas, das câmeras corporais como dispositivos de produção audiovisual, do contexto da rede social *YouTube* e da tradição de políticas de imagem que idealizam Santa Catarina como o “estado branco” (Leite, 1991; Alencar, 2019),

aciona o *dispositivo de realidade* e funciona como propaganda política pró-polícia (*copaganda*), como reiteration de valores supremacistas brancos catarinenses e como política de imagem da matabilidade como forma de governo.

Encerro a escrita deste trabalho agradecendo a companhia da leitora que me acompanhou até este momento e empresto da própria *websérie Papa Mike SC*, a qual encerra todos os seus segmentos e episódios com uma vinheta. Na segunda temporada da série a vinheta ganha uma cor azul escura, o fundo de cidade ganha mais explosões e a música é mais intensa (**Figura 19**). Ao encerrar cada episódio com uma vinheta, da mesma forma com a qual começam os episódios, a série parece indicar que as ocorrências não acabarão e que sempre haverá razões para um próximo episódio. Deixo em aberto muitos dos questionamentos trazidos ao longo da pesquisa e da escrita na expectativa de que o debate tenha prosseguimento, tanto no âmbito acadêmico, como nos âmbitos social e político. Encerro esta escrita com uma “vinheta”. Compreendo que esta dissertação, como uma apropriada obra antropológica, mais abre questões e dúvidas do que as responde, e a conclusão da leitura pode ser um tanto frustrante, como a experiência de assistir um filme ou episódio de série que termina com “continua...”

Figura 19 - Logo da websérie Papa Mike SC (2019) na vinheta da segunda temporada



Fonte: captura de tela feita pela autora do episódio 02x01 da *websérie Papa Mike SC* (2019).

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018. Tradução de Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego e Leandro Durazzo. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615/12025>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: Emotion, discourse and the politics of everyday life. In: LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (org.). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 1-23.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. **Outra Travessia**, Ilha de Santa Catarina, v. 5, n. 2, p. 9-16, 2005.
- ALENCAR, Alexandra. Cidadão Invisível e o direito à cidade negada. In: RAPOSO, Paulo; RENCK, Allende; HEAD, Scott (Org.). **Cidades rebeldes**: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019, p. 183- 193.
- ALVES, Jaime Amparo. Topografias da violência: necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, São Paulo, v. 22, p. 108-134, 2011.
- ALVES, Jaime Amparo. “Esa paz blanca, esa paz de muerte”: peacetime, wartime, and black impossible chronos in postconflict colombia. **The Journal Of Latin American And Caribbean Anthropology**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 653-671, ago. 2019.
- ALVES, Jaime Amparo. Biópolis, necrópolis, ‘blackpolis’: notas para un nuevo léxico político en los análisis socio-espaciales del racismo. **Geopauta**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 5-33, 30 abr. 2020.
- ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, p. 211-239, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2023.
- ANG, Desmond. The Birth of a Nation: Media and Racial Hate. **HKS Faculty Research Working Paper Series**, v. 20, p. 1-88, 2022. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/publications/birth-nation-media-and-racial-hate>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- ASAD, Talal. Where are the margins of the state?. In: DAS, Veena; POOLE, Deborah (Org.). **Anthropology in the margins of the state**: comparative ethnographies. Santa Fe: School of American Research Press, 2004. Cap. 11. p. 279-288.
- ASAD, Talal. Pensar a agência e a dor. In: **Formações do secular**: Cristianismo, Islã, Modernidade. São Paulo: UNIFESP. 2021, p. 77-109.

- BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 9. ed., 3. reimp. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019, 315p.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 7ª ed., 2018, 112p.
- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character**: a photographic analysis. New York Academy of Sciences, 1942.
- BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. **Ghrebh**: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 32-60, jul. 2006.
- BENTO, Maria Aparecida. Pactos Narcísicos. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público Tese (Doutorado) - Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, Capítulo III, p. 51-59.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 8ª ed., 1986, 117p.
- BIONDI, Karina. Tecnologias de gestão do crime, da Escola de Chicago à São Paulo do século XXI. **Ponto Urbe**, online, v. 26, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/7866>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- BOAS, Franz. As limitações do método comparativo, 1896. In: **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 25-39.
- BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, cap. 1, p. 13-67.
- BRESOLIN, Felipe Treviso *et al.* Um pixo na parede já defende algum direito: Juventudes urbanas em movimento. **Pixo**: Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 3, n. 8, p. 36-46, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CALZADO, Mercedes. **Inseguros**: El rol de los medios y la respuesta política frente a la violencia de Blumberg a hoy. Buenos Aires: Aguilar, 2015.
- CALZADO, Mercedes; IRISARRI, Victoria. Antropología de los medios: entre los estudios de comunicación y los culturales. Pliegues, tensiones y desafíos. **Rev. Antropol.**, São Paulo, online, v. 65, n. 3, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/R9bmkYCMkDNshpXCJMDhtkf/>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- CAMARGO, Alexandre; MOTTA, Eugênia; MOURÃO, Victor Luiz. Números Emergentes: temporalidade, métrica e estética da pandemia de covid-19. **Mediações**, [s. l], v. 26, n. 2, p. 311-332, 2021. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/ba6ea136f645f2050493cc0890ee385f/1?pq-origsite=gsc_holar&cbl=2031972. Acesso em: 24 set. 2022.
- CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 34, n. 99, p. 209-224, ago. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.

CAPRIGLIONE, Laura. Os mecanismos midiáticos que livram a cara dos crimes das polícias militares no Brasil. In: KUCINSKI, B. *et al.* **Bala perdida**: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 55-60.

CARDOSO, Bruno; DESGRANGES, Nina. “Se tivesse filmado, tinha viralizado”: violência, tecnologias e sobrevivência em um motovlog. **Dilemas** - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 17, n. 3, 2024.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Existe violência sem agressão moral? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l], v. 23, n. 67, p. 135-146, 2008.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005.

CARRARA, Sérgio. **Crime e loucura**: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou os paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999. Tradução de Roberto Leal Ferreira.

CASTRO, Thiago Silva de. A origem nórdica do cearense e os efeitos da branquitude no estado do Ceará. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 12, n. 2, p. 569-595, maio - agosto. 2022. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1193/525>. Acesso em: 06 maio 2024.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 2. ed. Florianópolis: Livros e livros, 2020.

CESARINO, Leticia. Antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 19-50, jan./jun. 2014.

CESARINO, Leticia. Antropologia digital não é etnografia: Explicação cibernética e transdisciplinaridade. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 304-315, 24 ago. 2021a. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39872>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CESARINO, Leticia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021b.

CESARINO, Leticia. Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 82, p. 162-188, ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/y6qTbRS7TLsqnRFsFgfQfvD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2024.

CESARINO, Leticia; WALZ, Silvia; BALISTIERI, Tatiana. Etnografia da ou na internet? Desafios epistemológicos e éticos do método etnográfico na era da plataformação. In: SIQUEIRA, Isabel Rocha de; COSTA, Vitor de Souza. **Metodologia e relações**

internacionais: debates contemporâneos, Vol. IV. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2023, cap. 1, p. 17-46.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência:** pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado.** São Paulo: Ubu editora, 2017.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural.** São Paulo: Editora Brasiliense, 9ª ed., 1987, 112p.

COLEMAN, Robin R. Means. **Horror Noire:** a representação negra no cinema de terror. Rio de Janeiro: Darkside, 2019. Tradução de: Jim Anotsu.

COLLINS, Patricia H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 09-20, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZZZqDf3h5FwNbfCMQ66jPqF/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, v. 1, n. 1, p. 139–167, 1989.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.

CUPANI, Alberto. **Sobre a ciência:** estudos de filosofia da ciência. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2018.

DALMONTE, Edson Fernando. Narrativa Jornalística e Narrativas Sociais: Questões acerca da Representação da Realidade e Regimes de Visibilidade. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; MORAIS, Osvando J. de. (Org.). **Teorias da comunicação:** trajetórias investigativas. Porto Alegre: EdPUCRS, 2011. p. 215-232. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1802/1/Narrativa%20jornal%20c3%adstica%20e%20narrativas%20sociais.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. Anthropology in the margins of the state: comparative ethnographies. In: DAS, Veena; POOLE, Deborah (org.). **Anthropology in the margins of the state:** comparative ethnographies. Santa Fe: School of American Research Press, 2004. Cap. 1. p. 3-33. Disponível em: <https://seketmaaref.files.wordpress.com/2017/10/das-and-poole-the-state-and-its-margins-2004.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DEREN, Maya. Cinema: o uso criativo da realidade. **Devires**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 128-149, 2012.

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane. Movimento, câmera, percepção: não necessariamente o filme etnográfico sensorial. In: DOMÍNGUEZ, María Eugenia; MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Arte, som e etnografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021, p. 148-182.

DIAS, Diana Maciel. **Trabalho tem T de Trans?** Inserção e permanência de pessoas trans no mercado de trabalho. 2023. 124 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/254552/TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 dez. 2024.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. A monstruosidade da humilhação: uma etnografia entre mulheres agredidas com agentes químicos. **Anuário Antropológico**, n. 463, p. 187-206, 20 set. 2021.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. **Anuário Antropológico**, n. 463, p. 10-29, 20 set. 2021.

DOS ANJOS, Priscila Oliveira. **Entre o protocolo e o vivido**: experiências de mobilidade durante a pandemia do coronavírus em Florianópolis. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

DOYLE, Sir Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

DUARTE, Luiz Ricardo. **Projetos, corpos e mandatos**: um estudo sobre o mandato policial no curso de formação de soldados da Polícia Militar de Santa Catarina. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100491/310057.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. O leitor-modelo. In: **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986, cap. 3, p. 35-49.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2008.

EFREM FILHO, Roberto. À queima-roupa: rebaixamento, prazer e desejo em casos de violência policial contra travestis. **Anuário Antropológico**, [S.L.], n. 463, p. 30-48, 20 set. 2021.

EILBAUM, Lucía. **“O bairro fala”**: conflitos, moralidades e justiça no conurbano bonaerense. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2012. 448 p.

EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia. Quando existe ‘violência policial’?: Direitos, moralidades e ordem pública no Rio de Janeiro. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e

Controle Social, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 407-428, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7299>. Acesso em: 26 out. 2022.

EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia. “Onde está Juan?”: moralidades e sentidos de justiça na administração judicial de conflitos no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, v. 41, n. 1, p. 9-33, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/11276/aa-1530.pdf;jsessionid=8C552D95A03BC71E38FADF1C85967E50?sequence=1>. Acesso em: 26 out. 2022.

EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia. Entre rotinas, temporalidades e moralidades: a construção de processos de repercussão em dois casos etnográficos. In: KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia (Org.). **Casos de repercussão: perspectivas antropológicas sobre rotinas burocráticas e moralidades**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 15-42.

FACHINETTO, Rochele Fellini *et al.* Violência, Crime e Justiça Criminal: as linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores “pioneiros” (1970-2018). In: CAMPOS, Luiz Augusto; CHAGURI, Mariana; FLEURY, Lorena. **Ciências sociais hoje: sociologia**. São Paulo: Zeppelini Publishers, 2020, p. 258-295. Livro eletrônico. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/239739>. Acesso em: 24 set 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020.

FARIAS, Juliana. Quando a exceção vira regra: os favelados como população “matável” e sua luta por sobrevivência. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, n. 15, p. 138-171, jul./dez. 2008.

FASSIN, Didier. Introduction: towards a critical moral anthropology. In: **A companion to moral anthropology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 1-17.

FASSIN, Didier. Can States be Moral? Preface. In: FASSIN, Didier (Ed.). **At the Heart of the State: The Moral World of Institutions**. London: Pluto Press, 2014, p. viii-ix.

FERREIRA, Letícia e NADAI, Larissa. Introdução: Reflexões sobre burocracias e documentos. **CONFLUÊNCIAS. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**. v. 17, n. 3, p. 07-13, 2015.

FLORIANÓPOLIS. Câmara Municipal de Florianópolis. **Projeto de Lei n.º 18725/2023**. Inclui o Dia do Batman no anexo I da Lei n.º 10.482/2019. 2023. Florianópolis: Câmara Municipal de Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://www.cmf.sc.gov.br/tramitacoes/1/90729#:~:text=2%C2%BA%20O%20Dia%20do%20Batman,23%20de%20junho%20de%202023>. Acesso em: 02 out. 2023.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1 e 2, p. 39-53, 2008.

FONSECA, Claudia; CARDARELLO, Andrea. Direitos dos mais e menos humanos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 83-121, maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v5n10/0104-7183-ha-5-10-0083.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUND, Julien. A sociologia compreensiva. *In: Sociologia de Max Weber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Cap. 3. p. 67-99.

GARDIES, René (Org.). **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Negara**: o Estado teatro no século XIX. Lisboa: Memória e sociedade, 1991.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 3-21.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179. Tradução de Federico Carotti. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5493296/mod_resource/content/1/ginzburg-mitos-em-blemas-sinais1.pdf. Acesso em: 14 fev. 2024.

GOMES, Máira Marchi. **O lado negro do preto: o fardo da farda**: Narrativas de integrantes do BOPE-SC sobre mandato policial de grupos especiais de Polícia. 2010. 476 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GOMES, Marcella da Costa. **“Elementar, meu caro Watson”**: Sherlock Holmes e o paradigma indiciário. 28 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em História, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10952/1/PDF%20-%20Marcela%20da%20Costa%20Gomes.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 112p.

GONÇALVES, Marco Antonio. Sensorial thought: Cinema, perspective and Anthropology. **Vibrant**, v. 9, n. 2, p. 160-183, 2012.

GONZAGA, Yone Maria; COSTA JÚNIOR, Jair da. Capital racial e a perspectiva colonial no século XXI. **Revista M.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 240-264, 2020.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. *In: Caderno de formação política do Círculo Palmarino*. n. 1 Batalha de Ideias, 2011, p. 12-20. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 237-256.

GRAEBER, David. **Utopia of rules**: on technology, stupidity, and the secret joys of bureaucracy. Brooklyn; London: Melville House, 2015.

GREGORIO GIL, Carmen. Contribuciones feministas a problemas epistemológicos de la disciplina antropológica: representación y relaciones de poder. **AIBR**. Revista de Antropología Iberoamericana, Madrid, v. 1, n. 1, p. 22-39, 2006.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna J.; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.).

Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. . Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4945399/mod_resource/content/1/LIVRO%20Antropologia%20do%20Ciborgue.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 3, p. 927-948, set.- dez. 2020. Disponível em:

<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1017/pdf>.

Acesso em: 06 maio 2024.

HATTORI, Marcia Lika; VENDRAMI CARNEIRO, Eliana Faleiros . Políticas neoliberais: o desaparecimento de pessoas na burocracia dos cemitérios. **Revista M.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-216, 2020.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000. Disponível em:

<https://perpus.filsafat.ugm.ac.id/wp-content/uploads/sites/230/2017/11/Virtual-Ethnography-.pdf>. Acesso em: 09 ago 2023.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. O antropólogo-Cineasta e o Nativo-a(u)tor: As transformações de Oumarou Ganda e Petit Touré em *Eu, Um Negro*, De Jean Rouch. **Revista GIS – Gesto, Imagem e Som**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 56-81, 2020.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Catarina**.

2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/panorama>. Acesso em: 15 ago 2023.

INGOLD, Tim. Quatro objeções ao conceito de paisagem sonora. In: **Estar Vivo**: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 206-210.

KARAM, Maria Lucia. Violência, militarização e ‘guerra às drogas’. In: KUCINSKI, B. *et al.* **Bala perdida**: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 33-38.

KLINKERFUS, J. P. A monstruosidade de tudo que é negro: a antinegitude do cinema de horror às páginas dos jornais. **Ensaio**s, v. 18, p. 49-71, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/50197>. Acesso em 04 maio 2022.

KLINKERFUS, J. P. Um lugar à mesa: Um estudo sobre segurança pública, direitos humanos, violência e gênero dentro da ALESC. In: DEL SARTO, Sabrina; VASCONCELOS, Viviane (Org.). **Entre precariedades e estratégias de (re)existências**: imaginar é preciso. Recife: Editora Seriguela, 2022, p. 223-239.

KLINKERFUS, J. P. **“Injusta agressão” e outras formas de contar a morte**: Uma etnografia do portal de notícias da Polícia Militar de Santa Catarina. Ouro Preto, MG: Caravana Grupo Editorial, 2024.

KNABBEN, Rafael de Medeiros. **Interpelação e controle**: narrativas de policiais militares do oeste de Santa Catarina. 2018. 189 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193686/PASO0467-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2022.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 4ª ed., 1991, 110p.

KULAITIS, Fernando; AVER, Gabriel Pancera. As fronteiras do pertencimento étnico na pauta separatista do movimento “O Sul é o meu país”. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 25, p. 1-33, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XmNH7C7bgxMDdfmjWppPLXw/>. Acesso em: 24 dez. 2024.

KUSCHNIR, Karina. Antropologia e Política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 64, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/VpXXF58HsFyyWTyNBtVPbNx/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2023.

LACERDA, Paula. O Sofrer, o narrar e o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, p. 45-76, 2014.

LAIDLAW, James. Ethics/morality. In: STEIN, Felix (Ed.). **The Open Encyclopedia of Anthropology**. 2017, online. Disponível em: <http://doi.org/10.29164/17ethics>. Acesso em: 17 ago 2023.

LEIRNER, Piero de Camargo. Notas sobre a apropriação de uma etnografia: o caso da Polícia Militar de São Paulo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 279-286, 2006.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. **Textos e Debates**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 5-42, 1991.

LIMA, Roberto Kant de. **A Antropologia da academia**: quando os índios somos nós. Niterói: EDUFF, 1997.

LIMA, Roberto Kant de. Entre as leis e as normas: éticas corporativas e práticas profissionais na segurança pública e na justiça criminal. **Dilemas**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 549-580, 2013. Quadrimestral.

LIMA, Roberto Kant de. Direitos Cíveis, Estado de Direito e "cultura policial": a formação policial em questão. **Revista Campo Minado**, Niterói, n. 1, p. 95-113, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/campominado/article/view/48618/28501>. Acesso em: 13 dez. 2024.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia. Perspectivas antropológicas sobre documentos: diálogos etnográficos na trilha dos papéis policiais. In: FERREIRA, Leticia; LOWENKRON, Laura (Org.). **Etnografia de documentos**: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias. Rio de Janeiro: E-papers, 2020, p. 17-52.

MACDOUGALL, David. Significado e ser. *In*: BARBOSA, A. *et al* (Org.).

Imagem-Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos. São Paulo: Papirus Editora, 2009, p. 61-70.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Tradução de Jussara Simões.

MAFEJE, Archie. **The Theory and Ethnography of African Social Formations**: the case of the interlacustrine kingdoms. Londres: Codesria Book Series, 1991.

MAFEJE, Archie. A ideologia do tribalismo. **Revista Pontos de Interrogação**, v. 10, n. 02, p. 253-265, 2020. Edição especial. Tradução de Anderson Bastos Martins.

MAIA, Cauane Gabriel A. O morro feminino é negro: uma análise interseccional sobre vozes negras em Florianópolis-SC. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 16, p. 44-57, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1827>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MALAQUIAS, Greg Alexandre; SILVA, Ann de Bem; KLINKERFUS, J. P. A *cena ballroom* da Grande Florianópolis: Transgeneridade, categorizações locais e experiências dos treinos às *balls*. *In*: MOSTRANGES, Mariana *et al* (Org.). **Antropologias em Diálogo**: Para partilhar saberes e refazer caminhos. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), 2024, p. 12-31.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativa e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/jPnfWxZHCfXpVC6MvSDN4Fw/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2023.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012. 140 p. Seleção, tradução e notas de: Rubens Enderle.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos (Rituais orais funerários australianos) (1921). *In*: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, cap. 6, p. 325-335.

MÁXIMO, Maria Elisa. *et al*. A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. *In*: MALDONADO, A. Efendy *et al*. (eds.). **Epistemologia, investigação e formação científica em Comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012, p. 293-319.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDEIROS, Flavia. O 'Monstro' e o 'Homem': aspectos da construção institucional de mortos no instituto médico legal do Rio de Janeiro. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, [s. l], v. 7, n. 2, p. 347-365, 2014.

MEDEIROS, Flavia. **Matar o morto**: uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 2016, 221p.

MEDEIROS, Flavia. A necropolítica da “guerra”: tecnologias de governo, “homicídios” e “tráfico de drogas” na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Abya-yala**: Revista sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas, v. 1, n. 3, p. 91–114, 30 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/7119>. Acesso em: 26 ago. 2023.

MEDEIROS, Flavia. **Linhas de investigação**: uma etnografia das técnicas e moralidades numa divisão de homicídios da polícia civil do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

MEDEIROS, Flavia. A matabilidade como forma de governo: violências, desigualdades e Estado numa perspectiva comparativa entre Florianópolis e Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, n. 65, online, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Kqd5nVzvPMb4ZxgLJhBm3Gs/>. Acesso em: 08 ago 2023.

MEDEIROS, Flavia; DOS ANJOS, Priscila. Doença, violências e racismo: a pandemia do novo coronavírus em Florianópolis/SC 1. **Ponto Urbe**, [S.L.], n. 27, 28 dez. 2020. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.9502>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9502#quotation>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MEDEIROS, Flavia; HATTORI, Marcia Lika. Apresentação do dossiê 10: dispositivos estatais e construção social dos mortos. **Revista M.**: Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, [S.L.], v. 5, n. 10, p. 188-199, dez. 2020. Semestral. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/10784>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MENEGAT, Kellyn Gaiki. **Os de preto manda e os de laranja obedece**: A experiência de detentas trans e travestis na Penitenciária Masculina de Florianópolis. 2024. 118 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MIRANDA, Ana Paula. Antropologia, Estado Moderno e Poder: perspectivas e desafios de um campo em construção. **Revista Avá**, Posadas, n.7, jun. 2005, p. 128-146.

MIRANDA, Ana Paula. Militarização e direitos humanos: gramáticas em disputa nas políticas de segurança pública no Rio de Janeiro/Brasil. **Fórum Sociológico** [online], v. 25, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/886?lang=en>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MISSE, Michel. Trocas ilícitas e mercadorias políticas: para uma interpretação de trocas ilícitas e moralmente reprováveis cuja persistência e abrangência no Brasil nos causam incômodos também teóricos. **Anuário Antropológico**, v. 35, n. 2, p. 89-102, 2010a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/916>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, [S.L.], n. 79, p. 15-38, 2010b. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452010000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 maio 2021.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.

MOORE, Anjali. Abolish Copaganda!: An ACAB Analysis of Sisters and The Wicker Man and the Ramifications of Abolitionist Spectatorship. **Tapestries: Interwoven voices of local and global identities**, v. 11, n. 1, Artigo 5, p. 1 - 22, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.maclester.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1194&context=tapestries>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MOTTA, Eugênia. Resistência aos números: a favela como realidade (in)quantificável. **MANA**, v. 25, n. 1, p. 072-094, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

NASCIMENTO, Leticia Carolina do. **Transfeminismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NGCOYA, Mvuselelo. Hyperapartheid. **Journal of Narrative Politics**, v. 2, n. 1, p. 37-46, 2015.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 455-475, 2008.

OCTAVIANO, Arthur Paiva. **O Canto que Esfria o Calor das Balas**: A Ação Política da Juventude *Kaiowá* e *Guarani* frente aos processos de violência e criminalização do Estado. 2024. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2024.

OLIVEIRA, Cyntia Barbosa. **Afirmando identidades e construindo novas existências**: uma análise sobre youtubers negras. 2024. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

OVERBECK, Bruna. **Entre a graça e a desgraça**: uma etnografia do uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis. 2023. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

PASSOS, Anaís *et al.* **Representações da violência policial**: rodas de conversa com comunidades de Florianópolis. Florianópolis: IMDH - Instituto Memória e Direitos Humanos; UFSC; UDESC, 2023. 34 p. Relatório parcial da pesquisa de extensão “Representações da violência: sociedade e agentes de segurança pública em Florianópolis”. Disponível em: https://www.academia.edu/118501660/Representa%C3%A7%C3%B5es_da_viol%C3%Ancia_policial_rodas_de_conversa_com_comunidades_de_Florian%C3%B3polis. Acesso em: 29 out. 2024.

PEIRANO, Mariza. Antropologia política, ciência política e antropologia da política. *In: Três ensaios breves*. Brasília: UnB, Série Antropologia, v. 231, 1997, p. 17-29.

PEIRANO, Mariza. A Antropologia at home. *In: A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 37-52.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, nov. 2014.

- PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, v. 61, n. 1, p. 139-15, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/sMLyrxVfFErRNxNCtcvypb8d/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Ato I: o avanço da direita. In: **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 59-84.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 53-60.
- PINNEY, Christopher. A história paralela da antropologia e da fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 29-52, 1996.
- PINNEY, Christopher. Notas da superfície da imagem: fotografia, pós-colonialismo e modernismo vernacular. **Revista GIS – Gesto, Imagem e Som**. v. 2, n. 1, p. 313-334, 2017. Tradução de Janaína Sant’Ana de Andrade.
- POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua Morgue. In: **Assassinatos na rua Morgue e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2022, p. 87-147.
- PUCCINI, Luciano. A morte de policiais no estado do Rio de Janeiro: o dilema de se ser vítima ou herói. **Etnográfica**, v. 27, n. 2, p. 553-568, jun. 2023.
- QUADROS, Nicolas Roberto. **Encarceramento em massa no Brasil e o livro didático**: uma análise da obra sociologia para jovens do século XXI edição 2018. 2023. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/245357/TCL%20-%20N%c3%adcolas%20Quadros.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. **Literatura policial brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/41562739/Literatura_policial_brasileira_livro. Acesso em: 22 ago. 2023.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. Literatura policial brasileira: dificuldades e especificidades. **Miscelânea**, Assis, v. 16, p. 15-33, 2014. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/118/105>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- RIAL, Carmen. Antropologia e Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 74, p. 1-32, 2004.
- RIFIOTIS, Theophilos. Violência policial e imprensa: o caso Favela Naval. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 4, n. 13 p. 28-41, 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240972812_Violencia_policial_e_imprensa_o_caso_da_Favela_Naval. Acesso em: 26 jun 2022.
- RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; SEGATA, Jean. Etnografias do digital: um futuro mal distribuído na antropologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 30, n. 68, p. 1-33, jan./abr. 2024.

ROCHA, Carla Pires Vieira *et al.* O presente remoto: etnografia de tela e outras metodologias de pesquisa e ensino do Núcleo de Antropologia Visual (NAVI/UFSC). In: RIAL, Carmen Silvia de Moraes; ECKERT, Cornelia; LANDA, Mariano Báez (Org.). **Pesquisa e ensino em antropologia audiovisual na América Latina**: experiências etnográficas nos tempos híbridos do presencial e do remoto. Brasília: ABA Publicações, 2023, p. 20-40. Disponível em: https://www.abant.org.br/files/479027_00180294.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

RODRIGUES, Eduardo de Oliveira. **Sociedade dos esquemas**: Uma etnografia sobre candidatos à carreira policial militar no subúrbio carioca. 2022. 400 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2023/07/38AD.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Disponível em: <https://arquiteturaeurbanismosite.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/rolnik-raquel-o-que-e-cidade-livro-completo.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ROSE, Nikolas. The politics of life itself. **Theory Culture & Society**, v. 18, n. 6, p. 1-30, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247948450_The_Politics_of_Life_Itself. Acesso em: 14 dez. 2023.

ROSE, Nikolas. Still ‘like birds on the wire’? Freedom after neoliberalism. **Economy and Society**, v. 46, n. 3-4, p. 303-323, 2017.

RUSSEL, Jamie. Terrores caribenhos. In: **Zumbis**: o livro dos mortos-vivos. São Paulo: Leya Brasil, 2011. p. 23-35.

SAHLINS, Marshall. A preferência de comida e o tabu nos animais domésticos americanos. In: **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 170-178.

SANTA CATARINA (Estado). Governo de Santa Catarina; Secretaria de Segurança Pública. **Plano Estadual de Segurança Pública e Defesa Social - Santa Catarina (2018-2028)**. Florianópolis, 2018, 178p. Disponível em: https://www.ssp.sc.gov.br/Plano_Estadual.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

SARTI, Cynthia. A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 77-105, 2014.

SCHEREN, Maria Luiza *et al.* Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 30, n. 68, p. 1-33, jan./abr. 2024.

SCHUCH, Patrice. A moral em questão: a conformação de um debate em antropologia. In: WERNECK, A.; CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. (Org.). **Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 92-106.

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-Orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

SILVA, Edilson Márcio Almeida da. **Notícias da “violência urbana”**: um estudo antropológico. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010, 256 p.

SMITH, Peter H. The military: heading for the exits? *In: Democracy in Latin America: political change in comparative perspective*. New York: Oxford University Press, 2005, cap. 3, p. 73-106.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987, 350 p.

SOUZA JUNIOR, Braz Francisco dos. **O uso das redes sociais como forma de inovação em serviço pelos departamentos policiais internacionais**: uma revisão sistemática da literatura. 2023. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/50406/4/Braz%20_TCC_Reposit%C3%B3rio%20v.3.pdf. Acesso em: 08 ago 2023.

STRATHERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia. *In: O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014, p. 133-157.

SUGAI, Maria Inês. Há favelas e pobreza na “Ilha da Magia”? *In: ABRAMO, Pedro (Org.). Favela e mercado informal: a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras*. Porto Alegre: ANTAC, 2009, Coleção Habitar, v. 10, 336p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5297407/mod_folder/content/0/ABRAMO%2C%20P.%20Favela%20e%20Mercado%20Informal.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. *In: HARAWAY, Donna J.; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7-15. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4945399/mod_resource/content/1/LIVRO%20Antropologia%20do%20Ciborgue.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. *In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 65-72.

THOMPSON, E. P. The secret state. **Race & Class**, v. 20, n. 9, p. 219-242, 1979. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030639687902000301>. Acesso em: 08 ago. 2023.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Presente etnográfico e “presente museográfico”: o caso do Museu do Futebol visto por um antropólogo urbano. **Cadernos de campo**, v. 28, n.1, São Paulo, p. 249-271, 2019.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

VANOYE, Francis. O espectador. *In: GARDIES, René (Org.). Compreender o cinema e as imagens*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008, cap. 10, p. 173-189. Tradução de Pedro Elói Duarte.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2020 - n. 45, v. 18, p. 16-26. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

VEDANA, Viviane. Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir de um paradigma ecológico. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 117–144, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2018v20n1p117>. Acesso em 10 jun. 2024.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, S. R. R.; SOUZA E LIMA, A. C. de; TEIXEIRA, C. C. (Org). **Antropologia das Práticas de Poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2014, p. 43-70.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, [Online], n. 54, p. 7-21, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/HCLwVxYkWf7CjJcxm7sq3Ks/?lang=pt>. Acesso: 11 mar. 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Zeno and the art of anthropology: of lies, beliefs, paradoxes and other truths. **Common Knowledge**, v. 17, n. 1, p. 128-145, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236760357_Zeno_and_the_Art_of_Anthropology_Of_Lies_Beliefs_Paradoxes_and_Other_Truths. Acesso em: 18 nov. 2024.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre [online]. v. 15, n. 32 p. 157-170, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ZqxMGvJtb5f79JCFzBwcNnz/>. Acesso em: 09 ago 2023.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Volume 1. Brasília: UnB, 1994.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. 128 p. Tradução de: Jean Melville.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2016. 285 p. Tradução de Mário Moraes.

WHITE, Hayden. The value of narrativity in the representation of reality. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 7, n. 1, p. 5-27, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343174>. Acesso em: 29 ago. 2023.

WOLF, E. Encarando o Poder: Velhos Insights, Novas Questões. In: BIANCO, Bela Feldman; RIBEIRO, Gustavo Lins (Org.). **Antropologia e Poder**: Contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, 2003. p. 325-343.

WORCMAN, Karen. Memória do futuro: um desafio. In: NASSAR, Paulo (Org.). **Memória de empresa**: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004, p. 23-32.

WRIGHT-MILLS, C. Apêndice: Do artesanato intelectual. In: **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 211-243.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia**: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.

Sites, jornais e outras fontes escritas

ABREU, Leandro. Saiba como criar uma Comunidade no Youtube e as melhores dicas para engajar o seu público na rede. **Rockcontent**, 15 nov. 2019, online. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/comunidade-no-youtube/>. Acesso em: 30 out. 2024.

ADEDOYIN. The Evolution of The Super Bowl Halftime Show: Then vs. Now. **InEvent**, 09 fev. 2024, online. Disponível em: <https://inevent.com/blog/events/evolution-super-bowl-halftime-shows-comparison.html>. Acesso em: 29 dez. 2024.

ATIVE e faça a gestão do Super Thanks. **YouTube Ajuda**, s. d., online. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/10878910?hl=pt>. Acesso em: 29 dez. 2024.

ATLAS Histórico do Brasil. **FGV CPDOC**, 2023, online. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/capitulos/periodo-vargas-1930-1945>. Acesso em: 11 dez. 2024.

AZEVEDO, Luis Felipe. O que significa 'selva', saudação militar usada por Bolsonaro em mensagem com Cid sobre venda de joias. **O Globo**, 08 jul. 2024, online. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/07/08/o-que-significa-selva-saudacao-militar-usada-por-bolsonaro-em-mensagem-com-cid-sobre-venda-de-joias.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2024.

BONFIM, Mariana. Como o YouTube surgiu com Janet Jackson e Justin Timberlake no Super Bowl. **Showmetech**. 25 out. 2022, online. Disponível em: <https://www.showmetech.com.br/como-o-youtube-surgiu-por-polemica/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CÁSSIA, Júlia. Alfabeto Fonético Militar além das fronteiras: Aplicações práticas. **Biptt**, online, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://biptt.com.br/alfabeto-fonetico-militar-alem-das-fronteiras-aplicacoes-praticas/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

CINEMA Noir Americano. **CDCC: Centro de Divulgação Científica e Cultural**. USP, sem ano, online. Disponível em: <https://cdcc.usp.br/cinema-noir-americano/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

COMO o modo de janela anônima do Chrome mantém sua navegação privada. **Ajuda do Google Chrome**, s. d., online. Disponível em: <https://support.google.com/chrome/answer/9845881?hl=pt-BR#zippy=%2Ccomo-o-modo-de-navega%C3%A7%C3%A3o-an%C3%B4nima-protege-sua-privacidade>. Acesso em: 30 dez. 2024.

COSTA NETO, Soldado Pedro Francisco da. Centro de Comunicação Social da PMSC tem novo comando. **PMSC Notícias**, 12 dez. 2022, online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/noticias/centro-de-comunicacao-social-da-pmsc-tem-novo-comando>. Acesso em: 03 dez. 2023.

COSTA NETO, Soldado Pedro Francisco da. Trinta e um policiais militares iniciam curso de Comunicação Social para praças. **PMSC Notícias**. 27 nov. 2023a, online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/noticias/trinta-e-um-policiais-militares-iniciam-curso-de-comunicacao-social-para-pracas>. Acesso em: 30 jan. 2024.

COSTA NETO, Soldado Pedro Francisco da. Policiais militares concluem 2º edição do curso de Comunicação Social da PMSC. **PMSC Notícias**, 08 dez. 2023b, online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/noticias/policiais-militares-concluem-2-edicao-do-curso-de-comunicacao-social-da-pmsc>. Acesso em: 30 jan. 2024.

DA REDAÇÃO. Glossário de ‘bolsonarês’ para entender o novo governo. **Veja**, 06 jan. 2019, online. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/glossario-de-bolsonares-para-entender-o-novo-governo>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DIAS, Emerson. Gírias e códigos na linguagem policial. **Folha de Londrina**, 18 ago. 2003, online. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/girias-e-codigos-na-linguagem-policial-458996.html?d=1>. Acesso em: 15 dez. 2024.

DUARTE, Fernando. Participação do Brasil na 1ª Guerra trouxe ganhos modestos e baque econômico. **BBC News Brasil**, 11 nov. 2014, online. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141110_brasil_guerra_fd. Acesso em: 11 dez. 2024.

DUARTE, Gabriele. Frei Damião: um retrato da comunidade mais carente da Grande Florianópolis. **Hora de Santa Catarina; Medium**, 10 set. 2015, online. Disponível em: <https://medium.com/@HoraSC/frei-dami%C3%A3o-um-retrato-da-comunidade-mais-carente-da-grande-florian%C3%B3polis-56692c7faca2#:~:text=Apenas%20tr%C3%AAs%20ruas%20da%20comunidade,o%20direito%20de%20receber%20correspond%C3%AAscias..> Acesso em: 08 out. 2024.

EDWARDS, Wagner. Qual é a ordem cronológica para assistir a CSI? **Olhar Digital**, 13 set. 2023, online. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/09/13/cinema-e-streaming/qual-e-a-ordem-cronologica-para-assistir-a-csi/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

EDWIRGES, Karla. O que são Spin-Offs? **UFJF**, Critt – Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia, 20 jun. 2023, online. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/critt/2023/06/20/o-que-sao-spin-offs/#:~:text=Os%20chamados%20%E2%80%9CSpin%2DOffs%E2%80%9D,do%20Vale%20do%20Sil%C3%ADcio%2C%20Calif%C3%B3rnia>. Acesso em: 07 fev. 2024.

FÉO, 2º Sargento Rosimar Justino. PMSC implanta Rede Rural de Segurança e GPS Rural em Xanxerê. **PMSC Notícias**, 11 out. 2022, online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/noticias/pmsc-implanta-rede-rural-de-seguranca-e-gps-rural-em-xanxere>. Acesso em: 01 jan. 2025.

FIEDLER, Rafael. Polícia Militar lança Câmeras Policiais Individuais. **PMSC Notícias**, 22 jul. 2019, online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/noticias/policia-militar-lanca-cameras-policiais-individuais>. Acesso em: 18 dez. 2024.

FRAZÃO, Dilva. Arthur Conan Doyle: Escritor britânico. **eBiografia**, 05 dez. 2019, online. Disponível em: https://www.ebiografia.com/arthur_conan_doyle/. Acesso em: 07 fev. 2024.

FRAZÃO, Dilva. Agatha Christie: Escritora britânico. **eBiografia**, 14 maio 2020, online. Disponível em: https://www.ebiografia.com/agatha_christie/. Acesso em: 07 fev. 2024.

G1. Facebook anuncia a compra do Instagram. **G1**, 16 abr. 2012, online. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>. Acesso em: 30 dez. 2024.

G1. Facebook vira Meta: novo nome da empresa rende memes. **G1**, 28 out. 2021, online. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/28/facebook-vira-meta-novo-nome-da-empresa-rende-memes.ghhtml>. Acesso em: 30 dez. 2024.

GALLAGHER, Brendon. Just say no to viral ‘copaganda’ videos: Don't let the literal song and dance fool you. **Daily Dot**, 25 jul 2018, online. Disponível em: <https://www.dailydot.com/irl/cop-viral-videos/>. Acesso em: 08 ago, 2023.

GALVAO, Julia. Relações parassociais explicam os motivos para o apego das pessoas a figuras públicas. **Jornal da USP**, 29 nov. 2023, online. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/relacoes-parassociais-explicam-os-motivos-para-o-apego-das-pessoas-a-figuras-publicas/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

GOGONI, Ronaldo. Quem criou o YouTube? **Tecnoblog**. 2018, online. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/quem-criou-o-youtube/#:~:text=A%20maior%20plataforma%20de%20v%C3%ADdeos,hospedar%20seus%20v%C3%ADdeos%20na%20internet..> Acesso em: 04 dez. 2023.

GOGONI, Ronaldo. O que são jogos FPS? **Tecnoblog**, 2020, online. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-sao-jogos-fps/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

HISTÓRIA. **Polícia Militar de Santa Catarina**, s. d., online. Disponível em: <https://www.pm.sc.gov.br/paginas/historia>. Acesso em: 29 ago. 2023.

HSU, Tiffany. When Mortal Kombat Came Under Congressional Scrutiny. **The New York Times**, 08 mar. 2018, online. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/08/business/video-games-violence.html>. Acesso em: 09 jan. 2025.

KARAKATSANIS, Alec. Police Departments Spend Vast Sums Of Money Creating ‘Copaganda’. **Economic Hardship Reporting Project**, 20 jul. 2022, online. Disponível em: <https://economichardship.org/2022/07/police-departments-spend-vast-sums-of-money-creating-copaganda/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

KARLIS, Nicole. Police departments are buying social media ads to try to spread counterpropaganda. **Salon**, 08 jun. 2020, online. Disponível em: <https://www.salon.com/2020/06/08/how-police-departments-are-wielding-social-media-to-re-make-their-image/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LEAL, Bruno. Norte Global. **Café História**, 27 jan. 2023, online. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/glossary/norte-global/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LEARN about Community posts. **YouTube Help**, s. d., online. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/9409631?hl=en>. Acesso em: 30 out. 2024.

LIBANIO, Larissa. Conheça o código Q do alfabeto fonético. **Biptt**, online, 15 jun. 2023. Disponível em: <https://biptt.com.br/conheca-o-codigo-q-do-alfabeto-fonetico/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MAIO, Alyssa. What is an Establishing Shot? Creative Examples that Set the Tone. **StudioBinder**, 05 ago. 2019, online. Disponível em: <https://www.studiobinder.com/blog/what-is-an-establishing-shot-definition-examples/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MAKAM, Palika. Copaganda: What It Is and How to Recognize It. **Teen Vogue**, 05 ago. 2020, online. Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/what-is-copaganda-explainer>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MARVADEZA, J. Mais uma propriedade é certificada pela Rede Rural de Segurança. **Notícia no Ato**, 22 nov. 2018, online. Disponível em: <https://noticianoato.com.br/policia/17798-mais-uma-propriedade-e-certificada-pela-rede-rural-de-seguranca>. Acesso em: 01 jan. 2025.

MORIMOTO, Thais; BRAZ, Renan. Como surgem grupos extremistas como a Ku Klux Klan? **FFLCH/USP** - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 22 jan. 2024, online. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/159845>. Acesso em: 06 jan. 2025.

MOSSERI, Adam. Explicando melhor o funcionamento do Instagram. **Instagram**, 08 jun. 2021, online. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 30 dez. 2024.

MOVIMENTO O Sul É o Meu País. Sobre o movimento. **O Sul É o Meu País**, s. d., online. Disponível em: <https://osuleomeupais.org/sobre-o-movimento/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

MUNIZ, Jacqueline; BACHETT, Herbert. Cloroquinas da segurança pública: “mais preparo, inteligência e tecnologia”. **Fonte segura**, edição n. 172, 08 fev. 2023, online. Disponível em: [Cloroquinas da Segurança Pública: “Mais Preparo, Inteligência e Tecnologia” - Fonte Segura \(forumseguranca.org.br\)](https://forumseguranca.org.br). Acesso em: 25 ago. 2023.

NATALIA (TeamYouTube). Atualizações no player do YouTube: partes mais repetidas, capítulos de vídeo, repetição única e mais. **Ajuda do YouTube**, online, 19 maio 2022. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/thread/164199810/atualiza%C3%A7%C3%B5es-no-player-do-youtube-partes-mais-repetidas-cap%C3%ADtulos-de-v%C3%ADdeo-repeti%C3%A7%C3%A3o-%C3%BAnica-e-mais?hl=pt-BR>. Acesso em: 05 jun. 2024.

NÍVEIS da linguagem cinematográfica. **Primeiro Filme**. 2012, online. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/niveis-da-linguagem-cinematografica/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

NOSSA História. **Grupo RBS**, s. d., online. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 01 jan. 2025.

NOSSAS Atividades. **PMSC - Polícia Militar de Santa Catarina**, s. d., online. Disponível em:
<https://www.pm.sc.gov.br/paginas/nossas-atividades#:~:text=%C3%89%20a%20execu%C3%A7%C3%A3o%20de%20um,policiais%20%C3%A0%20paisana%20ou%20fardados>. Acesso em: 16 dez. 2024.

O DIA. 'Dog whistle': a tática de extremistas que utilizam símbolos para se comunicarem. **O Dia**, 14 fev. 2022, online. Disponível em:
<https://odia.ig.com.br/brasil/2022/02/6336647-dog-whistle-a-tatica-de-extremistas-que-utiliza-m-simbolos-para-se-comunicarem.html>. Acesso em: 18 ago. 2024.

OLIVEIRA, Gabriele. Adquiridas por R\$ 3 milhões, câmeras corporais não impediram ações violentas da polícia militar em SC. **Desterro: observatório de violência**, 21 nov. 2024, online. Disponível em:
https://www.desterro.org/2024/11/21/adquiridas-por-3-milhoes-cameras-corporais-nao-impediram-acoes-violentas-da-policia-militar-em-sc/?fbclid=PAY2xjawGsRZtleHRuA2FlbQIxMQABprlF94KPwURUtmwfAtmq2V-vfllA_-3H5vLPI_1viqhYBN_pnULYL4pmrQ_aem_Sofo70qlwp3hesNBL6OKvQ. Acesso em: 21 nov. 2024.

QUANDO a capital do Oeste era Xapecó. **UNOCHAPECÓ** - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, online, 15 jul. 2016. Disponível em:
<https://www.unochapeco.edu.br/noticias/quando-a-capital-do-oeste-era-xapeco-2>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PASSAMAI, Marcelo. Polícia Militar inicia estudo para novas soluções tecnológicas. **PMSC Notícias**, 27 set. 2024, online. Disponível em:
<https://www.pm.sc.gov.br/noticias/policia-militar-inicia-estudo-para-novas-solucoes-tecnologicas>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PINHO, Amanda. Conheça 5 filmes e cenas incríveis feitos em plano-sequência. **aic: academia internacional de cinema**, 16 jul. 2020, online. Disponível em:
<https://www.aicinema.com.br/conheca-5-filmes-e-cenas-incriveis-feitos-em-plano-sequencia/#:~:text=O%20plano%20Dsequ%C3%Aancia%20%C3%A9%20uma,com%20a%20montagem%20dos%20filmes>. Acesso em: 29 out. 2024.

PYL, Bianca. Entrevista: Meta de Pablo Marçal é 'fazer dinheiro com a política eleitoral'. **Intercept Brasil**, 02 set. 2024, online. Disponível em:
<https://www.intercept.com.br/2024/09/02/meta-de-pablo-marcal-e-fazer-dinheiro-com-a-politica/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

REDAÇÃO DO GE. O que é o Super Bowl? **ge**, 09 fev. 2024, online. Disponível em:
<https://ge.globo.com/futebol-americano/nfl/noticia/2024/02/09/o-que-e-o-super-bowl.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2024.

REUTERS. Facebook finaliza aquisição do Whatsapp por US\$ 22 bilhões. **G1**, 07 out. 2014, online. Disponível em:
<https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2014/10/preco-de-compra-do-whatsapp-pelo-facebook-sobe-us-22-bilhoes.html>. Acesso em: 30 dez. 2024.

ROMANO, Aja. The frustrating, enduring debate over video games, violence, and guns. **Vox**, 26 ago. 2019, online. Disponível em:
<https://www.vox.com/2019/8/26/20754659/video-games-and-violence-debate-moral-panic-history>. Acesso em: 09 jan. 2025.

ROSENBERG, Alyssa. How police censorship shaped Hollywood. **The Washington Post**, 24 out. 2016, online. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/sf/opinions/2016/10/24/how-police-censorship-shaped-hollywood/>. Acesso em: 18 out. 2022.

SJONLINE. Primeira propriedade da Serra Catarinense é certificada pela Rede Rural de Segurança da PMSC. **São Joaquim Online**, 12 jul. 2018, online. Disponível em: <https://saojoaquimonline.com.br/serra-catarinense/2018/07/12/primeira-propriedade-da-serra-catarinense-e-certificada-pela-rede-rural-de-seguranca-da-pmsc/>. Acesso em: 01 jan. 2025.

SOBRE o TikTok. **TikTok**, s. d., online. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 28 dez. 2024.

SOBRE. **Stive**, s. d., online. Disponível em: <https://www.stive.com.br/about/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

STF define 40 gramas de maconha como critério para diferenciar usuário de traficante. **STF - Supremo Tribunal Federal**, 26 jun. 2024, online. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-define-40-gramas-de-maconha-como-criterio-para-diferenciar-usuario-de-traficante/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

TAYLOR, Derrick Bryson. George Floyd Protests: A Timeline. **The New York Times**, 05 nov. 2021, online. Disponível em: <https://www.nytimes.com/article/george-floyd-protests-timeline.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

THE EDITORS of Encyclopaedia Britannica. Agatha Christie: British author. **Britannica**, 08 jan. 2024, online. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Agatha-Christie>. Acesso em: 07 fev. 2024.

THE NEW York Times. How George Floyd Died, and What Happened Next. **The New York Times**, 29 jul. 2022, online. Disponível em: <https://www.nytimes.com/article/george-floyd.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

VILLAR, Renato. Como surgiu o YouTube. **Economic News Brasil**, 15 set. 2023, online. Disponível em: <https://economicnewsbrasil.com.br/2023/09/15/como-surgiu-o-youtube/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

VITORIO, Tamires. YouTube Shorts chega ao Brasil para concorrer com o TikTok. **CNN Brasil Business**, São Paulo, 07 jun. 2021, online. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/youtube-shorts-chega-ao-brasil-para-concorrer-com-o-tiktok/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

WILLOW, Francesca. What Is Copaganda, Why It's Important To Recognise It & How To Respond. **Ethical Unicorn**: sustainable living and racial justice, 25 ago 2022, online. Disponível em: <https://ethicalunicorn.com/2022/08/25/what-is-copaganda-why-its-important-to-recognise-it-how-to-respond/>. Acesso em: 08 ago 2023.

Filmes, seriados, vídeos e jogos eletrônicos

24.05.2012 - Inauguração do Grupamento de Policia de Choque. PMSC Oficial, 24 maio 2012. (2 min.), son., color. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RfpjKzHHK-c&t=5s>. Acesso em: 15 dez. 2024.

BILLIONAIRES Don't Need Your Protection. Kimberly Nicole Foster, 27 dez. 2023. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq6RTwjJCxY>. Acesso em: 28 dez. 2024.

BRASIL Urgente [telejornal]. Brasil: Rede Bandeirantes, 1997-. son., color.

CÂMERAS Policiais Individuais. PMSC Oficial, 22 jul. 2019. (1 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwSNTOfTjc8>. Acesso em: 03 dez. 2024.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles, Kátia Lund. Produção de Andrea Barata Ribeiro, Maurício Andrade Ramos. Brasil; França; Alemanha: O2 Filmes; VideoFilmes; Wild Bunch; Hank Levine Film & Music; Globo Filmes; Lumière, 2002. (130 min.), son., color.

COPAGANDA: HOW FICTIONAL TV POLICE MAKE REAL COPS MORE DANGEROUS. The Amber Ruffin Show, 18 maio 2022. (7 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOQmtpr4tYc>. Acesso em: 06 fev. 2024.

COPS [seriado]. Direção de John Langley; Malcolm Barbour. Estados Unidos: FOX, 1989-. (1201 episódios), son., color.

CSI: Criminal Investigation [seriado]. Direção de Anthony E. Zuiker. Estados Unidos: Jerry Bruckheimer Television; Alliance Atlantis; CBS Productions; CBS Paramount; CBS Television Studios, 2000-2015. (337 episódios), son., color.

CSI: Miami [seriado]. Direção de Anthony E. Zuiker; Carol Mendelsohn; Ann Donahue. Estados Unidos: CBS - Columbia Broadcasting System, 2002-2012. (232 episódios), son., color.

DOOM. Estados Unidos: id Software LLC, 1993. 1 jogo eletrônico.

DOUBLE Indemnity. Direção de Billy Wilder. Produção de Joseph Sistrom. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1944. (107 min.), son., P&B.

DRAGNET [seriado]. Direção de Jack Webb. Estados Unidos: NBC - National Broadcasting Company, 1951-1959. (276 episódios), son., P&B, color.

FINAL Destination (2000) KILL COUNT. Dead Meat, 01 ago. 2019. (24 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RfVrU1fuR3Q>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FINAL Destination. Direção de James Wong. Produção de Warren Zide; Craig Perry; Chris Bender; Art Schaefer; Glen Morgan. Roteiro: James Wong; Jeffrey Reddick; Glen Morgan. Estados Unidos: Hard Eight Studios; New Line Cinema; Zide-Perry Productions, 2000. (98 min.), son., color.

GRAND Theft Auto V (GTA V). Estados Unidos: Rockstar Games, 2013. 1 jogo eletrônico.

LAURA. Direção de Otto Preminger. Produção de Otto Preminger. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1944. (88 min.), son., P&B.

LAW & Order [seriado]. Direção de Dick Wolf. Estados Unidos: NBC - National Broadcasting Company, 1990-. (509 episódios), son., color.

NCIS – Naval Criminal Investigative Service [seriado]. Direção de Donald Bellisario; Don McGill. Estados Unidos: Paramount; Belisarius Productions, 2003-. (475 episódios), son., color.

OPERAÇÃO Fronteira Brasil. Direção de Rodrigo Astiz. Brasil: Warner Bros. Discovery; Mixer Films, 2022-. (64 episódios), son., color.

PAPA Mike SC [seriado]. Produzido por Centro de Comunicação Social da Polícia Militar de Santa Catarina (CCS/PMSC). Brasil: PMSC Oficial, 2019. (34 episódios), son., color.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLp0Gd4KvJ4kirO5f18xGUDswGfKxSNu50>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PARANORMAL Activity. Direção de Oren Peli. Produção de Amir Zbeda; Oren Peli; Jason Blum. Estados Unidos: Blumhouse Productions; Solana Films, 2007. (86 min.), son., color.

PARIS is Burning. Direção de Jennie Livingston. Roteiro: Jennie Livingston. Estados Unidos: Academy Entertainment; Off White Productions, 1990 (71 min.), son., color.

PMSC - Despedida SD _____. PMSC Oficial, 30 mar. 2018. (2 min.), son, color.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drfla9iJGH0>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PMSC em foco - Operação Chico Mendes. PMSC Oficial, 24 jul. 2014. (2 min.), son., color.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1PtahCkc5PU>. Acesso em: 15 dez. 2024.

POLÍCIA 24h [seriado]. Direção de Diego Guebel. Brasil: Cuatro Cabezas; Rede Bandeirantes; A&E, 2010-. (episódios), son., color.

RAMBO: First Blood. Direção de Ted Kotcheff. Produção de Buzz Feitshans. Estados Unidos: Carolco Pictures; Anabasis N.V.; Elcajo Productions; Cinema 84; Orion Pictures, 1982. (93 min.), son., color.

SLENDER: The Eight Pages. Estados Unidos: Parsec Productions, 2012. 1 jogo eletrônico.

THE AMBER Ruffin Show [seriado]. Produzido por Jenny Hagel; Amber Ruffin; Seth Meyers; Mike Shoemaker; Jason Carden; Jennifer Sochko; Zoie Mancino; Justin McGriff. Estados Unidos: Universal Television; Sethmaker Shoemeyers Productions, 2020-2022. (55 episódios), son., color.

THE BIRTH of a Nation. Direção de D. W. Griffith. Produção de D. W. Griffith e H. E. Aitken. Estados Unidos: Epoch Film Co., 1915. (193 min.), P&B.

THE BLAIR Witch Project. Direção de Daniel Myrick; Eduardo Sánchez. Produção de Robin Cowie; Gregg Hale; Michael Monello. Estados Unidos: Haxan Films; Artisan Entertainment, 1999. (81 min.), son., color.

THE MALTESE Falcon. Direção de John Huston. Produção de Henry Blanke. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1941. (100 min.), son. P&B.

THE OFFICE [Seriado]. Produzido por Greg Daniels *et al.* Estados Unidos: NBC - National Broadcasting Company, 2005-2013. (201 episódios), son., color.

TROPA de Elite. Direção de José Padilha. Produção de José Padilha; Marcos Prado. Brasil: Universal Pictures do Brasil; The Weinstein Company; Zazen Produções; Estúdios Mega; Quanta Centro de Produções Cinematográficas; Costa Films; Posto 9; Feijão Filmes, 2007. (115 min.), son., color.

VIDEODROME. Direção de David Cronenberg. Produção de Claude Héroux; Larry Nesis. Canadá: Guardian Trust Company; Filmplan International; Canadian Film Development Corporation; Famous Players Limited; Universal Pictures, 1983. (88 min.), son., color.

WOLFENSTEIN 3D. Estados Unidos: id Software LLC, 1992. 1 jogo eletrônico.

ANEXOS

Anexo 1 - Alfabeto fonético militar e algumas de suas pronúncias, de acordo com imagem presente em Cássia (2023).

A	ALFA	N	NOVEMBER
B	BRAVO	O	OSCAR
C	CHARLIE (Charli)	P	PAPA
D	DELTA	Q	QUEBEC
E	ECHO (Eco)	R	ROMEO
F	FOXTROT	S	SIERRA
G	GOLF	T	TANGO
H	HOTEL	U	UNIFORM (luniform)
I	INDIA	V	VICTOR
J	JULIET	W	WHISKEY (Güiski)
K	KILO	X	X-RAY (Ecs-ray)
L	LIMA	Y	YANKEE (Yanki)
M	MIKE (Maik)	Z	ZULU

Anexo 2 - Código Q Simplificado, de acordo com Libanio (2023).

- Q.A.P = Na escuta?
- Q.A.R = Desligar
- Q.R.N = Interferência
- Q.R.A = Nome do operador
- Q.R.L = Estou ocupado
- Q.R.M = Interferência humana
- Q.R.Q = Transmita mais depressa
- Q.R.S = Transmita mais devagar
- Q.R.T = Fora do ar
- Q.R.U = Tem algo para mim
- Q.R.V = As suas ordens
- Q.R.X = Aguarde
- Q.R.Z = Fale quem chamou
- Q.S.A = Como está recebendo?
- Q.S.L = Entendido
- Q.S.M = Está ouvindo?
- Q.S.O = Comunicado aviso
- Q.S.P = Fazer ponte
- Q.T.C = Mensagem
- Q.T.H = Endereço
- Q.T.R = Horário exato
- Q.T.U = Horário
- Q.T.A = Última forma
- Q.S.V = Viatura
- Q.S.D = Motorista
- Q.S.J = Dinheiro
- T.K.S = Obrigado

Anexo 3 - Quadro geral de todos os segmentos de todos os episódios da primeira temporada da *websérie Papa Mike SC* (2019).

Episódio 01x01 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO #01				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 05:16	Florianópolis (continente)	22º BPM	Busca por dois suspeitos, prisão e apreensão de drogas e armas.
2	05:18 - 10:57	Florianópolis (continente)	22º BPM	Perseguição a dois suspeitos em uma motocicleta.
3	10:59 - 15:45	Florianópolis (continente)	22º BPM; ROCAM	Patrulhamento por morros, abordagens a suspeitos e prisão de homem com mandado de prisão ativo.
4	15:46 - 19:20	Florianópolis (continente)	22º BPM; PPT	Incursão em morro em busca de suspeitos.
5	19:23 - 30:16	Florianópolis (continente)	22º BPM	Perseguição, apreensão de dois menores e apreensão de drogas.
6	30:17 - 36:45	Florianópolis (continente e ilha)	22º BPM	Perseguição a veículo suspeito que começa no “continente” e vai até a “ilha” e acidente de carro com a viatura policial.
7	36:47 - 45:29	Florianópolis (continente) e São José	22º BPM	Busca por um suspeito com mandado de prisão entre os dois municípios.

Episódio 01x02 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 4º BATALHÃO #02				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 06:07	Florianópolis (ilha)	4º BPM	Abordagem a rapaz com porte de droga e emissão de termo circunstanciado.
2	06:10 - 09:57	Florianópolis (ilha)	4º BPM	Abordagens a pessoas com porte de droga.

3	09:59 - 26:41	Florianópolis (ilha)	4º BPM; ROCAM	Patrulhamento e abordagens em diversos morros.
---	---------------	----------------------	---------------	--

Episódio 01x03 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 24º BATALHÃO 22º BATALHÃO #03				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 06:20	Biguaçu	24º BPM; ROCAM; PPT	Patrulhamento em morro e prisões por tráfico de drogas.
2	06:22 - 09:17	Florianópolis (continente)	22º BPM	Perseguição, abordagem a suspeito e busca por drogas pelas ruas.
3	09:19 - 13:36	Florianópolis (continente)	22º BPM	Patrulhamento em morro.
4	13:38 - 18:13	Florianópolis (continente)	22º BPM	Busca por drogas, apreensão de drogas e prisão por tráfico.
5	18:14 - 21:04	Florianópolis (continente)	22º BPM	Apreensão de menor de idade por tráfico e apreensão de drogas.

Episódio 01x04 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 7º BATALHÃO 22º BATALHÃO GTAM/BPCHOQUE #04				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 01:58	São José	7º BPM; ROCAM	Troca de tiros e incursão a um matagal.
2	02:00 - 07:58	São José	7º BPM; ROCAM	Patrulhamento e abordagens com revista.
3	07:59 - 11:25	Florianópolis (continente)	22º BPM; PPT	Busca por suspeitos a pé em morro.
4	11:27 - 14:33	Florianópolis (continente)	22º BPM	Busca por suspeitos e drogas a pé durante a noite.
5	14:35 -	Florianópolis	4º BPM;	Troca de tiros e apreensão de

	19:26	(ilha)	GTAM; BPChoque	drogas e armas.
--	-------	--------	-------------------	-----------------

Episódio 01x05 - PAPA MIKE SANTA CATARINA | GUARNIÇÃO ESPECIAL DE IMBITUBA | 10º BATALHÃO #05

Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupo(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 02:35	Imbituba	Guarnição Especial de Imbituba	Abordagem a veículo.
2	02:36 - 05:30	Imbituba	Guarnição Especial de Imbituba	Patrulhamento e apreensão de menor com porte de drogas.
3	05:31 - 10:20	Imbituba	Guarnição Especial de Imbituba	Captura de suspeito de ter vandalizado uma casa e atendimento a cena do crime que conta com um botijão de gás vazando.
4	10:21 - 15:03	Blumenau	10º BPM; ROCAM	Incursão em apartamento, busca, apreensão de drogas e de armas ilegais e prisão de dois homens.
5	15:06 - 19:34	Blumenau	10º BPM; ROCAM	Patrulhamento e abordagens.

Episódio 01x06 - PAPA MIKE SANTA CATARINA | 21º BATALHÃO | 4º BATALHÃO #06

Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupo(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 01:17	Florianópolis (ilha)	21º BPM	Patrulhamento.
2	01:19 - 03:09	Florianópolis (ilha)	21º BPM	Atendimento a um conflito entre locatário que expulsa um inquilino estrangeiro de casa.
3	03:10 - 05:58	Florianópolis (ilha)	21º BPM	Patrulhamento e prisão de homem que com infração da

				tornozeleira eletrônica.
4	06:00 - 20:05	Florianópolis (ilha)	4º BPM; ROCAM	Busca por suspeitos.

Episódio 01x07 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 14º BATALHÃO 5º BATALHÃO #07				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 02:15	Jaraguá do Sul	14º BPM	Patrulhamento e abordagens.
2	02:17 - 04:49	Jaraguá do Sul	14º BPM	Abordagem a veículo suspeito.
3	04:51 - 04:04	Jaraguá do Sul	14º BPM	Abordagem a motocicleta suspeita.
4	06:05 - 08:42	Jaraguá do Sul	14º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
5	08:43 - 13:52	Tubarão; Armazém	5º BPM; Central de Emergência	Ligação de telefone para a Central de Emergência sobre recém-nascida engasgada e salvamento pelo telefone.
6	13:53 - 16:45	Tubarão	5º BPM; PROERD	Atividade do PROERD em escola.
7	16:47 - 19:28	Tubarão	5º BPM; Canil	Apresentação do Canil, patrulhamento e abordagens.
8	19:30 - 22:50	Tubarão	5º BPM	Atendimento a um caso de assalto a uma resistência e agressão física.
9	22:51 - 25:25	Tubarão	5º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.

Episódio 01x08 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 16º BATALHÃO 14º BATALHÃO #08				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação

1	00:00 - 03:12	Palhoça	16º BPM	Patrulhamento e atendimento a denúncia de casos de “violência doméstica”.
2	03:15 - 08:18	Palhoça	16º BPM	Patrulhamento, apreensão de drogas e prisão por tráfico.
3	08:20 - 10:06	Palhoça	16º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
4	10:08 - 12:37	Palhoça	16º BPM	Retorno a guarnição e narração sobre a cidade.
5	12:39 - 18:03	Jaraguá do Sul	14º BPM	Incêndio em carro apagado pela polícia com auxílio de uma multidão de civis.

Episódio 01x09 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 1º BATALHÃO #09				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 08:21	Itajaí	1º BPM	Tocaia em matagal para espiar um ponto de tráfico de drogas durante o dia e prisão dos suspeitos e apreensão de drogas a noite.
2	08:22 - 11:58	Itajaí	1º BPM	Abordagem a mulher suspeito, deslocamento até a casa dela, busca pela residência, apreensão de drogas e prisão.
3	11:59 - 15:13	Itajaí	1º BPM	Patrulhamento, busca por suspeitos e abordagens.
4	15:15 - 18:48	Itajaí	1º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.

Episódio 01x10 - PAPA MIKE SANTA CATARINA 22º BATALHÃO GTAM/CHOQUE #10				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 05:00	Florianópolis (ilha)	22º BPM	Incursão em casa à noite, apreensão de drogas e prisão.

2	05:03 - 09:02	Florianópolis (ilha)	22º BPM	Busca por suspeito, apreensão de drogas e prisão.
3	09:04 - 11:11	Florianópolis (ilha)	GTAM; BTChoque	Patrulhamento e abordagens.
4	11:12 - 12:57	Florianópolis (ilha)	GTAM; BTChoque	Patrulhamento.
5	12:59 - 15:36	Florianópolis (ilha)	GTAM; BTChoque	Patrulhamento e abordagens.
6	15:38 - 18:35	Florianópolis (ilha)	GTAM; BTChoque	Abordagem a motocicleta suspeita à noite.

Episódio 01x11 - PAPA MIKE SANTA CATARINA POLÍCIA MILITAR AMBIENTAL #11				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 06:02	Florianópolis (ilha)	Polícia Militar Ambiental	Patrulhamento em alto mar para fiscalização de pontos de pesca ilegal.
2	06:04 - 10:35	Tijucas	Polícia Militar Ambiental	Fiscalização de uma madeira.
3	10:37 - 14:53	Major Gercino	Polícia Militar Ambiental	Fiscalização de fornos de carvão.
4	14:55 - 18:46	Major Gercino	Polícia Militar Ambiental	Fiscalização de uma pequena fábrica.

Episódio 01x12 - POLICIAMENTO EM CRICIÚMA 9º BATALHÃO PMSC #12				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 02:01	Criciúma	9º BPM; Canil	Busca por drogas com auxílio de um <i>cachorro policial</i> .
2	02:02 - 07:25	Criciúma	9º BPM; COPOM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
3	07:26 -	Criciúma	9º BPM	Patrulhamento, narração sobre a

	10:53			cidade, apreensão de drogas e de menores por tráfico.
4	10:54 - 13:44	Criciúma	9º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
5	13:46 - 16:03	Criciúma	9º BPM	Controle de manifestação popular na qual foi ateado fogo em pneus para bloquear uma rodovia.
6	16:05	Criciúma	9º BPM; ROCAM; Canil	Busca por suspeito, captura por guarnição do Canil, prisão e apreensão de drogas.

Episódio 01x13 - POLICIAMENTO EM PALHOÇA PPT DO 16º BATALHÃO PMSC #13				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupo(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 12:33	Palhoça	16º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
2	12:34 - 16:59	Palhoça	16º BPM	Deslocamento rumo a uma ocorrência.
3	17:01 - 19:07	Palhoça	16º BPM	Incursão em casa, apreensão de drogas e de armas ilegais e prisão.

Episódio 01x14 - POLICIAMENTO EM LAGES 6º BATALHÃO PMSC #14				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupo(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 04:43	Lages	6º BPM; Rede Rural de Segurança	Visitas a diferentes fazendas monitoradas pela Rede Rural de Segurança.
2	04:45 - 07:31	Lages	6º BPM	Patrulhamento e narração sobre a cidade.
3	07:33 - 11:14	Lages	6º BPM; ROCAM	Patrulhamento e abordagens.
4	11:16 - 15:18	Lages; Correia	6º BPM; Canil; PPT	Deslocamento a outro município para abordagem a veículo

		Pinto		suspeito com auxílio de <i>cachorro policial</i> .
5	15:19 - 19:14	São Joaquim; Urubici	6º BPM	Patrulhamento e narração sobre as cidades.

Episódio 01x15 - CAVALARIA PMSC DIA DE JOGO PAPA MIKE SC #15				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 06:50	São José	Cavalaria da PMSC	Apresentação da Cavalaria da PMSC e do centro de equoterapia.
2	06:51 - 10:06	Florianópolis (ilha)	Cavalaria da PMSC	Segurança do estádio de futebol em dia de jogo com auxílio de <i>cavalos policiais</i> .

Episódio 01x16 - POLICIAMENTO EM JOINVILLE 8º BATALHÃO PMSC #16				
Nº do segmento no episódio	Minutagem (m:s)	Cidade(s)	BPM(s) e/ou grupamento(s)	Resumo da ação
1	00:00 - 10:21	Joinville	8º BPM	Deslocamento até ocorrência de assalto, busca por suspeito e prisão.

Anexo 4 - Transcrição da chamada de socorro feita para a Central Regional de Emergência de Tubarão no segmento 5 do episódio 01x07. Na transcrição usarei “P” para o policial e “S” para a solicitante. Nomes próprios substituídos de forma a não serem identificados.

P: “Polícia Militar qual sua emergência?”

S: “Alô, bom dia!”, ao fundo uma outra pessoa parece gritar, meio desesperada. A solicitante continua, chorando enquanto fala: “a minha bebê tá afogada com leite o que que a gente faz?”

P: “A sua bebê tá afogada?”

S: “Isso!”

P: “Bota ela deitada com a barriguinha no teu antebraço.”, diz o policial enquanto uma voz surge do outro lado da linha, pedindo para tomarem cuidado.

S: “Tá!”

P: “Abre a boquinha dela e bate nas costas dela, tá? Te acalma”

S: “Bota ela assim mãe ó, assim.”, a solicitante diz para sua mãe que possivelmente é a dona da segunda voz que aparece na ligação às vezes.

P: “Bota o nenezinho com a barriga no teu antebraço, tá.”

S: “Tá!”

P: “A barriguinha virada para o teu antebraço. Puxa com o dedinho na boca abre um pouquinho. E bate nas costas. Fica batendo nas costas. Inclina um pouquinho ele para baixo.”, diz o policial, mantendo um tom calmo o tempo todo.

S: “Ai meu Deus!”, diz a solicitante enquanto ele se desespera e volta a ter voz de choro junto das outras vozes na chamada. “Não! A gente não tá conseguindo. Ai meu Deus!”

P: “Calma senhora. A senhora se acalma. Não fica nervosa. Não tem mais ninguém que eu possa falar? Mais calmo?”

S: “[ruídos]”, aparece na caixa de texto da solicitante. Nada aparece a mais na caixa de texto, mas a solicitante parece dizer: “... não tá vindo... ele não tá vindo”.

P: “Alô?”

S: “[ruídos]”

P: “Senhora?”

S: “Ai meu Deus!”, diz ela chorando, seguido de mais coisas que não dá para entender.

P: “Alô? Alô?”

S: “Alô?”

P: “Alô solicitante?”

S: “Oi?”

P: “Oi solicitante, como é que tá o bebê?”

S: “O bebê ele tá...” diz a solicitante, a solicitante original, e é interrompida pela segunda voz: “tá parado!”. A solicitante volta a falar com a voz de choro: “Tá parado já”.

P: “Ele não tá respirando? Tu moras aonde para mim mandar o bombeiro aí?”

S: “Não, ela não tá abrindo o olho. Eu moro aqui no Sertão dos Correios, perto do Pesque Pague.”

P: “Sertão dos Correios e próximo ao Pesque Pague?”

S: “Isso! É uma casa com portão aberto, é a única casa que tem portão.”

P: “Mas é na estrada geral?”

S: “Isso!”

P: “Tá! Mas é Tubarão ou Armazém?”

S: “Armazém!”

P: “Armazém!”

S: “Pera aí que tá se mexendo.”

P: “Tá, olha só... pega o bebê e bota ele com a barriga para baixo no teu braço. E depois fica batendo nas costas, para ele desafogar.”

S: “Bota ela no colo mãe virado para baixo e vai batendo nas costas. Voltou? Ela tá agoniada.”, diz a solicitante com a voz ainda de choro e desespero.

P: “Tá fica batendo, fica batendo... [ruídos]”

S: “Deu voltou. Tá. Bota ela de barriga para baixo e fica batendo nas costas, mãe.”

P: “Ela tá respirando?”

S: “Ela tá de olho aberto, tá agoniada aqui.”

P: “Tá! Continua fazendo isso que eu te falei. Dá uma batidinha assim devagarinho para ela desafogar.”

S: “Tá!”

P: “Que cor que é a tua casa? A gente tá mandando o bombeiro aí também. Que cor que é a tua casa?”

S: “É a única casa que tem portão na frente é bem fácil de achar. Ela é ‘salmãozinha’, bem clarinho.”

P: “É uma casa cor salmão bem próximo ao Pesque Pague ‘lá’”, diz o policial, possivelmente para outro agente que encaminha a demanda dos bombeiros.

S: “Deu, voltou mãe? Porque se não eles vão mandar bombeiro aqui. Ela tá abrindo o olho agora. Ela parou de tá vermelha.”, diz a solicitante aliviada. “Já tá procurando ‘teta’ de novo. Ai... Misericórdia.”

P: “Que idade tem o bebê?”

S: “Ela tem 12 dias.”

P: “Ah, tá! Mas agora ela já voltou? Já está respirando com mais facilidade?”

S: “Já voltou. Ai, misericórdia! Obrigada!”

P: “Tá, olha só, o solicitante, o bombeiro de qualquer vai aí na tua casa. Se puder pedir para alguém ficar na frente da sua casa para eles te orientar melhor aí.”

S: “Tá!”

P: “E daí tu deixa teu telefone também que de repente eles possam ligar aí para melhorar o local aí.”

S: “Tá bom!”

P: “Tá bom?”

S: “Tá bom!”

P: “[solicitante] o nome dela”, diz o policial para outro agente. Ao fundo da chamada podemos ouvir a mãe da solicitante também aliviada. “Tá ok solicitante? Então é só aguardar que o Bombeiro já tá chegando aí. Qualquer coisa se tu precisar tu liga de novo.”

S: “Beleza! A gente tá aqui na frente!”

P: “Tá bom então. Tchau, tchau.

S: “Obrigada, tchau.”